

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*

Departamento de Lingüística

**A estrutura argumental dos verbos na língua  
Juruna (Yudja):**

*Da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas*

**Suzi Oliveira de Lima**

**São Paulo**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Suzi Oliveira de Lima**

**A estrutura argumental dos verbos na língua  
Juruna (Yudja):**

*Da formação dos verbos para a análise das estruturas  
sintáticas*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre sob orientação da Professora Dra. Luciana Storto e co-orientação da Professora Dra. Cristina Fargetti.

São Paulo

2008

*294 sawai 5 duyama he taha yudja de e'ela ela.  
Ami kuperi anasẽ esebe anu<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Todos os dias 294 pessoas em 5 aldeias sonham em Yudja. Este trabalho é para todas elas.

A Luciana Storto  
*(essa sim, Dixon, uma mulher ergativa, mestre na arte de ser ética)*

A Sirlei  
*(uma mulher nominativa, mestre na arte de rir e fazer rir)*

A Patrícia  
*(uma mulher absoluta, mestre na arte de ser amorosa e corajosa)*

## *Agradecimentos*

Inicialmente agradeço à professora Luciana Storto, minha orientadora desde 2004 (desde os remotos tempos da iniciação científica até o mestrado). Para além de sua orientação competente, clara e segura agradeço principalmente por um outro fator que julgo essencial para a constituição deste trabalho tal como ele se apresenta: a liberdade com a qual a professora Luciana me permitiu fazer meu trabalho, sem jamais criar comigo uma relação de submissão ou dependência. Agradeço, portanto, pela confiança, serenidade e bom humor durante a orientação deste trabalho. Encerro dizendo que me ajudou muito saber (na vida pessoal e na vida acadêmica) que temos, enfim, um alinhamento ético sobre o modo de fazer ciência, assim como o respeito em relação às linhas teóricas com as quais não trabalhamos e demais temas e pesquisadores.

Agradeço aos Juruna que sempre foram extremamente receptivos com o meu trabalho e me receberam muito bem na aldeia. Sem dúvida alguma, esse trabalho é feito com e para eles. Muito obrigada a todos vocês e principalmente aqueles com os quais eu trabalhei mais de perto: Yapariwa, Karin, Yawada, Pikaha, Tanadi e Tahirimã. Muito obrigada por tudo.

Agradeço à professora Marli Quadros Leite que foi minha primeira orientadora de iniciação científica. A professora Marli me deu a base para tudo que veio posteriormente. Certamente, sem ela, meu percurso acadêmico teria sido muito menos interessante e talvez eu não fosse uma lingüista, afinal, quando pensei ser inábil para a profissão ela me orientou a confiar e ser persistente no que eu queria fazer. Pela paciência, confiança, orientação e, ainda, pela sua doçura e simpatia tão características, agradeço.

Agradeço às professoras Ana Müller e Esmeralda Negrão pelas orientações dadas durante minha banca de qualificação. Todos os comentários foram muito importantes para o prosseguimento da pesquisa.

Faço um agradecimento muito especial a Natasja Berzoini (*et son coeur de mandarine*): por sua amizade sempre presente há tantos anos, interlocução, companhia, cinemices, apoio e por compartilhar comigo uma necessidade de ser ética e coerente com o que acreditamos e dizemos na vida privada e na vida pública. Uma amiga essencial, portanto, para que este trabalho fosse levado a cabo com o melhor dos humores possíveis.

Agradeço a Rita Demasi (*Oh! Musa da fonética!*), Juliana Yokoo (*minha contraparte literária e corredora*), Marcus Avelar (*pelas boas risadas em noites insones e pelo todo o mais*), Júlio Barbosa (*e seu coração que é maior do que ele mesmo - Rulio, I like your intuitions too*), Débora Vieira (*uma química sempre otimista*), Maria Flor Brazil (*pelas cinematográficas – vamo que vamo!*), Thiago Coutinho (*pelo engarrafamento eu vejo o mundo, cheio de pessoas e sinais...*) e Glauber Romling (*Qual Glauber, o Rocha?*) por, de diferentes formas e em diferentes fases desta pesquisa, fazerem as palavras ‘amizade’ e ‘companheirismo’ terem significação no meu universo de discurso.

Agradeço a Denny Moore por toda a atenção e gentileza dispensada desde o início deste trabalho com os Juruna até hoje. Agradeço pelas conversas, apoio e por ter feito possível minha primeira viagem a campo.

Retomo aqui um agradecimento especial à professora Esmeralda Negrão, a qual me ajudou muito no capítulo sobre a sintaxe da língua Juruna. Este capítulo pôde existir devido principalmente seu apoio, suas sugestões, por me conduzir a observar os fatos de vários modos possíveis e por ser sempre tão atenciosa e gentil – e, obviamente, qualquer incorreção neste capítulo e em todos os outros é de minha responsabilidade.

Agradeço à Bruna Franchetto que me acolheu na Fundação Bruna Franchetto (filiais Cosme Velho e Museu Nacional) e que foi muito generosa, atenciosa e colaboradora em todos os momentos de nossa convivência.

Agradeço à Mara Santos pela atenciosa acolhida no Rio de Janeiro, tendo tornado minha vida extremamente fácil neste processo de mudança e eu-vou-de-volta. Agradeço pela atenção com minhas questões morfológicas Juruna, pela companhia e pelo todo o mais.

Agradeço ainda as sugestões de Samuel Jay Keyser (pelas questões sobre V1 e V2), Marcelo Ferreira (pelas questões de semântica e, indiretamente, pelas questões sintáticas que me ajudou a resolver através de sua dissertação de mestrado) e Angelika Kratzer e Tereza Wachowicz (pelas questões de semântica).

Agradeço a todos os professores do departamento de lingüística da USP que me permitiram me constituir como lingüista. Agradeço especialmente a cinco deles:

- Ana Scher, por suas aulas (na graduação e pós), pela atenção, e por enfatizar como postura teórica a necessidade de avaliar uma teoria considerando os

processos necessários para aquisição e realização das “peripécias” teóricas que propomos.

- Cristina Altman pelas palavras incentivadoras e muito gentis, e por suas aulas sempre tão claras e tão inspiradoras.
- Didier Demolin, o qual discuti comigo questões de fonética da língua Juruna, algo que certamente eu não conseguiria sozinha. Agradeço-o principalmente pela generosidade, apoio e incentivo com o meu trabalho.
- Marcos Lopes pelo incentivo e diálogo em momentos diversos, pelas excelentes aulas (que culminaram na minha ida para a semântica) e por ter sido a pessoa que me disse pela primeira vez no já remoto ano de 2004 “ei, isso pode ser pluralidade de eventos”. Dedico, portanto, a seção de duplicação verbal ao Mar-Mar-cos Lo-lo-pes.
- Paulo Chagas que foi meu primeiro grande motivador – veja, antes mesmo de Saussure! - a ser uma lingüista devido suas excelentes e claras aulas em Elementos de Lingüística I, em 2002.

Agradeço ainda aos outros sócios do clube “Pesquisa em língua indígena”:

- Faço um agradecimento especial e essencial à Cristina Fargetti por ter consentido e apoiado minha presença como lingüista em território Juruna e pela companhia em dois episódios que viajamos juntas para trabalho de campo.
- Também agradeço a Dionei Gomes pela atenção em momentos diversos e aproveito para manifestar minha admiração pelo modo como desenvolve sua pesquisa e também por sua postura acadêmica em nossa “efervescente” área de línguas indígenas.
- Agradeço ainda a Fábio Duarte Bonfím, pelo apoio na ocasião da publicação de um de meus artigos e pelas palavras incentivadoras.

Gostaria de agradecer a Ben-Hur, Érica e Robson, que sempre atendem todos os alunos da pós do DL com muita atenção e prontidão. São nossos anjos da guarda burocrática. Terceto fantástico: “É tudo nosso e o que não for a gente toma”.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo que financiou esta pesquisa desde a iniciação científica até o mestrado.

Agradeço à Funai pela autorização para minha entrada no Parque indígena do Xingu.

Finalmente, agradeço às pessoas que fazem do meu mundo um lugar com desenvolvimento sustentável (apesar do aquecimento global que, enfim, é problema de todos nós):

- Aos meus pais Raimundo e Sirlei por compreenderem minhas escolhas e “vestirem a camisa” comigo sempre. Agradeço, principalmente, por terem me ensinado a ser honesta, ética e sincera em minhas atividades ao longo da vida, não importa o que isso acarrete.
- Agradeço também a Patrícia, Aymeric e o pequenino Victor – minha querida irmã, cunhado e sobrinho – por sempre terem atenção comigo, mesmo à distância, e por trazerem alegria aos meus dias, quando estou com eles em nossas incursões/expedições Brasil-França, França-Brasil ou simplesmente quando penso neles e em tudo que eles representam pra mim.

Finalmente preciso dirigir algumas palavras específicas para minha mãe a quem agradeço por sua confiança, por rezar por mim, pelas risadas e alegria que trazia aos meus dias, pelo incentivo e principalmente pelo seu amor sincero, imensurável e indizível que me envolveu e protegeu em silêncio durante minhas atividades na vida. Este trabalho é principalmente dedicado a você.

*(...) As pessoas são chamadas de “intelectuais” se possuem um determinado grau de privilégio e decidem usar sua oportunidade na arena pública. É fato que o privilégio traz oportunidade, e é um truismo moral que a oportunidade traga responsabilidade. Portanto, aqueles que são chamados de “intelectuais” têm responsabilidades claras. Como são eles que escrevem a história, o papel histórico dos intelectuais parece muito atraente: corajosos, honrados, defensores da verdade e da justiça etc. A história real é um pouco diferente. O fundador da moderna teoria das relações internacionais, Hans Morgenthau, lamentou o que chamamos de nossa “subserviência conformista aos que estão no poder”, referindo-se às classes intelectuais. A descrição dele tem um mérito considerável – agora e no passado. Há exceções, é claro, e muitas vezes sofreram por sua integridade – o quanto, depende da natureza da sociedade. Mas a responsabilidade permanece.*

Noam Chomsky – Entrevista para *Revista Cult* 116, ano 10.

*Nossa integridade vale tão pouco, mas devemos lutar por ela.*  
*V for vendetta* – Allan Moore

## RESUMO

LIMA, Suzi Oliveira de. **A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas.** Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta dissertação descreve e analisa os verbos da língua Juruna (Yudja) a partir de suas estruturas argumentais e conseqüências sintáticas. O objetivo é contribuir com um material para a escola indígena Juruna assim como contribuir com os estudos teóricos da perspectiva gerativista de estudos sobre a linguagem. O texto é dividido em duas grandes partes (descrição e análise) sendo a primeira delas uma descrição de 302 verbos da língua. Nesta parte dividimos estes verbos em dezoito classes verbais a partir de critérios morfológicos, sintáticos e semânticos. Estes critérios foram estabelecidos a partir de características da língua, quais sejam estas: duplicação verbal, propriedades semânticas, afixos, causativização e propriedades das raízes - as quais associadas a verbalizadores formam os verbos. Nesta seção apresentamos quais são as construções e operações morfológicas que cada verbo descrito realiza (tais como: alternâncias de valência (por afixação e via alternância *labile*), duplicação e supleção verbal) e suas funções na língua. A segunda parte do texto denominada “análises” apresenta uma análise gerativa para os fatos da língua Juruna. Para a questão da formação dos verbos, partimos da proposta de Hale & Keyser (1993; 2001) segundo a qual os verbos são formados de forma estrutural e hierárquica a partir de duas estruturas básicas (monádica e diádica) nucleadas por núcleos verbais (V1 e V2). Estas estruturas são utilizadas de forma paramétrica a partir de restrições das raízes verbais e seus traços sintáticos e semânticos. Considerando esta proposta teórica, argumentamos que os verbos da língua Juruna são formados estruturalmente a partir de restrições dos traços que formam as raízes verbais, os quais também serão determinantes nos processos de atribuição e mudança de valência e voz assim como no processo de duplicação e supleção verbal. Após a análise referente à formação dos verbos apresentamos a formação de sentenças na língua Juruna partindo do Programa Minimalista (Chomsky 1995; 1998; 1999). Nesta seção apresentamos o processo de inserção de sujeitos (a partir de formas pronominais, demonstrativos e sintagmas nominais) em  $vP$ , discutimos os processos de concordância, analisamos a inserção de modo *realis/irrealis*, bem como questões relacionadas a ordem sentencial, adjunção de advérbios e o paralelismo entre os planos nominal e verbal, a partir das questões associadas à cumulatividade e quantificação. O ponto central desta dissertação é, portanto, argumentar que todas as propriedades sintáticas da língua Juruna decorrem essencialmente dos traços formadores de seus verbos. Desta forma, para a compreensão da sintaxe de uma língua é necessário compreender a estrutura argumental de seus verbos.

*Palavras-chave:* Juruna; classes verbais; estrutura argumental; Programa minimalista.

## ABSTRACT

LIMA, Suzi Oliveira de. **The argument structure of Juruna (Yudja): from verb formation to syntactic structure analysis.** Dissertation (master) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This dissertation describes and analyzes Juruna (Yudja) verbs based on argument structure and its syntactic consequences. We aim to offer to the Juruna School useful material about verb classes and also to contribute to the advancement of language studies in the generativist framework. The dissertation is divided in two parts - description and analysis). The first is a description of 302 verbs in this language. In this part, we divided verbs in eighteen classes based on morphological, syntactic and semantic criteria established from phenomena present in Juruna. These phenomena are: verb reduplication, semantic properties of roots and affixes, causativization and properties of roots that, associated to verbalizers, form verbs. We presented constructions and morphological operations that each verb described realize, for instance: valence alternation (by affixation or labile alternation), reduplication and suppletion and their functions in this language. The second part of the dissertation - entitled “analysis” - presents a generativist account of some Juruna facts described in the first part. To discuss verb formation we based ourselves on Hale & Keyser’s (1993; 2001) proposal that verbs are formed from two basic structures (monadic and dyadic) with verbal nuclei (V1 and V2) organized structurally and hierarchically. These structures are utilized parametrically, taking into consideration verbal root restrictions and syntactic and semantic traces. Supported by this theoretical proposal, we argued that verbs in Juruna are formed structurally based on restrictions of their root. These restrictions will also determine the process of attribution and change of valence and voice and the processes of verb duplication and suppletion in the language. After the analysis of verb formation, we present a hypothesis of sentence structure in Juruna based on the Minimalist Program (Chomsky 1995; 1998; 1999). In this section we discussed: 1) subject insertion (taking into consideration pronominal forms, demonstratives and nominal phrases) in  $\nu$ P; 2) agreement processes; 3) the insertion of mood *realis/irrealis*; 4) sentential order; 5) adverbial adjunction and 6) the parallelism between nominal and verbal domains based on cumulativity and quantification. The central theoretical point of this dissertation is to argue in favor of the idea that syntactic properties may be explained, in large part, as a consequence of verb formation. In this sense, to understand the syntactic structure of a language it is essential to understand the argument structure of its verbs.

*Keywords:* Juruna; verbal classes; argumental structures; Hale & Keyser; minimalism program.

## Tabela de abreviaturas

S	Sujeito
O	Objeto
Adverb.	Adverbializador
Adv	Advérbio
V	Verbo
Poss.	Possessivo.
Dat.	Dativo.
1s	Primeira pessoa do singular.
2s	Segunda pessoa do singular.
refl	Reflexivo
3	Terceira pessoa
3s	Terceira pessoa do singular.
3poss	Terceira pessoa possessiva
1pl	Primeira pessoa do plural
2p	Segunda pessoa do plural.
3pl	Terceira pessoa do plural.
v	Verbalizador; verbo leve
Pl	plural
Asp	aspecto
Caus	causativizador
Dupl	Duplicado (verbo duplicado)
Rel.	Morfema de relativa
<i>Realis</i>	Modo <i>realis</i>
<i>Irrealis</i>	Modo <i>irrealis</i>
neg	negação
Aux	auxiliar
Num	numeral
Nom	nominalizador
I	Intransitivizador
T	Transitivizador

## ***Sumário***

<b>Seções</b>	<b>Página</b>
<b>Introdução</b>	<b>01</b>
1. Os Juruna.....	<b>01</b>
2. Material e métodos.....	<b>03</b>
3. Das classes de verbos à compreensão da estrutura da língua Juruna: introdução ao tema e objetivos.....	<b>05</b>
<b>Parte I - Das classes verbais da língua Juruna: descrição</b>	<b>07</b>
<i>1. Introdução parte I.....</i>	<b>08</b>
<i>2. Dos verbos da língua Juruna: descrição das classes verbais.....</i>	<b>12</b>
<i>3. Da formação dos verbos.....</i>	<b>33</b>
(3.i) Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais.....	<b>33</b>
(i.a) Verbos formados com {-h-} .....	<b>33</b>
(i.b) Verbos formados com {-k-}.....	<b>34</b>
(i.c) Verbos formados com {-d-}.....	<b>37</b>
(i.d) Verbos formados com {-t-}.....	<b>37</b>
(i.e) Verbos formados com {-n-}.....	<b>38</b>
(3.ii) Verbos a partir de adjetivos.....	<b>38</b>
(3.ii.a) Formação de verbos deadjetivais a partir do verbalizador {maku}. .....	<b>38</b>
(3.ii.b) Formação de verbos deadjetivais a partir de verbalizador fonologicamente nulo.....	<b>39</b>
(3.iii) Verbos a partir de nomes.....	<b>40</b>
(3.iii.a) Formação de verbos denominais a partir de fusão entre verbalizador e objeto.....	<b>40</b>
(3.iii.b) Formação de verbos denominais a partir de verbalizador nulo.....	<b>40</b>
(3.iii.c) Formação de verbos denominais a partir de mudança tonal.....	<b>41</b>
(3.iii.d) Formação de verbos denominais a partir do sufixo {-u}.....	<b>42</b>
(3.iv) Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais, mas com verbalizador nulo.....	<b>43</b>
(3.iv.a) Verbos terminados em a.....	<b>43</b>
(3.iv.b) Verbos terminados em i.....	<b>45</b>
(3.iv.c) Verbos terminados em ĩ.....	<b>46</b>
(3.iv.d) Verbos terminados em e.....	<b>46</b>

(3.iv.e) Verbos terminados em u.....	47
(3.v.) Verbos a partir de posposições.....	48
(3.vi) Verbos formados a partir de outros verbos.....	48
(3.vii.) Considerações finais da seção.....	49
4. <i>Das alternâncias de valência</i> .....	49
(4.i.) Introdução .....	49
(4.ii.) Processos de mudança de valência na língua Juruna.....	52
(4.ii.a) Transitivização com o morfema {a-}.....	52
(4.ii.b) Intransitivização (a partir de raiz sem valência ou a partir de transitivos que não são formados com –a).....	54
(4.ii.c) Transitivização por mudança de ordem (verbalizador+ raiz).....	55
(4.ii.d) Transitivização complexa.....	56
(4.iii) Da duplicação verbal: descrição do processo.....	59
(4.iv) Do fenômeno da supleção.....	65
(4.v) Da alternância <i>labile</i> .....	66
(4.vi) Considerações finais da seção.....	67
<b>Parte II: análises</b> .....	68
1. <i>Dos verbos: formação, valência, voz e duplicação</i> .....	69
1.i. Introdução.....	69
1.ii. Formação de raízes.....	74
1.iii. Os verbalizadores e suas funções: Caso.....	96
1.iv. Os núcleos verbais V1 e V2: atribuição e mudança de valência.....	98
1.v. Formação dos verbos inergativos, inacusativos e transitivos.....	105
1.v.i. Formação de transitivos complexos (causativizações).....	123
1.vii. Alternâncias de voz.....	136
1.viii. Duplicação verbal.....	143
1.ix. Considerações finais da seção.....	170
2. <i>Da estrutura sintática das sentenças</i> .....	171
2.i. Introdução.....	171
2.ii. Formas pronominais, demonstrativos e sintagmas nominais.....	175
2.iii. Inserção de sujeitos.....	197
2.iv. Concordância.....	206
2.v. TP.....	210

2.vi. Ordem.....	214
2.vii. Advérbios.....	222
2.viii. Quantificação.....	260
3. <i>Conclusões gerais</i> .....	287
4. <i>Índice remissivo de definições</i> .....	290
5. <i>Referências bibliográficas</i> .....	291

## **Introdução**

### **1. Os Juruna/ Yudja**

A língua Juruna é falada por aproximadamente 294 falantes da etnia homônima Juruna/ Yudja (sendo Yudja a autodenominação do grupo). Os Juruna moram no Parque indígena do Xingu (doravante PIX) em cinco aldeias: Kretire antigo (aproximadamente 6 falantes), Paksamba (aproximadamente 38 falantes), Pequizal (aproximadamente 28 falantes), Piaracu<sup>2</sup> (aproximadamente 83 falantes)<sup>3</sup> e Tuba Tuba (aproximadamente 139 falantes). É importante ressaltar que há outros Juruna que moram no Xingu em aldeias de outros grupos (por razões diversas, entre elas principalmente o casamento entre pessoas de etnias diferentes).

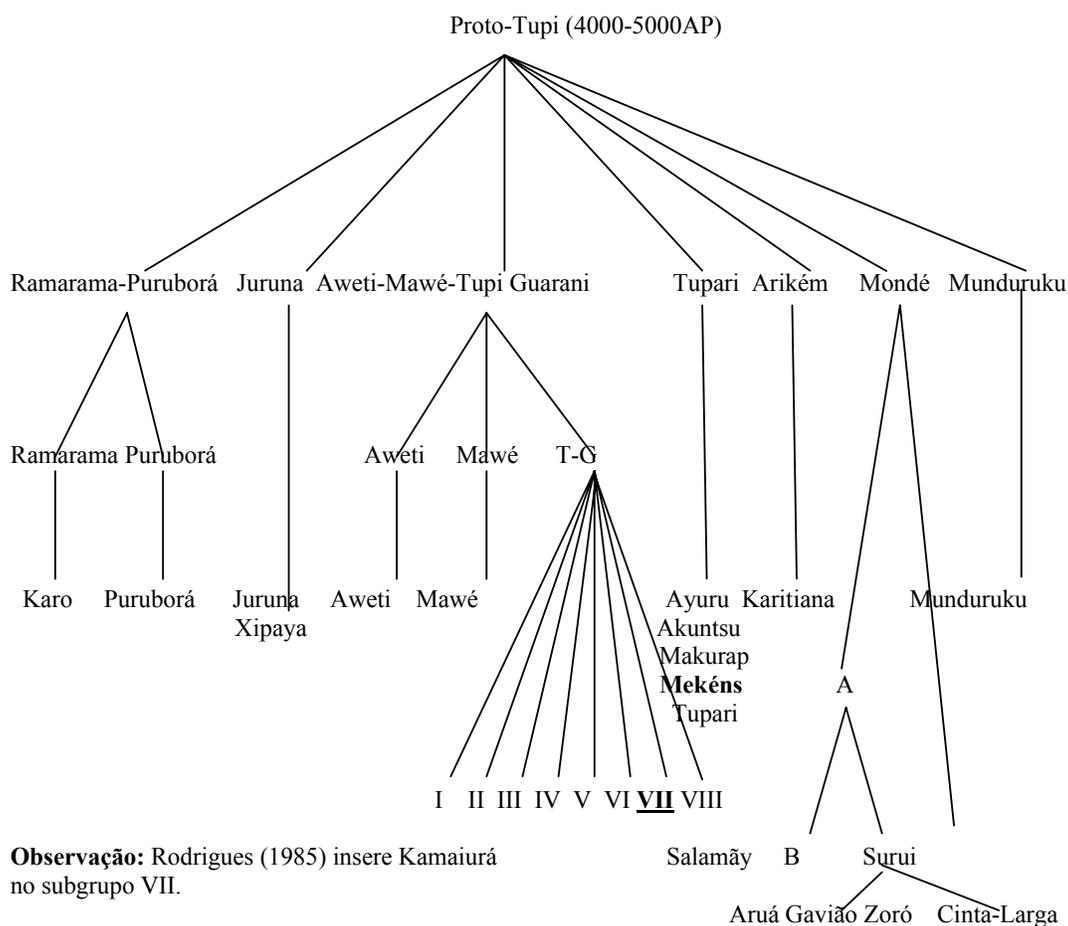
A língua Juruna pertence ao tronco Tupi, o qual se divide em sete grandes famílias, a saber<sup>4</sup>:

---

<sup>2</sup> Esta última é uma aldeia Kayapó onde vive a segunda maior concentração de falantes da língua Juruna depois da aldeia Tuba Tuba.

<sup>3</sup> Senso realizado em 2008 durante trabalho de sociolinguística promovido pelo Instituto Socioambiental (doravante ISA) com o apoio de todos os professores das aldeias citadas e suas respectivas comunidades.

<sup>4</sup> Dados fornecidos pelo Projeto Tupi Comparativo (Museu Paraense Emílio Goeldi) composto por: Ana Vilacy Galucio, Carmen Rodrigues, Denny Moore (coordenador), Didier Demolin, Gessiane Pinçaço, Luciana Storto, Nilson Gabas Jr, Sebastian Drude e Sérgio Meira. Aproveitamos para agradecer a colaboração de Mary Angotti e Dionei Moreira Gomes, pesquisadores da língua Munduruku.



A língua Juruna pertence à família Juruna com mais duas línguas: Xipaya e Manitsawá (Rodrigues 1994; 96). Esta já desapareceu completamente. Dela há apenas uma pequena lista de palavras registradas por ocasião da primeira viagem de exploração ao alto do Xingu. A língua Xipaya, por sua vez, também já foi considerada extinta (Rodrigues 1994; 96). Contudo, foram localizadas duas falantes da língua em Altamira. Desde então, as mesmas são as informantes de Carmen Rodrigues (1990; 1995), que descreve e analisa a língua há 15 anos.

Há registros da língua e cultura Juruna/ Yudja tanto realizados por lingüistas como por antropólogos. Entre eles figuram-se registros preliminares de listas de palavras e paradigmas verbais (Collins (1962), Nimuendaju (1923), por exemplo) e trabalhos lingüísticos com intuito de documentação. Neste caso, figuram-se inicialmente os trabalhos de Louro (1978) do qual resultou um estudo preliminar sobre a fonologia da língua assim como um conjunto de paradigmas verbais e uma lista de palavras. Além

dele, há os trabalhos de Fargetti (1992 (mestrado), 2001 (doutorado), entre outros artigos sobre questões específicas) que trabalha com a língua até hoje<sup>5</sup>. É de autoria de Cristina Fargetti a primeira descrição e análise completa da fonologia da língua Juruna, assim como a ortografia utilizada atualmente e o trabalho com questões diversas da gramática da língua em outros domínios da lingüística além da fonologia. No que compete aos trabalhos de antropologia, é possível incluir o trabalho de Tânia Stolze Lima (1986 – mestrado – e 1995 – doutorado, entre outros artigos sobre questões específicas). É importante salientar que há os trabalhos dos próprios Juruna sobre sua cultura. Os temas de pesquisa incluem questões relativas aos alimentos, artesanato e música. Este tipo de atividade evidencia a tendência de fortalecimento da figura do professor-pesquisador de sua própria língua e cultura. Este tipo de postura é, sem dúvida, desejável e ideal.

## 2. Material e métodos

Os dados utilizados para a análise foram os dados coletados por mim identificados no texto tal como segue abaixo:

Código	Características
Lima I	Trabalho de campo realizado em 2005, com dois informantes Juruna em Brasília.
Lima II	Trabalho de campo realizado em 2006, com dois informantes Juruna do sexo masculino. O trabalho foi realizado em São Paulo, com participação de Luciana Storto.
Lima III	Trabalho de campo realizado em 2006, com dois informantes Juruna do sexo masculino. O trabalho foi realizado em São Paulo, com participação de Luciana

<sup>5</sup> Para questões sobre migração Juruna vide Fargetti (1992) e Oliveira (1970). Para questões de fonologia consultar Fargetti (1992), (2001).

	Storto.
Lima IV	Trabalho de campo realizado em 2006, com uma informante Juruna. O trabalho foi realizado em São Paulo.
Lima V	Trabalho de campo realizado em 2007, no Parque Nacional do Xingu com quatro informantes do sexo masculino.

No processo de descrição dos verbos foram observados também os dados apresentados pelos outros autores citados acima. Em outras palavras, as generalizações apresentadas neste trabalho partem de outras descrições da língua Juruna já realizadas. Quando necessário, apresentaremos os dados destes outros trabalhos devidamente identificados no corpo do texto relacionando a referida página do original. Vale ressaltar que utilizaremos a ortografia proposta por Fargetti (2001; 51) e que os tons não serão marcados neste texto, com exceção dos casos em que eles se mostrarem relevantes para o tema em discussão. Com isso, não marcaremos tom inclusive nos dados de Fargetti (2001) que são originalmente marcados com tom. A ortografia a que nos referimos é:

Alfabeto	IPA
p   b   t   d            k   ‘	p   b   t   d            k   /
tx   dj	tʃ   dʒ
m   n	m            n
r	ɾ
s   z   x            h	s   z   ʃ            h
l	ɬ
w                            y	w                            j
i   ĩ   u	i   ĩ   u
e   a	e   a

Os dados estarão organizados no texto da seguinte forma: a numeração independe do capítulo. Eventualmente pares de dados análogos poderão ser

diferenciados por letras (1.a/ 1.b, por exemplo). As divisões internas de cada seção serão simbolizadas por números romanos.

### **3. Das classes de verbos à compreensão da estrutura sintática da língua Juruna: introdução ao tema e objetivos**

Neste trabalho objetivamos apresentar a descrição e análise dos processos de formação de verbos e da sintaxe da língua Juruna. Um argumento basilar para a constituição deste trabalho é o fato que a formação dos verbos desencadeará todos os outros processos sintáticos subseqüentes, uma vez que o comportamento sintático de um verbo é resultado das propriedades de sua estrutura argumental. Por esta razão, para a compreensão da sintaxe de uma língua é necessário compreender a estrutura argumental de seus verbos. É este, portanto, o percurso que o trabalho apresenta.

Este trabalho é dividido em duas grandes partes: na primeira delas apresentamos uma descrição dos verbos da língua, sem discutir análises possíveis para os fatos. Nesta parte explicitaremos, apenas, os conceitos e critérios utilizados para a divisão das classes. Na segunda parte do trabalho apresentamos a análise dos dados. Partimos da formação das raízes verbais, seguindo pela formação dos verbos e os respectivos processos associados a eles (alternâncias de valência e voz, assim como a supleção e duplicação verbal) para então discutir outras questões, tais como: inserção de sujeitos, concordância, núcleo TP, advérbios, quantificação e o paralelismo entre os planos nominal e verbal.

Com esta divisão de trabalho – descrição e análise – procuramos cumprir o objetivo inicial desta pesquisa que era tanto contribuir com a descrição dessa língua como contribuir com o avanço das pesquisas na área da lingüística gerativa. No que compete às questões teóricas, pautamo-nos em duas propostas de análise. Para as questões relacionadas à formação de verbos e estrutura argumental nos pautamos na proposta de Hale & Keyser. Para as questões relacionadas à formação das sentenças nos pautamos no programa minimalista o qual adotamos justamente por seus princípios básicos - economia e elegância do sistema nos processos de aquisição e projeção das sentenças - e por ser uma proposta compatível com a análise de Hale & Keyser.

Considerando o caráter descritivo do trabalho, é necessário dizer que este processo é fundamental primeiro como retorno para o grupo indígena que pode fazer uso destes resultados na escola da aldeia, segundo por ser um registro de um momento da história

lingüística dos Juruna. Além disso, a descrição é importante para os estudos sobre línguas Tupi. Do ponto de vista diacrônico, a língua Juruna é importante na história do tronco Tupi porque é representante de um dos três subgrupos do ramo oriental (Cabral 2002 e Rodrigues & Cabral 2003).

No ramo oriental do tronco Tupi, temos a família Juruna, a família Munduruku e a subfamília Aweti-Mawé-Tupi Guarani. Hipotetiza-se que haja uma relação genética entre estes três sub-agrupamentos, diferenciando-os do ramo ocidental. As cinco famílias do grupo hipotético chamado de tupi ocidental são representadas por línguas que são faladas hoje em Rondônia. Partindo da hipótese de Rodrigues (1964) de que os Tupi surgiram em Rondônia 4.500 anos atrás, é possível supor que tenha havido uma divisão inicial do povo em dois grupos em algum momento da pré-história, que resultou na migração de um dos subgrupos para fora de Rondônia, enquanto que o outro grupo ficou em Rondônia e gerou as 5 famílias lingüísticas ali faladas hoje. Se for confirmada uma maior proximidade genética entre as línguas Tupi faladas fora de Rondônia, esta hipótese poderá ser corroborada. Para tanto, a importância do estudo da língua Juruna a partir da descrição exaustiva dos fatos é inquestionável. Desenvolver o conhecimento da língua Juruna contribui, portanto, para a compreensão do tronco Tupi através de estudos comparativos.

Sendo assim, este trabalho procura descrever e analisar os verbos da língua Juruna com o objetivo de compreender a sintaxe da língua. Como consequência, procuramos produzir ao mesmo tempo um material que seja relevante para o trabalho na escola da aldeia assim como um material teórico que colabore com os estudos acadêmicos. Objetivamos que este trabalho contemple a necessidade sempre latente de descrição das línguas indígenas brasileiras e, simultaneamente, contemple o desenvolvimento dos programas de pesquisa gerativistas. Dessa forma, procuramos inserir a língua Juruna em estudos comparativos não apenas a partir de outras línguas Tupi, mas para a inserção das pesquisas desta língua em um contexto mais abrangente, qual seja, o dos estudos voltados a universais lingüísticos, sintáticos e semânticos.

# **PARTE I:**

*descrição*

## Parte I

### Das classes verbais da língua Juruna: descrição

#### 1. Introdução da Parte I

Na parte I deste trabalho nossa preocupação é descritiva. Descreveremos os processos de formação dos verbos da língua Juruna sem apresentar, neste momento, as análises teóricas para estes fatos. Contudo, é importante explicitar para o leitor quais foram os critérios utilizados para a descrição. Visto isso, faremos inicialmente uma discussão dos parâmetros usados partindo de alguns conceitos teóricos que serão utilizados (vale ressaltar que estes conceitos serão discutidos posteriormente, na parte II):

- **Base semântica-fonológica:** uma das partes responsáveis pela formação da raiz verbal. Essa base carrega as informações do tipo de evento denotado e informações fonológicas, como padrão silábico e padrão tonal. A base semântica-fonológica pode ser acategorial ou categorizada (nominal e adjetival).
- **Verbalizador:** a outra parte responsável pela formação das raízes verbais. Trata-se de um morfema (fonologicamente realizado ou não) responsável por atribuir ou mudar a categoria de uma base semântica-fonológica em um verbo. Na língua em questão, os morfemas de valência são sempre sufixais.
- **Duplicação:** quando toda a morfologia do verbo é repetida (*kurakura*, “ferver”, em Juruna) ou quando parte dela é repetida, no interior da raiz verbal, com eventual inserção de outros morfemas (*djidaku* > *djidaidaku*, “bater”, em Juruna).
- **Núcleo funcional:** morfemas que trazem informações gramaticais aos verbos da língua; no caso da língua Juruna isso inclui: morfemas de valência, categoria (verbo, nome, por exemplo) e modo.
- **Raiz:** a raiz verbal é formada pela fusão entre um verbalizador e uma base semântica-fonológica.

- **Supleção:** quando um verbo apresenta duas formas possíveis as quais não estão relacionadas morfologicamente, por exemplo ‘kill’/ ‘die’ [Piñón 2001] e *tahu* e *wãnã* (“correr”, em Juruna).
- **Morfema de valência:** morfema que indica se a raiz foi transitivizada ou intransitivizada. Na língua em questão, os morfemas de valência são sempre prefixais.

Para delimitar as raízes verbais e os morfemas que formam a categoria verbal em Juruna, os parâmetros utilizados foram:

- (i) Duplicação: tendencialmente apenas a base semântica-fonológica dos verbos duplica, os núcleos funcionais (modo, verbalizador e morfemas de valência) não:

(1)	Morder:	<b>a-txu</b> T-raiz
	Morder, duplicado:	<b>a-txu-txu</b> T-raiz.dupl
(2)	Contar:	<b>a-bĩ</b> T-raiz
	Contar, duplicado:	<b>a-bĩbĩ</b> T-raiz.dupl.

- (ii) Comparação dos verbos da língua e observação de comportamento sintático comum aos verbos que apresentam os mesmos morfemas (por exemplo,

verbos que apresentam o prefixo {a-}<sup>6</sup> são transitivos; logo, podemos determinar qual é a raiz verbal e quais são os morfemas de valência):

(3)

Verbo em português	em	Transitivizador	Raiz		Modo	Verbo em Juruna
			Base semântica-fonológica	Verbalizador		
Cobrir		a	-pau-	-k-	-u	Apauku
Apertar		a	-hu-	-k-	-u	Ahuku
Quebrar		a	-pi-	-k-	-u	Apiku

(iii) Proximidades semânticas (verbos que tem mesma raiz e proximidade semântica):

(4)

Verbo	Intransitivizador	Transitivizador	Raiz		
			Base semântica-fonológica	Base semântica-fonológica	Verbalizador
Cortar (akĩrĩ)	∅	∅	∅	kĩrĩ	∅
Quebrar por dentro	l-	-a-	∅	kĩrĩ	∅

<sup>6</sup> Usaremos { } para indicar a representação morfológica de morfemas e alomorfes, não fornecendo diretamente nenhuma informação sobre pronúncia (Lopes 2001)

(lakiri)					
Rasgar (labikiri)	l-	-a-	bī-	kiri	∅

- (iv) Causativização (os verbos são causativizados a partir da raiz lexical, não a partir do verbo com outros morfemas de valência):

(5)

Verbo	Intransitivizador	Transitivizador	Base semântica fonológica	Verbalizador	Causativização
Estragar (lāmimī)	l-	-a-	mimī	∅	* ima-lāmimī * yū-lāmimī

No exemplo acima, as causativizações (que ocorrem na língua com a inserção dos morfemas {ma-} em verbos inacusativos e {ũ-} em verbos inergativos) são agramaticais porque são incompatíveis com os morfemas {-l-} e {-a-}. {-l-} e {-a-} são morfemas de valência na língua (intransitivizador e transitivizador, respectivamente). Um fato semelhante que mostra essa incompatibilidade – e, por conseguinte, que {-l-} e {-a-} não fazem parte da raiz – segue abaixo; a versão causativizada aparece apenas com o morfema de concordância e causativização ({i-} e {-ma-}, respectivamente):

(6)

Verbo	Intransitivizador	Transitivizador	Base	Verbalizador	Causativização
-------	-------------------	-----------------	------	--------------	----------------

			<b>semântic a- fonológico a</b>		
Perder/ sumir (lahua – intransitiv o) (ahua – transitivo)	l-	-a-	-hua	zero	I-ma-hua

(v) Verbos originados de outras categorias de palavras (nomes e adjetivos):

Exemplo:

(7)

<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo em Juruna</b>
Aduria (velho)	Aduriu

No exemplo acima, vemos que o {a-} inicial já aparece no adjetivo que gerará o verbo. Sendo assim, este {a-} não é um transitivizador.

Visto os critérios adotados, apresentaremos as classes de verbos da língua.

## 2. Dos verbos da língua Juruna: descrição das classes verbais

Nesta primeira seção faremos uma apresentação descritiva dos verbos da língua Juruna. As classes apresentadas foram analisadas a partir da observação de 302 verbos transitivos e intransitivos (inacusativos e inergativos)<sup>7</sup>. Apresentamos a seguir uma primeira tabela com todos os verbos descritos e suas classificações em relação à valência. Vale dizer que: 1) os verbos apresentados na tabela estão no modo *realis*; 2) verbos que estão numerados ((1)/ (2)) realizam supleção; 3) verbos separados por barras

<sup>7</sup> A partir de critérios que serão apresentados posteriormente, na seção de análise.

(/) são verbos que apresentaram mais de uma grafia possível no *corpus*; 4) quando o verbo apresenta duas contrapartes (intransitiva e transitiva) nos referimos à alternância simples: a parte intransitiva seria aquela na qual o objeto da parte transitiva ocupa a posição do sujeito, tal como em “a farinha torrou”/ “João torrou a farinha”. Vejamos:

Tabela (8)

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
1. Abaixar (para pessoas)	laberiku	Maku laberiku
2. Abaixar cabeça		laputuka
3. Abaixar (coisa)		pĩĩ (BA)
4. Abandonar (algo, coisas)	Ima’eu	
5. Abandonar (aldeia)	elaku	
6. Abraçar		Abĩ
7. Acabar	Masehu	Imasehu
8. Acordar	Paku	ũbaku/umbaku
9. Acrescentar	iunu	
10. Adoçar		ima’ẽtxākũ <sup>8</sup>
11. Adoecer	Kanea’uadju	
12. Afundar	Lamumi	amumi
13. Ajuntar		(i)sãnu
14. Ajuntar		(l)ãhũme
15. Alcançar		Watxuku
16. Alisar		marĩru <sup>9</sup>
17. Amar/ gostar/ querer		a
18. Amanhecer	Kahu	
19. Amarelar	yũpĩ maku	Mãku yũpĩ
20. Amarrar		ipĩdĩku

<sup>8</sup> Verbo que só existe causativizado.

<sup>9</sup> Verbo que só existe na forma causativizada.

21. Amarrar (amarrar algo no tronco)		apãyũ
22. Amarrar (amarrar algo em forma de feixe, por exemplo, amarrar redes todas juntas).		pĩku
23. Amassar		iduduka
24. Andar	pĩpĩa	
25. Andar/ Caminhar/ Caçar/ Fazer expediente	Puduku <sup>10</sup>	
26. Anoi-tecer	Txa kamadi/ kamadi	
27. Apagar	Lamihu	Amihu
28. Aparecer		Ekua
29. Apertar		Ahuku (BAB)
30. Apertar (com instrumento)		dapĩka
31. Apertar (apertar alguma coisa amarrada)		dahuka
32. Arder	Adĩ	
33. Arranhar	(l)atxatxaku	atxatxaku
34. Assar		Atxuhu
35. Assar	Ka'ẽ	
36. Assoprar		Asu
37. Assustar	Edĩtu	(i)adĩtu
38. Atirar	pĩku	Apĩ
39. Avermelhar	asũri) maku	
40. Azedar	tĩhuku maku	
41. Banhar	taeta	
42. Barbear/ Capinar	Akĩzu (BBA)	
43. Bater		djidaku
44. Bater timbó	edaku	
45. Bater parte do corpo em algo lugar		apĩ

<sup>10</sup> Com o auxiliar *kara* (*puduku kara*) o verbo pode ainda significar: visitar parentes e ficar andando.

46. Beber (alcoólico)	arehu	Arehu
47. Beber (remédio)		Utu
48. Beijar	Itū	
49. Beliscar	Ixāmi	
50. Beliscar		Iparaku
51. Brigar		Lakariku
52. Brilhar	Txīrīrī	
53. Brincar	Wīwī	
54. Bocejar	Aa'a	
55. Boiar (mar sem onda)	Lāā	
56. Boiar (mar com onda)	Lāā uta	
57. Boiar	Unta	
58. Buscar		awa
59. Caber	pēi	
60. Caçar		puduka
61. Cair (para [+ humano])	Bidītu	
62. Cair	(1) Ala (um objeto/ pessoa)/ (2) Etu (muitos objetos/ pessoas)	
63. Cair de repente	mītu bidītu	
64. Cantar	Abīa (BAA) <sup>11</sup>	
65. Casar (sujeito feminino, fala masculina)	Apīaku	
66. Casar (sujeito masculino, fala feminina)	Iwae	
67. Casar (sujeito masculino, fala masculina)	Ania	
68. Casar (sujeito plural; por exemplo, “João Maria dalawa”)	lāwā	

<sup>11</sup> O tom será eventualmente marcado quando for relevante para a compreensão da formação dos verbos. O tom alto será grafado com “A” e o tom baixo com “B”.

69. Casar (sujeito feminino, fala feminina)	Imenũ	
70. Cavar		upĩ
71. Cegar	ise'ãũ	
72. Chegar	Wĩ	
73. Cheirar		ĩ'ã
74. Chorar (por morte)	(1) E'a / (2)Yayaya	
75. Chover	Amana ala	
76. Chupar		Itũtũ
77. Clarear	Ikĩbe maku	maku ikibe
78. Cobrir/ tampar		apauku
79. Coçar (quando a pessoa sente coceira)	Ata'ata	
80. Coçar (quando a pessoa coça uma única parte do corpo)	kwĩkwĩ	
81. Coçar (para coçar o corpo inteiro)	dukuku	
82.		
83. Colher (banana, ovo de tracajá, cacho de inajá (palmeira))		(1) Yaku; (2) amẽ
84. Colocar (uma única coisa)		'a'u
85. Colocar (em quantidade; várias coisas todas juntas em algum lugar – um buraco ou uma vasilha, por exemplo)		Ameku
86. Colocar (muitas coisas dentro de um buraco)		imĩnu
87. Comer		Ixu
88. Comer (alimentar)	Etxuku	
89. Contar		udase
90. Contar		abĩ
91. Correr (correr de alguma coisa)	(1) Tahu/ (2)	

	Wãñã	
92. Cortar lenha		akĩrĩ txa
93. Cortar		Akĩrĩ
94. Cortar		ataku
95. Costurar		iparaku <sup>12</sup>
96. Cozinhar		ĩwĩyũ
97. Criar/ Adotar		Imazu
98. Cubrir		Apauku
99. Curar (com a boca, pajelança)		Itũ
100. Curar (com a mão, pajelança)		ibitxudu
101. Curar (no sentido de melhorar; para a pessoa que é curada)	Pĩna	
102. Custar		ibĩa
103. Dançar	Karia (ABA)	
104. Dar		(1) (i)kua/ (2) Upiku
105. Deitar/ parar	Pĩxihu/pĩna	
106. Deitar	maku	
107. Deixar bravo, irritar	ũmĩyũ	
108. Depilar		Apedu
109. Derramar	Lapa	apa
110. Derrubar		(1) Daĩku/ (2) daraku
111. Desabrochar (intransitivo)/ rachar (transitivo)	lataku	ataku
112. Desaparecer	Maetĩkãũ	
113. Descansar	pĩnã	
114. Descascar (casca já solta; retirar a carne)		(i)bĩku

<sup>12</sup> Os verbos “beliscar” e “costurar” não apresentam diferença alguma. Inclusive os tons são os mesmos.

115.	Descascar		asaku
116.	Descer pela árvore/ sentar		abiku
117.	Desenhar	āhā maku	
118.	Desenhar (fazer imagem)	āhā xu	
119.	Desenhar/ construir/ copiar	(i)mamaku	
120.	Desmaiar	Ikūdāū	
121.	Destroncar	yū'ruku	
122.	Dormir	Iyu	
123.	Emagrecer	Ūlāmi	
124.	Emagrecer (fala respeitosa)	Bikaru	
125.	Emagrecer	Ipi'i	
126.	Embrulhar (qualquer objeto)		Ahuku (BAA)
127.	Embrulhar (comida, para assar)	Ūpī	
128.	Empurrar		(i)depu
129.	Empurrar (canoa pelo rio)	yūuruku	
130.	Emudecer	Iwāū maku	Maku iwāū
131.	Encontrar		(i)du
132.	Enfeitar		ūka (BA)
133.	Engasgar (transitivo)/ morrer (intransitivo)	E'a	E'a
134.	Engatinhar	Txitxiku	
135.	Encher	Iti'i	
136.	Engordar	Atxūā maku	
137.	Engravidar	Imābīu	Lapiku
138.	Engrossar	Kudukudu maku	
139.	Ensurdecer	Napiukāu maku	
140.	Entardecer	kāitxa	
141.	Entrar/ voltar pela metade do caminho	E'u	
142.	Entristecer	e)'uhu) maku	

143.	Envelhecer	Aduriu	
144.	Esconder		yaeta
145.	Escorregar	pixaku	
146.	Escrever		waxĩwaxĩ
147.	Esfriar	Itxa'aku	
148.	Espantar	ebataku	
149.	Esperar		ilaku
150.	Espirrar	Āxĩ' āxĩ	
151.	Esquentar/ Ficar com febre		Akuhu
152.	Estar em pé	Mĩsu	
153.	Estragar	Lãmĩmĩ	Lãmĩmĩ
154.	Estourar (estourar ou partir sem cair pedaço)/ Rachar	Ludjaku	udjaku
155.	Esvaziar	Ibĩlãu) maku	
156.	Esverdear	Akĩzu maku (BAA)	Maku akĩzu
157.	Explodir	Yupararaku/ pararaku	
158.	Explodir	ludjaku	
159.	Falar/ Reunir-se/ conversar	Kamenu	
160.	Fazer		Kariku
161.	Fazer		(a)Kĩa
162.	Fazer		pĩpĩku
163.	fazer		wanu
164.	Fazer (beiju)		(I)puku/ ipĩku
165.	Fazer bonito	ũ-piã	
166.	Fechar; tampar	Ikupenu	ikupenu
167.	Ferver	Kurakura	
168.	Ficar à toa	Pãpã kara	
169.	Ficar bonito	Ikiaha maku	
170.	Flechar		api

171.	Flechar		apina
172.	Florescer	(i)batxiu	
173.	Flutuar	ũta	
174.	Fritar	sĩrĩrĩ/ yũsĩrĩrĩ	
175.	Fugir	Eneũ	
176.	Fumar/ beber		Awi
177.	Furar		Unaku
178.	Gritar (gritar com as pessoas)	Azahaha	
179.	Gritar (de medo ou dor)	'e'e	
180.	Gritar (na festa)	eneneu	
181.	Guardar (uma coisa apenas)		imaku
182.	Incomodar <sup>13</sup>		Abahu
183.	Ir (auxiliar)	Txa	
184.	Jogar (coisas ao mesmo tempo)		Daraku
185.	Jogar (jogar um)		Daiku
186.	Jogar algo		pĩpĩku
187.	Jogar		Itu
188.	Juntar		A'ĩpanu
189.	lavar		(i)daku
190.	lavar		(i)tutu (apenas um) / aututu (muitos)
191.	Lembrar	(i)Kudu	
192.		itxixadu	
193.	Lenhar		
194.	Levantar		Abĩku
195.	Levantar (fazer levantar ou voar)		ĩlaũ
196.	Levantar (ficar em pé)	mĩsu	

<sup>13</sup> Este verbo assim como *elu* (ter saudade) são verbos cujo objeto é marcado com caso dativo. Para além disso, *abahu* também pode ser interpretado como “enjoar”.

197.	Levar		idjutxa
198.	Limpar	Bitxixiku (lipar a si mesmo)	itxixiku/ etxixiku
199.	Limpar (coisas)		pĩtxiku
200.	Limpar animais (tirar escamas, por exemplo)		ibizadaku
201.	Machucar	Eduku/ lakĩri	Duku
202.	Machucar (o corpo inteiro)	(Ede) mĩtu	
203.	Mandar		Ada
204.	Matar/ Caçar		(1) Abaku / (2) Adĩkãũ
205.	Menstruar	Meũ	
206.	Mentir	Yaridjaridja	
207.	Mergulhar	Lããurutu; laurutu	
208.	Mexer		
209.	Mexer		yukukutu/lukutu
210.	Molhar	i'uru	
211.	Morder		Atxu
212.	Morrer	Etaa	
213.	Morrer	ẽ'ã	
214.	Nadar	Etahu	
215.	Nascer	Sã	
216.	Nascer (gêmeos; trabalho de parto simultâneo)	ẽ' ẽ	
217.	Nascer	(l)ũbaru	
218.	Obedecer		Kamena ẽdu
219.	Olhar (rapidamente na surpresa)		Elu
220.	Ouvir		ẽdu
221.	Parar/ Sarar		pĩna
222.	Parir	Matxia	
223.	Partir/rachar	Pabĩku/ lupabĩku	

224.	Passar	Kara <sup>14</sup>	
225.	Pegar/ Segurar		Pĩdĩku
226.	Pegar/ Comprar		(1) Ita/ (2) i~wã
227.	Pegar (pegar algo em grande quantidade e jogar em outro lugar)	Ameku	
228.	Pentear	Lapinu	Apinu
229.	Pentear		(1) Itxiaku/ (2) ãpiapinu
230.	Perder/ Desaparecer (objeto)	Lahua	
231.	Pescar	Kĩĩhu	Pĩdĩku
232.	Perseguir		Yubi kara
233.	Pilar	Padaku <sup>15</sup>	
234.	Pilar		Utxãkũ
235.	Pilar (com cuia – apenas para pilar peixe)	Pududuku	
236.	Pilar (legumes)	iduduku	
237.	Pintar	ũka	u@ka/ lũka/ ka
238.	Pintar		wãxi
239.	Piscar	pumipumi	
240.	Plantar		(i)katu
241.	Pôr		ĩtu
242.	Procurar		(i)ka
243.	Pular	Pĩrika	
244.	Puxar		Dedu
245.	Quebrar (parte do corpo; partir no meio)	lapiku	Apiku
246.	Quebrar		kuwataku
247.	Quebrar (um pedaço)	lataku	Ataku

<sup>14</sup> Também ocorre como auxiliar em contextos continuativos (“João está passando”, por exemplo).

<sup>15</sup> Padaku/ Utxãkũ não se configuram como verbos em alternância simples, como “A farinha pilou/ A mulher pilou a farinha”. *Padaku* é utilizado em contextos como *iidja padaku* (a mulher pilou, sem especificação do objeto) e *utxãkũ* é utilizado para contextos em que o objeto é especificado.

248.	Quebrar (para objeto; vários pedaços)	Lapidu	Apidu
249.	Quebrar (por dentro)	Lakīrī	
250.	Quebrar (quebrar algo no meio)		apiku
251.	Queimar	Txuxi	
252.	Queimar		(I)txuku
253.	Querer		sa
254.	Ralar		besebese
255.	Rasgar		Lusi
256.	Rasgar/ trocar		Ladu
257.	Rasgar		labīkīrī
258.	Recordar	yaekua	
259.	Remar	Uruku	
260.	Responder		awa
261.	Respirar	lāmātē	
262.	Respirar	itiata	
263.	Retornar	Aumeta	
264.	Roçar		Pema
265.	Roçar	atxadu	atxadu
266.	Rodar no rio	Wānā	
267.	Roncar	karānā	
268.	Roubar		Pa'ia'ia
269.	Saber		Ubahu
270.	Sair	Sā	
271.	Sangrar	Apetu	apetu
272.	Secar	Txuratxu	
273.	Sentar	Txuka	
274.	Sonhar	e'elu	
275.	Sorrir	Lakariariku	
276.	Suar	Kapīrī	
277.	Subir	Epa	

278.	Sujar	bidiku(imabidiku)	
279.	Sujar (para sujeira da casa ou chão)		(I)kabutxu (yūkabutxu)
280.	Trabalhar	Kuperi	
281.	Trazer junto		(i)djuwī
282.	Ter ciúme	ilawālu	
283.	Ter preguiça	ipadjihu	Maku ipadjihu
284.	Ter saudade		Elu kara
285.	Ter fome	Bataku (bbaa)	
286.	Ter		Au
287.	Torcer	huli	
288.	Torrar	u'1 <sup>16</sup>	Hunu/ ahūnu
289.	Tossir	ese'ese	
290.	Transformar/ Mudar		Maku
291.	Tremer	Ari'ari	
292.	Triturar	utxakā/ utxākā	
293.	Varrer	pītxiku	
294.	Ver/ Cuidar/ Esperar		zaku
295.	Vestir/ Enfiar alguma coisa	A'u	
296.	Vingar	(ē)mīānu (ABB)	(i)mīānu (BBA)
297.	Virar um pouco	Bese	
298.	Virar completamente	Txuruku	
299.	Voar	(1) āũ / (2) ebataku	
300.	Voar	Ilāũ	
301.	Voltar	Wī	
302.	Vomitar	Ena'ena	

## Valência

<sup>16</sup> Este verbo também é utilizado para dizer que a farinha foi pilada à mão, sem utilização da cuia (Lima V).

No que compete à divisão entre verbos transitivos e intransitivos partimos do fato que um verbo transitivo exige um argumento interno na posição de objeto e será agramatical sem ele:

(a) pitxa ixu na  
peixe comer 1s  
“Eu comi peixe”

(b) \*ixu na  
comer 1s

Em contraparte, os verbos intransitivos não exigem argumento interno na posição de objeto<sup>17</sup> e, se este argumento é inserido, a sentença torna-se agramatical:

(c) etxuku na  
comer 1s  
“Eu comi/ Alimentei-me”

(d) \*pitxa etxuku na”  
comer comer 1s

Um outro critério para diferenciar verbos intransitivos de verbos transitivos são os morfemas de valência. Os morfemas {l-} e {e-} estão associados à intransitividade enquanto que os morfemas {a-}, {ma-}, {ũ-}, esta associado à transitividade.

É importante dizer que os verbos intransitivos podem ser divididos em duas classes a partir de dois fatos: 1) os verbos que realizam causativização com {ma-} são diferentes dos verbos que são causativizados por {ũ-} – uma vez que estes morfemas estão em distribuição complementar; 2) há verbos intransitivos que realizam alternância simples (o vaso quebrou/ João quebrou o vaso) - e, logo, são inacusativos – e há outro grupo que não realiza esta alternância (inergativos). É possível observar que verbos

---

<sup>17</sup>No caso dos verbos inacusativos cujo sujeito é gerado na posição de argumento interno, este argumento interno move para a posição de sujeito e não permanece na posição de objeto e, portanto, este fato diferencia um verbo inacusativo (que é intransitivo) de um verbo transitivo.

inacusativos são causativizados com o morfema {ma-} e os verbos inergativos com o morfema {ũ-}.

### **Variação morfológica dos verbos**

Analisando os 302 verbos acima descritos em seus contextos de uso (que serão apresentados no decorrer da análise), observamos que a morfologia de um verbo pode variar de acordo com os seguintes fatores: 1) valência, 2) pluralidade de eventos, 3) especialização semântica (modo como o evento é performed) 4) polidez e 5) sexo do falante.

#### *Valência*

Há verbos em Juruna que apresentam formas diferentes de acordo com a valência (se transitiva ou intransitiva):

Tabela (09): especializações do verbo “comer”

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Forma verbal em Juruna</b>
Comer	Sem objeto	Etxuku
Comer	Com objeto e, por conseguinte, especificação do que foi ingerido.	Ixu

Tabela (10): especializações do verbo “pescar”

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Forma verbal em Juruna</b>
Pescar	Sem objeto	Kĩhu
Pescar	Com objeto e, por conseguinte, especificação do que foi pescado.	Pĩdiku

### *Pluralidade de eventos*

Há verbos da língua Juruna que marcam pluralidade através de duplicação da raiz verbal assim como há verbos que marcam pluralidade através de supleção. Os verbos que realizam supleção neste contexto são:

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Forma verbal neutra para numero	Forma verbal para plural
Cair	Ala (um objeto/ pessoa)	Etu (muitos objetos/ pessoas)
Casar	Apiaku, Iwae/Iwai, Ania, lãwã	Imenũ
Chorar	E'a	yayaya
Colher (banana, ovo de tracaja, cacho de inaja (palmeira))	Yaku	amẽ
Colocar	'a'u	Ameku, imĩnu
Correr (correr de alguma coisa)	Tahu	Wãã
Dar	(i)kua	Upiku
Derrubar/ Jogar	Daiku	Daraku
lavar	Tutu	Aututu
Matar/ Caçar	Abaku	Adikãũ
Pegar/ Comprar	Ita	ĩwã
Pentear	Itxiaku	apiapinu
Voar	ãũ	ebataku

### *Especialização semântica*

No que compete à especialização semântica, podemos observar os verbos de (12) a (16). Veremos que o modo como o evento é performado e traços como [+humano]<sup>18</sup> influenciam a forma verbal utilizada. Vejamos:

**Tabela (12): especializações do verbo “quebrar”**

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Forma verbal em Juruna</b>
Quebrar	Quebrar parte do corpo; partindo alguma parte do corpo ao meio.	Lapiku/ Apiku
Quebrar	Para objetos que quebram em vários pedaços	Lapidu/ Apidu
Quebrar	Para algo que quebra por dentro	Lakĩrĩ
Quebrar	Para os casos em que apenas um pequeno pedaço de algo é quebrado	Lataku

**Tabela (13): especializações do verbo “cair”**

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Formal verbal em Juruna</b>
Cair	[+ humano]	Bĩdĩtu
Cair	[- humano/ + humano]	Ala
Cair	Para algo que cai repentinamente	Pĩdĩtu

**Tabela (14): especializações do verbo “pilar”**

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Forma verbal em Juruna</b>
Pilar	Pilar peixe com o uso de uma cuia	Pududoku
Pilar	Pilar legumes	Idudoku

**Tabela (15): especializações do verbo “curar”**

<sup>18</sup> Ao longo deste trabalho veremos que o traço [+humano] será relevante até mesmo para a distribuição de núcleos funcionais, como o plural.

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Forma verbal em Juruna</b>
Curar	Pajelança com a boca	Itû
Curar	Pajelança com a mão	ibitxudu

**Tabela (16): especializações do verbo “curar”**

<b>Denotação básica</b>	<b>Especializações</b>	<b>Forma verbal em Juruna</b>
Virar	Virar um pouco	Bese
Virar	Virar completamente	Txuruku

*Sexo do falante*

Um outro fator que faz com que haja variação nas formas verbais da língua é o sexo do falante; isto é, há formas verbais que mudam de acordo com a fala masculina e feminina. Vejamos:

**Tabela (17): especializações do verbo “casar”**

<b>Verbo</b>	<b>Verbo em Juruna</b>	<b>Quem fala:</b>	<b>Exemplos (Lima V)</b>
Casar	Imenũ (sujeito feminino)	Fala feminina	Iidja imenũ Mulher casar “Mulher casou”
	Iwae (sujeito masculino)	Fala feminina	Senahĩ iwae Homem casar “Homem casou”
	Apĩaku (sujeito feminino)	Fala masculina	Iidja apĩaku Mulher casar “Mulher casou”
	Ania (sujeito masculino)	Fala masculina	Senahĩ ania Homem casar “Homem casou”

*Polidez*

No que compete, ainda, aos casos de polidez, vemos os exemplos relativos ao verbo “emagrecer”, abaixo:

**Tabela (18): especializações do verbo “curar”**

Denotação básica	Especializações	Forma verbal em Juruna
Emagrecer	Fala informal	ũlãmi
Emagrecer	Fala respeitosa	Bikaru

Vale ressaltar ainda que há casos em que a valência do verbo acarreta na variação de seu significado, tal como vemos a seguir:

**Tabela (19): o verbo *e’ã***

Verbo	Especializações	Exemplos (Lima II)
E’ã	Sem objeto denota “morrer”	Idja e’a Mulher engasgar/morrer “Mulher morreu”
E’ã	Com objeto denota “engasgar”	Idja pitxa ipankĩ wa e’a Mulher peixe espinho com engasgar/morrer “Mulher engasgou com espinho de peixe”

Os verbos da língua Juruna podem ser formados a partir de uma base semântica-fonológica acategorial ou a partir de uma base semântica-fonológica categorizada (nomes e adjetivos). Em ambos os casos, os verbalizadores serão sufixais, tais como vemos a seguir:

(20) Exemplo de verbo derivado de base semântica-fonológica acategorial:

- (a) Yadĩtu (assustar, transitivo)
- (b) Edĩtu (assustar, intransitivo)

(c)	I	-a-	<b>dĩ-</b>	t-	-u
-----	---	-----	------------	----	----

	3s	T	Base semântica- fonológica	verbalizador	modo
--	----	---	----------------------------------	--------------	------

(d)	e-	-dī	t-	-u
	I	Base semântica- fonológica	verbalizador	modo

Note pelos exemplos (20.c) e (20.d) que a base semântica-fonológica que traz informações semânticas é apenas *dī*. Todos os outros morfemas presentes no verbo são núcleos funcionais. Outra característica fundamental para a compreensão do comportamento dos verbos da língua é o fato que os verbalizadores são sempre sufixos, como dissemos anteriormente. Por outro lado, os morfemas de mudança de valência são sempre prefixados. Visto isso, a ordem básica de morfemas na formação dos verbos é:

(21)

<i>I-</i>	<i>a-</i>	<i>-dī-</i>	<i>-t-</i>	<i>-u</i>
<b>Concordância</b>	<b>morfema de valência</b>	<b>Base semântica-fonológica</b>	<b>verbalizador</b>	<b>modo</b>

Em (21), vimos a formação de um verbo a partir de uma base semântica-fonológica acategorial. Contudo, como já mencionamos, a formação de verbos a partir de bases semântico-fonológicas nominais ou adjetivais é produtiva na língua. Também nestes casos, a inserção do verbalizador é sempre posterior à raiz do verbo:

(22)

- (a) akīzu maku (esverdear, intransitivo)  
 (b) akīzu (verde)

Visto isso, apresentaremos as 18 classes verbais da língua Juruna. Destas classes, dez partem de bases semântico-fonológicas acategoriais (vide os itens de 1 a 5 – com verbalizador fonologicamente realizado - e de 12 a 16 – verbalizador fonologicamente não realizado), duas a partir de bases semântico-fonológicas adjetivais (6 e 7), quatro a partir de bases semântico-fonológicas nominais (8 a 11), uma a partir de posições (17) e, finalmente, uma a partir de outros verbos (18). Em síntese, apresentaremos:

**(i) *Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais***

- 1) Verbos formados com {-h-}
- 2) Verbos formados com {-k-}
- 3) Verbos formados com {-d-}
- 4) Verbos formados com {-t-}
- 5) Verbos formados com {-n-}

**(ii) *Verbos a partir de adjetivos***

- 6) Formação de verbos deadjetivais a partir do verbalizador {maku};
- 7) Formação de verbos deadjetivais a partir de verbalizador fonologicamente nulo;

**(iii) *Verbos a partir de nomes***

- 8) Formação de verbos denominais a partir de fusão entre verbo e objeto;
- 9) Formação de verbos denominais a partir do verbalizador fonologicamente nulo;
- 10) Formação de verbos denominais a partir de mudança tonal.
- 11) Formação de verbos denominais a partir do sufixo {-u}<sup>19</sup>.

**(iv) *Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais, mas com verbalizador nulo:***

- 12) Verbos terminados em a
- 13) Verbos terminados em i
- 14) Verbos terminados em ĩ

---

<sup>19</sup> Esta formação foi descrita por Fargetti (2001; 120).

15) Verbos terminados em e

16) Verbos terminados em u

(v) *Verbos a partir de posposições*

17) Verbo a partir da posposição *dju*

(vi) *Verbos formados a partir de outros verbos*

18) Verbo a partir de outra raiz verbal

Feitas estas considerações, podemos apresentar o processo de formação verbal a partir dos verbalizadores da língua.

### 3. Da formação dos verbos

Nas tabelas a seguir, apresentamos alguns exemplos representativos de cada classe citada acima a partir dos verbos apresentados na tabela (8). Vale lembrar que na base semântica-fonológica não estão os morfemas de valência ou concordância. Desta forma, na segmentação do verbo as informações referentes à valência e concordância não aparecerão nas tabelas que seguem. Vejamos:

(3.i) Dos verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais

(3.i.a) Verbos formados com {-h-}

(23)

Verbo em português	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica	Verbalizador	Modo
Apagar	Lamihu	-mi-	-h-	-u
Amanhecer	Kahu	Ka-	-h-	-u
Acabar	Masehu	Mase-	-h-	-u
Assar	Atxuhu	-txu-	-h-	-u
Beber	arehu	-re-	-h-	-u
Correr (correr de	Tahu	Ta-	-h-	-u

alguma coisa)				
Deitar/ parar	Pīxihu	Pīxi-	-h-	-u
Incomodar <sup>20</sup>	Abahu	-ba-	-h-	-u
Nadar	Etahu	-ta-	-h-	-u
Pescar	Kīīhu	Kīī-	-h-	-u
Saber	Ubahu	Uba-	-h-	-u
Ter preguiça	Ipadjihu/ maku ipadjihu	-padji-	-h-	-u

(3.i.b) Verbos formados com {-k-}

(24)

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Base semântica- fonológica	Verbalizador	Modo
1. Pilar	Utxākū Padaku	Utxa- Pada-	-k-	-u
2. Arranhar	Atxatxaku	-txatxa-	-k-	-u
3. Limpar	itxixiku	-txitxi-	-k-	-u
4. Limpar (coisas)	pītxiku	Pītxi-	-k-	-u
5. Escorregar	pixaku	Pixa-	-k-	-u
6. Casar	Apīaku	Apīa-	-k-	-u
7. Rachar/ Estourar	Ludjaku udjaku	-udja- Udja-	-k-	-u
8. Bater	djidaku	Djida-	-k-	-u
9. Rir	lakariariku	-kariari-	-k-	-u
10. Pescar	pīdīku	Pīdī-	-k-	-u
11. Acordar	Paku ūbaku	Pa- ūba-	-k-	-u
12. Abaixar	laberiku	-beri-	-k-	-u
13. Andar	Puduku	Pudu-	-k-	-u

<sup>20</sup> Este verbo assim como *elu* (ter saudade) são verbos cujo objeto é marcado com caso dativo. Para além disso, *abahu* também pode ser interpretado como “enjoar”.

14. Quebrar	Apiku	-pi-	-k-	-u
15. Comer	Etxuku	-txu-	-k-	-u
16. Fazer	Kariku	Kari-	-k-	-u
17. Jogar	Daraku	Dara-	-k-	-u
18. Jogar	Daiku	Dai-	-k-	-u
19. sujar	bidĭku	-bidĭ-	-k-	-u
20. Costurar	iparaku	-para-	-k-	-u
21. Descascar (casca já solta)	ibĭku	-bi-	-k-	-u
22. Descer/ sentar	abĭku	-bi-	-k-	-u
23. Estourar	Ludjaku udjaku	-udja- Udja-	-k-	-u
24. Jogar algo	pĭpĭku	Pĭpĭ-	-k-	-u
25. Cobrir	apauku	-pau-	-k-	-u
26. Partir	pabĭku	Pabi-	-k-	-u
27. Pegar	pĭdĭku	pĭdĭ-	-k-	-u
28. Pular	pĭrika	Pĭri-	-k-	
29. Queimar	Itxuku	-txu-	-k-	-u
30. Espantar	Bataku	Bata-	-k-	-u
31. Ver	Izaku	-za-	-k-	-u
32. Apertar	Ahuku (Tom: BAB)	-hu-	-k-	-u
33. Embrulhar	Ahuku (Tom: BAA)	-hu-	-k-	-u
34. engravidar	lapiku	-pi-	-k-	-u
35. Estourar	Udjaku ludjaku	Udja-	-k-	-u
36. Quebrar	Apiku lapiku	-pi-	-k-	-u
37. Virar completamente	Txuruku	Txuru-	-k-	-u
38. Ver/ Esperar	zaku	Za-	-k-	-u
39. Dar	upiku	Upi-	-k-	-u

40. Brigar	lakariku	-kari-	-k-	-u
41. machucar	Duku	Du-	-k-	-u
42. Fazer	pĭku	pĭ-	-k-	-u
43. Descascar	asaku	-sa-	-k-	-u
44. partir/rachar	pabĭku	Pabĭ-	-k-	-u
45. lavar	Idaku	-da-	-k-	-u
46. pular	Pĭrika	Pĭri-	-k-	
47. remar	uruku	Uru-	-k-	-u
48. Colocar	Ameku	-me-	-k-	-u
49. Limpar animais	ibizadaku	-bizada-	-k-	-u
50. Arranhar	(l)atxatxaku	-txatxa-	-k-	-u
51. Limpar	Itxiitxiku	-txiitxi-	-k-	-u
52. Varrer	Pĭtiku	Puti-	-k-	-u
53. Esfriar	Itxa'aku	-txia-	-k-	-u
54. Quebrar	kuwataku	Kuwata-	-k-	-u
55. Quebrar (um pedaço)	lataku	-ta-	-k-	-u
56. Engatinhar	Txitxiku	Txitxi-	-k-	-u
57. Matar	Abaku	-ba-	-k-	-u
58. Pentear	Itxiaku	-txia-	-k-	-u
59. Fazer (beiju)	Ipuku	-pu-	-k-	-u
60. Fazer	Kariku	Kari-	-k-	-u
61. Costurar	iparaku	-para-	-k-	-u
62. Desenhar	(i)mamaku	Mama-	-k-	-u
63. Pegar	pĭdĭku	Pĭdĭ-	-k-	-u
64. Amarrar	ipidĭku	-pĭdĭ-	-k-	-u
65. Ter fome	bataku	Bata-	-k-	-u
66. Partir no meio	lupabĭku	-upabĭ-	-k-	-u
67. Cubrir	Apauku	-pau-	-k-	-u
68. Esperar	laku	la-	-k-	-u
69. Virar	Txuruku	Txuru-	-k-	-u
70. Voar	ebataku	-bata-	-k-	-u

(3.i.c) Verbos formados com {-d-}

(25)

<b>Verbo em Português</b>	<b>Verbo em Juruna</b>	<b>Base semântica-fonológica</b>	<b>Verbalizador</b>	<b>Modo</b>
1. Ouvir	Edu	ẽ-	-d-	-u
2. Quebrar	Apidu	-pi-	-d-	-u
3. Puxar	De-	De-	-d-	-u
4. Lenhar	itxitxadu	-txitxa-	-d-	-u
5. Depilar	Apedu	ape-	-d-	-u
6. Lembrar	(i)kudu	Ku-	-d-	-u
7. Rasgar/ trocar	Ladu	La-	-d-	-u
8. Roçar	atxadu	-txa-	-d-	-u

(3.i.d) Verbos formados com {-t-}

(26)

<b>Verbo em Português</b>	<b>Verbo em Juruna</b>	<b>Base semântica-fonológica</b>	<b>Verbalizador</b>	<b>Modo</b>
1. Mergulhar	Lããurutu;	-ããuru-	-t-	-u
2. Sangrar	Apetu	Ape-	-t-	-u
3. Assustar	Yaditu Editu	-dĩ-	-t-	-u
4. Cair	Bĩditu	Bĩdĩ-	-t-	-u
5. Mexer	Iukutu	-uku-	-t-	-u
6. Plantar	katu	ka-	-t-	-u
7. Chupar	Itũtũ	-tũ-	-t-	-u

(3.i.e) Verbos formados com {-n-}

(27)

<b>Verbo em</b>	<b>Verbo em Juruna</b>	<b>Base</b>	<b>Verbalizador</b>	<b>Modo</b>
-----------------	------------------------	-------------	---------------------	-------------

<b>Português</b>		<b>semântica- fonológica</b>		
1. Torrar	hunu	hu-	-n-	-u
2. Fechar	Ikupenu	-kupe-	-n-	-u
3. fazer	wānu	Wā-	-n-	-u
4. vingar- se	emīānu	-mīā-	-n-	-u
5. Falar	Kamenu	Kame-	-n-	-u
6. Pentear	Lapinu Apinu	-pi-	-n-	-u
7. Ajuntar	(i)sānu	-sā-	-n-	-u

### **(3.ii) Verbos a partir de adjetivos**

#### **(3.ii.a) Formação de verbos deadjetivais a partir do verbalizador {maku}**

Neste tipo de formação verbal, após o adjetivo aparece o verbalizador {maku} (veremos adiante que quando o {maku} aparece preposto ao adjetivo temos um verbo transitivo):

(28)

<b>Verbo Português</b>	<b>em</b>	<b>Adjetivo</b>	<b>Verbo Juruna</b>	<b>em</b>	<b>Base semântica- fonológica</b>	<b>Verbalizador</b>
1. Engrossar		Kudukudu	Kudukudu maku (intransitivo)		Kudukudu	maku
2. Esverdear		Akīzu maku	Akīzu maku (intransitivo)		Akīzu	maku
3. Avermelhar		asūri)	asūri) maku (intransitivo)		asūri)	maku
4. Clarear		ikībe	ikībe maku (intransitivo)		ikībe	maku

5. Amarelar	yūpi)	yūpi) mau (intransitivo)	yūpi))	māku
6. Esvaziar	ibīlāū	ibīlāū) maku (intransitivo)	ibīlāū	maku
7. Azedar	Tihuku	tihuku maku (intransitivo)	tihuku	maku
8. Entristecer	e)'uhu)	e)'uhu) māku (intransitivo)	e)'uhu)	maku
9. Ficar bonito	Ikiaha	Ikiaha maku (intransitivo)	Ikiaha	maku
10. Engordar	Atxūã	Atxūã maku (intransitivo)	Atx~uã	maku
11. Ter preguiça	ipadjihu	Maku ipadjihu (transitivo)	ipadjihu	Maku
12. Emudecer	Iwāū	Iwāū maku	Iwāū	Maku

(3.ii.b) Formação de verbos deadjetivais a partir de verbalizador fonologicamente nulo

Há verbos deadjetivais que não são formados com o verbalizador {maku}, como vimos em (3.ii.a). Há verbos deadjetivais que têm verbalizador fonologicamente nulo. Nestes casos os verbos são idênticos aos adjetivos que o originaram:

(29)

Verbo em Português	Adjetivo	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica	Verbalizador
Emagrecer	Ipiĩ (magro)	Ipiĩ (emagrecer)	Ipiĩ	Fonologicamente nulo
Emagrecer	ūlāmimi (magro)	Ūlāmi (emagrecer)	ūlāmimi	Fonologicamente nulo
Molhado	I'uru	i'uru	i'uru	Fonologicamente nulo

	(molhado)	(molhar)		
Seco	Txuratxu (seco)	Txuratxu (secar)	txuratxu	Fonologicamente nulo

Veremos adiante, contudo, que os verbos deadjetivais do tipo (3.ii.a) e (3.ii.b), apesar de serem formados de modos diferentes apresentam traços sintáticos em comum. Primeiro, a transitivização destes dois tipos de verbos é com a inserção do verbalizador {maku}, pré-adjetival. Segundo, verbos do tipo (3.ii.a) e (3.ii.b) são causativizados com o morfema {ma-}.

### 3.iii. Verbos a partir de nomes

(3.iii.a) Formação de verbos denominais a partir de fusão entre verbalizador e objeto

(30)

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica	Verbalizador
Chover	Amana ala (Chuva + cair)	Amana	Ala (verbo leve)
Obedecer	Kamena ědu (fala + ouvir)	Kamena	ědu

(3.iii.b) Formação de verbos denominais a partir de verbalizador nulo

(31)

Nome português	Nome em Juruna	Verbo português	Verbo em Juruna
Ronco	Kara®na®	Roncar	Kara®na®
Tosse	Ese'ese	Tossir	Ese'ese
Nariz	ĩ'ã	Cheirar	ĩ'ã
Espirro	ãxĩ' ãxĩ' <sup>21</sup>	Espirrar	ãxĩ' ãxĩ'

<sup>21</sup> Existem outras formas nominais que ocorrem associadas aos verbos, contudo, estas outras formas apresentam o sufixo {-ha} e são nominalizações, possivelmente. Por exemplo: *axi axi seha* (para

Bocejo	Aa'a	Bocejar	Aa'a
Roubo	Pa'ia	Roubar	Pa'ia'ia
Choro	e'a seha	Chorar	E'a
Banho	taeta <sup>22</sup>	Banhar	taeta
Coceira	Ata'ata	Coçar	Ata'ata
Abraço	Abii	Abraçar	Abii
Mordida	Atxu	Morder	atxu
Trabalho	Kuperi	Trabalhar	Kuperi
Susto	Editu	Assustar	Editu
Noite	Kamadi	anoitecer	Kamadi (kamadi txa)
Tarde	Kaitxa	Entardecer	Kaitxa
Tiro	Api	Atirar	api
Sonho	E'elu	Sonhar	E'elu
Dor	Iwadi	Doer	iwadi
Mentira	yaridja/ yaridjaridja	Mentir	Yaridjaridja
Roçada	Pema	Roçar	Pema
Grito	Azahaha	Gritar	azahaha
Caneta	Iwaxiha	Escrever	waxiwaxi
Beijo	itū	Beijar	itū
Mergulho	laurutu	Mergulhar	Lããurutu; laurutu
Sujeira	Kabutxu	Sujar	(i)kabutxu
Pintura	ũkaũka	pintar	ũka
Ardor	Adi	Arder	Adi

(3.iii.c) Formação de verbos denominais a partir de mudança tonal.

(32)

Nome	em	Nome	em	Verbo	em	Verbo
------	----	------	----	-------	----	-------

“espirrar”, aquele que espirra), *aa'a seha* (para “bocejar”, aquele que boceja), *tahu seha* (para “correr”, aquele que corre), e assim sucessivamente. Fargetti (2001; 110) diz que {-ha} é um predicativizador.

<sup>22</sup> Uma outra palavra associada a essa raiz é “praia”, *eta*.

português	Juruna	português	em Juruna
<b>Dança</b>	Karia (tom: AAB <sup>23</sup> )	<b>Dançar</b>	Karia (ABA)
<b>Canto, música</b>	Abĩa (tom: BBB)	<b>Cantar</b>	Abĩa (BAA)
<b>Baixo</b>	pĩri (AB)	<b>Abaixar</b>	pĩri (BA)
<b>Pescaria</b>	Kĩihu (BB)	<b>Pescar</b>	kĩihu (BA)
<b>Enfeite</b>	ũka (BB)	<b>Enfeitar</b>	ũka (BA)

(3.iii.d) Formação de verbos denominais a partir do sufixo {-u}<sup>24</sup>.

Neste tipo de formação o morfema {-a} é substituído pelo morfema {-u}, o qual é o morfema de modo *realis* que ocorre nos verbos (Fargetti 2001). Esta formação de verbos levanta a possibilidade de o morfema {-a} em *aduria* (velho) ser um morfema de formação de nomes, uma vez que ele desaparece uma vez que é formado o verbo (*aduriu*). Este tipo de formação verbal mostra um fato importante: vimos acima que o morfema {-n-} (antes do morfema {-u}, de modo) é um verbalizador na língua Juruna. Contudo, há que se observar que fonemas {-n-} podem ser parte da base semântica-fonológica do verbo. É possível distinguir estes casos a partir da palavra (nome ou adjetivo) que gera o verbo. É o caso de *apinu* (pentear) e *kamenu* (conversar), por exemplo. Como vemos, os verbos *apinu* e *kamenu* apresentam um fonema {-n-}; mas este fonema já estava presente no nome *pina* (pente); *kamena* (conversa). Portanto, neste caso, ele não é um morfema verbalizador. Vejamos os exemplos:

(33)

Verbo	Nome	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica	Modo
1. Envelhecer <sup>25</sup>	Aduria (velho)	Aduriu	Aduri-	-u
2. Pentear	Pina (pente)	Apinu	Apin-	-u

<sup>23</sup> Onde “A” é tom alto e “B” é tom baixo.

<sup>24</sup> Esta formação foi descrita por Fargetti (2001; 120).

<sup>25</sup> Como vemos, essa formação também pode estar associada a adjetivos, muito embora esteja associada a nomes na maioria dos casos.

		(pentear) <sup>26</sup>		
3. Conversar	Kamena (reunião)	kamenu	Kamen-	-u
4. Florescer	Batxia (flor)	Batxiu	Batxi-	-u
5. Sangrar	Apeta (Sangue)	apetu	Apet-	-u
6. Engravidar	Imambĩa	imambĩu	-mambĩ-	-u
7. Brigar	Lakarika (briga)	lakariku	Lakarik-	-u

**(3.iv) Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais, mas com verbalizador nulo**

Há ainda outros verbos para os quais não parece haver uma base semântico-fonológica nominal ou adjetival e que possivelmente apresentam verbalizadores nulos. Dividimo-os a partir de sua terminação (uma vez que outra hipótese seria dizer que há morfemas verbalizadores vocálicos nestes casos). Vejamos:

(3.iv.a) Verbos terminados em {-a}

(34)

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
1. Correr (correr de alguma coisa)	Wãnã	
2. Chorar (por morte)	Yayaya (evento plural)	
3. Morrer	Etaa	
4. Boiar (mar sem onda)	Lãã	
5. Boiar (mar com onda)	Lãã uta	

<sup>26</sup> “Florescer” e “pentear” são os exemplos de Fargetti (2001, 120). No caso de “pentear”, temos a inserção do prefixo {-a-} para além da mudança final do nome (de {-a} para {-u}). Mas este é um morfema de mudança de valência que será discutido na seção posterior.

6. Boiar	Unta	
7. Curar	Pīna	
8. Casar	Ania	
9. Responder		awa
10. Perder/ desaparecer (objeto)	Lahua	
11. Derramar	Lapa	apa
12. Esconder		yaeta
13. Buscar		awa
14. Aparecer		Ekua
15. Abaixar cabeça		laputuka
16. Andar	pīpia	
17. Fazer		(a)Kīa
18. Fazer bonito	ūpiā	
19. Ferver	Kurakura	
20. Descansar	pīnā	
21. Sentar	Txuka	
22. Pegar/ Comprar		Ita/īwā
23. Apertar (louro)		dapīka
24. Apertar		‘hoku
25. Apertar		dahuka
26. Vomitar	Ena’ena	
27. Subir	Epa	
28. Ir (auxiliar)	Txa	
29. Ficar à toa	Pāpā kara	
30. Cair (para não aaminados/ não humanos)	Ala	
31. Engasgar	E’a	
32. Nascer	Sā	
33. Aparecer		Ekua
34. Triturar	Utxakā (utxākā)	
35. Respirar	Itiata	

36. Flechar		apina
37. Levar		Idjutxa
38. Amar/ gostar/ querer		a
39. Querer		sa
40. Procurar		(i)ka
41. Passar	Kara <sup>27</sup>	
42. Recordar	yaekua	
43. Custar		ibïa
44. Mandar		Ada
45. Parar		pina
46. Sair	Sã	

(3.iv.b) Verbos terminados em {-i}

(35)

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
1. Fumar/ beber		Awi
2. Torrar	U' i <sup>28</sup>	
3. Queimar	Txuxi	
4. Encher	Iti'i	
5. Beliscar	Ixãmi	
6. Tremer	Ari'ari	
7. Casar (sujeito masculino, fala feminina)	Iwae	
8. Rasgar		Lusi
9. Torcer	huli	
10. Afundar	Lamumi	amumi
11. Piscar	pumipumi	

(3.iv.c) Verbos terminados em {-i}

<sup>27</sup> Também ocorre como auxiliar em contextos continuativos (“João está passando”, por exemplo).

<sup>28</sup> Este verbo também é utilizado para dizer que a farinha foi pilada à mão, sem utilização da cuia (Lima V).

(36)

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
1. Estragar	Lãmĩmĩ	Lãmĩmĩ
2. Fritar	sĩrĩrĩ	
3. Cortar		Akĩrĩ
4. Encher	Itĩ'ĩ	
5. Rasgar		labikĩrĩ
6. Abaixar (coisa)		pĩrĩ (BA)
7. Quebrar (por dentro)	Lakĩrĩ	
8. Embrulhar (comida, para assar)	Upĩ	
9. Cavar		upĩ
10. coçar	kwĩkwĩ	
11. Contar		abĩ
12. Brincar	Wiwĩ	
12. Brilhar	Txirĩrĩ	

(3.iv.d) Verbos terminados em {-e}

(37)

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
1. assar	Ka'ẽ	
2. Virar um pouco	Bese	
3. Gritar	'e'e	
4. Nascer (gêmeos)	ẽ'ẽ	
5. Contar		udase
6. AJuntar		(l)ãhũme
7. Casar	Iwae	

## (3.iv.e) Verbos terminados em {-u}

(38)

Verbo em Português	Verbos em Juruna	
	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
1. Emagrecer (fala respeitosa)	Bikaru	
2. Torrar		Hunu/ ahūnu
3. Assoprar		Asu
4. Ter ciúme	ilawālu	
5. Levantar		ilāū
6. Levantar	mīsu	
7. Cozinhar		ĩwĩyũ
8. engravidar	Imambīu	
9. Criar/ Adotar		Imazu
10. Assustar	Edītu	adītu
11. Empurrar	Depu	
12. amarrar		apāyũ
13. Beijar	Itũ	
14. Voar	ilāū	
15. Matar/ Caçar		Abaku
16. Desabrochar	lataku	
17. Nascer	(l)ūbaru	
18. Desmaiar	Ikūdāũ	
19. Barbear	Akĩzu	
20. Vestir	A'u	
21. Encontrar	Du	
22. Entrar	'e'u	
23. Estar em pé	Mīsu	
24. Fugir	Eneũ	
25. Ter		Au

26. Menstruar	Meũ	
---------------	-----	--

Para além destes, temos ainda dois casos menos frequentes, que seguem abaixo:

### (3.v) Verbos a partir de posposições

(39)

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica		Verbalizador
1. Trazer junto	Djuwĩ	Dju (“com”, posposição)	Wi (vir, verbo)	∅

### (3.vi) Verbos formados a partir de outros verbos

(40)

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica		Verbalizador
1. Cortar lenha	akĩĩ txa	akĩĩ	Txa	∅

Vale ressaltar que a língua não apresenta verbo para “ser”, mas esta relação é expressa por uma construção genitiva, tal como já foi descrito por Fargetti (2001; 117). Vejamos um exemplo:

(41)

Maria ùlãmimi

Maria magra

Maria é magra (Lima V)

### 3.vii. Considerações finais da seção

Nesta seção apresentamos os processos de formação verbal da língua Juruna de um ponto de vista descritivo. Na parte II (análises), veremos que o processo de

formação verbal irá determinar o tipo de estrutura destes verbos. As características dos verbos (sua base semântico-fonológica e seu verbalizador) influirão nos processos de alternância e duplicação.

#### 4. Das alternâncias de valência

##### 4.i. Introdução

Vimos na seção (3) que as bases semântico-fonológicas dos verbos da língua Juruna são categorizadas através de verbalizadores. Contudo, o fato de um verbo ser intransitivo, transitivo ou ainda o fato dele poder sofrer mudança de valência (isto é, ser transitivo e poder ser intransitivizado ou ser intransitivo e poder ser transitivizado) é algo que decorre de outros processos morfossintáticos. Entre eles inclui-se:

##### (1) Prefixação de morfemas de valência:

(a) {a-} e {e-}/{l-}, transitivizador e intransitivizadores, respectivamente. Estes morfemas, tal como veremos adiante, podem co-ocorrer indicando a direção da formação do verbo;

##### Exemplo (42):

<i>a-kuhu</i>	(“esquentar”, verbo transitivo)
<i>e-ditu</i>	(“assustar”, verbo intransitivo)

(b) {ma-} e {ũ-}, morfemas causativizadores;

##### Exemplo (43):

<i>txuxi</i>	(“queimar”, intransitivo)
<i>Ma-txuxi</i>	(“fazer queimar”, causativo)

(2) Mudança de ordem entre verbalizador e a base semântico-fonológica (o que reitera o fato que os morfemas de valência sempre estão à esquerda da base semântico-fonológica do verbo);

##### Exemplo (44):

<i>akizu maku</i>	(“esverdear”, intransitivo)
-------------------	-----------------------------

*maku akizu* (“esverdear”, transitivo).

**(3) Supleção** (mudança completa da morfologia verbal em dois contextos: 1) alternância de valência; 2) pluralidade);

**Exemplo (45):**

*u'i* (“torrar”, intransitivo)

*hunu* (“torrar”, transitivo)

*ala* (“cair”, forma verbal neutra para número)

*etu* (“cair”, plural – muitos objetos ou pessoas caíram)

**(4) Alternância *labile*** (mesma forma verbal para intransitivos e transitivos; por exemplo “break”, em inglês [Piñón 2001]);

**Exemplo (46):**

*Ikupenu* (“fechar”, transitivo e intransitivo)

Dentre estes processos de valência, podemos fazer a distinção entre dois grandes grupos: as alternâncias simples e as complexas. A seguir, esclareceremos a terminologia que será usada no texto:

**1. Transitivização:** processo de formação de verbos transitivos a partir de uma raiz verbal que ainda não apresenta informação sobre sua valência;

**2. Intransitivização:** processo de formação de verbos transitivos a partir de uma raiz verbal que ainda não apresenta informação sobre sua valência ou que seja transitiva;

**3. Alternância transitivo-incoativa** (ou alternância simples) (Hale & Keyser 2002): são os casos como ‘o vaso quebrou (incoativa)’/ ‘João quebrou o vaso’ (transitivo). Processo segundo o qual um verbo intransitivo passa a transitivo.

**4. causativização** (ou alternância complexa) (Hale & Keyser (2002; 108); Levin & Rappaport-Hovav (1995; 293), Harley (1996)): ‘o vaso quebrou’/ João fez o

vaso quebrar’. Processo segundo o qual um verbo intransitivo passa a transitivo através da inserção de um *causee* (*argumento causador, ou agente*);

Esta seção mostrará que os processos de valência não só alternam a valência como também podem modificar parcialmente a semântica do verbo. Contudo, esta mudança semântica ocorre no interior de um campo semântico restrito de acordo com os traços da raiz verbal. Vejamos:

(47)

- |     |          |    |     |     |      |
|-----|----------|----|-----|-----|------|
| (a) | Cortar:  |    | -a- |     | kĩrĩ |
| (b) | Quebrar: | l- | -a- |     | kĩrĩ |
| (c) | Rasgar:  | l- | a-  | bĩ- | kĩrĩ |

Outro exemplo deste fato pode ser observado com os casos de causativização:

(48)

- |     |                  |            |
|-----|------------------|------------|
| (a) | Ficar com febre: | a-ku-hu    |
| (b) | Esquentar:       | i-ma-ku-hu |

É fato que alguns verbos podem apresentar propriedades semelhantes em relação à morfologia da base semântica-fonológica. Isso indica que os verbos podem ser agrupados por propriedades semânticas comuns. O que os diferencia nestes casos são os núcleos funcionais associados às raízes. Vejamos:

(49)

- |             |   |
|-------------|---|
| (a) Queimar | raiz: txu (txuxi);  |
|             | <b>Núcleos funcionais:</b> fonologicamente nulos.                                 |
| (b) Assar   | raiz: txu (atxuhu);   |
|             | <b>Núcleos funcionais:</b> a- (transitivizador), h-<br>(verbalizador), u- (modo). |

Vejamos a seguir os processos de atribuição e mudança de valência na língua Juruna.

#### 4.ii. Processos de mudança de valência na língua Juruna

4.ii.a Transitivização com o morfema {a-}

(50)

<b>Verbo português</b>	<b>em</b>	<b>Transitivizador</b>	<b>Raiz</b>	<b>Verbo em Juruna</b>
Esquentar		a	-ku-	akuhu
Incomodar		a	-ba-	Abahu
Beber (alcoólico)		a	-re-	Arehu
Cortar		a	-kīrī	Akīrī (Kīra/ kīrī)
Arranhar		a	-txa-	Atxatxaku
Assoprar		a	-su	Asu
Responder		a	-wa	awa
Fumar/ beber		a	wi	Awi
Atirar		a	-pī	Apī
Assar		a	-txu-	Atxuhu
Quebrar		a	-pi-	Apiku
Quebrar		a	-pi-	Apidu
Descer/ sentar		a	-bī-	abiku
Cobrir		a	-pau-	apauku
Apertar		a	-hu-	Ahuku (Tom: BAB)
Embrulhar		a	-hu-	Ahuku (Tom: BAA)
Morder		a	-txu-	atxu
Assustar		a	-dī-	Adītu
Cavar		a	-pī	Apī
Lembrar		a	-kua	(i)aequa
Descascar		a	-sa	asaku
amarrar		a	pāyū	apāyū
Colocar		a	-me	Ameku
Matar		a	-ba -dikāũ	Abaku Adikāũ

Barbear	a	-kī-	akīzu
Depilar	a	-pe-	Apedu
Flechar	a	-pina	apina
Roçar	a	-txa-	atxadu

Como podemos observar a partir da tabela (50) os morfemas de valência – no caso da tabela (50) morfema {a-} de transitivização - são prefixados a uma raiz verbal sem valência. Isto significa que o morfema de valência incide sobre uma raiz com informação semântica e fonológica (da base semântico-fonológica) e categorial (devido aos verbalizadores). A consequência imediata desta afirmação é o fato que os verbos podem ser transitivizados ou intransitivizados a partir de uma raiz sem informação de valência o que contraria qualquer hipótese que postule que os verbos são originalmente intransitivos ou transitivos.

Se tomarmos, por exemplo, o verbo *abaku* (“matar”, transitivo), veremos que inicialmente temos apenas uma base semântico-fonológica – {-ba-} – à qual é adicionado um morfema verbalizador, ou seja, que a torna um verbo – {-k-} – para então ser adicionado a esta raiz ({-bak-}) um morfema de valência, no caso, transitivo formando *abak-*. Assim como se tomarmos como exemplo o verbo *editu* (“assustar”, intransitivo), temos inicialmente uma base semântico-fonológica – {-dī-} – a qual é adicionado um morfema verbalizador, ou seja, que a torna um verbo – {-d-} – para então ser adicionado a esta raiz ({-dīt-}) um morfema de valência, no caso, intransitivo {-e} formando *edit-*.

Além deste processo de atribuição de valência há o processo de mudança de valência. Na tabela a seguir (51), veremos os casos de verbos transitivos que podem ser intransitivizados:

(51)

Verbo <sup>29</sup>	Intransitivizador	Transitivizador	Raiz	Verbo
Estragar	L	a	-mīmī	lāmīmī
Apagar	L	a	mi-	Lamihu

<sup>29</sup> Vale lembrar que essa tabela não contempla os verbos que apresentam /l/ como fonema pertencente à raiz lexical. Por exemplo, “brigar” é *lakariku*; “briga” – nome a partir do qual deriva “brigar” - é *lakarika*. Ou seja, estes {l-} e {-a-} não são os morfemas de mudança de valência, mas fazem parte da raiz do nome e, por conseguinte, da raiz do verbo.

Perder	L	a	-hua	Lahua
Rir	L	a	-kariari-	Lakariariku
Abaixar	L	a	-beri-	Laberiku
Quebrar (por dentro)	L	a	-kīrī	Lakīrī
Estourar	L		-udja-	Ludjaku
Quebrar	L	a	-pi-	Lapiku
Afundar	L	a	mumi	Lamumi
Arranhar	L	a	-txatxa-	latxatxaku
Rachar	L	a	-pi-	Lapidu
Quebrar (um pedaço)	L	a	-ta-	Lataku
Pentear	L	a	-pi-	Lapinu
Rasgar	L	a	-bikīrī	Labikīrī

Assim como os verbos podem ser originalmente intransitivizados, tal como vemos a seguir:

(4.ii.b) Intransitivização (a partir de raiz sem valência ou a partir de transitivos que não são formados com {a-})

(52)

Verbo	Intransitivizador	Raiz	Verbo
Fritar	L	-usīrī <sup>30</sup>	Lusīrīrī
Boiar (mar sem onda)	L	-ãã	Lãã
Boiar (mar com onda)	L	-ãã uta	Lãã uta
Mergulhar	L	-ããuru-	Lããurutu
Rasgar	L	-usi	Lusi
Rachar	L	-udja-	Ludjaku

<sup>30</sup> Para o prosseguimento da pesquisa investigaremos se nestes casos (principalmente tendo em mente verbos como 1, 5, 6, 8, 9 e 10) o fonema {u} após o intransitivizador {-l-} não é um morfema transitivizador como {a-} como vimos em (50).

Assustar	E	-dī-	Edītu
machucar	E	-du-	Duku
Partir no meio	L	-upabī-	Lupabīku
Nascer	L	-ūbar-	lūbaru

Visto isso, podemos seguir a descrição de outros processos de transitivização na língua. A saber:

(4.ii.c) Transitivização por mudança de ordem (verbalizador+ raiz)

Vimos na seção (3) que há verbos de adjetivais que são formados por inserção de um verbalizador pós-adjetival (base semântica-fonológica + *maku*). Nestes casos, quando o verbo passa a ser transitivo, o verbalizador ocorre à esquerda da base semântica-fonológica do verbo (no caso, um adjetivo). Observamos que, quando o verbalizador *maku* é pós-adjetival, o verbo é utilizado em construções intransitivas; quando ele é pré-adjetival, ele é utilizado em construções transitivas. Sendo assim, é possível hipotetizar que os verbos intransitivos de adjetivais formados por *maku* têm um morfema de valência intransitiva fonologicamente nulo (considerando que os morfemas de valência são sempre prefixais e as formas intransitivas destes verbos não apresentam um morfema de intransitividade) e que no caso dos verbos transitivos o verbalizador move à esquerda para ocupar a posição de transitivizador, tal como vemos abaixo:

(53)

			Verbo transitivo		
Verbo	Adjetivo	Verbo intransitivo	Verbalizador	Base semântica-fonológica	Forma final
Clarear	ikībe	ikībe maku	Maku	ikībe	maku ikībe
Amarelar	yūpī	yūpi ) maku	Maku	yūpī	māku yūpī
Ter preguiça	Ipadjihu	ipadjihu	Maku	ipadjihu	Maku ipadjihu

#### (4.ii.d) Transitivização complexa

Existem três processos de transitivização complexa: {ada} (forma livre) para transitivos, {ma-} e {ũ-} (prefixos) para intransitivos, descritos por Fargetti (2001). O morfema {ada} pode ocorrer com todos os verbos que são transitivos e não apresenta restrições para grupos de transitivos - podendo ocorrer, portanto, com verbos unitransitivos e bitransitivos, mas não com verbos intransitivos. Os morfemas de alternância complexa {ma-} e {ũ-}, por sua vez, têm três propriedades importantes:

- 1) São afixados diretamente na raiz do verbo (isto é, não co-ocorrem com morfemas transitivizadores ou intransitivizadores);
- 2) Quando eles ocorrem, há concordância entre o objeto da sentença e o verbo;
- 3) Só ocorrem com verbos intransitivos; verbos inacusativos (que permitem alternância simples) são causativizados por {ma-}; verbos inergativos são causativizados por {ũ-}.

Vejam os exemplos de cada morfema citado:

Tabela (54): verbos que causativizam com {ma-}<sup>31</sup>

<b>Verbo em Português</b>	<b>Verbo em Juruna</b>	<b>Morfema de causativa</b>	<b>Causativa</b>
1. Emagrecer	Ulami	Ma	malami
2. Esquentar	Akuhu	Ma	makuhu
3. Dormir	iyu	Ma	mai'u
4. Pilar	utxaku	ma	mautxaku
5. Engrossar	Kudukudu maku	Ma	Makudukudu
6. Queimar	Txuxi	Ma	Matxuxi
7. Esquentar	kuhu	ma	Makuhu
8. Encher	Iti'i	ma	mat'i
9. Cegar	Iseaũ	Ma	maseãu

<sup>31</sup> A morfologia de concordância preposta ao causativizador é freqüente, mas pode não ocorrer.

10. Doer	Iwadi	Ma	mawadi
11. Arder	adiaadia	Ma	maadi
12. Ter ciúme	ilawālu	Ma	malawālu
13. Sumir	Lahua	ma	mahua
14. Esquentar	Kuhu	Ma	makuhu
15. sujar	Kaipa'i	Ma	makaipa'i
16. sujar	bidiku	ma	mabidiku
17. Entristecer	e)'uhu) maku	Ma	māe)'u)hu)
18. Secar	txuratxu	Ma	matxuratxu
19. Alisar	arīru	Ma	marīru
20. Desaparecer (objeto)	Lahua	Ma	mahua
21. Subir	Epa	Ma	maepa
22. Molhar	'uru	Ma	ma'uru
23. sonhar	e'elu	ma	ma'e'elu
24. desaparecer	Etikāũ	ma	maetikāũ
25. Afundar	Lamumi, amumi	Ma	maamumi
26. Piscar	Ipumipumi	ma	mapumipumi
27. Varrer	Putiku	Ma	maputiku
28. Esfriar	Itxiaku	Ma	matxiaku
29. Desabrochar	Itanhu	ma	matanhu
30. Desmaiar	Ikūdāũ	Ma	makudāũ
31. Engordar	Atxūã maku	Ma	matxūã

Tabela (55): verbos que causativizam com {ũ-}

Verbo	Verbo	Morfema causativa	de	Causativa
1. Emagrecer (fala respeitosa)	Bikaru	ũ		ũbikaru

2. Correr	Tahu wãna	ũ	ũtahu
3. Espirrar	Axi' axi	ũ	ũaxiaxi
4. Banhar	(e)taeta	ũ	ũeta'eta
5. Curar (remédios)	Pĩ~na	ũ	ũpĩna
6. Rasgar	Lusi	ũ	ũsi
7. Ter preguiça	ĩpadjihu Maku ĩpadjihu	ũ	ũpadjihu
8. Rir	Lakarikada lakariku	ũ	ũlakariku
9. Acordar	Paku	ũ	ũbaku
10. Andar	Puduku	ũ	ũpuduku
11. Dançar	Karia	ũ	ũkaria
12. Tossir	ese'ese	ũ	ũese'ese
13. Vomitar	Ena'ena	ũ	ũena'ena
14. Virar um pouco	Bese	ũ	ũbese
15. Virar completamente	Txuruku	ũ	ũtxuruku
16. Desaparecer (pessoa)	maetikãu®	ũ	ũmaetikãu®
17. gritar	azahaha	ũ	ũazahaha
18. Descançar	Panã	ũ	ũpanã
19. Brilhar	Txiĩĩĩ	ũ	ũtxiĩĩĩ
20. Ferver	Kurakura	ũ	ũkurakura
21. Falar/ conversar	Reunir-se/ Kamenu	ũ	ũkamenu
22. Deixar bravo, irritar	Mayũ	ũ	ũmayũ
23. Fazer bonito	pĩa	ũ	ũpĩa

#### 4.iii. Da duplicação verbal: descrição do processo

É interessante iniciarmos apresentando algumas características da duplicação na língua Juruna:

- 1) A duplicação pode estar associada a dois tipos de interpretação de plural de eventos: 1) múltiplos eventos realizados por um único sujeito (por exemplo, uma única pessoa pilou muitas vezes – *padaku* > *padakadaka* (verbo duplicado no modo *irrealis*) – ou um único sujeito fumou muitas vezes – *awi* > *awiwi*); 2) plural de eventos realizados por múltiplos sujeitos (por exemplo, muitas pessoas pilaram muitas vezes – *padaku* > *padadaku* (verbo no modo *realis*) ou ainda muitas pessoas fumaram muitas vezes – *awi* > *awiwi*). O exemplo do verbo “pilar” (*padaku*) levanta a questão que um mesmo verbo pode duplicar de formas diferentes e ter significados semânticos diferentes, portanto. Por outro lado, vemos com o exemplo do verbo “fumar” (*awi*) que a duplicação pode ter uma única forma para duas interpretações semânticas diferentes. Em outras palavras, os verbos da língua Juruna serão duplicados de acordo com restrições impostas pela base semântica-fonológica e pelo verbalizador<sup>32</sup>.
- 2) Nem todos os verbos da língua duplicam. Novamente, as propriedades das raízes serão determinantes para o fato de um dado verbo duplicar ou não. Vejamos abaixo alguns outros exemplos de verbos duplicados:

(56)

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Duplicação
Banhar	(e)taeta	etaetaeta
Dormir	iyu	I’a I’a
Torrar	U’ i / hunu	hunãhunã
Cortar	Akĩrĩ (kĩrĩ)	Kĩrĩkĩrĩ / akĩrĩkĩrĩ
Assoprar	Asu	Asusu
Ficar com febre	Akuhu	akukuhu
Espirrar	Axiaxi	axiaxi
Fumar/ beber	(A)wi	Wiwi (awi-wi)
Bater	djidaku	Djidaidaku

<sup>32</sup> As variadas formas de duplicação verbal e suas respectivas restrições e interpretações semânticas serão temas de estudo do meu trabalho de doutorado que versará sobre questões de semântica que inicio a discutir aqui.

Comer	ixu	ixiixi
Rir	lakariku	Lakariariku
Descer/ sentar	abiku	abikaabika
Estourar	Ludjaku, udjaku	Ludjaudjaku
sangrar	Apetu	apetapeta
Fritar	lūsīrīrī	lūsīrīsīrīrī
Pilar	Padaku	padadaku
Incomodar	Abahu	abahabaha
ter preguiça	Ipadjihu	padjihadjiha
ter saudade	Elu	Ela'ela
Partir	pabiku	Pabīpabīku
Pintar	u@ka ka	Ukauka Kaka
mexer	Iukukutu	iukukutakuta
Pular	pīrīku	Pīrīrīku
acabar	Masehu	Maseasehu
perder	Imahua lahua	Imahuahua lahuahua
Ver	Izaku	izakazaka
Alisar	arīru	Rīrarīra
Tossir	ese'ese	eseeseese
cozinhar	wīnhū	Wiyāwiyā
Molhar	'uru; i'uru	i-'u-'u-ru
Morder	atxu	Atxutxu; atxutxutxu
Assustar	Yadītu	Yadiadi-tu Iadītadīta
Cavar	Upī	upīpī
Trabalhar	kuperi	kuperiperi
pescar	Pīdīku	pīdīdīku
pescar	Kīhu	kīhuhu
Brigar	lakariku	lakarikari
pescar	Pīrīku	pīrīrīku

cegar	seãũ	seãũseãũ
emagreecer	epĩ	epĩepĩ
emagreecer	Bikaru	bikarukaru
emagreecer	ũlãmi	ũlĩlãmi
arranhar	Latxatxaku	Latxatxakatzaku/ latxatxakatzaka
mergulhar	Laurutu	lauruurutu
abraçar	Abĩ	abĩbĩ
limpar	diãidjiku	diãidjidiku
varrer	Pĩtxiku	pĩtxitxiku
beliscar	ixãmi	ixixãmi
escorregar	Pixaku	pixakaxaka
doer	Iwadĩ	iwadĩwadĩ
curar	ikũ	ikũikũ
curar (melhorar)	pĩnã	pĩnapĩna
arder	Adi	adĩadĩa
curar	Ibitxudu	ibitxuitxudu
tremer	Ari'ari	Ari'ari'ari
fechar	Ekupenu/ ikupenu	ekupenapena
afundar	Lamumi	lamuamumi
parir	Matiã	matimatia
torcer	Ihuzi	ihuhuzi
abandonar	Iuwa	wiwuwã
adoçar	Imaetxaku	imaetxatzaku
machucar	Duku	Dudu-ku
atirar	Apĩ	apĩpĩ
Cair	Bĩdĩtu	Bĩdĩdĩdi-ta Bidĩdĩ-tu
Cair	Etu	Ètu-tu
Descascar	asaku	Asasa-ku asakasaka

partir/rachar	pabiku	Pabī-pabī-ku
lavar	daku	Idaida-ku
levantar	Mīsu	mīsasa
Puxar	Dedu idea	dedudu
enfeitar	unka	unkaunka
fazer	wanu	Wa-wa-nu
pular	Pīrīku	Pīrīpīrī-ku
amarrar	apānhu	apāpānhu/ pānhapānha
sonhar	e'elu	E'ela'ela
remar	uruku	Ururu-ku/ urukaruka
Rachar	Lapīdu; apīdu	Lapiapīdu/ Apiapīdu
Desabrochar	Itanhu	Itanhatanha
Nascer	Sā	sāsā
Falar/ conversar	Reunir-se/ Kamenu	kamenanena
Boiar	Unta	untaunta
Casar	Iwai	iwaiwai
casar	Apīa	apīapīaku
casar	imenū	imeimenū
Encontrar	Du	Dudu
Flechar	Pi	Pipi
Responder	Awa	awawa
Dar	Kua/ Upīku	Upīpīku
Chover	Amana ala	Amana ala'ala
Construir	Mamaku	Mamaku anaana
Fazer (beiju)	Ipuku	Pupuku/ Upapukapuka
Rasgar	(l)ūsī	(l)ūsīsī
perseguir/ seguir	Uatxuku	uatxukatxuka
Levantar	Ināū ilāū	Ināūnāū ililāū

Fazer	Kariku	karikarika
Contar	abī	Abībī
Encher	Itī'ī	Itī'itī'ī
Emudecer	iwāũ	iwāiwāũ
Cheirar	I'a	I'i'a
Apagar	Amihu	amimihu
Passar	Kara	karakara
Pegar	pīdīku	Pīdīdīku
Lembrar	yaekua	yaekuakua
Sentar	Txuka	Txutxutxuka
Costurar	Iparaku	ipararaku
Fazer	inhū	Inha inha
Assar	Ka'ē	Ka'ē ka'e
Engravidar	Imambūu Lapīku	Imambūimambūu Lapīapīku
Plantar	Katu	Kataka
Quebrar	Apidu	Apiapidu
Ver	zaku	Zakazaka
Dançar	karia	kariaria
Deitar	Maku	Makaka
Ir	Txa	txatxa
Cantar	Abīa	abīabīa

- 3) Os verbos que não duplicam aparecem com núcleos aspectuais ou com verbo auxiliar nos contextos de pluralidade de eventos. Por exemplo:

(57)

Caminhar	Puduku	Puduku txa *pududuku *pudukuduku
----------	--------	--

- 4) Há verbos que sempre ocorrem duplicados. Estes verbos - originalmente duplicados - são formados da mesma forma que os verbos duplicados *a*

*posteriori*. Isto é, a parte destes verbos que duplica é a parte da base semântica-fonológica, não os núcleos funcionais:

(58)

Verbo	Verbo	Segmentação do verbo duplicado desde o léxico
Estragar	Lãmĩmĩ	La-mi-mi
Espirrar	Axi'axi	Axi-axi
Roubar	Pa'ia'ia	Pa-ia-ia
Fritar	Lusĩrĩrĩ	Lusĩ-rĩ-rĩ
Arranhar	Atxatxaku	Atxa-txaku
Mergulhar	Lããuruurutu	Lãã-uru-uru-tu
Tremer	Ari'ari	Ari'ari
Arder	adiaadia	Adia-adia
Pescar	pĩdĩdĩku	Pĩ-dĩ-dĩ-ku
Ferver	Kura'kura	Kura-'kura
Tossir	ese'ese	ese'-ese
Vomitar	Ena'ena	Ena'-ena
Rir	Lakariku Lakariariku	Lakari-ariku
chorar	yayaya	Ya-ya-ya
çoçar	Ata'ata	Ata'-ata
mentir	yaridjaridja	Yaridja-ridja
Fazer	pĩpĩku	Pĩ-pĩku
sonhar	e'elu	e'-e-lu
gritar	azahaha	Azaha-ha
Mexer	Iukukutu	Iukukutu
Parir	Matimatia	Mati-mati-a
Arranhar	Zatxatxaku	Za-txa-txa-ku
Piscar	Ipumipumi	Ipumi-pumi
Limpar	Itxiitxiku	Itxi-itxiku
Ferver	Kurakura	Kura-kura

Amarrar	Panhapanha	<b>Panha-panha</b>
Engatinhar	Txixiku	<b>Txi-txi-ku</b>
Pentear	Napiapinu	<b>Napiapinu</b>
Construir	Mamaku	<b>Mamaku</b>
Desenhar	mamaku	<b>mamaku</b>
Escrever	waxīwaxī	<b>waxīwaxī</b>
Amarrar	ipīpīku	<b>ipīpīku</b>
Chupar	Itūtū	<b>Itūtū</b>
Explodir	Pararaka	<b>Pararaka</b>
Misturar	Yukukutu	<b>Yukukutu</b>

5) Finalmente, vale salientar, tal como dissemos anteriormente, que não são duplicados os morfemas de mudança de valência, morfema de modo ou o verbalizador. O verbo *pīdiku*, por exemplo, apresenta duplicação da base semântica-fonológica (*pīdidiku*), mas não a de seus núcleos funcionais (o verbalizador (-k-) e o morfema de modo {-u}<sup>33</sup>).

#### 4.iv. Do fenômeno da supleção

O fenômeno da supleção verbal está associado a duas funções na língua Juruna:

1) pluracionalidade de eventos (inergativos e transitivos) e 2) mudança de valência (inacusativos). Vejamos:

(59)

Verbo em Português	Verbo em Juruna		
	Forma verbal 1	Forma verbal 2	Função
Andar/Correr	Tahu	Wānã	Pluralidade

<sup>33</sup> Há casos em que há a ocorrência do fonema {-u}, sem que ele seja o morfema de modo. Nestes casos ele faz parte da base semântica-fonológica do verbo. Por exemplo, no caso do verbo *itutu*, o {-u} é duplicado porque é um fonema que faz parte da base semântica-fonológica.

Cair	Ala (um objeto/ pessoa)	Etu (muitos objetos/ pessoas)	Pluralidade
Chorar (por morte)	E'a	Yayaya	Pluralidade
Colher (banana, ovo de tracajá, cacho de inajá (palmeira))	Yaku	amẽ	Pluralidade
Colocar (uma única coisa)	'a'u	Ameku	Pluralidade
Dar	(i)kua	Upiku	Pluralidade
Derrubar	Daïku	daraku	Pluralidade
Engravidar	Imambïu	lapiku	Pluralidade
lavar	(i)tutu	aututu	Pluralidade
Matar/ Caçar	Abaku	Adikãũ	Pluralidade
Pegar/ Comprar	Ita	ïwã	Pluralidade
Pentear	Itxiaku	ãpiapinu	Pluralidade
Torrar	U' i	hunu	Mudança de valência
Voar	ãũ	ebataku	Pluralidade

#### 4.v. Da alternância *labile*

(60)

Verbo	Verbo intransitivo	Verbo transitivo
Sangrar	Apetu	apetu
Acabar	Masehu	masehu
Fechar	Ikupenu	ikupenu
Roçar	atxadu	atxadu

#### 4.vi. Considerações finais desta seção

Nesta seção apresentamos os processos de atribuição, mudança de valência e duplicação na língua Juruna. Observamos que os morfemas de valência são sempre prefixais. Há ainda outros processos responsáveis por questões de valência na língua: a

supleção e a alternância *labile*. Vale ressaltar que o fenômeno da supleção, por exemplo, está associada a mais de uma função na língua: pluralidade de eventos e mudança de valência. Sabemos qual função a supleção está exercendo em cada verbo justamente pelo tipo de classe ao qual um determinado verbo pertence. Um verbo inergativo (*tahu/wānã* – “correr”), por exemplo, não sofre alternância simples. Dessa forma, se ele não pode passar de um verbo intransitivo para transitivo, conclui-se que a supleção não promove a mudança de valência deste verbo, mas que neste caso ela tem a função de indicar pluralidade de eventos. Como vemos, a compreensão e divisão das classes verbais da língua Juruna é um processo essencial da pesquisa para a compreensão de fenômenos sintáticos e semânticos da língua. Finalmente, apresentamos a duplicação verbal que é um processo fundamental para a quantificação na língua Juruna. Veremos na parte II uma análise desse fenômeno assim como dos demais processos descritos na parte I.

# PARTE II:

## *análises*

**Capítulo I:            Dos verbos: formação, valência, voz e duplicação**

**1.i.    Introdução**

Este capítulo trata da formação dos verbos e das conseqüências que as restrições dos núcleos verbais (V1 e V2) associados às raízes verbais (R) operam na língua. Desta perspectiva, este capítulo tratará dos seguintes temas:

- Formação das raízes verbais
- Formação dos verbos
- Atribuição e mudança (alternâncias) de valência
- Atribuição e mudança de voz
- Duplicação

Com exceção dos temas (1) e (2) que versam sobre a formação dos verbos *per se*, todos os outros tópicos que serão abordados tratam das restrições que uma raiz verbal impõe para a estrutura argumental de um verbo e seus processos morfológicos.

Na parte I deste trabalho apresentamos os 18 processos de formação verbal da língua Juruna, a saber:

### **Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais**

#### **(1 a 5)**

- (1) Verbos formados com {-h-}
- (2) Verbos formados com {-k-}
- (3) Verbos formados com {-d-}
- (4) Verbos formados com {-t-}
- (5) Verbos formados com {-n-}

### **Verbos a partir de adjetivos**

#### **(6 e 7)**

- (6) Formação de verbos deadjetivais a partir do verbalizador {maku}
- (7) Formação de verbos deadjetivais a partir de verbalizador fonologicamente nulo

### **Verbos a partir de nomes**

#### **(8 a 11)**

- (8) Formação de verbos denominais a partir de fusão entre verbalizador e objeto
- (9) Formação de verbos denominais a partir de verbalizador nulo
- (10) Formação de verbos denominais a partir de mudança tonal
- (11) Formação de verbos denominais a partir do sufixo {-u}

**Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais, mas com verbalizador nulo (12 a 16)**

(12) Verbos terminados em a<sup>34</sup>

(13) Verbos terminados em i

(14) Verbos terminados em ĩ

(15) Verbos terminados em e

(16) Verbos terminados em u

**Verbos a partir de preposições (17)**

**Verbos formados a partir de outros verbos (18)**

Vimos que a inserção de verbalizadores é sufixal em contrapartida aos morfemas de valência, que são prefixais. Enquanto aqueles categorizam a base semântico-fonológica para que ela passe a ter propriedades verbais, estes determinam quantos e quais argumentos podem ser associados a um verbo. Os processos de valência em Juruna podem ser sintetizados da seguinte forma:

**1. Verbos com morfema de modificação de valência fonologicamente explícito**

Formação de intransitivos

Tabela (1)

Seqüência de morfemas para formação dos verbos				Exemplos
Intransitivizador	Transitivizador	Base semântico-fonológica	Verbalizador	
L-	-----	Base semântico-fonológica	verbalizador	L-udjaku (estourar)

<sup>34</sup> Vale reiterar que em primeira análise não hipotizamos que estas vogais sejam morfemas verbalizadores, mas antes que sejam fonemas que compõem a base semântico-fonológica do verbo. Esta base semântico-fonológica, por sua vez, está associada a um verbalizador fonologicamente nulo.

L-	-a-	<b>Base semântica-fonológica</b>	verbalizador	L-a-hua (perder/ sumir)
E-	-----	<b>Base semântica-fonológica</b>	Verbalizador	Edïtu

Formação de transitivos

Tabela (2)

Seqüência de morfemas para formação dos verbos			Exemplos
Transitivizador	Base semântica-fonológica	Verbalizador	
-a <sup>35</sup>	<b>Base semântica-fonológica</b>	verbalizador	A-pi-ku (quebrar)
Maku	<b>Base semântica-fonológica</b>	Verbalizador (movido ou não)	yũpĩ maku (“amarelar”, intransitivo)/ Maku yũpĩ (“amarelar”, transitivo). Ikĩbe (“clarear”, intransitivo) /Maku ikĩbe (“clarear”, transitivo).
{ma-}	<b>Base semântica-fonológica</b>	Verbalizador	Txuxi (“queimar”); ma-txuxi (“fazer queimar”).
{ũ-}	<b>Base semântica-fonológica</b>	verbalizador	Ena’ena (“vomitar”); ã-ena’ena (“fazer vomitar”)

<sup>35</sup> Como vimos na parte I deste trabalho, há verbos transitivos que podem ser intransitivizados com {l-}, mas não são todos os verbos com o morfema {a-} que realizam esse tipo de alternância.

## 2. Verbos com morfema de atribuição/ modificação de valência fonologicamente nulo<sup>36</sup>

Tabela (3)

Seqüência de morfemas para formação dos verbos				Exemplos
Intransitivizador	Transitivizador	Base semântica-fonológica	Verbalizador	
∅	∅	Base semântica-fonológica	verbalizador	Ikupenu (fechar)
----- <sup>37</sup>	∅	Base semântica-fonológica	verbalizador	Ixu (comer)
∅	-----	Base semântica-fonológica	verbalizador	Pĩriku (pular)

## 3. Mudança de valência por supleção

Tabela (4)

Forma intransitiva	Forma transitiva
U'i (torrar)	Hunu (torrar)

Em suma, podemos sistematizar a formação de verbos da língua Juruna da seguinte forma:

- 1) Desconsiderando o processo de supleção, que não deixa clara a direção de mudança em relação à valência, os verbos intransitivos da língua podem partir de um verbo transitivo, mas não há casos que evidenciem o contrário. Isto é, temos {la-} – {l-}, intransitivizador e {a-} transitivizador -, mas não \*{al-}.

<sup>36</sup> Também conhecido na literatura como processo de derivação zero (Hale & Keyser 2002; 12)

<sup>37</sup> Esta seqüência de traços indica que há verbos em Juruna que não apresentam uma contraparte intransitiva.

- 2) Os processos de formação de verbos transitivos a partir de raízes com traços de verbos intransitivos só ocorre com os morfemas {ma-} e {ũ-}, que são os responsáveis pela alternância complexa da língua.

Feito o resumo inicial das questões relativas à formação e valência verbal em Juruna, pretendemos retomar as discussões que a literatura gerativista apresenta sobre a formação dos verbos, principalmente no que compete à proposta de Hale & Keyser (1993; 2002). Apresentaremos os verbos da língua Juruna e colocaremos algumas questões que discutiremos neste capítulo:

- 1) Qual a natureza das raízes formadoras dos verbos?
- 2) Qual a função dos verbalizadores que se unem à parte lexical (base semântica-fonológica) das raízes?
- 3) Como é o processo de formação estrutural dos verbos da língua Juruna?
- 4) Quais conseqüências a formação dos verbos acarreta para a sintaxe desta língua?

Neste capítulo serão utilizados alguns termos que serão explicitados a seguir:

- **Conflation:** este é um processo proposto por Hale & Keyser (2002), baseados no processo de incorporação de Baker (1988). Ele pode ser resumido em um processo de fusão entre dois núcleos funcionais ou entre um núcleo e seu complemento. Este conceito será utilizado tanto para o processo de formação de raízes como no processo de atribuição de valência. Para uma definição literal de Hale & Keyser, retomamos a seguinte passagem: “*the process according to which the phonological matrix of the head of a complement C is introduced into the empty phonological matrix of the head that selects (and is accordingly sister to) C*” (2002; 13).
- **Inergativo:** um verbo inergativo tem como propriedade fundamental a não realização de alternância transitiva simples. Isto significa dizer que este tipo de verbo não projeta argumentos internos, mas apenas argumentos externos ([<sub>VP</sub>[João] <sub>VP</sub>correr]). Estes verbos, quando realizam alternância complexa, são causativizados por {ũ-}.

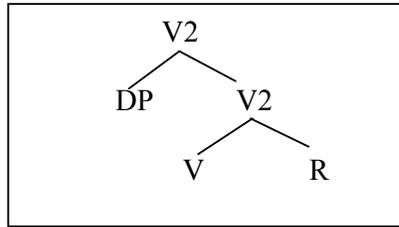
- **Inacusativo:** um verbo inacusativo tem como propriedade fundamental a realização de alternância transitiva simples. Isto significa dizer que este tipo de verbo projeta argumentos internos ( $_{VP}[\text{virar barco}]$ ). Quando este verbo está em uma derivação de sentença intransitiva, o argumento interno é movido para a posição de sujeito ( $[_{VP}[\text{barco}_i] \text{VPvirar } t_i]$ ); caso contrário, se utilizado em uma derivação de sentença transitiva, o argumento interno não move, permanece *in situ* e outro argumento é gerado na posição de sujeito ( $[_{VP}[\text{chuva}] \text{VPvirar barco}]$ ). Estes verbos, quando realizam alternância complexa, são causativizados por {ma-}.
- **Transitivo:** um verbo transitivo é o verbo que projeta ambos o argumento interno e o externo sem movimento do argumento interno para posição de sujeito ( $[_{VP}[\text{Eu}] \text{VPcomer bolo}]$ ). Estes verbos, quando realizam alternância complexa, são causativizados por verbos como *ada* (“mandar”).

### 1.ii. Formação de raízes

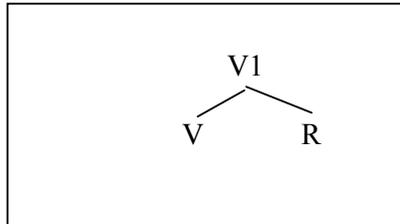
Para compreender a sintaxe sentencial de uma língua - isto é, a estruturação dos verbos e seus respectivos argumentos e núcleos funcionais – é necessário compreender as configurações sintáticas de seus itens lexicais. Com isto estamos dizendo que não apenas as sentenças têm estrutura, mas também que um item que compõe as sentenças, como o verbo, também é formado de forma hierárquica e estrutural. As configurações sintáticas de um item lexical é o que se convencionou chamar na literatura de estrutura argumental (Hale & Keyser 2002; 1). Dizer que tudo na linguagem é estrutural é uma forma de unificar o tratamento da geração de sentenças no cérebro, tornando o processo mais econômico. Isto acarreta dizer que ao invés de propor que existem diversos processos diferentes para a formação de sentenças e de itens lexicais, temos uma regra de base (segundo a qual a linguagem é toda composta por estruturas binárias e hierárquicas) para a formação desde as palavras até as sentenças.

Para que seja formado um verbo, da perspectiva de Hale & Keyser (2002), é necessário que haja uma raiz (R) e um núcleo verbal (V). Tal como vemos abaixo:

(5)



(6)



A raiz é de vital importância, uma vez que ela carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo. Serão as propriedades da raiz, por exemplo, associadas às propriedades dos núcleos verbais, que determinarão se um verbo realizará alternâncias de transitividade ou não. Isto significa dizer que estes núcleos verbais – V1 e V2 – estão diretamente relacionados à valência dos verbos. Há, contudo, um processo anterior a este, de atribuição de valência. Para que algum item seja transitivo ou intransitivo ele deve primeiramente ser categorizado como verbo. Na língua Juruna há, portanto, morfemas nos verbos que não estão relacionados à valência, mas estão relacionados à categorização; isto é, eles transformam uma base semântico-fonológica (já categorizada ou não) em um verbo. Estes morfemas serão o que chamaremos em todo o texto de verbalizador. Sendo assim:

**Verbalizador:** morfema (fonologicamente realizado ou não) responsável por atribuir ou mudar a categoria de uma base semântico-fonológica em um verbo

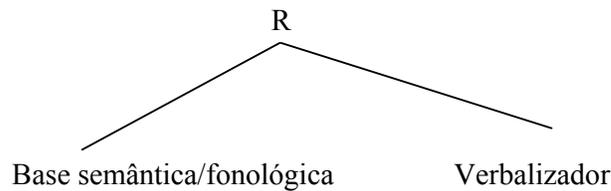
Vimos acima que há 18 processos de formação verbal que independem de atribuição e mudança de valência - uma vez que os morfemas de formação da categoria verbal são sufixais e os morfemas de valência são prefixais em Juruna. Nesta análise, proporemos que as raízes verbais (exemplificadas nas estruturas (5) e (6) acima) podem ser decompostas em uma base semântico-fonológica e um verbalizador. A base semântica/ fonológica traz as informações referentes ao tipo de evento que será

denotado pelo verbo formado a partir dela. Isto acarreta dizer que é a base semântica-fonológica que informa se o verbo denotará uma atividade, um estado, um *accomplishment*, um *achievement*<sup>38</sup>, por exemplo. Além disso, a base trará informações fonológicas desse verbo, como o padrão tonal e silábico. Em síntese:

**Base semântica-fonológica:** é uma das partes envolvidas nos processos de formação da raiz verbal na língua Juruna, juntamente com o verbalizador. Essa base carrega as informações do tipo de evento denotado e informações fonológicas, como o padrão silábico e padrão tonal. A base semântica-fonológica pode ser acategorial ou categorizada (nominal, adjetival, posposicional, por exemplo).

Para mostrar estruturalmente como seria a formação de uma raiz verbal, podemos ver o esquema a seguir:

(7)



No que compete aos verbalizadores, é válido ressaltar que estes morfemas são recorrentes em outras línguas. Observando os dados de outras línguas Tupi, vemos que Xipaya – língua irmã da língua Juruna descrita por Carmen Rodrigues (1995) - também apresenta verbalizadores; inclusive, há semelhanças entre os verbalizadores Juruna e Xipaya. Como exemplo, podemos tomar os morfemas {-k-} e {-h-}, os mais produtivos

<sup>38</sup> O uso destes termos está pautado nas propostas de Arad (1996), Smith (1997), Tenny (1994), e Vendler (1967). Resumidamente, há cinco tipos de aspecto de situação (os quais estão associados ao tipo de evento/ estado denotado pelo verbo), apresentados, a seguir, com seus respectivos traços característicos:

**Aspectos de situação (Smith [1997])**

<i>Tipo</i>	<i>Traços</i>			<i>Exemplo</i>
Estativo	estático	durativo	-----	Saber a resposta; amar a Maria.
Atividade	dinâmico	durativo	atélico	rir
<i>Accomplishment</i>	dinâmico	durativo	télico	Construir a casa; aprender Grego.
Semelfactivo	dinâmico	instantâneo	atélico	Bater na porta.
<i>Achievement</i>	dinâmico	instantâneo	télico	Ganhar a corrida, vencer a prova.

nas duas línguas. Retomamos aqui alguns exemplos da língua Juruna e apresentamos os dados de Xipaya, em seguida:

**(8): verbos em Juruna com {-h-}**

Verbo em português	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica	Verbalizador	Modo
Apagar	Lamihu	-mi-	-h-	-u
Amanhecer	Kahu	Ka-	-h-	-u
Acabar	Masehu	Mase-	-h-	-u
Assar	Atxuhu	-txu-	-h-	-u
Beber	arehu	-re-	-h-	-u
Correr (correr de alguma coisa)	Tahu	Ta-	-h-	-u
Deitar/ parar	Pixihu	Pixi-	-h-	-u
Incomodar	Abahu	-ba-	-h-	-u
Nadar	Etahu	-ta-	-h-	-u
Pescar	Kīihu	Kīi-	-h-	-u
Saber	Ubahu	Uba-	-h-	-u
Ter preguiça	Ipadjihu/ maku ipadjihu	-padji-	-h-	-u

**(9): verbos em Juruna com {-k-}**

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Base semântica-fonológica	Verbalizador	Modo
Pilar	Utxākū Padaku	Utxa- Pada-	-k-	-u
Arranhar	Atxatxaku	-txatxa-	-k-	-u
Limpar	itxixiku	-txitxi-	-k-	-u
Limpar (coisas)	pītxiku	Pītxi-	-k-	-u
Escorregar	pixaku	Pixa-	-k-	-u

Casar	Apiaku	Apiä-	-k-	-u
Rachar/ Estourar	Ludjaku udjaku	-udja- Udja-	-k-	-u
Bater	djidaku	Djida-	-k-	-u
Rir	lakariariku	-kariari-	-k-	-u
Pescar	pidiaku	Pidi-	-k-	-u
Acordar	Paku ũbaku	Pa- ũba-	-k-	-u
Abaixar	laberiku	-beri-	-k-	-u
Andar	Puduku	Pudu-	-k-	-u
Quebrar	Apiku	-pi-	-k-	-u
Comer	Etxuku	-txu-	-k-	-u
Fazer	Kariku	Kari-	-k-	-u
Jogar	Daraku	Dara-	-k-	-u
Jogar	Daiku	Dai-	-k-	-u
sujar	bidiku	-bidi-	-k-	-u
Costurar	iparaku	-para-	-k-	-u
Descascar (casca já solta)	ibiku	-bi-	-k-	-u
Descer/ sentar	abiku	-bi-	-k-	-u
Estourar	Ludjaku udjaku	-udja- Udja-	-k-	-u
Jogar algo	pipiku	Pipi-	-k-	-u
Cobrir	apauku	-pau-	-k-	-u
Partir	pabiku	Pabi-	-k-	-u
Pegar	pidiaku	pidi-	-k-	-u
Pular	pirika	Piri-	-k-	
Queimar	Itxuku	-txu-	-k-	-u
Espantar	Bataku	Bata-	-k-	-u
Ver	Izaku	-za-	-k-	-u
Apertar	Ahuku (Tom: BAB)	-hu-	-k-	-u
Embrulhar	Ahuku (Tom:	-hu-	-k-	-u

	BAA)			
engravidar	lapiku	-pi-	-k-	-u
Estourar	Udjaku ludjaku	Udja-	-k-	-u
Quebrar	Apiku lapiku	-pi-	-k-	-u
Virar completamente	Txuruku	Txuru-	-k-	-u
Ver/ Esperar	zaku	Za-	-k-	-u
Dar	upiku	Upi-	-k-	-u
Brigar	lakariku	-kari-	-k-	-u
machucar	Duku	Du-	-k-	-u
Fazer	piku	pī-	-k-	-u
Descascar	asaku	-sa-	-k-	-u
partir/rachar	pabiku	Pabi-	-k-	-u
lavar	Idaku	-da-	-k-	-u
pular	Pirika	Piri-	-k-	
remar	uruku	Uru-	-k-	-u
Colocar	Ameku	-me-	-k-	-u
Limpar animais	ibizadaku	-bizada-	-k-	-u
Arranhar	(l)atxatxaku	-txatxa-	-k-	-u
Limpar	Itxiitxiku	-txiitxi-	-k-	-u
Varrer	Pitiku	Puti-	-k-	-u
Esfriar	Itxa'aku	-txia-	-k-	-u
Quebrar	kuwataku	Kuwata-	-k-	-u
Quebrar (um pedaço)	lataku	-ta-	-k-	-u
Engatinhar	Txitxiku	Txitxi-	-k-	-u
Matar	Abaku	-ba-	-k-	-u
Pentear	Itxiaku	-txia-	-k-	-u
Fazer (beiju)	Ipuku	-pu-	-k-	-u
Fazer	Kariku	Kari-	-k-	-u
Costurar	iparaku	-para-	-k-	-u
Desenhar	(i)mamaku	Mama-	-k-	-u
Pegar	pidiku	Pidi-	-k-	-u

Amarrar	ipidiku	-pidi-	-k-	-u
Ter fome	bataku	Bata-	-k-	-u
Partir no meio	lupabiku	-upabi-	-k-	-u
Cubrir	Apauku	-pau-	-k-	-u
Esperar	laku	la-	-k-	-u
Virar	Txuruku	Txuru-	-k-	-u
Voar	ebataku	-bata-	-k-	-u

Na língua Xipaya, como dissemos, também há a ocorrência destes dois morfemas:

**(10): verbos em Xipaya com o morfema {-h-}<sup>39</sup>**

Verbo em português	Verbo em Juruna	Morfemas		
		<i>Raiz verbal</i>		<i>Tempo</i>
Aquecer	Kuhu	Ku-	-h-	-u
Conhecer/ Saber	Bahu	Ba-	-h-	-u
Engordar/ Aumentar/ Gordo	Kahu	Ka-	-h-	-u
Transformar	Wahu	Wa-	-h-	-u
Quebrar	dahu	Da-	-h-	-u

**(11): verbos em Xipaya com o morfema {-k-}<sup>40</sup>**

Verbo em português	Verbo em Juruna	Morfemas		
		<i>Raiz verbal</i>		<i>Morfema de tempo</i>
Apodrecer/ Podre	ya'miku	ya'mi-	-k-	-u
Bater	didaku	Dida-	-k-	-u
Colher	yaku	ya-	-k-	-u
Colocar/ deitar/ depositar	Maku	Ma-	-k-	-u
Costurar	du'duku	du'du-	-k-	-u

<sup>39</sup> Tabela desenvolvida a partir dos dados presentes no trabalho de C. Rodrigues (1995).

<sup>40</sup> Tabela desenvolvida a partir dos dados presentes no trabalho de C. Rodrigues (1995).

Esfregar	Tiku	Ti-	-k-	-u
Fechar	Abaku	Aba-	-k-	-u
Frio/ Esfriar	Kuazaku	Kuaza-	-k-	-u
Furar	‘duku	‘du-	-k-	-u
Jogar	Tapaku	Tapa-	-k-	-u
Levantar	ya’ku	ya’-	-k-	-u
Matar	A’baku	A’ba-	-k-	-u
Pegar	Padiku	Padi-	-k-	-u
Quebrar	Apiku	Api-	-k-	-u
Rasgar	y@usaku	y@usa-	-k-	-u
Ver	Zaku	Za-	-k-	-a
Comer	E’tuku	E’tu-	-k-	-a
Lavar	daku	Da-	-k-	-u
Queimar	Ma’maku	Ma’ma-	-k-	-u

Outras línguas do mundo, tais como Tohono O’odham (Papago), Miskitu e Navajo, realizam o mesmo fenômeno, com morfemas diferentes (Hale & Keyser 2002), tal como vemos a seguir:

**(12): inserção de morfemas verbalizadores em Tohono O’odham**

Nome	Verbo intransitivo	Verbo transitivo (aplicativos)
<i>ki:</i> (casa)	<i>ki:t</i> (‘construir a casa’)	<i>ki:cud</i> (‘fazer casa para x’)
<i>hoa</i> (cesta)	<i>hoat</i> (‘fazer a cesta’)	<i>hoacud</i> (‘fazer a cesta para x’)
<i>si:l</i> (‘sela’)	<i>si:lt</i> (‘fazer a cela’)	<i>sil:cud</i> (‘fazer a cela para x’)
<i>jun@</i> (‘cacto doce’)	<i>junt</i> (‘fazer cacto doce’)	<i>jun@cud</i> (‘fazer cacto doce para x’)

(Hale & Keyser 2002)

**(13): inserção de morfemas verbalizadores em Miskitu e Navajo**

**Verbos que alternam**

Nome	Miskitu		Navajo	
	Intransitivo	Transitivo	Intransitivo	Transitivo
<i>Ferver</i>	Pyaw-	Pia-k-	-béézh	-Ṛ-béézh

<i>Quebrar</i>	kri-w-	Kri-k-	ii-dlaad	ii-ᄁ-dlaad <sup>41</sup>
<i>Derreter</i>	Slil-w-	Slil-k-	-ghífi/h	-ᄁ-ghífi/h

(Hale & Keyser 2002; 111)

#### (14): inserção de morfemas verbalizadores em Miskitu e Navajo

##### Verbos que não alternam

Nome	Miskitu	Navajo
<i>Chorar</i>	In-	-cha
<i>Tossir</i>	Kuhb-	-d-l-kos
<i>Gritar</i>	Win-	d-l-ghosh
<i>Roncar</i>	Krat-w-	'-ᄁ-gháfáf'

(Hale & Keyser 2002; 111)

Como podemos ver a partir dos dados acima, nas línguas Navajo e Miskitu, os morfemas verbalizadores estão associados a classes verbais definidas (inergativo, inacusativo, transitivo) e também à valência do verbo. Observando os verbalizadores disponíveis na língua Juruna, é possível dizer que alguns estão associados a determinadas classes verbais. Contudo, nenhum deles está associado à atribuição ou mudança de valência verbal diretamente. Portanto, é fundamental dizer que o processo de categorização da raiz não acarreta no processo de atribuição de valência em Juruna. Muito embora as classes inergativo, inacusativo e transitivo estejam diretamente associadas à valência, quem atribui valência verbal na língua são morfemas prefixais, não os verbalizadores, que são sufixais. O que existe são restrições impostas pelas bases semântico-fonológicas e pelos verbalizadores, que determinarão quais morfemas de valência estarão associadas a cada verbo. Visto isso, apresentamos, a seguir, a relação entre os verbalizadores e as classes verbais da língua Juruna:

#### Tabela (15): verbalizadores Juruna e as classes verbais

<sup>41</sup> Um exemplo desse tipo de verbo em contexto sentencial segue abaixo:

##### Incoativa

Tᄁ'óóᄁ k'i-ní-dláád

Corda k'i-NPF:3-quebrar: PERF

“A corda quebrou”

##### Transitiva (morfema ᄁ)

Tᄁ'óóᄁ k'i-i-ní-ᄁ-dláád

Corda k'i-3o-NPF:3-ᄁ-quebrar: PERF

“Ele quebrou a corda”

<b>Tipo de formação verbal</b>	<b>Transitivo</b>	<b>Inergativo<sup>42</sup></b>	<b>Inacusativo</b>
Verbos formados com {-h-}	x Senahĩ kĩ̃hu ubahu Homem pescar saber “Homem sabe pescar” (Lima V)	x Una tahu 1s correr “Eu corri” (Lima II)	x Papera masehu Papel acabar “ <sup>43</sup> Papel acabou” (Lima V)  Iidja papera masehu Mulher papel acabar “Mulher acabou com papel” (Lima V)
Verbos formados com {-k-}	x Iidja ehuka i-paraku Mulher vestido 3s-costurar “Mulher costurou vestido” (Lima II)	x Ali lakariariku Criança sorrir “Criança sorriu” (Lima IV)	x Ija i-txiaku Água 3s-esfriar “Água esfriou”  Itxiaka ija i-ma-txiaku <sup>44</sup> Frio água 3s-caus-esfriar “Frio fez a água esfriar” (Lima IV)
Verbos formados com {-d-}	x Una abĩa endu 1s música ouvir “Eu ouvi música” (Lima II)	----- -----	x Pikaha l-a-pidu Banco I-T-quebrar “Banco quebrou”  João pikaha apidu João banco quebrar “João quebrou o banco” (Lima II)
Verbos formados com {-t-}	x Ali du-wã i-tūtũ Criança 3s-dedo 3s- chupar “Criança chupou seu dedo” (Lima III)	x Ali bĩditu Criança cair “Criança caiu” Lima (IV)	x U-kã apetu 1s-perna sangrar “Minha perna sangrou” (Lima V)  Ukã akĩria ha apetu 1s-perna corte sangrar “O corte sangrou minha perna” (Lima V)
Verbos formados	x	x	x

<sup>42</sup> Os verbos desta fileira – inergativos – são causativizados, quando possível, por {ũ}; este morfema só está associado a verbos que não realizam alternância simples, logo, inergativos.

<sup>43</sup> Vale dizer que nenhuma sentença mostrada ao longo da análise apresentará artigos definidos (o/a/os/as) nas traduções, uma vez que Juruna não apresenta este tipo de determinante. Vale dizer que mesmo os dados de outros autores que apresentem artigos definidos em sua versão original serão apresentados sem estes artigos aqui.

<sup>44</sup> Vale reiterar que {-ma} só causativiza inacusativos em Juruna.

com {-n-}	I-hũnũ na te 3s-torrar 1s 3s “Eu torrei isso” (Lima II)	Ali panã Criança descansar “Criança descansou” (Lima IV)	Ikupenu akayawĩ Fechar porta “Porta fechou” (Lima II)  Ikupenu na akayawĩ be Fechar 1s porta dat “Eu fechei porta” (Lima II)
Formação de verbos deadjetivais a partir do verbalizador {maku}	-----	-----	x
	-----	-----	Ka’a upa nhõpi) maku árvore folha amarelo fazer “Folha da árvore amarelou” (Lima II)  kuadi akupa ka’a upa maku nhõpi) sol quente árvore folha fazer amarelo “Quentura do sol amarelou folha da árvore” (Lima II)
Formação de verbos deadjetivais a partir de verbalizador fonologicamente nulo	-----	-----	x
	-----	-----	Aka’ibia ikibe sala claro “Sala clareou” (Lima II)  Axi aka’ibia maku ikibe Fogo sala fazer claro “Fogo clareou sala” (Lima II)
Verbos a partir de nomes (Incorporação de objeto)	-----	x	-----
	-----	kãibi amana ala ontem chuva cair “Choveu ontem” (Lima IV)	-----
Formação de verbos denominais a partir de verbalizador nulo	-----	x	-----
	-----	ese’ese na tossir 1s “Eu tossi” (Lima III)	-----
Formação de verbos denominais a partir de mudança tonal	-----	x	-----
	-----	Karia na dançar 1s “Eu dançei” (Lima III)	-----
Formação de verbos	-----	x	-----

denominais a partir do sufixo {-u}		Ali da kamenu criança pl conversar “Crianças conversaram” (Lima III)	
Verbos terminados em {-a}	x	x	x
	Una aimbata ita 1s rede comprar “Eu comprei rede” (Lima I)	Iidja e’a Mulher morrer “Mulher morreu” (Lima II)	Ija l-a-pa Água I-T-derramar “água derramou”  Iidja ija a-pa “A mulher T-derramou água” (Lima IV)
Verbos terminados em {-i}	x	x	x
	João pitxa pi João peixe flechar “João flechou o peixe” (Lima IV)	João itxibi kuperi João muito trabalhar “João trabalhou muitas vezes” (Lima IV)	Piza l-a-momi Canoa I-T-afundar “Canoa afundou” (Lima IV)  Amana piza a-momi Chuva canoa T-afundar “Chuva afundou canoa” (Lima IV)
Verbos terminados em {-e}	x		-----
	Udase na te Contar 1s 3s “Eu contei isto” (Lima III)	Piza bese Canoa virar “Canoa virou” (Lima II)	-----
Verbos terminados em {-u}	x	X	x
	João Pedro dipu João Pedro empurrar “João empurrou Pedro” (Lima IV)	Ena e’u 2s voltar “Você voltou” (Lima IV)	Iidja i-kūdāū Mulher 3s-desmaiar “Mulher desmaiou” (Lima IV)  Kuađi iidja i-ma- kūdāū Sol mulher 3s-caus- desmaiar “O sol fez a mulher desmaiar” (Lima IV)
Verbos terminados em {-i}	Epīā upī na buraco cavar 1s “Eu cavei buraco” (Lima II)	Senahī wī Homem chegar “Homem chegou” (Lima IV)	lūsīrīrī pitxa fritar peixe “Peixe fritou” (Lima V)
			Iidja pitxa lūsīrīrī Mulher peixe fritar” “Mulher fritou peixe” (Lima V)
Verbos formados a partir	x	-----	-----

de preposições	Ena i-djuwĩ yãhã puju uhu 2s 3s-trazer rel. feijão cozinhar “O feijão que você trouxe cozinhou” (Lima III)	-----	-----
Verbos formados a partir de outros verbos	x Senahĩ axi nakĩri txa Homem lenha cortar/ buscar (lenha) “Homem buscou lenha” (Lima V)	-----	-----

Vale observar que verbalizadores fonologicamente realizados não aparecem na raiz de todos os verbos - tanto em Juruna como também em Navajo e Miskitu. Em Navajo e Miskitu, os verbos que aceitam alternância vão apresentar morfemas verbalizadores regularmente. Em Miskitu, os verbos que não alternam, podem apresentar morfemas verbalizadores (vide ‘roncar’, língua Miskitu, [14]), mas não necessariamente os apresentarão (vide ‘chorar’, ‘tossir’, ‘gritar’; língua Miskitu, tabela [14]) – o que também é depreendido a partir dos fatos da língua Juruna. Essa relação biunívoca entre a presença de um verbalizador e a alternância não é observada em Juruna – mesmo porque os verbalizadores não são os responsáveis por valência na língua, mas sim os núcleos verbais, como já adiantamos e discutiremos adiante. O que observamos, ao contrário disso, é que há verbos que alternam e não apresentam verbalizador nem morfemas de valência fonologicamente realizados. O verbo *ahua* (“sumir”), por exemplo, não tem verbalizador, mas alterna uma vez que ele apresenta morfemas de valência fonologicamente realizados ({a-}, para transitivo, {l-}, para intransitivo). Em contrapartida, o verbo *ikupenu* (fechar) apresenta verbalizador ({n-}), mas não apresenta morfemas de valência fonologicamente realizados. Apesar disso, ele realiza uma alternância transitiva simples.

Também é interessante ressaltar que a influência da base semântica-fonológica na determinação da classe à qual um verbo pertence é notória. Como vemos na tabela acima, todos os verbos denominais são inergativos, independentemente do tipo de verbalizador associado às bases. Sendo assim, a função que o verbalizador assume em relação a estas bases semântico-fonológicas parece ser somente a de inserir a categoria “verbo” na base semântica-fonológica acategorizada ou mudar a categoria de uma base semântica-fonológica que já esteja categorizada como “nome” ou “adjetivo”, atribuindo-lhe traços verbais. Estes traços verbais associados ao verbalizador incluem a

propriedade de atribuição de Caso, por exemplo. Os verbalizadores são, portanto, núcleos funcionais.

No caso da língua Juruna, uma evidência para dizer que estes morfemas adjungidos às bases semântico-fonológicas são núcleos funcionais decorre do fato que eles podem ser substituídos por outros núcleos funcionais. Vejamos os exemplos com o verbo ‘nadar’:

**(16.a)**

**ali**

*criança*

“Criança nadou” (Lima II)

**etahu**

*eta-h-u*

*nadar-verbalizador- realis*

**(16.b)**

**senahĩi**

*senahĩ-i*

*criança-pl*

“Homens nadaram” (Lima II)

**etahu**

*eta-h-u*

*nadar-verbalizador- realis*

**(16.c)**

**senahĩ-i**

*homem-pl*

**añĩ<sup>45</sup>-se**

*3s-pl*

**eta-se**

*nadar-pl*

“Todos aqueles homens nadaram” (Lima II)

No exemplo acima, a base semântica-fonológica do verbo nadar é {eta-}. Muito embora esta base semântica-fonológica apareça com o morfema {-h-} nos dois primeiros casos (16.a/ 16.b), quando ela aparece combinada a um pronome demonstrativo e a um quantificador, o {h-} desaparece e, em seu lugar, é adicionado o morfema {-se} que é um pluralizador (16.c). O morfema {-se} aparece nas formas pronominais de pessoa, tanto na língua Juruna como na língua Xipaya. Apresentemos a tabela dos pronomes para reforçar esse fato. Vejamos:

---

<sup>45</sup> *Anã* e *amĩ* são pronomes demonstrativos em Juruna. Discutiremos os pronomes demonstrativos no capítulo II.

(17)

Pessoas	Xipaya (R. Rodrigues 1995)		Juruna (Fargetti 2001)	
	Forma livre (pronome)	Forma presa (possessivo)	Forma livre (pronome)	Forma presa (concordância/ possessivo)
1ª pessoa do singular.	una/ na	u-	Una/na	u- ∅
2ª pessoa do singular.	ena	e-	Ena	e- l-
3ª pessoa do singular.	tĩ 0	i-	_____	i- ∅
3ª pessoa reflexiva.	_____	du- ∞ d -	_____	Du-
1ª pessoa do plural (inclusiva).	uzudĩ udĩ (h)i	se -	Ulu'udi Udi	Ulu- (Ul-)
1ª pessoa do plural (exclusiva).	Si	uzu – use-	(u)Si	Se- (S)-
2ª pessoa do plural.	esi	ese -	Esi	Ese- (Es -)
3ª pessoa do plural.	tĩdai da ∅	I – du- ∞ d -	Anĩdai Abĩdai Te/ se	Ise- I se- Se-

Notamos que todas as formas de plural, em Juruna, apresentam a marca {-se}, com exceção feita à primeira pessoa do plural exclusiva. É válido reiterar que, em Juruna e em Xipaya (C. Rodrigues 1995), as formas pronominais de pessoa derivam da combinação entre pessoa e número. Nesse contexto, certos morfemas apenas introduzem número e outros morfemas, por sua vez, apenas introduzem a pessoa do discurso. Vejamos:

(18)

<b>Pessoa</b>	<b>Forma em Juruna</b>	<b>Formação morfológica</b>	<b>Formação semântica</b>
Primeira pessoa do plural (inclusivo)	se	∅ + se	Morfema do plural (se).
Segunda pessoa do plural	ese	e + se	2ª pessoa do singular (e) + morfema do plural (se).
Terceira pessoa do plural	ise	i + se	3ª pessoa do singular (i) + morfema do plural (se)

Portanto, como vimos, um núcleo funcional – no caso, o morfema de plural {-se} - pode ocupar o lugar de outro na estrutura, tal como acontece com o Karitiana (família Akikém, tronco Tupi). Nesta língua, o morfema de foco pode ser analisado como se estivesse ocupando a posição preenchida pelo morfema de concordância (Hale & Storto 1997, Storto 1999). Sendo assim, os morfemas verbalizadores não pertencem à base semântica-fonológica do verbo, mas são responsáveis por introduzir informação funcional. Dessa perspectiva, portanto, estes morfemas têm apenas conteúdo funcional, tal como as vogais temáticas do português que dividem os verbos em classes e que também não contribuem para com o conteúdo lexical dos verbos<sup>46</sup>.

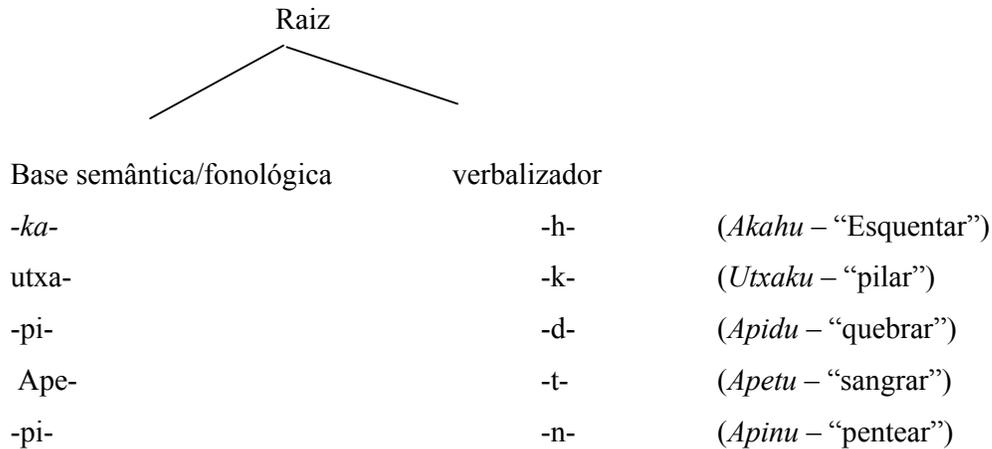
Diferentemente da análise de Hale & Keyser para as línguas Miskitu e Navajo, segundo a qual há uma correlação necessária entre os verbalizadores e valência verbal, em Juruna, os verbalizadores não fornecem informações sobre valência. Visto isso, o processo de formação da raiz verbal é diferente do processo de atribuição e mudança de valência. Vejamos inicialmente o processo de formação da raiz verbal:

(19)

***Verbos a partir de raízes acategoriais***

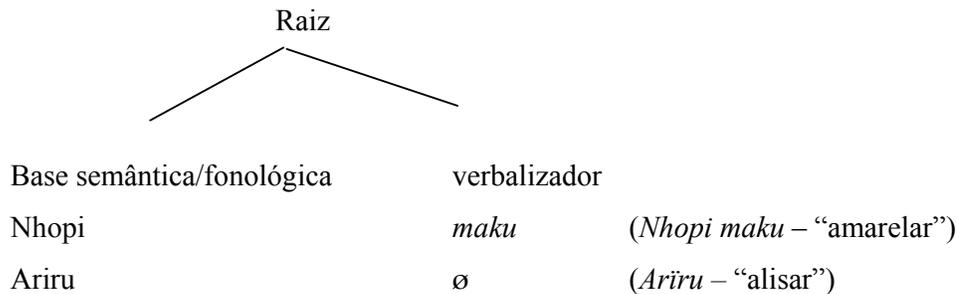
---

<sup>46</sup> Luciana Storto (comunicação pessoal)



Nos casos acima, a base semântica-fonológica traz informações sobre o evento denotado e os verbalizadores atribuem categoria verbal às bases que, no caso de (19), são todas acategoriais. Para que a raiz seja formada, portanto, há o processo de *conflation* entre a base e o verbalizador, que resulta na raiz do verbo que receberá informações de valência nos próximos passos da derivação. Da mesma forma ocorre com os verbos que partem de raízes adjetivais, como vemos a seguir:

(20) ***Verbos a partir de adjetivos***



Nestes casos, a base semântica-fonológica do verbo já apresenta uma categoria e cabe ao verbalizador atribuir a ela propriedades verbais.

Uma característica importante da classe dos verbos deadjetivais é a presença do verbalizador *maku* em parte deles. Uma primeira consideração a ser feita diz respeito ao fato que *maku* pode ser decomposto assim como fizemos com os verbos em (19). A principal diferença de *maku* em relação aos outros verbos que observamos em (19) é o fato de que {ma-} também é um núcleo funcional, assim como os verbalizadores. O

morfema {ma-} é um causativizador que pode ser prefixado aos verbos da língua Juruna em sentenças causativas a partir de verbos inacusativos, por exemplo:

(21)

<b>Abeata</b>	<b>txuratxu</b>
<i>roupa</i>	<i>secar</i>

“A roupa secou” (Lima II)

(22)

<b>kuwade</b>	<b>abeata</b>	<b>i-ma-txuratxu</b>
<i>sol</i>	<i>roupa</i>	<i>3-caus-secar</i>

“O sol fez a roupa secar” (Lima II)

Feitas estas considerações, a decomposição deste verbo – que, por sua vez, forma outros verbos -, é:

(23)

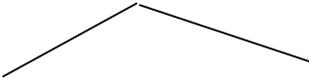
<b>ma</b>	+	<b>k</b>	+	<b>u</b>
<i>Causativizador</i>		<i>Verbalizador</i>		<i>Núcleo funcional de modo.</i>

Como vemos, a marca de causativização transforma-se em um verbo quando a ela é acrescentado o morfema {-k-} e a marca de modo {-u}, que só será inserida em etapas posteriores, na formação da sentença. Sendo assim, o verbalizador *maku* traz propriedades funcionais para a base do verbo, uma vez que ele não denota um evento, mas propriedades sintáticas associadas a ele.

Há ainda os processos de formação de verbos a partir de bases nominais. Isto é, não se trata de um processo de atribuição de categoria, mas de mudança de nome para verbo:

(24)

***Verbos a partir de nomes***

Raiz		
		
Base semântica/fonológica	verbalizador	
Amana	ala	
I'a	∅	(i'a – “cheirar”)
Karia	mudança tonal	(karia – “dançar”)
Batxi-	-u	(batxiu – “florescer”)

Os verbos denominais exemplificam o porquê da base ter informações fonológicas e não apenas semânticas. Como vemos, um dos processos de formação de verbo denominal é via mudança tonal. Neste caso, para que haja a regra de mudança é preciso que a base já apresente este padrão, caso contrário o verbo não é formado. Exemplos desse tipo de verbo seguem abaixo:

(25)

Verbo em português	Verbo em Juruna	Nome em português	Nome em Juruna
<b>Dançar</b>	Ka□ri□a□ (ABA)	<b>Dança</b>	ka□ri□a□ (AAB)
<b>Cantar</b>	a□b→□a□ (BAA)	<b>Canto, música</b>	a□b→□a□ (BBB)

Nestes casos, o verbalizador não é um morfema como {-k-}/ {-h-} ou *maku*. Ao invés disso, temos um verbalizador formado por elementos supra-segmentais, assim como em línguas tonais africanas, nas quais o tom é importante para marcar os fenômenos sintáticos que acontecem na língua. No caso dos exemplos acima, podemos dizer que há inserção de tom alto na periferia esquerda do nome, quando ele passa a ser verbalizado.

Os verbos denominais podem ainda apresentar o objeto incorporado ao verbo como é o caso do verbo “chover” [*amana ala* – “chuva cair”] e “obedecer” [*kamena ědu* – “fala ouvir”]. Nestes casos, vemos que o objeto é incorporado ao verbo de forma que

o morfema de concordância ocorre prefixado ao que seria o objeto do verbo inicial, tal como vemos em (26):

**(26)**  
**Tatinu**                      **u-kamena ãdu**

*Tatinu*                      *Is-obedecer*

“Tatinu me obedeceu”

(Lima I)

Contudo, é possível dizer que grande parte dos verbos denominais da língua Juruna se comporta como os denominais do inglês. Nestas duas línguas, o nome pode se fundir com um núcleo verbal fonologicamente não realizado, o que faz com que o verbo tenha a mesma forma do nome que o originou, tal como vemos nos exemplos a seguir que também apresentam a estrutura de (24):

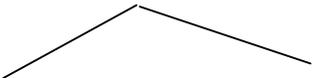
**(27)**

<b>Verbo em português</b>	<b>Verbo em inglês</b>	<b>Verbo em Juruna</b>	<b>Nome em português</b>	<b>Nome em inglês</b>	<b>Nome em Juruna</b>
<i>Roncar</i>	Snore	kara®na®	<i>Ronco</i>	snore	kara®na®
<i>Tossir</i>	Cough	ese'ese	<i>Tosse</i>	cough	ese'ese

Há ainda, os verbos formados a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais e com verbalizadores nulos, tal como vemos a seguir:

**(28)**

***Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais, mas com verbalizador nulo:***

<div style="text-align: center;">Raiz</div> 		
Base semântica/fonológica	verbalizador	
-hua	∅	( <i>Ahua</i> – sumir)
Ulami	∅	( <i>Ulami</i> – emagrecer)
Lusiriri	∅	( <i>Lusiriri</i> – fritar)
Ahume	∅	( <i>Ahume</i> – ajuntar)

Finalmente, há ainda dois processos menos frequentes de formação verbal: 1) verbos formados a partir de posposições; 2) verbos formados a partir de fusão entre dois verbos. Observemos inicialmente verbos com posposições na raiz com o exemplo (29):

**(29)**

**Uhu            puju            [ena i-djuwĩ yãhã]**

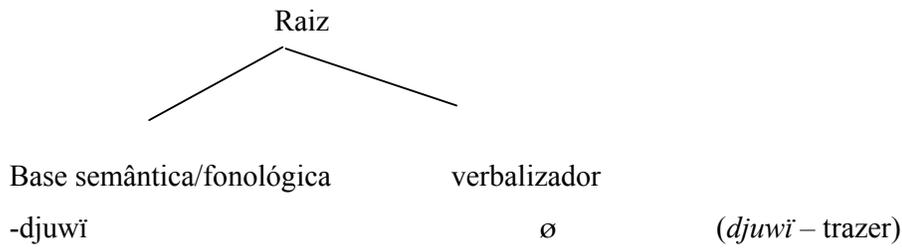
*Cozinhar    feijão            2s    3s-trazer rel.*

“Feijão que você trouxe cozinhou” (Lima III)

Neste caso, o verbo apresenta uma preposição (*dju*, “com”) e um verbo (*wĩ*, “voltar”) que compõem sua base semântica-fonológica à qual estará associado um verbalizador nulo. Verbos com estas características tendem a ser transitivos ou inacusativos, aceitando, pois, uma contraparte transitiva. Isto porque raízes adjetivais e adposicionais exigem um argumento sobre o qual predicam (Hale & Keyser 2002). Estruturadamente, a raiz destes verbos são formadas da seguinte forma:

**(30)**

***Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais, mas com verbalizador nulo:***



Por fim, há os casos de verbos que são formados por composição entre dois verbos, tal como vemos a seguir:

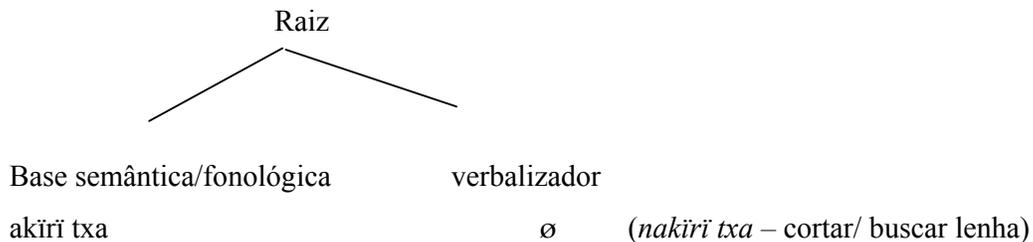
(31)

**Senahĩ      axi      akĩrĩ txa**  
*Homem      lenha      cortar/ buscar lenha*  
 “Homem buscou lenha”  
 (Lima V)

Neste caso, o conceito de “buscar lenha” é formado pelo uso de um verbo como cortar e o auxiliar *txa* (o qual também ocorre com outros verbos como *ka txa* “ir para o mato”, que significa “caçar” em Juruna). A composição estrutural deste verbo seria, portanto:

(30)

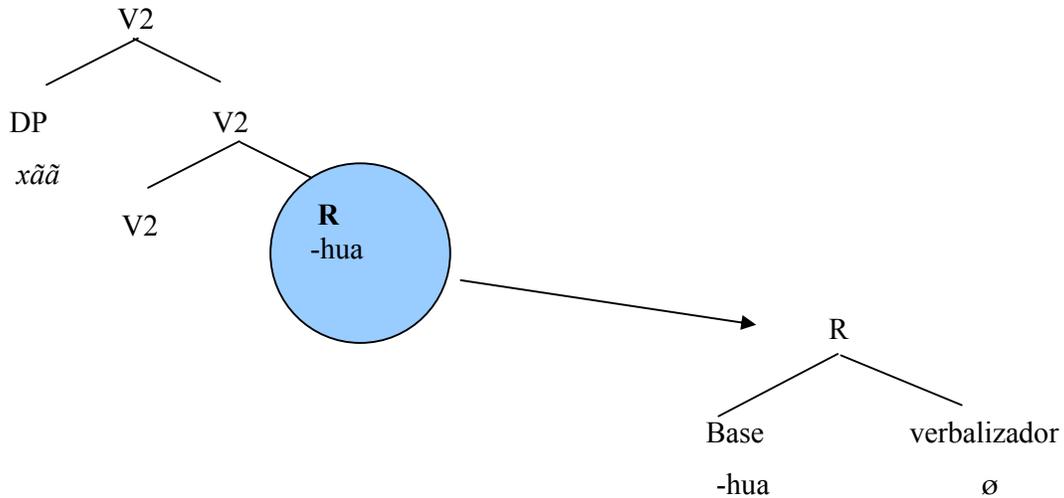
***Verbos a partir de raízes acategoriais, mas com verbalizador nulo:***



Uma vez que a raiz é formada, ela é inserida no processo de atribuição de valência ao verbo, processo este que parte de dois núcleos V2 (para verbos inacusativos) e V1 (para verbos inergativos e transitivos), os quais discutiremos na seção 1.iv. Vale

reiterar que a raiz, quando entra na derivação de V1 e V2, já passou pelo processo de *conflation*, com a fusão entre a base semântica-fonológica e o verbalizador gerando apenas uma palavra morfológica. Isto acarreta que, na derivação de V1 e V2, os processos anteriores (no caso em questão a formação da raiz) não são fonologicamente expressos. Vejamos um exemplo disto:

(31)



Como vemos através de (31), a raiz já aparece formada para a derivação que segue. Antes de discutirmos, porém, o processo de formação de V1 e V2, apresentaremos a relação dos verbalizadores com a atribuição de Caso na língua.

### 1.iii. Os verbalizadores e suas funções: Caso

Como vimos, a base semântica-fonológica que compõe o verbo não traz todas as informações necessárias para a inserção deste item em uma sentença. Isto significa dizer que a base carrega em si informações semânticas e fonológicas destes itens, mas não sintáticas. Uma das informações que a base não traz, por exemplo, diz respeito à atribuição de Caso. Hipotetizamos, neste contexto, que para que a atribuição de Caso seja realizada deverá haver um núcleo funcional que se una à base, uma vez que esta é incapaz de atribuir Caso. Como já vimos, os verbalizadores são o núcleo mais

diretamente associado às bases. Por conseguinte, seria possível propor que estes morfemas estão associados à atribuição de Caso.

Desta perspectiva, se os verbalizadores da língua Juruna estão relacionados à atribuição de Caso, poderíamos retomar a proposta de Bittner e Hale (1996), que prevê um morfema adjungido ao verbo, com função de atribuidor de Caso direto. Nesta teoria, os autores discutem que a marcação de Casos diretos (ergativo e acusativo) ocorre segundo duas condições:

*Direct Case realizations*

*If  $\alpha$  Case-binds an overt empty-headed KP  $\beta$ , then the empty K of  $\beta$  is realized as:*

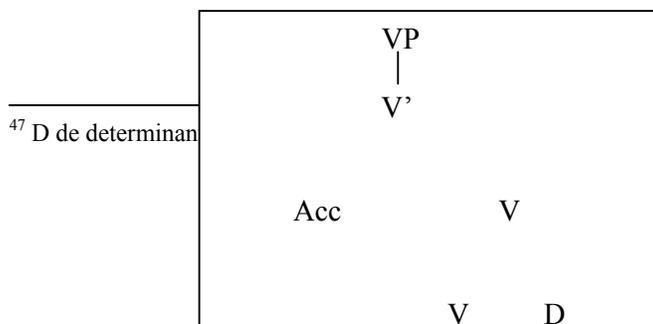
- a. ERG, if  $\alpha$  is I (or D);*
- b. ACC, if  $\alpha$  is V (or P) and has an adjoined D.***

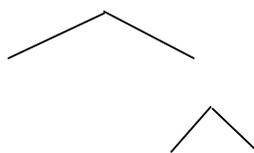
*(Realização do Caso direto: se  $\alpha$  Caso-liga um núcleo KP vazio aberto  $\beta$ , então o K vazio de  $\beta$  é realizado como: a) ERG, se  $\alpha$  é I (ou D); b) ACC, se  $\alpha$  é V (ou P) e tem um D adjungido)*

*(Bittner & Hale 1996b; 7- tradução nossa - grifos nossos).*

Como vemos, a teoria prevê, a partir da observação dos dados de diversas línguas, a existência de um núcleo funcional D<sup>47</sup>, o qual está sempre adjungido aos verbos transitivos em línguas nominativo-acusativas. Este D, segundo os autores, é um atribuidor de Caso (Bittner & Hale 1996; 42). Desta perspectiva, os morfemas verbalizadores em Juruna seriam correspondentes ao D, proposto por Bittner & Hale. Desta perspectiva, teríamos a seguinte estrutura para os verbos do Juruna:

(32)





Bittner e Hale (1996) argumentam que línguas ergativas não apresentam um D adjungido ao verbo. Isso explicaria porque encontramos nas línguas Juruna e Xipaya – as quais são nominativo-acusativas – os morfemas verbalizadores adjungidos aos verbos enquanto que, nas línguas ergativas do tronco Tupi, tais como Karitiana e Mekéns, esses morfemas verbalizadores adjungidos ao verbo não foram encontrados<sup>48</sup>. Em síntese, portanto:

- As bases trazem informações sobre a semântica e a fonologia da raiz verbal;
- Os verbalizadores categorizam as bases como verbos e a raiz passa a poder atribuir Caso a seus argumentos;
- Os núcleos V1 e V2 atribuem valência às raízes verbais, como veremos a seguir.

#### **1.iv. Os núcleos verbais V1 e V2: atribuição e mudança de valência**

A fim de discutir a formação e restrições sintáticas dos verbos através das línguas, Hale & Keyser (2002) procuram mostrar que os verbos são formados pelo processo de *conflation* entre um núcleo verbal (V1 ou V2), que pode ser fonologicamente realizado ou não, e uma raiz (R). Nesta perspectiva teórica, a natureza da raiz verbal delimita as estruturas sintáticas possíveis na qual um verbo ocorrerá. Dessa forma, verbos com uma estrutura monádica não realizam alternância, enquanto que os com estrutura diádica realizam. Em outras palavras, as alternâncias de valência e, como veremos posteriormente, as alternâncias de voz são determinadas pelo complexo raiz (R) + núcleo verbal (V1 ou V2). Vejamos as estruturas propostas pelos autores:

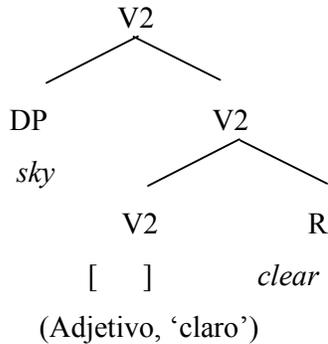
---

<sup>48</sup> Há outros morfemas que podem ser afixados ao verbo nas línguas ergativas, mas, aparentemente, não com a mesma função dos verbalizadores. Os dados que foram analisados para esta afirmação são os apresentados por Storto (1999) e Galucio (2001a), respectivamente.

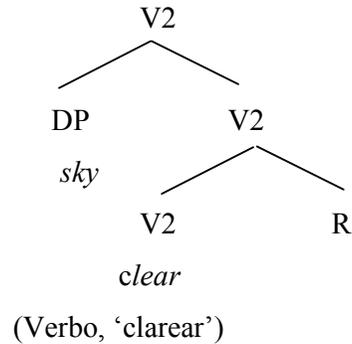
### Estrutura (33)

Diádica<sup>49</sup>

(33.a) pré-conflation



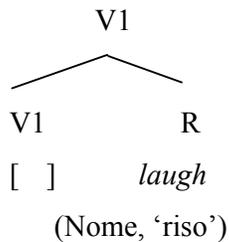
(33.b.) pós-conflation



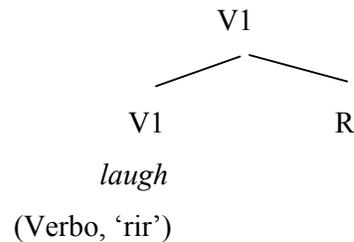
### Estrutura (34)

Monádica

(34.a) pré-conflation



(34.b.) pós-conflation

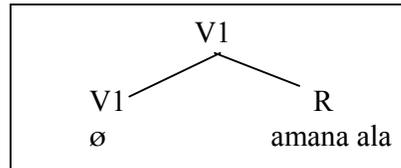


Da perspectiva de Hale & Keyser (1993; 101) argumentos que são projetados como especificadores na estrutura argumental do verbo (os quais serão na estrutura superficial das sentenças os complementos – no caso de verbos transitivos – ou os especificadores - no caso de verbos inacusativos) decorrem de exigências de um núcleo que seja predicador (como adposições ou adjetivos). Caso contrário, os argumentos são projetados por motivação externa (como é o caso dos especificadores dos verbos transitivos e dos verbos inergativos) devido a exigências de Caso e concordância, pós-formação do verbo. Basicamente, verbos que não realizam alternância simples não apresentam especificador interno. Os verbos que não realizam essa estrutura serão, na perspectiva teórica de Hale & Keyser, monádicos. Analisemos alguns destes verbos, a

<sup>49</sup> A ordem da sentença na estrutura superficial não é relevante para o processo de estruturação destas estruturas básicas do verbo (Hale & Keyser 2002; 148).

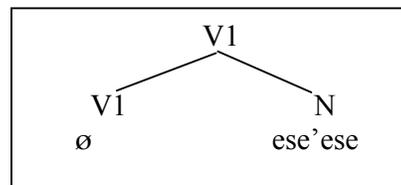
começar pelo verbo *amana ala* (“chover”). Este verbo, da perspectiva de Hale & Keyser (2002) teria uma estrutura monádica, a qual comporta os verbos que não alternam, uma vez que eles não projetam especificador interno:

(35)



Vale ressaltar que há evidências – tal como mostra Hale & Keyser (2002) a partir dos exemplos das línguas Navajo, Miskitu, Basco e Inglês - de que verbos que apresentam propriedades da categoria nome estão na classe dos inergativos, pois não aceitam alternâncias transitivo-incoativas simples (‘Eu suei’; \* ‘A mulher me suou’). Uma outra propriedade comum à maioria dos verbos denominais em Juruna é terem derivação zero, isto é, serem idênticos aos nomes, mesmo após a atribuição de valência. Estruturalmente, portanto, estes verbos apresentam uma estrutura monádica. Abaixo representaremos o verbo *ese’ese* (“tossir”), verbo da língua Juruna que tem propriedades nominais e, assim como *amana ala*, morfema de valência fonologicamente nulo:

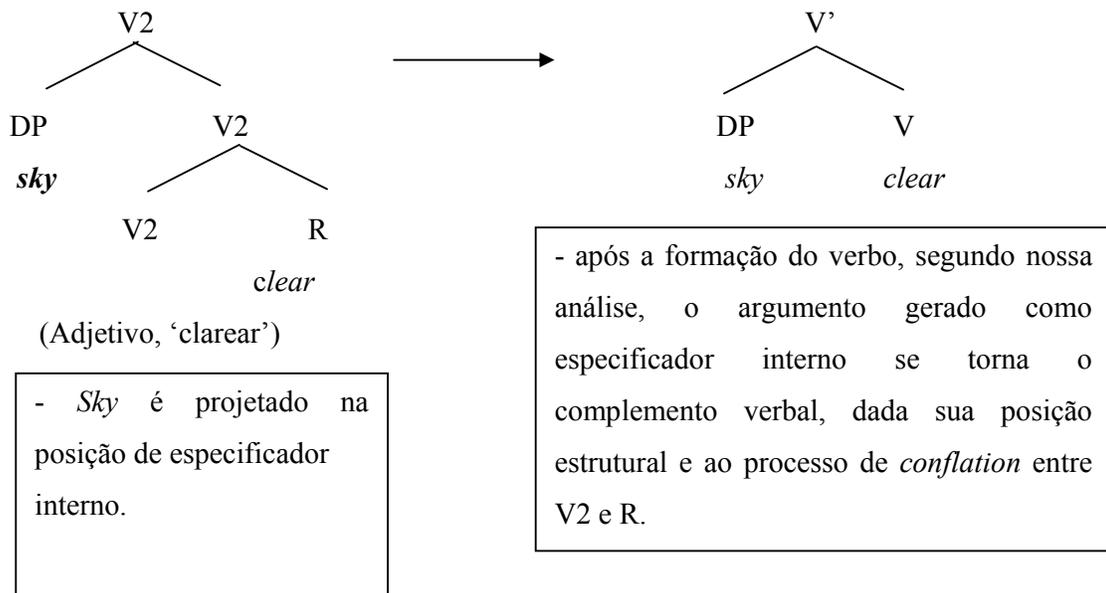
(36)



Como dissemos anteriormente, Hale & Keyser hipotetizam a existência de V1 e V2. O núcleo V1 aparece em estruturas monádicas, que, na sintaxe, resultarão nas sentenças inergativas e transitivas enquanto que V2 aparece em estruturas diádicas, que, na sintaxe, resultarão nas sentenças inacusativas, as quais projetam, desde o léxico, um especificador interno (que, como dissemos acima, será um complemento na sintaxe). A estrutura em (37) exemplifica a relação de especificador interno – que vira complemento após a formação do verbo - com a raiz verbal, segundo nossa perspectiva de análise. Hale & Keyser (2002) mantêm na sintaxe as “camadas” formadoras do

verbo, quais sejam, V2 e V1 (núcleos verbais). Para a análise que segue das sentenças da língua, no capítulo 2, proporemos que essas “camadas” não são mantidas na sintaxe, uma vez que os processos de formação do verbo e da estruturação de seus argumentos internos ocorre no léxico de forma hierárquica e estrutural através dos núcleos V1 e V2. A proposta que manteremos segue em (37), a seguir:

(37)



Como vimos até aqui, tanto o verbalizador que se une à raiz quanto os núcleos verbais V1 e V2 são núcleos funcionais. O verbalizador é uma proposta nossa (vide seções 1.ii e 1.iii) para explicar a formação das raízes verbais; os morfemas V1 e V2, por sua vez, foram propostos por Hale & Keyser (1993). Baseados em Hale & Keyser podemos aqui sintetizar o conceito de núcleos verbais:

**Núcleo verbal:** núcleo funcional que se une às raízes verbais a fim de atribuir a elas informações sobre valência. Os núcleos verbais vão restringir o tipo de alternância que um verbo pode realizar. Universalmente, só existem dois núcleos V1 (monádico) e V2 (diádico).

A literatura gerativista apresenta outras propostas de núcleos verbais associados à categoria ‘verbo’. Chomsky<sup>50</sup> (1995) propõe a existência de um núcleo funcional chamado “*little v*” (comumente chamado na literatura como ‘vezinho’), o qual comporta as propriedades funcionais de um verbo. O vezinho não é necessariamente fonologicamente realizado, mas é indispensável, pois acrescenta ao VP alguma informação semântica adicional (Adger 2002; 108). Ao apresentar a projeção do “*little v*”, Chomsky (1995) discute a participação deste núcleo na sintaxe e propõe que este núcleo seja responsável pelo complexo V (núcleo verbal) + I (núcleo de flexão), do modelo gerativista anterior ao minimalismo. Vale enfatizar que é ponto pacífico entre as análises de Hale & Keyser e Chomsky que os verbos são formados de forma estrutural e hierárquica.

Além desses dois modelos, há ainda o modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, Marantz 1997), que postula dois núcleos verbalizadores, assim como Hale & Keyser (1993; 2002). Para Marantz (1997), há um núcleo verbal responsável por projetar estruturas com agente (V1) e outro responsável por projetar estruturas sem agente (V2). Esta perspectiva, por sua vez, também é compatível com as duas outras propostas citadas, especialmente com a abordagem de Hale & Keyser (2002), que postula a existência de dois núcleos, diferente do programa minimalista que só projeta um núcleo para sentenças inergativas e transitivas (logo, com agente). Em suma, teríamos:

(38)

Autor	O que projeta?	Contexto de ocorrência
Chomsky (1995)	<i>v</i>	Para sentenças inergativas e transitivas
Hale & Keyser (1993, 2002)	V1 e V2	V1: projetado em estruturas monádicas (inergativas e transitivas) V2: projeta estruturas diádicas (inacusativas).
Marantz (1997)	V1 e V2	V1: para estruturas com projeção de agente (inergativas e transitivas) V2: para estruturas sem projeção de agente (inacusativas)

<sup>50</sup> A proposta de *v* de Chomsky (1995) parte de V1 e V2 propostos inicialmente por Hale & Keyser em 1993.

A principal divergência entre as três propostas parece ser em relação aos verbos inacusativos. Os dados mostrarão que não podemos não postular um núcleo verbal para esses verbos, uma vez que, em muitas línguas, os verbos inacusativos são marcados morfologicamente, tal como vemos nos dados da língua Tohono O’odham (Papago), por exemplo: o adjetivo “*suave*” (*moik-*), quando é transformado em verbo inacusativo, recebe o morfema {-a-} (*moika*) (Hale & Keyser 2002). Dados como este comprovam que as perspectivas teóricas que tratam destes núcleos verbais devem considerar a existência de verbos leves também para inacusativos, tal como é feito por Hale & Keyser (1993, 2002).

A proposta de Hale & Keyser mostra que os núcleos verbais V1 e V2 estão associados à valência do verbo. Os autores (Hale & Keyser 2002; 115) procuram discutir o processo da alternância relacionando-o ao fato de a raiz verbal ser ou não predicativa, ou seja, dela exigir ou não a projeção de um argumento interno. Dessa forma, os verbos que participam da alternância simples são aqueles que são compostos por raízes que não são nominais ou que não fornecem evidências de serem nominais. A partir disso, Hale & Keyser propõem que “*o comportamento de um dado verbo em relação à transitivização simples é determinado pelas propriedades dos elementos de que ele é composto*” (Hale & Keyser 2002; 148 – tradução nossa). Isto é, o fato das raízes (R) serem predicativas ou não determinará se haverá um argumento interno na estrutura. Vale retomar que entedemos por **argumento (ou especificador) interno** neste nível da derivação o especificador projetador por V2 em estruturas inacusativas (vide *sky*, em (37)).

No que compete aos verbos que alternam (estrutura diádica), o argumento ‘tema’ é constante na alternância e presente nas duas partes (incoativa e transitiva). Este fato sugere que o sujeito (na estrutura superficial) destes verbos – quando intransitivos – é gerado como complemento na estrutura profunda (DS). Ou seja, o sujeito das sentenças inacusativas é interno à estrutura lexical, tal como prevê a hipótese inacusativa de Perlmutter (*apud* Burzio [1986; 20]), uma análise que Hale & Keyser adotam. No caso do exemplo (37), *sky* (“céu”) é gerado como especificador interno do verbo; ele pode ser usado como sujeito em “*the sky cleared* (o céu clareou)” ou como objeto como em “*the sun cleared the sky* (o sol clareou o céu)”. Em ambos os casos, **sky** é gerado na posição de **especificador interno**; **sun**, por outro lado, é gerado como **especificador externo**.

Por outro lado, os verbos que não alternam e têm estrutura monádica só terão especificador externo, o qual não faz parte da estrutura lexical desse verbo e que será gerado apenas na sintaxe sentencial, tal como em (34).

Logo, verbos com estrutura monádica não participam da alternância transitiva porque falta a eles um argumento interno que possa ser tanto o sujeito das inacusativas como o objeto das transitivas. De qualquer forma, o especificador externo do verbo só é projetado na sintaxe dado o princípio de acordo com o qual o verbo não projeta um especificador, mas tão somente seu complemento (na posição de especificador interno) em virtude de suas propriedades lexicais (Hale & Keyser 2002; 129).

Levin & Rappaport-Hovav (1995) também partem da proposta de que há verbos causativos diádicos e monádicos – sendo o primeiro deles inacusativo e o outro inergativo (a partir de Chierchia *apud* Levin & Rappaport-Hovav 1995; 81). Contudo, o principal argumento das autoras no processo de caracterizar quando um verbo é basicamente diádico ou monádico é uma distinção semântica de causa interna ou externa das eventualidades. Os verbos com causa externa são os que as autoras postulam admitir alternância transitivo-incoativa (que também chamamos neste trabalho de alternância simples). Nestes casos, mesmo na contraparte incoativa dos verbos há um agente externo implícito, ou seja, a parte incoativa de uma alternância não pode ter leitura de evento internamente causado. Por exemplo, no caso do verbo ‘quebrar’, dizer ‘o vaso quebrou’ implica que alguém quebrou o vaso e não que ele quebrou sozinho. Observando os verbos da língua Juruna verificamos que, de fato, os que realizam alternância são os que aparentemente necessitam de causa externa: *uhu/ winhu* (“cozinhar”), *imambiu/ lapiku* (“engravidar”), *ka’ẽ/ uka’ẽ* (“assar”), *ludjaku/ udjaku* (“estourar”), *lapiku/ apiku* (“quebrar”, “fechar”). Por outro lado, verbos como *kapiri* (“suar”), *karia* (“dançar”), *abiã* (“cantar”), *karãã* (“roncar”) e *ese’ese* (“tossir”) são os que não realizam alternância e têm a característica comum de serem internamente motivados. Para as autoras é esse traço – causa interna ou externa – que fará com que um verbo tenha estrutura monádica (verbos com causa interna) ou diádica (verbos com causa externa) (Levin e Rappaport-Hovav [1995; 94]). A relação de causa interna e externa está relacionada ainda à espontaneidade do evento. Verbos que não ocorrem espontaneamente são os que necessitam de um agente externo, como é o caso de “lavar” em oposição a “rir”, que pode ocorrer espontaneamente sem causa externa.

Na proposta de Hale & Keyser, como vimos, o que distingue um verbo que alterna de um que não alterna é justamente a estrutura na qual um verbo será inserido – monádica ou diádica – associada ao fato que o tipo de estrutura será delimitado pela natureza da raiz verbal. Para Hale & Keyser (2002) verbos derivados de raízes predicativas – adjetivais ou verbais ‘puras’ – aceitam alternância em oposição aos derivados de raízes nominais; desta perspectiva, se um verbo tem uma raiz verbal ‘pura’, depreendemos suas propriedades do comportamento do verbo na sintaxe. Em Juruna, se um verbo alterna, então ele tem mais propriedades de verbos deadjetivais do que de verbos denominais. Ou seja, nas duas propostas a diferença entre os verbos é devida à configuração da estrutura argumental (monádica/ diádica). Porém, cada abordagem tem sua própria motivação para a derivação das estruturas.

Apesar de a motivação das estruturas para cada abordagem apresentada ser diferente, Levin (1993; 28) e posteriormente Levin & Rappaport-Hovav (1995) mostram que muitos dos verbos que alternam são deadjetivais e indicam uma mudança de estado<sup>51</sup>, tal como também mostram Hale & Keyser.

Considerando as propostas de Hale & Keyser (2002) e Levin & Rappaport-Hovav (1995), é possível hipotetizar que uma divisão dos verbos a partir de seu comportamento sintático, ao invés de considerar se o evento é causado interna ou externamente, é mais econômico e universalista.

#### **1.v. A formação dos verbos inergativos, inacusativos e transitivos**

Feita a apresentação das propostas teóricas e suas conseqüências, iniciaremos a análise dos verbos da língua Juruna a partir de Hale & Keyser. Partiremos em um primeiro momento dos verbos que não realizam alternância. A maioria dos verbos inergativos da língua Juruna têm derivação zero. Isto significa dizer que V1 é fonologicamente não realizado. O fato de verbos inergativos serem projetados a partir de V1 decorre de traços dessas raízes. Verbos inergativos podem derivar de nomes (como *karia* (“dançar”), *lakariku* (“rir”), *Axi’axi* (“espirrar”), *ese’ese* (“tossir”)) e é fato que os nomes, como vimos anteriormente, não têm propriedade predicativa. Isto ocorre porque os nomes denotam tipicamente entidades e elas correspondem a argumentos, não

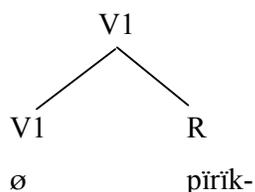
---

<sup>51</sup> Esse tipo de observação vem do fato que Levin (1993) mostra em seu trabalho uma divisão dos verbos primeiramente em relação ao tipo de alternância que eles realizam e, em um segundo momento, de grupos semânticos de verbos, preocupação que não é latente em Hale & Keyser (2002).

a predicados, em configurações sintáticas. Isto equivale dizer que eles não requerem um argumento sobre o qual incidem. Dessa forma, estes verbos são formados com estrutura monádica, sem a projeção de um especificador interno, tal como vemos a seguir:

(39)

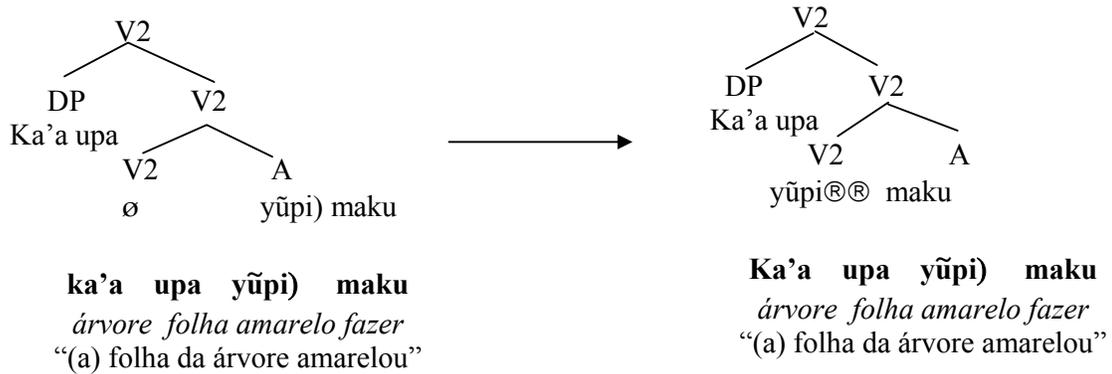
**Verbo inergativo**



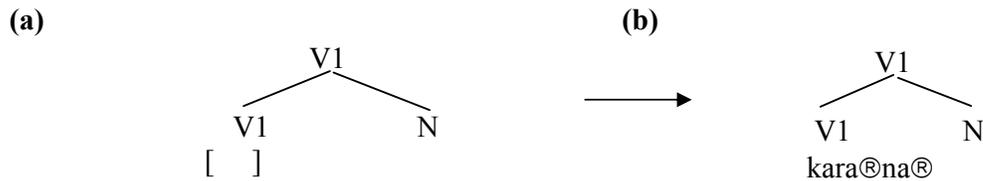
Um fator que divide os verbos intransitivos da língua são os morfemas de transitivização complexa (o vaso quebrou/ a mulher fez o vaso quebrar). O morfema {ũ-}, por exemplo, está associado a verbos que não realizam alternância simples, enquanto que o morfema {ma-} está associado a verbos que realizam alternância simples. A não realização da alternância simples é uma propriedade atribuída através das línguas a verbos inergativos. Dessa forma, esta é uma segunda evidência para dizer que estes verbos têm uma estrutura monádica como vimos acima a partir do exemplo do verbo *pīriku* (“pular”).

Diferente dos verbos derivados de nomes ou que se comportam como verbos derivados de nomes, há os verbos deadjetivais. Os adjetivos têm a propriedade de poderem ser atribuídos a entidades; eles são predicados ou modificadores e exigem uma entidade para satisfazer essa propriedade. Dessa perspectiva, portanto, os adjetivos devem aparecer em uma estrutura argumental na qual um DP é projetado, definindo uma relação de sujeito-predicado (vide estrutura (40)), enquanto que os nomes não realizam esse tipo de exigência quando nucleiam a raiz de uma projeção que formará um verbo (vide estrutura (41)). As raízes que são ‘puramente’ verbais são variáveis: algumas delas exigem, outras não, a projeção do sujeito interno (Hale & Keyser 2002; 157). Vejamos as estruturas citadas:

### Estrutura [40]



### Estrutura [41]



a) Formação do verbo “kara®na® (‘roncar’)” (pré-conflation)      b) pós-conflation.

Apesar de a maioria dos verbos que têm raiz adjetival permitir alternância, nem todos os verbos que alternam têm raiz adjetival. Isto pode ser observado em Juruna, a partir dos verbos sobre os quais não temos evidência do tipo de categoria de raiz que os formou nos casos de *uhu/wĩyũ* (“cozinhar”), *apiku/ lapiku* (“quebrar”), *ikupenu* (“fechar”), que podem ser casos de raízes verbais ‘puras’<sup>52</sup>. As raízes verbais puras aparentam ser os casos mais freqüentes na língua Juruna, se observarmos as tabelas apresentadas na seção de descrição (parte I deste trabalho). Sendo assim, é o comportamento destes verbos na sintaxe (se alternam, como são causativizados, se apresentam argumentos internos) que nos permite dizer se eles apresentam propriedades de raízes nominais, adjetivais ou proposicionais. A partir, portanto, das semelhanças encontradas entre as raízes categorizadas e acategoriais, podemos hipotetizar propriedades para as estruturas argumentais dos verbos de raiz verbal pura.

A questão das raízes verbais puras também é pertinente em outras línguas do mundo. Na língua O’odham (Hale & Keyser 2002; 132) os verbos que alternam (*hu:m/*

<sup>52</sup> Uma raiz verbal ‘pura’ é um verbo que não deriva de nomes, adjetivos ou preposições.

*hu:mid* (“esvaziar”), *ha:g/ ha:gid* (“derreter”), *mehe/ mehid* (“queimar”), etc) não têm raiz adjetival comprovada, muito embora se comportem como verbos deadjetivais. Devido a esse fato, é possível hipotetizar que tanto esses verbos que não parecem ser deadjetivais como os deadjetivais têm a mesma estrutura argumental. Desta perspectiva, é o comportamento do verbo e não sua forma que nos dá evidência para discutir sua estrutura argumental, tal como apontam Hale & Keyser (2002; 138). Em outras palavras, o que é essencial é o fato que existem duas estruturas – monádica e diádica – que são utilizadas através das línguas de forma paramétrica.

Os verbos inacusativos da língua Juruna são prova de que é o comportamento do verbo que nos permite analisar suas propriedades. Os verbos inacusativos da língua – sejam os deadjetivais sejam os de raiz acategorial – apresentam todos o mesmo comportamento sintático, tal como causativizar com o morfema {ma-} e serem passíveis de realizar alternância transitiva simples. No grupo dos verbos inacusativos, há três comportamentos morfológicos possíveis:

**1) Verbo inacusativo com morfemas de valência simultâneos (intransitivo e transitivo co-ocorrem):**

Exemplos:

(42.a.)

Intransitiva (incoativa)

**Axi I-a-mihu**

*Fogo I-T-apagar*

“Fogo apagou” (Lima V)

(42.b.)

Transitiva

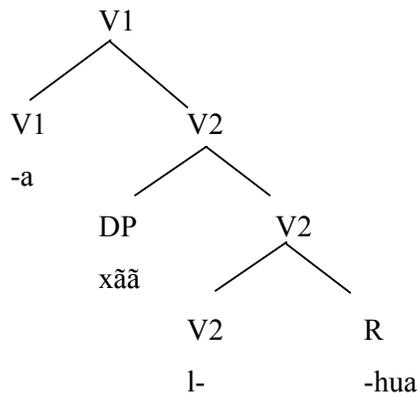
**Amana axi a-mihu**

*Chuva fogo T-apagar*

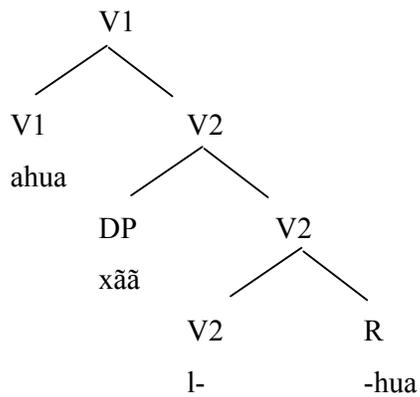
“A chuva fez o fogo apagar” (Lima V)

Estrutura:

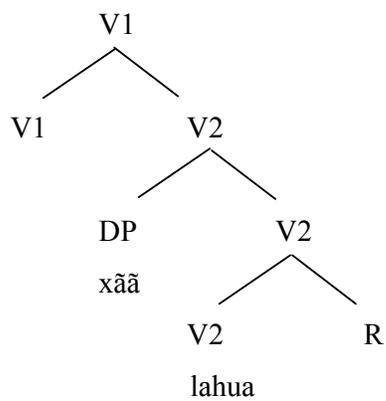
(43.a.): *pré-conflation*



(43.b.): *pós-conflation (transitiva)*



(43.c.): *pós-conflation (intransitiva)*



Este primeiro tipo de formação de inacusativos salienta uma importante característica sobre a formação verbal da língua Juruna: a derivação de verbos que

modificam valência é sempre do transitivo para o intransitivo, mas nunca o inverso. Apesar da estrutura ser V2 encaixado em V1 e não o inverso, a linearização dos verbalizadores ocorreria posteriormente (Samuel Jay Keyser, comunicação pessoal), já que na estrutura argumental dos verbos a ordem não é relevante, assim como não há movimento. Um outro comportamento comum aos verbos inacusativos segue abaixo:

2) Verbo inacusativo com morfemas de derivação zero (alternância *labile*)

Nestes casos, a atribuição e a mudança de valência não apresentam morfemas fonologicamente realizados e, portanto, a parte transitiva e intransitiva são morfologicamente idênticas, sem acréscimo de afixo em nenhuma das partes:

Exemplos:

(44.a.)

Intransitiva (incoativa)

**Ikupenu      akayawĩ**

*Fechar      porta*

“A porta fechou” (Lima II)

(44.b.)

Transitiva

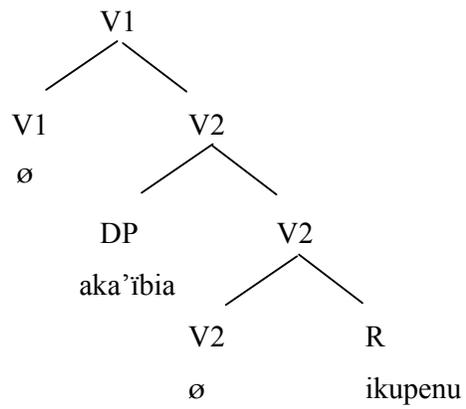
**Ikupenu      na      akayawĩ      be**

*Fechar      Is      porta      dat*

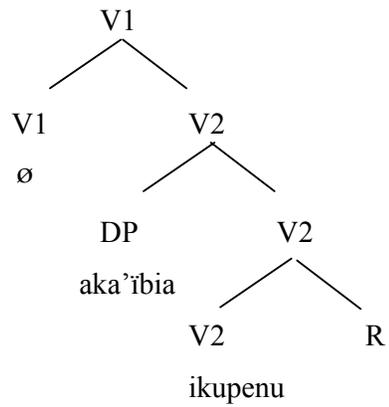
“Eu fechei porta” (Lima II)

Estrutura:

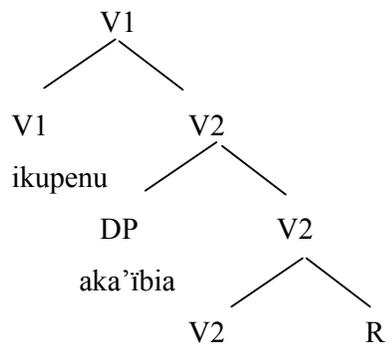
(45.a.): pré-conflation



(45.b.): pós-conflation (intransitiva)



(45.c.) pós-conflation (transitiva)



Finalmente, há os casos de verbos inacusativos que apresentam movimentação do verbalizador, em casos de transitivização. Tomaremos dois verbos dejetivais como base: *ikibe* (clarear) e *yūpi māku* (amarelar). Vejamos:

3) Verbo inacusativo com movimentação de verbalizador

Exemplos:

(46): verbo *ikibe*/*maku ikibe* (“clarear”, intransitivo/ transitivo, respectivamente)

(46.a.) Intransitiva (incoativa)

**Aka’ibia ikibe**

*sala claro*

“(A) sala clareou” (Lima II)

(46. b.) Transitiva

**Axi aka’ibia maku ikibe**

*Fogo sala clarear*

“(O) fogo clareou (a) sala” (Lima II)

(47): verbo *nhōpi māku*/*nhōpi māku* (“amarelar”, transitivo/ intransitivo, respectivamente)

(47.a.) Intransitiva (Incoativa)

**Ka’a upa yūpi) maku**

*árvore folha amarelo fazer*

“(A) folha da árvore amarelou” (Lima II)

(47.b.) Transitiva

**kuadĩ akupa ka'a upa maku yũpi)**

*sol quente árvore folha fazer amarelo*

“(O) sol/(a) quentura do sol amarelou (a) folha da árvore” (Lima II)

Os verbos acima mostram os dois tipos de comportamento morfossintático que um verbo de adjectival pode apresentar em Juruna que são sintetizados a seguir:

(48)

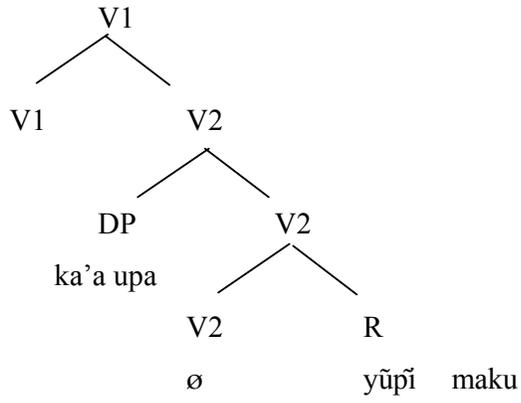
Intransitivizador	Transitivizador	Base semântica-fonológica	Verbalizador	
∅	∅	Ikĩbe	∅	Ikĩbe (intransitivo)
∅	Maku	Ikĩbe	∅	Maku ikĩbe (transitivo)
∅	∅	yũpi)	maku	yũpĩ maku (amarelar, intransitivo)
∅	Maku <sub>i</sub>	yũpĩ	t <sub>i</sub>	Maku yũpi (amarelar, transitivo)

Em ambos os casos, não há um morfema intransitivizador, apenas o transitivizador, que pode ser tanto o verbalizador *maku* movido, ou *maku*<sup>53</sup> gerado na posição de transitivizador. Contudo, a estrutura em ambos os casos é a mesma. Compare (49 a/b/c) com (50 a/b/c):

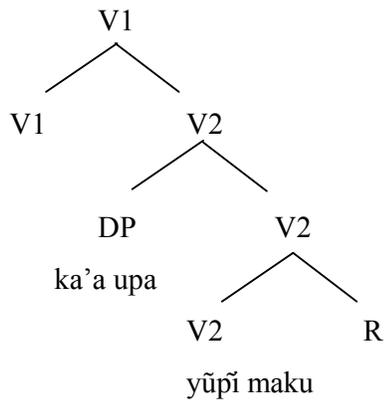
<sup>53</sup> Vale reiterar que *maku* pode ter propriedade de transitivizador devido ao fato que em sua formação há um causativizador, {ma-}.

Estruturas:

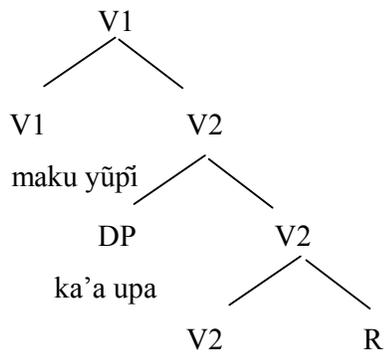
(49.a.) pré-conflation



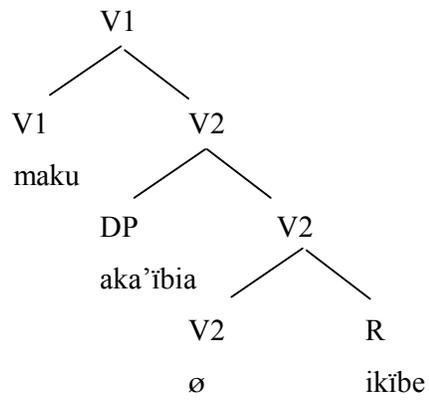
(49.b.) pós-conflation (intransitiva)



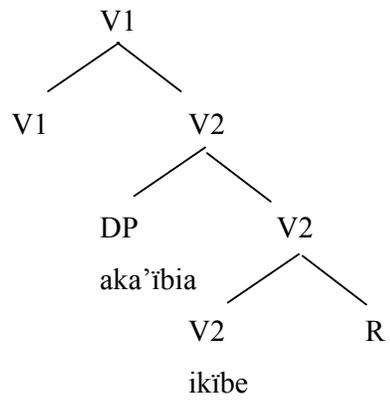
(49.c.) pós-conflation (transitiva)



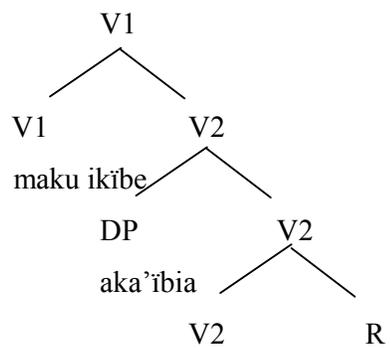
(50.a.) pré-conflation



(50.a.) pós-conflation (intransitiva)



(50.c.) pós-conflation (transitivo)



É interessante notar este fato, já que este é o único contexto no qual um verbalizador pode servir de núcleo verbal. Vimos anteriormente que *maku* é formado por três núcleos funcionais: {ma-} (morfema causativizador de verbos inacusativos), {-k-} (verbalizador) e {-u} (morfema de modo, só inserido em outras etapas da derivação). O fato do morfema {ma-} ter propriedades de mudança de valência permite que sua presença na posição pré-adjetival atribua valência ao verbo, mesmo que este morfema esteja verbalizado pelo morfema {-k-}.

Vale ressaltar, ainda, outra possibilidade de alterância dos verbos. Há casos em que existe alternância de valência não entre transitivo e intransitivo, mas entre transitivo e reflexivo. Nestes casos, os morfemas não ocorrem necessariamente de forma simultânea, tal como observamos com o caso do verbo “assustar” abaixo. É possível hipotetizar que isto decorre de razões fonéticas, uma vez que quando os morfemas de valência são vocálicos, eles não são simultâneos ({a-}, transitivizador, {e-}, intransitivizador).

Exemplos:

(51.a) Reflexiva

<b>Ali</b>	<b>e-dĩtu</b>
Criança	refl-assustar

“Criança se assustou” (Lima II)

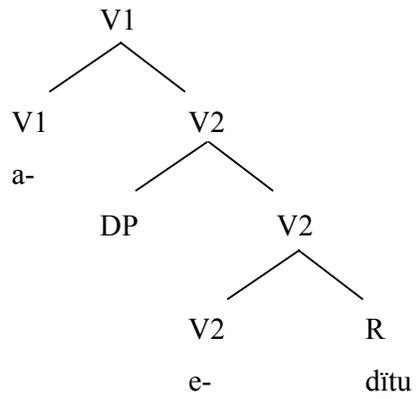
(51.b.) Transitiva

<b>Aku’u ipewapewa</b>	<b>ali</b>	<b>i-a-dĩtu</b>
<i>coruja/rato</i>	<i>criança</i>	<i>3s-T-assustar</i>

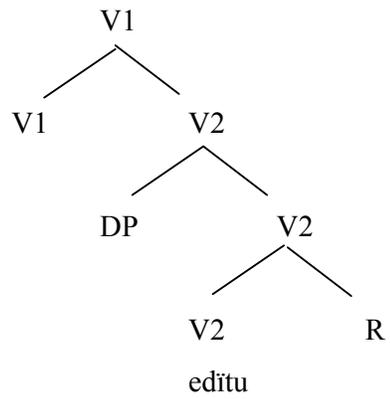
“Coruja/ rato assustou criança” (Lima II)

Estruturas:

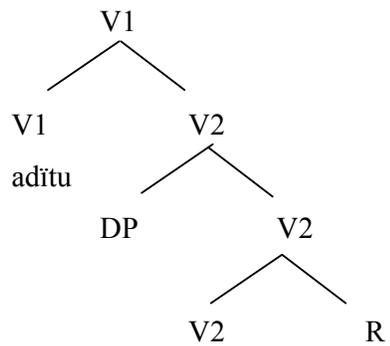
(52.a) pré-conflation



(52.b) pós-conflation (reflexiva)



(52.c) pós-conflation (transitiva)



No que compete à formação dos verbos transitivos, há que se ressaltar que eles apresentam, assim como os inacusativos, a parte monádica (V1) com o encaixamento da parte diádica (V2), sendo que aquela traz as informações referentes à transitividade. Há verbos transitivos com morfemas fonologicamente realizados e com morfemas fonologicamente não realizados, tal como veremos a seguir. Vale notar que, em qualquer um dos casos, o morfema de modo só é inserido em TP, não durante a formação do verbo:

### 1) Verbo transitivo com morfema de valência fonologicamente realizado

Exemplo:

(53.)

**João ba'ï a-baku**

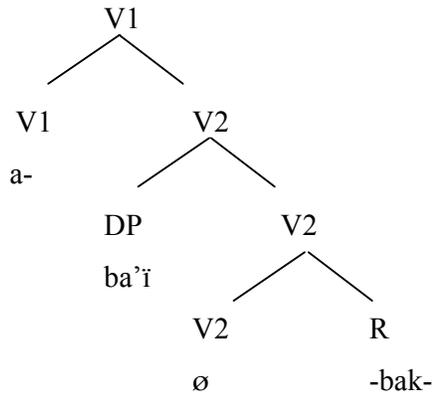
*João paca T-matar*

“João matou paca”

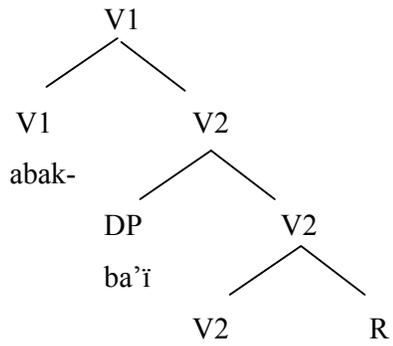
(Lima IV)

Estrutura:

(54.a.): pré-conflation



(54.a.): pós-conflation (transitivo)



2) Verbo transitivo com morfema de valência fonologicamente nulo

Exemplo:

(55)

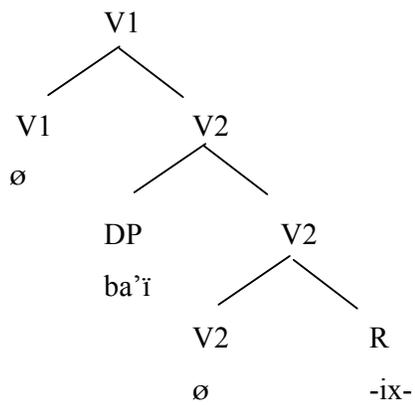
**Ena ba'ï ixu**  
*2s paca comer*

“Você comeu paca”

(Lima IV)

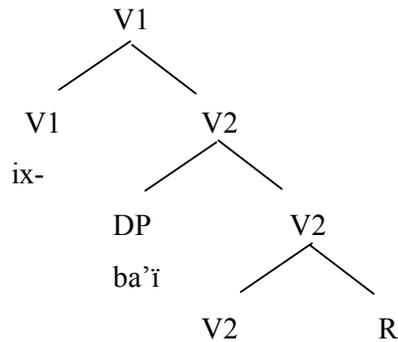
Estrutura:

(56.a.) pré-conflation



Estrutura:

(56.b.) pós-conflation (transitiva)



Temos, ainda, o caso de supleção verbal que tem duas funções na língua: alternância transitiva-incoativa e indicar pluralidade de eventos<sup>54</sup>. Nas línguas Tupi observamos que os fenômenos de afixação e, especificamente, a supleção, são produtivos. No que compete ao fenômeno da supleção, vemos que ela é recorrentemente associada à pluralidade, principalmente à pluralidade de argumentos, tal como vemos abaixo:

Línguas	Afixação e supleção
Mekéns	- afixação e supleção Funções possíveis: raízes diferentes são usadas de acordo com o número (singular/ plural) dos argumentos (Galucio 200; 54/ 55).
Munduruku	Há afixação, mas não supleção de raiz verbal na língua. Contudo, Dionei Moraes (comunicação pessoal), afirma que há apenas ideofones na língua Munduruku, os quais são variação de um verbo e, em certo sentido, um caso de supleção.
Gavião	- Há afixação ({-r} / {-a}) e supleção. Segundo Moore (1984; 165/239) há mudança nas raízes apenas em alguns verbos intransitivos. - As funções possíveis são marcar plural de argumentos ou plural de eventos (Moore 1984; 165).

<sup>54</sup> Uma outra hipótese possível seria associar a supleção à pluralidade de argumentos. Um argumento para defender esta hipótese seriam os verbos supletivos duplicados. Se a supleção e a duplicação indicam pluralidade de eventos, teríamos redundância de operadores exercendo essa função. Sendo assim, uma hipótese mais forte seria associar a duplicação à pluralidade de eventos e a supleção à pluralidade de argumentos quando ela ocorre em verbos transitivos e inergativos.

Xipayá	- afixação e supleção (utilizado para transitivos e intransitivos). - Funções possíveis: 1) para diferenciar sentenças com 1 ou 2 argumentos; 2) pluralidade de eventos (R. Rodrigues 1995).
Karitiana	- Supleção - Funções possíveis: pode marcar a diferença entre eventos singulares e plurais em verbos intransitivos e transitivos (comunicação pessoal, Luciana Storto).
Karo	- Supleção (recurso utilizado apenas para verbos intransitivos) - Funções possíveis: raízes diferentes são usadas de acordo com o número (singular/ plural) dos argumentos (Gabas Jr. 1999; 46).

(Lima 2007)

No que compete à língua Juruna, em verbos transitivos e inergativos, a supleção indica pluralidade de eventos/argumentos (como *tahu/wãna* (“correr”) e *kua/upiku* (“dar”)), por exemplo). Quando a supleção está associada à alternância de valência, ela ocorre em verbos inacusativos, tal como vemos nos casos a seguir:

(57)

**puju uhu**

*feijão cozinhar*

“Feijão cozinhou” (Lima II)

**lidja puju ʔwĩyu**

*Mulher feijão cozinhar*

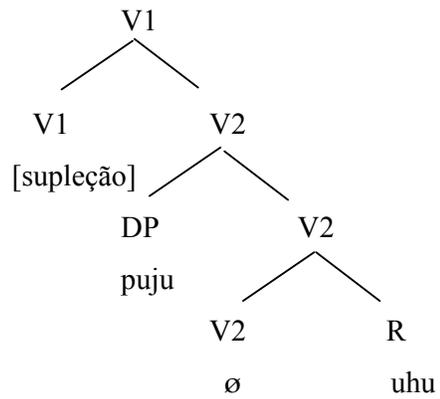
“Mulher cozinhou feijão” (Lima II)

Para explicar a supleção verbal através da teoria de Hale & Keyser temos que propor que em V1, por exemplo, há uma regra que transforma a raiz intransitiva em transitiva. Esta regra se manteria apenas em casos em que o verbo não aceitasse os morfemas de transitivização e intransitivização e que a raiz verbal tivesse traços que determinassem que o verbo em questão sofre supleção ao invés de mudança de valência por prefixação. Partindo dos exemplos expostos em (57), podemos propor as estruturas abaixo:

Estruturas

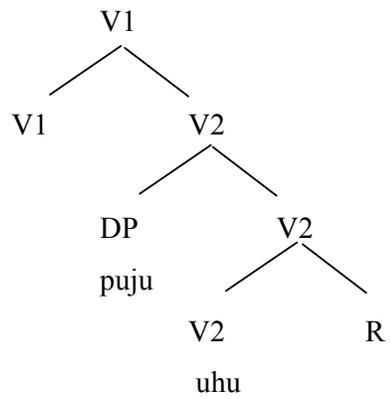
(58.a.)

*Pré-conflation*



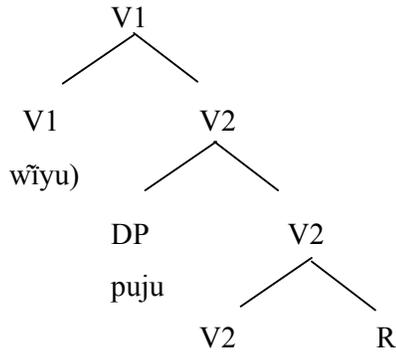
(58.b.)

*Pós-conflation (Intransitiva)*



(58.c.)

*Pós-conflation* (transitiva)



Em todos os casos apresentados – inergativos, inacusativos e transitivos – o sujeito é inserido posteriormente, com a projeção de *vP*. Neste sentido, ele não é um argumento gerado na estrutura argumental do verbo. Discutiremos a inserção dos sujeitos no capítulo II da parte II, quando apresentarmos a estrutura das sentenças da língua Juruna.

#### 1.vi. Formação de transitivos complexos (causativizações)

Vimos acima a formação dos verbos transitivos, inergativos e dos verbos inacusativos; estes últimos sendo os verbos que realizam alternância transitivo-incoativa. Vimos anteriormente que a língua Juruna apresenta três comportamentos possíveis em relação aos processos de alternância transitivo-incoativa: a supleção (*uhu*<sub>incoativo</sub> / *wĩnhũ*<sub>transitivo</sub> [“cozinhar” em Juruna]), a afixação (*ludjaku*<sub>incoativo</sub> / *udjaku*<sub>transitivo</sub> [“estourar”, em Juruna]) e, finalmente, a alternância *labile* (*ikupenu* [“fechar”, em Juruna]). No que compete à alternância complexa (causativização) de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos), temos apenas o processo de afixação de dois morfemas distintos que estão em distribuição complementar (*{u®}*- e *{ma-}*). No caso das causativizações de verbos transitivos, há o verbo auxiliar *ada* (“mandar”), que ocupa a posição de causativizador (Fargetti (2001; 186)):

(59.a.)

<b>Tahu</b>	<b>apĩ</b>
<i>Correr</i>	<i>cachorro</i>

“Cachorro correu” (Fargetti 2001; 186)

(59.b.)

<b>Una</b>	<b>apĩ</b>	<b>y=u®-tahu</b>	<b>anu</b>
<i>Is</i>	<i>cachorro</i>	<i>3s=caus.-correr</i>	<i>asp</i>

“Eu fiz cachorro correr” (Fargetti 2001; 186)

(60.a.)

<b>Anĩ</b>	<b>iyu</b>
<i>3s</i>	<i>dormir</i>

“Ele dormiu” (Fargetti 2001; 190)

(60.b.)

<b>Sewaki</b>	<b>i=ma=iyu</b>	<b>he</b>	<b>anu</b>
<i>Sewaki</i>	<i>3s=caus.=dormir</i>	<i>3s</i>	<i>asp</i>

“Sewaki o fez dormir (Sewaki o dormiu)” (Fargetti 2001; 190)

(61)

<b>lidja</b>	<b>ali</b>	<b>ada</b>	<b>iyakuha</b>	<b>awi</b>
<i>Mulher</i>	<i>menino</i>	<i>mandar</i>	<i>mingau</i>	<i>beber</i>

“Mulher fez/mandou menino beber mingau”. (Fargetti 2001; 193).

É válido ressaltar que a existência de dois causativizadores divide classes verbais na língua Juruna, algo que também ocorre em outras línguas Tupi, tal como verificou Storto (2002) na língua Karitiana (família Karitiana, tronco Tupi) e Seki (2000) na língua Kamaiurá (família Tupi-Guarani, tronco Tupi). Em Karitiana, existem dois causativizadores – {m-} e {by-} – sendo que {by-} “*limita-se a raízes verbais intransitivas assinaladoras de papéis temáticos não-agentivos e não-experenciadores (...) b<y>- é um morfema causativo cuja ocorrência está limitada a verbos intransitivos que assinalam papéis temáticos com o traço [-mental state]*” (Storto 2002):

(62.a.)

[**Ōwā**                      **m-pekera]-t**                      **naka-ja-t**                      **i**  
*criança*                      *caus-boiar*<sup>(1)</sup><sub>intr-obl</sub>    *decl-aux-ηfut*                      3  
 ‘Ele fez a criança boiar<sup>(1)</sup>’ (leitura: ‘fazer alguém boiar intencionalmente’)

(62.b)

[**Ōwā**                      **by-bekena]-t**                      **naka-ja-t**                      **i**  
*child*                      *caus-boiar*<sup>(2)</sup><sub>intr-obl</sub>    *decl-aux-ηfut*                      3  
 ‘Ele fez a criança boiar<sup>(2)</sup>’ (‘fazer alguém boiar não intencionalmente’)

A análise de Fargetti (2001) para os dois causativizadores da língua Juruna é dizer que “{u@-} ocorre com verbos que parecem indicar uma maior agentividade do “causado” (*causee*, em inglês); {ma-} com verbos de uma maior agentividade do “causador” (*causer*, em inglês)”. Nosso objetivo na presente análise, para além das classes que estes verbos dividem na língua Juruna, é hipotetizar qual estrutura sintática contempla os três tipos de causativização.

Iniciaremos apresentando as principais características das sentenças causativas. Há, produtivamente, a marcação de concordância de objeto, tanto em causativas realizadas com o morfema {u@-} como em causativas com o morfema {ma-}. Estes morfemas marcam o *causee* (sujeito lógico do verbo causativizado, para Hale e Keyser 2002; 109), isto é, o objeto da causativa. Por outro lado, frente aos dados observados até o momento, estes morfemas de concordância não ocorrem em causativas com verbos transitivos. Vejamos abaixo dois verbos intransitivos causativizados:

(63): verbo inacusativo causativizado

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Verbo causativizado	Exemplos (Lima II)
Secar	txuratxu	i-ma-txuratxu	<b>Abeata txuratxu</b> <i>roupa secar</i> “Roupa secou”  <b>kuwade abeata i-ma-txuratxu</b> <i>sol roupa 3-caus.-secar</i> “Sol fez roupa secar”

(64): verbo inergativo causativizado

Verbo em português	Verbo em Juruna	Verbo causativizado	Exemplos (Lima II)
Virar completamente	Txuruku	i-ũ-txuruku	<p><b>pīza txuruku</b>  <i>canoa virar completamente</i>            “Canoa virou canoa completamente”</p> <p><b>Amana pīza i-ũ-txuruku</b>  <i>Chuva canoa 3s-caus.-virar completamente</i>            “Chuva fez canoa virar completamente”</p>

Vale ressaltar que o morfema de terceira pessoa em Juruna pode ser {i-} ou zero. Por essa razão, há sentenças em que o objeto é de terceira pessoa e o prefixo de causativização não é precedido por morfema de objeto, já que ele pode não ser fonologicamente realizado. Este fato permite hipotetizar que a ausência de morfemas de terceira pessoa em causativas a partir de verbos transitivos se deve ao fato de este morfema poder ser fonologicamente nulo, tal como vemos com o verbo “molhar” (inacusativo):

(65.a.)

<b>Abeata</b>	<b>i-’uru</b>
<i>Roupa</i>	<i>3-molhar</i>
“Roupa molhou” (Lima II)	

(65.b.)

<b>Amana</b>	<b>abeata</b>	<b>ma-’uru</b>
<i>Chuva</i>	<i>roupa</i>	<i>caus.-molhar</i>
“Chuva fez roupa molhar” (Lima II)		

(65.c.)

<b>Amana</b>	<b>es=abeata</b>	<b>i=ma-'uru</b>
<i>Chuva</i>	<i>2p=roupa</i>	<i>3=caus-molhar</i>

“Chuva fez sua roupa molhar” (Fargetti 2001; 191)

Sabemos que {i-}, neste contexto, não faz parte da raiz do verbo, uma vez que ele pode estar ausente, tal como vemos na sentença (65.b.). Também é válido dizer que estes morfemas só estão relacionados aos objetos das sentenças, nunca aos sujeitos (como veremos no capítulo 2 desta dissertação).

Os morfemas de concordância ocorrem nas causativas independentemente da pessoa do objeto. Este fato mostra que estes morfemas são, de fato, os morfemas de concordância, com a mesma distribuição que eles apresentam em sentenças inacusativas e transitivas. Vejamos os exemplos nas sentenças causativas:

(66): objeto da causativa – segunda pessoa

<b>Awĩ</b>	<b>l=ũ-enaena</b>	<b>e=be</b>	<b>anu</b>
<i>Quati</i>	<i>2s=caus.-vomitar</i>	<i>2s=dat</i>	<i>asp.</i>

“Quati fez você vomitar”  
(Fargetti 2001; 188)

(67): objeto da causativa – primeira pessoa

<b>U=ma-elu</b>	<b>ena</b>	<b>u=be</b>
<i>1s=caus.-saudade</i>	<i>2s</i>	<i>1s=dat.</i>

“Você me fez saudade”  
(Fargetti 2001; 190)

A proposta de Levin & Rappaport-Hovav (1995; 114), como vimos anteriormente, é que verbos internamente causados são marcados morfologicamente no caso de terem uma contraparte causativa (o menino riu/ o homem fez o menino rir). De fato, em Juruna, verbos que são internamente causados e não realizam a alternância simples (o homem riu/ \* o homem riu o menino) podem ser causativizados e, neste caso, morfologicamente marcados. Contudo, não são apenas os verbos com causa interna que apresentam esta morfologia de causativização. Para além disso, há dois morfemas, como

vimos, para as alternâncias complexas e a distribuição deles não está associada ao critério internamente/externamente causado, já que toda causativização envolve o fato do evento ser externamente causado, dada a inserção do agente. Estes fatos favorecem um critério sintático (como o de Hale & Keyser) de explicação das alternâncias ao invés de um critério semântico (como o de Levin & Rappaport-Hovav) já que aquele, mas não este, dá conta das causativizações.

É válido ressaltar que há verbos que nunca causativizam, como é o caso de *txitxiku* (engatinhar), *e'ã* (morrer). Isto porque estes são verbos que não são, em nenhuma circunstância, motivados por causa externa. No caso de “morrer”, por exemplo, não se pode dizer que algo morreu alguém, mas que algo matou alguém. Isso ocorre em português e em Juruna, tal como se vê a seguir:

(68.a.)

**Ba'ï e'a**

*Paca morrer*

“Paca morreu” (Lima IV)

(68.b.)

**\* Apï ba'ï ma-e'a**

*Cachorro paca caus.-morrer*

\* “Cachorro morreu paca” (Lima IV)

Vimos na seção anterior (1.v.) que as alternâncias do tipo simples em Juruna são determinadas pela inserção de núcleos verbais (V1 e V2). Hipotetizaremos que as alternâncias complexas também são formadas com a inserção destes núcleos. Uma forte evidência para esse fato decorre do fato de que as causativizações ocorrem diretamente na raiz verbal, tal como vemos com o verbo “emagrecer”:

(69)

Verbo	Intransitivizador	Transitivizador	Raiz	Causativização
Perder/ sumir (lahua – intransitivo) (ahua – transitivo)	l-	-a-	-hua	I-ma-hua *Ima-lahua *Ima-ahua

O leitor pode questionar como um mesmo núcleo funcional – no caso V1 e V2 – pode suportar dois tipos de alternâncias distintas. Uma primeira evidência é o fato que, como dissemos, a causativização ocorrer diretamente na raiz. Se ela ocorresse a partir do verbo transitivo ou intransitivo, esperaríamos que houvesse outro núcleo desenvolvendo o processo. Contudo, o que as estruturas causativas nos mostram é que o falante – quando projeta uma sentença mentalmente – já estrutura uma sentença de alternância simples ou complexa. Dessa forma, é projetado em V1/V2 o morfema associado à estrutura em questão.

Para discutirmos a estruturação das sentenças causativas é importante ressaltar que o processo em todos os três casos (causativização com {ũ-}, {ma-} ou com o verbo *ada*) tem a mesma estrutura. Podemos iniciar a observação a partir de verbos transitivos. Note que, neste caso, o causativizador (*ada*) não está prefixado ao verbo propriamente dito, mas aparece diante do objeto da sentença transitiva original, tal como vemos a seguir:

(70.a.)

<b>ali</b>	<b>[ba'ĩ</b>	<b>uatxukaha]</b>
<i>criança</i>	<i>[paca</i>	<i>perseguir]</i>

“Menino perseguiu paca” (Lima V)

(70.b.)

<b>Pedro</b>	<b>ali</b>	<b>ada</b>	<b>[ba'ĩ</b>	<b>uatxukaha]</b>
<i>Pedro</i>	<i>criança</i>	<i>caus.</i>	<i>[objeto</i>	<i>verbo]</i>

“Pedro fez menino perseguir paca (literalmente: “Pedro mandou menino perseguir paca)” (Lima V)

A partir de fatos como em (70.b.), há evidências para se dizer que o objeto da sentença transitiva foi incorporado ao verbo – fato que vai ser reiterado no capítulo 2 quando discutirmos a ausência de adjunção entre objeto e verbo – e, portanto, o causativizador ocorre prefixado ao composto resultado da incorporação (objeto + verbo) e não à raiz verbal. Esta incorporação, inclusive, é explicada por questões de exigências dos núcleos verbais. O núcleo *ada* exige, apenas, um objeto que ocupará a posição de

DP de V2. O objeto da sentença transitiva original, contudo, não é um “competidor” deste outro objeto porque ele já foi incorporado pelo verbo (no exemplo *ba’i* (“paca”) foi incorporado por *uatxukaha*, “perseguir”) e, logo, o verbo passa a ter comportamento sintático de um verbo intransitivo. Dessa forma, é possível equiparar o processo de causativização em verbos intransitivos. Vejamos os exemplos:

(71.a.)

**lidja**            **ũlãmi**

*Mulher*            *emagrecer*

“Mulher emagreceu” (Lima V)

(71.b.)

**Kanea’ua**    **lidja**            **i-ma-lãmi**

*Doença*            *mulher*            *3s-caus.-emagrecer*

“A doença fez a mulher emagrecer” (Lima V)

(72.a.)

**lidja**            **bikaru**

*Mulher*            *emagrecer*

“Mulher emagreceu” (Lima V)

(72.b.)

**Kanea’ua**    **lidja**            **i-ũ-bikaru**

*Doença*            *mulher*            *3s-caus.-emagrecer*

“Doença fez mulher emagrecer” (Lima V)

Em síntese, todas as causativas complexas da língua Juruna apresentam a mesma estrutura a seguir:

#### **Intransitivas**

**AGENTE      OBJETO DA CAUSATIVA      CAUS.-VERBO**

#### **Transitivas**

**AGENTE      OBJETO DA CAUSATIVA      CAUS.-[OBJETO VERBO]**

Visto isso, podemos apresentar a estrutura dos fatos apresentados em (70.b.), (71.b.) e (72.b.). Iniciemos pelas sentenças intransitivas causativizadas, onde retomamos o exemplo apresentado em (71.b.) e (72.b.):

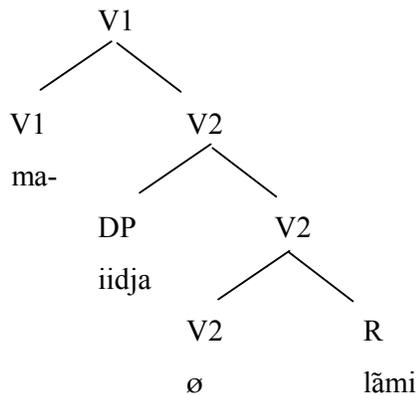
Exemplo:

(71.b.)

**Kanea’ua      iidja      i-ma-lãmi**  
*Doença      mulher      3s-caus.-emagrecer*  
 “A doença fez a mulher emagrecer” (Lima V)

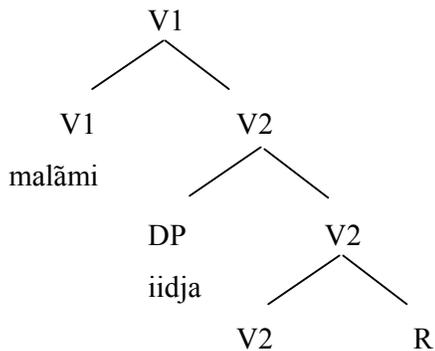
(73.a.)

*Pré-conflation:*



(73.b.)

*Pós-conflation:*



Exemplos:

(72.b.)

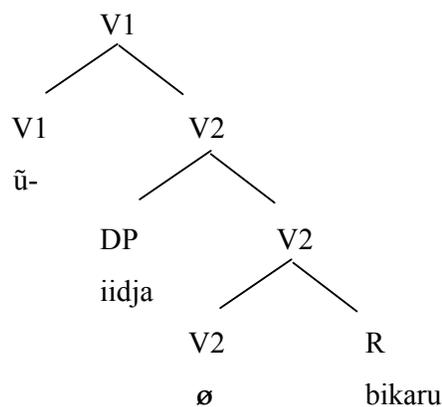
**Kanea'ua iidja i-ũ-bikaru**

*Doença mulher 3s-caus.-emagrecer*

“Doença fez mulher emagrecer” (Lima V)

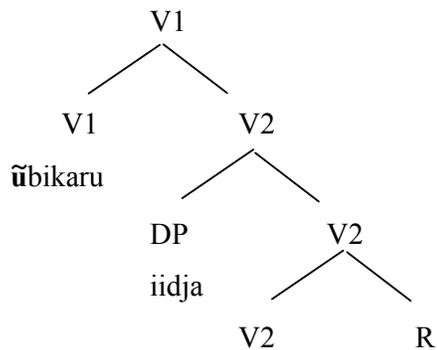
(74.a.)

*Pré-conflation:*



(74.b.)

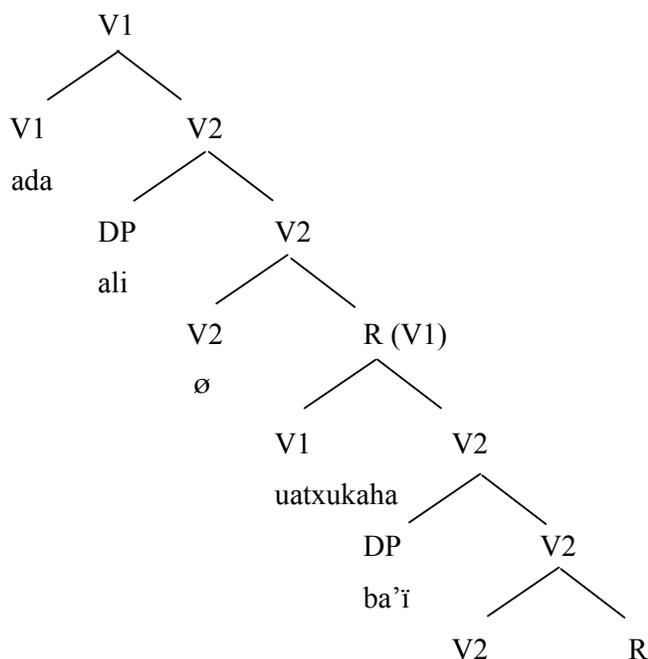
*Pós-conflation:*



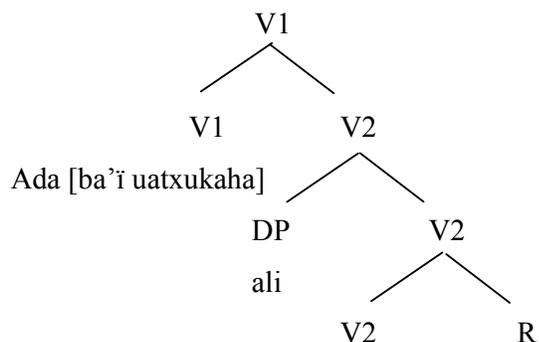
Em ambos os casos, o agente da causativa e o morfema de concordância são inseridos em etapas posteriores: ambos na projeção de vP, no processo de projeção de múltiplos Specs – o qual discutiremos posteriormente no capítulo 2.

Deixamos as estruturas causativas transitivas para serem apresentadas por último pela necessidade de explicar a projeção do objeto do verbo causativizado. Apesar de sintaticamente idênticas, as causativizações intransitivas e transitivas têm a diferença de





(75.c.) *Conflation* do verbo *ada*:



As estruturas acima colocam a questão da ordem sentencial. A língua Juruna, veremos adiante, é uma língua SOV. Sendo assim, na formação da sentença em “*Pedro ali ada ba’i uatxukaha*”, vimos que é gerado “*uatxukaha ba’i*” e não “*ba’i uatxukaha*” (vide 75.a. e 75.b.). Contudo, como dissemos anteriormente, a ordem da sentença na estrutura superficial não é relevante para o processo de estruturação destas estruturas básicas do verbo (Hale & Keyser 2002; 148). Isto permite que em processos posteriores invertamos em (75.c.) “*uatxukaha ba’i*” para “*ba’i uatxukaha*”.

Há ainda uma outra construção que pode ser usada no contexto de causativização complexa para verbos transitivos, tal como segue abaixo:

(76)

**lidja**            **dumambïa-be**            **hae**            **aimbaata**            **a-pãÿũ-a**  
*Mulher*            *filha-dat*            *auxiliar*            *rede*            *T-amarrar-pedir*

“A mulher pediu para as meninas amarrarem as redes” (Lima II)

(77)

**lidja**            **dumambïa**            **hae**            **aimbaata**            **a- pãÿũ-a**  
*Mulher*            *filha*            *auxiliar*            *rede*            *T-amarrar-pedir*

“A mulher pediu para as meninas amarrarem as redes” (Lima II)

Nestes casos, há o verbo auxiliar *hae* que tem a mesma função do verbo *ada* que vimos anteriormente: inserir um agente externo que incide sobre a ação do sujeito da sentença transitiva (nos dois casos em questão, *dumambïa*).

Como adiantamos anteriormente, sendo as estruturas de sentenças que realizam alternância simples idênticas às de alternância complexa, é possível dizer que a leitura de transitiva simples ou complexa dependerá não da estrutura (isto é, se V2 está encaixado em V1 nos dois tipos de alternância), mas do morfema que estiver na posição de V2: se tivermos a inserção do morfema {l-} e {a-} sabemos que é o caso de alternância simples. Contudo, se o morfema inserido for {ũ-}, {ma-} ou *ada/hae* então a leitura será de alternância complexa. Também é importante ressaltar que a causativização de verbos inergativos mostra um importante fato sobre a estrutura argumental dos verbos: muito embora a propriedade nominal de um verbo inergativo iniba este verbo de ser inserido em uma estrutura V2, o morfema causativo prefixado a ele exige um objeto. Dessa forma, este verbo é inserido em uma estrutura V2, para que as exigências do núcleo verbal sejam satisfeitas. **Desta forma, a raiz não traz informação sobre o número de argumentos que ela requer. Quem o faz são os núcleos verbais.** Desta forma, é possível sintetizar:

(78)

Morfemas	Exigência
{a-}, {ũ-}, {ma-}, <i>ada</i> , <i>hae</i>	Exige dois argumentos, um deles projetado internamente, que será o objeto.
{l-}	Exige apenas um argumento que será projetado externamente.

**1.vii. Alternâncias de voz**

A língua Juruna apresenta processos de prefixação verbal que, como vimos acima, alteram o número de argumentos envolvidos na ação. Diferentemente dos processos que analisamos até o momento, o que apresentaremos a seguir é um processo de demissão e não de adição de argumentos. Vale ressaltar que, assim como os outros fenômenos já analisados, também a alternância de voz permite que compreendamos importantes características dos verbos – como, por exemplo, suas classes –, assim como conseqüências sintáticas destes processos. Iniciemos observando os exemplos (79.a), (79.b) e (79.c.) abaixo:

**(79.a.)**

<b>senahĩ</b>	<b>peruma</b>	<b>ka</b>
<i>homem</i>	<i>macaco</i>	<i>caçar</i>

“Homem caçou macaco” (Lima IV)

**(79.b.)**

<b>senahĩ</b>	<b>i-ka</b>	<b>peruma-be</b>
<i>homem</i>	<i>3-caçar</i>	<i>macaco-dat</i>

“Homem caçou macaco” (Lima IV)

**(79.c.)**

<b>senahĩ</b>	<b>i-ka</b>
<i>homem</i>	<i>3s-caçar</i>

“Homem caçou (macaco)” (Lima IV)

Em (79.b.) e (79.c.) temos a presença do morfema {i-} prefixado ao verbo. {i-} é uma forma presa pronominal que ocorre prefixada aos verbos (Fargetti 2001). Em (79.b.) vemos o objeto marcado por Caso dativo<sup>55</sup> o que permite que ele possa ser demovido, tal como vemos em (79.c.). Neste caso, há a proeminência do evento que está sendo descrito e não do objeto envolvido (“macaco”) de forma que, em (79.c.), o objeto pode ser omitido completamente.

---

<sup>55</sup> Vale ressaltar que toda vez que o objeto estiver posposto ao verbo em Juruna ele será marcado por Caso dativo. Essa questão será retomada na seção sobre estrutura sentencial (capítulo 2, parte II).

A gramaticalidade da sentença é garantida pela presença do morfema {i-}, uma vez que este processo de demissão de argumento ocorre, apenas, com verbos transitivos. É possível que nestes casos (79.b. e 79.c.) o verbo tenha sido somente impessoalizado; em outras palavras, que a sentença tenha ganhado leitura indefinida em relação ao objeto de forma que a informação que o homem caçou algo permanece, sem a especificação do que foi caçado, tal como em uma sentença pronominal.

Nestes casos, o que permite que a sentença permaneça gramatical – uma vez que o verbo é transitivo e exige dois argumentos - é a presença do morfema {i-}. A demissão de objeto na língua Juruna não acarreta em apagamento completo de todos os traços deste argumento, mas apenas no apagamento do sintagma nominal correspondente ao objeto. Isto porque os traços do objeto permanecem, devido à existência do morfema {i-}, que é um morfema de concordância de terceira pessoa na língua (como analisaremos no capítulo 2).

É válido ressaltar que o morfema {i-}, neste caso, não traz apenas informações de concordância, mas é a presença dele que permite que exista a demissão do argumento. Dessa forma, é possível hipotetizar que exista uma homofonia entre o morfema de mudança de voz e o morfema de concordância (Luciana Storto, comunicação pessoal). Isto não é raro nas línguas Tupi. Esse tipo de uso do morfema {i-} é comum em outras línguas deste tronco, tais como Karo, Mekéns e Karitiana, nas quais este morfema assume outras funções que não concordância ou codificação do objeto, tal como vemos a partir de Storto (2005):

**(80)**

	Arikém	Ramarama	Tupari	Proto-Tupi-Guarani	Juruna
Foco do sujeito transitivo	-----	{i-}	-----	-----	{i-}
Foco do sujeito intransitivo	{i-}	{i-}	{i-}	R <sup>56</sup>	-----
Foco do objeto	{i-}	{i-}	{i-}	R <sup>57</sup>	{i-}

No que compete exclusivamente a fatos como os apresentados em (79 a-c), vemos que este processo é verificável em outras língua Tupi, como Mekéns (família

<sup>56</sup> Payne (1994) propõe que as línguas Tupi-Guarani têm marcador de voz inversa. Ele foi reconstruído como r-, mas possui alomorfes, quais sejam: i-, zero, n-, t-, h-. A função dele é indicar o paciente focalizado.

<sup>57</sup> Idem nota 24.

Tupari, tronco Tupi), por exemplo (Galucio 2001a, Galucio 2001b)<sup>58</sup>. Nesta língua, assim como em Juruna, quando o objeto aparece em alguma outra posição sintática – por requerimento sintático ou pragmático - que não a requerida pelas restrições de adjacência da língua (OV), o objeto passa a ser marcado por um morfema oblíquo (*pe*) (Galucio 2001a; 210) o que mostra que o objeto foi demovido de sua posição de objeto.

É fato que em Juruna o objeto da sentença pode ser marcado pela posposição *be* (marca de Caso dativo/oblíquo, descrita por Fargetti 2001) e, quando isso ocorre, inevitavelmente há a proeminência de algum outro argumento na sentença, que não o marcado por *be*<sup>59</sup>. Isso ocorre porque o que é marcado pela posposição *be* não é um argumento propriamente dito. Para exemplificar esse fato, podemos observar o caso de *u-be*, na sentença (81). Se *u-be* tivesse status de argumento na sentença (mais precisamente de objeto), não seria possível a adjunção de um adjunto locativo entre ele e o verbo tal como vemos na tabela (82.c.). A agramaticalidade em (82.d.) e (82.h.) consiste na inserção de um adjunto entre a forma de concordância prefixada ao verbo ou entre o sintagma nominal e o verbo, respectivamente:

**(81)**

<b>apĩ</b>	<b>u-atxu</b>	<b>u-be</b>	<b>ka'a</b>	<b>he</b>
<i>cachorro</i>	<i>Is-morder</i>	<i>Is-dat</i>	<i>mato</i>	<i>locativo</i>

“(O) cachorro me mordeu no mato” (Lima IV)

**(82)**

<b>a.</b>	<b>apĩ</b>	<b>ka'a</b>	<b>he</b>	<b>u-atxu</b>	<b>u-be</b>
-----------	------------	-------------	-----------	---------------	-------------

<sup>58</sup> Um exemplo para ilustrar esse fenômeno na língua Mekéns é:

ke	i-ko-a	te	i-taip	kwirisa	asakwãira	piriga
that	3s-aux.mov-	foc	3s-son	bee	Bee.hive	Throw.down
	sim					

“while he was in that way doing (it), his son threw the beehive down”

ke	i-ko-a	te	i-taip	i-piriga	pe=kwirisa	asakwãira
that	3s-aux.mov-	foc	3s-son	OM-	Obl=bee	Bee.hive
	sim			throw.down		

“While he was in that way doing (it), his son threw the beehive down”

<sup>59</sup> A posposição *be* pode aparecer em outros contextos em Juruna, a saber (Fargetti 2001, Lima 2005): 1) o objeto indireto da sentença, em sentenças bitransitivas, é marcado por dativo; 2) adjuntos da sentença (locativo, por exemplo), 3) verbo monotransitivo cujo único argumento interno é marcado por caso dativo o que pode indicar os casos em que um verbo pode ser sintaticamente intransitivo e semanticamente transitivo. Nesta seção não discutiremos estes outros usos. Para maiores discussões sobre este fato, consultar capítulo 2, parte II.

<b>b.</b>	Ka'a	he	apĩ	u-atxu	u-be
<b>c.</b>	apĩ	u-atxu	ka'a	he	u-be
<b>d.</b>	* apĩ	u-ka'a he		atxu	u-be

“(O) cachorro me mordeu no mato” (Lima IV)

<b>e.</b>	apĩ	ka'a	he	Maria	atxu
<b>f.</b>	Ka'a	he	apĩ	Maria	atxu
<b>g.</b>	apĩ	Maria	atxu	ka'a	he
<b>h.</b>	* apĩ	Maria	ka'a	he	atxu

“(O) cachorro mordeu Maria no mato” (Lima IV)

Observemos agora as sentenças (83.a.) e (83.b), as quais são semanticamente equivalentes, apesar de suas diferenças sintáticas. Na primeira (83.a.) temos uma estrutura em que o objeto precede o verbo - como é esperado - e na segunda (83.b.) temos a construção com o objeto marcado pela posposição *be* discutida acima e o verbo movido:

**(83.a.)**

<b>iidja</b>	<b>zaku</b>	<b>na</b>
<i>mulher</i>	<i>ver</i>	<i>Is</i>

“Eu vi (a) mulher” (Lima IV)

**(83.b.)**

<b>i-zaku</b>	<b>na</b>	<b>iidja-be</b>
<i>3-ver</i>	<i>Is</i>	<i>mulher-dat</i>

“Eu vi (a) mulher” (Lima IV)

A existência desse tipo de sentença que vimos em (79 a-c) e agora em (83 a-b) remete para alternâncias de voz entre voz ativa e antipassiva. Desta perspectiva, uma sentença ativa tem sua contraparte antipassiva na qual o objeto aparece posicionado e o verbo aparece prefixado pelo morfema {i-}.

Para discutir esta hipótese, retomemos o conceito de “antipassiva” (Baker [1988], Bittner [1987], Dixon [1994], Givón [2001]). Antipassiva é o fenômeno de

alternância de voz segundo o qual o objeto direto de um verbo transitivo pode aparecer como um constituinte oblíquo ou adverbial e, simultaneamente, um morfema pode aparecer precedendo o verbo<sup>60</sup>. Esse processo faz com que o verbo inicialmente transitivo passe a ter um comportamento de verbo intransitivo, já que o objeto pode ser ‘apagado’ da sentença, ou antes, perde seu status de argumento e passa ser um adjunto. O fato de um verbo transitivo ter comportamento sintático de um verbo intransitivo também ocorre em casos de incorporação de argumentos, como mostra Baker (1988) e Givón (2001).

Um antipassiva, portanto, é uma estrutura que apresenta uma relação de um predicado de dois lugares no esquema nominativo (sujeito) – dativo (objeto). Dessa forma, a antipassiva tem o comportamento morfológico e sintático de um verbo intransitivo, mas trata-se de um verbo de dois lugares no plano semântico. A antipassiva é, portanto, um processo de mudança de valência verbal que deriva uma sentença intransitiva.

Partindo desses pressupostos, a hipótese de Galucio (2001a; 220, 2001b) para Mekéns é que uma vez apagado o objeto (SN), a sentença passa a ter uma leitura de objeto pronominal, já que a sentença mostra que há um objeto (devido à presença de um prefixo no verbo), mas sem especificá-lo. Vimos esse fato em (79.b.) e (79.c.) que repetimos abaixo. (79.c.) mostra que sabemos que há um objeto (devido à presença do {i-}), entretanto não sabemos suas especificidades, já que o sintagma nominal foi demovido da sentença:

(79.b.)

<b>senahĩ</b>	<b>i-ka</b>	<b>peruma-be</b>
<i>homem</i>	<i>3-caçar</i>	<i>macaco-dat</i>

“Homem caçou macaco” (Lima IV)

(79.c.)

<b>senahĩ</b>	<b>i-ka</b>
<i>homem</i>	<i>3-caçar</i>

---

<sup>60</sup> Vale ressaltar que a hipótese para a língua Juruna segue a seguinte perspectiva: uma sentença transitiva em que o objeto não aparece marcado por dativo, mas o verbo é prefixado por {i-} não é uma antipassiva, mas é um caso em que há concordância de objeto. Por outro lado, em sentenças que temos o morfema {i-} prefixado ao verbo e o objeto é marcado por Caso dativo temos uma antipassiva.

“Homem caçou (macaco)” (Lima IV)

Para Baker (1988) o papel temático do objeto direto permanece, mesmo na antipassiva. Da perspectiva deste autor, o verbo continua semanticamente transitivo, contudo o argumento tema/ paciente passa a ser indefinido, não conhecido ou não especificado. Para ele, a antipassiva não deixa de ser um tipo de incorporação nominal. Desta perspectiva, o morfema de antipassiva é gerado na posição do objeto direto na estrutura profunda (doravante DS). Já na estrutura superficial (doravante SS), o morfema de antipassiva sofre ‘X<sup>0</sup> movement’ (incorporação, para Baker) e se adjunge ao núcleo verbal.

No que compete às características de realização pragmática das antipassivas, podemos destacar as seguintes propriedades (Givón 2001; 168): 1) elas ocorrem em contextos em que a realização do paciente não é relevante; 2) por conseguinte, o objeto não é tópico da sentença; 3) o objeto é previsível (genérico ou estereotipado). Outras características que são associadas às estruturas antipassivas são apresentadas por Givón (2001; 169):

- (i) pluralidade
- (ii) indefinitude
- (iii) aspecto habitual
- (iv) objeto não afetado
- (v) não-referencialidade
- (vi) modo *irrealis*

Das características apontadas por Givón (2001), fazemos especial referência à questão da pluralidade. Em Juruna, os nomes são cumulativos, ou seja, neutros para número. Isto é, os nomes [+humano] podem ser morfologicamente marcados para plural<sup>61</sup>, mas se eles não o são, eles podem ser interpretados com leitura singular ou plural, tal como vemos a seguir (Lima 2007):

(80)

<b>Senahĩ</b>	<b>kota</b>	<b>ixu</b>
<i>Homem</i>	<i>cobra</i>	<i>comer</i>

---

<sup>61</sup> Fargetti (2001; 111) fala que “os nomes apresentam a categoria de número, caso refiram-se a ‘humano’”.

“Homem comeu cobra” (em um ou vários eventos)

“Homens comeram cobras” (em um ou vários eventos) (Lima IV)

Dessa forma, se os nomes não estiverem quantificados, eles podem ter leitura de plural, de leitura indefinida. Essa característica favorece, portanto, a ocorrência de antipassivas na língua Juruna.

A antipassiva em Juruna tem características de impessoalização. Isto porque o morfema que realiza esta operação na língua é o de terceira pessoa, a qual é definida consensualmente na literatura como a não-pessoa do discurso (Benveniste 1995; 202)<sup>62</sup>. Desta forma, em Juruna, há o deslocamento para esquerda do argumento focado, assim como acontece na estrutura passiva da língua Kimbundu, tal como vemos abaixo (Givón 2001; 24):

(86) Passiva em Kimbundu

Nzua a-um-mono kwa meme

Nzua eles-ele-ver por mim

“Nzua foi visto por mim” (literalmente: Nzua, eles viram ele por mim)

Este tipo de estrutura em Kimbundu tem a característica de topicalização do paciente devido seu deslocamento à esquerda. Como vemos, a terceira pessoa suprime o agente e impessoaliza a estrutura. Da mesma forma, as estruturas de mudança de voz na língua Juruna são processos de impessoalização. Portanto, sabe-se devido à presença da morfologia prefixada no verbo, que houve um agente ou um objeto envolvido na ação, mas sem que as informações sobre ele sejam explícitas.

---

<sup>62</sup> Benveniste, sobre a terceira pessoa, diz: “(...) é preciso ter no espírito que a ‘terceira pessoa’ é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que *não* remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto existe e só se categoriza por oposição à pessoa do *eu* do locutor que, enunciando-a, a situa como ‘não-pessoa’ (...)” (Benveniste 1995; 292 – grifos do autor).

### 1.viii. Duplicação verbal<sup>63</sup>

O último fenômeno que apresentaremos que está estritamente relacionado à formação dos verbos na língua Juruna é a duplicação verbal. Este fenômeno, porém, não é restrito à língua Juruna. Nas línguas do mundo, o fenômeno da duplicação não só tem sido associado à questão da pluralidade, mas também ao modo como um determinado evento foi realizado - distributivamente, habitualmente, por exemplo (Cusic [1981; (74-75)], Stegnij [1997], Khrakovskij [1997], Lasersohn [1995]).

Os trabalhos de descrição de línguas Tupi apresentam uma série de fenômenos de modificações nas raízes verbais, que recebem nomes diversos na literatura dessas línguas. Afixação e supleção, que vimos na parte I são dois deles; igualmente importante para a compreensão dos fenômenos sintáticos e semânticos das línguas Tupi, principalmente no que compete à quantificação, é a duplicação. A literatura de línguas indígenas tem associado este fenômeno tanto à pluralidade de argumentos quanto à pluralidade de eventos, tal como vemos nas tabelas a seguir:

#### (87): línguas Tupi e o processo de duplicação de raiz verbal

Línguas Tupi <sup>64</sup>	Duplicação
Juruna (família Juruna)	Fargetti (2001; 178): a duplicação verbal está associada a plural de argumentos e à reiteração de processos. Lima (2005, 2006): a reduplicação pode estar associadas essencialmente à pluralidade de eventos.
Mekéns (família Tupari)	Galucio (2001; 104): qualquer raiz verbal pode ser duplicada para marcar: iteratividade, modo como algum evento foi performedo ou ainda a repetição de um evento.
Munduruku (família	Picanço (2005; 376)/ Angotti (1998; 15): a duplicação está associada à extensão do processo ou processo repetido/ Gomes (2007):

<sup>63</sup> Agradeço comunicação pessoal com Marcos Lopes, em 2004, sobre quantificação de eventos que motivou o início para a análise aqui apresentada. Agradeço ainda as sugestões de testes para corroborar a hipótese de pluralidade de eventos sugeridos por Esmeralda Negrão e Jairo Nunes na ocasião do IX ENAPOL e na ocasião de minha apresentação em um dos encontros do “Seminários Carlos Franchi”(em 2006, ambas).

<sup>64</sup> A comparação dos fatos línguas destas e outras línguas Tupi tem sido trabalho dos pesquisadores do Projeto Tupi Comparativo (Museu Emílio Goeldi) composto por: Ana Vilacy Galucio, Carmen Rodrigues, Denny Moore (coordenador), Didier Demolin, Gessiane Picanço, Luciana Storto, Nilson Gabas Jr., Sebastian Drude e Sérgio Meira. Aproveitamos para agradecer as comunicações pessoais com os pesquisadores da língua Munduruku Mary Angotti e Dionei Moreira Gomes.

Munduruku)	duplicação expressa graus de intensidade: duração (progressão e/ou interação), intensificação ou atenuação do significado do verbo e pluralização de participantes.
Gavião (família Mondé)	Moore (1984; 241): há duplicação na língua para marcar repetição de ação.
Xipayá (família Juruna)	C. Rodrigues (1995; 68): duplicação marca repetição ou duração de processo. Acontece principalmente com verbos que marcam um processo cujo desenvolvimento pode se prolongar ( <i>beber, fazer, dormir</i> , por exemplo).
Karitiana (família Arikém)	Sanchez-Mendes (2005): a duplicação verbal parece estar associada à multiplicidade de eventos descritos pela sentença; Storto (comunicação pessoal): duplicação e supleção verbal marcam pluralidade de argumentos ou eventos; Müller, Storto & Coutinho-Silva (2005): duplicação pode estar associada à pluralidade de eventos.
Karo (família Ramarama)	Gabas Jr. & Van den Auwera (2004; 401): a duplicação aparece em ideofones - aparentemente não em verbos - para marcar aspecto iterativo ou continuativo.
Kamaiurá (Família Tupi Guarani)	Seki (2000; 133-141) relaciona duplicação dos verbos à marcação dos aspectos: iterativo, sucessivo e intensivo.

(Lima 2007)

No que compete à língua Juruna, o processo foi inicialmente descrito por Fargetti (2001; 178) <sup>65</sup>. A autora associa duas motivações de base para o processo: 1) expressar plural de argumentos; 2) expressar reiteração (o processo de fazer uma ação mais de uma vez). No primeiro caso, um verbo expressa o plural de um dos argumentos quando sofre duplicação via infixação (*djidaku* > *djidaidaku*) e expressa reiteração quando o verbo duplica por sufixação (*wiyu* > *wiyãwiyã*).

Fargetti (2001) discute que a marcação de pluralidade pode estar relacionada com o sujeito (88) ou com o objeto (89) plural (Fargetti 2001; 178):

<sup>65</sup> Fargetti (2001; 178) apresenta a estrutura fonológica dos verbos duplicados. Não retomaremos essa discussão uma vez que ela não será o foco da discussão nesta seção.

(88.a.)

**Una eduku**

*1s machucar-se*

“Eu me machuquei”

(Fargetti 2001; 177)

(88.b.)

**Ulu’ udi eduduku**

*1p(excl.) machucar*

“Nós nos machucamos”

(Fargetti 2001; 177)

(89.a.)

**Una e=djidaku e=be**

*1s 2s=bater 2s=dat*

“Eu bati em você”

(2001; 211)

(89.b.)

**Una ese=djida-ida-ku ese=be**

*1s 3p=bater-red.- 2p=dat*

“Eu bati em vocês”

(2001; 213)

Contudo, há exemplos em que um dos argumentos está no plural, mas o verbo - *bater* (89/ 90) – não duplica, tal como vemos a seguir:

**(90)**

**Una**

*1s*

“Eu vou bater em vocês” (Lima II)

**ese-djidak-a.**

*2pl-bater-ireallis*

Além disso, há contextos em que os dois argumentos da sentença são singulares e o verbo duplica (por inflexão) (92). Isto é: a duplicação por inflexão não está

vinculada à pluralidade dos argumentos<sup>66</sup>, mas antes à pluralidade de eventos, assim como a duplicação por sufixação:

(91)

<b>Una</b>	<b>yaekua</b>	<b>tese</b>
<i>Is</i>	<i>recordar</i>	<i>3pl</i>

“Eu recordei deles” (Lima III)

(92)

<b>João</b>	<b>Maria</b>	<b>yaekuakua</b>
<i>João</i>	<i>Maria</i>	<i>recordar.dupl.</i>

“João recordou de Maria (várias vezes)” (Lima III)

Antes de aprofundarmos a discussão acerca da duplicação de verbos relacionada à marcação de eventos, vale fazer uma ressalva sobre um dos tipos de duplicação que os verbos da língua Juruna apresenta: a duplicação lexicalizada. Nessa língua, e também na sua língua ‘irmã’, Xipaya, alguns verbos, aparentemente, foram formados por duplicação, o que significa dizer que a sua forma lexical é duplicada já na origem. Os verbos em Juruna que têm essa característica são<sup>67</sup>:

(93)

Verbo	Verbo	Segmentação do verbo duplicado desde o léxico
1. Estragar	Lãmĩmĩ	La-mi-mi
2. Espirrar	Axi’ axi	Axi-axi
3. Roubar	Pa’ia’ia	Pa-ia-ia
4. Fritar	Lusĩrĩrĩ	Lusĩ-rĩ-rĩ
5. Arranhar	Atxatxaku	Atxa-txaku

<sup>66</sup> É fundamental dizer, contudo, que muitas vezes o fato de um evento ser plural acarreta também que haja objetos plurais associados a eles, para que exista distributividade. Contudo, isso não é regra, já que é possível que existam eventos plurais com objetos singulares.

<sup>67</sup> Fenômeno semelhante acontece na língua Xipaya, tal como podemos ver nos dados que seguem: etaeta (“banhar”), *kucha’kucha* (“ferver, cozer”), *wiwi* (“fumar”), *seasea* (“sonhar”), *enaena* (“vomitar”) – a partir do trabalho de Rodrigues (1995).

6. Mergulhar	Lããuruurutu	Lãã-uru-uru-tu
7. Tremer	Ari'ari	<b>Ari'ari</b>
8. Arder	adïaadïa	<b>Adïa-adïa</b>
9. Pescar	pïdidiku	Pi-dï-dï-ku
10. Ferver	Kura'kura	<b>Kura-'kura</b>
11. Tossir	ese'ese	<b>ese'-ese</b>
12. Vomitar	Ena'ena	<b>Ena'-ena</b>
13. Rir	Lakariku Lakariariku	Lakari-ariku
14. chorar	yayaya	<b>Ya-ya-ya</b>
15. coçar	Ata'ata	<b>Ata'-ata</b>
16. mentir	yaridjaridja	<b>Yaridja-ridja</b>
17. Fazer	pïpïku	<b>Pï-pïku</b>
18. sonhar	e'elu	<b>e'-e-lu</b>
19. gritar	azahaha	<b>Azaha-ha</b>
20. Mexer	Iukukutu	Iukukutu
21. Parir	Matimatia	<b>Mati-mati-a</b>
22. Arranhar	Zatxatxaku	Za-txa-txa-ku
23. Piscar	Ipumipumi	<b>Ipumi-pumi</b>
24. Limpar	Itxiitxiku	<b>Itxi-itxiku</b>
25. Ferver	Kurakura	<b>Kura-kura</b>
26. Amarrar	Panhapanha	<b>Panha-panha</b>
27. Engatinhar	Txitxiku	<b>Txi-txi-ku</b>
28. Pentear 2	Napiapinu	<b>Napiapinu</b>
29. Construir	Mamaku	<b>Mamaku</b>
30. Desenhar	mamaku	<b>mamaku</b>
31. Escrever	wax~iwax~i	<b>waxïwaxï</b>
32. Amarrar	ipïpïku	<b>ipïpïku</b>
33. Chupar	It~ut~u	<b>Itûtû</b>
34. Explodir	Pararaka	Pararaka
35. Misturar	Yukukutu	Yukukutu

Os verbos acima não são encontrados sem a duplicação na raiz. Por exemplo, “vomitar”, é sempre grafado como *enaena*, mas nunca somente como *ena*. Vejamos exemplos sentenciais da língua Juruna (94) e da língua Xipaya (95) com esse verbo:

(94)

<b>azi</b>	<b>ena'ena</b>
<i>criança</i>	<i>vomitar</i>

“A criança está vomitando” (Louro 1978)

(95)

<b>Una</b>	<b>enaena</b>	<b>anu</b>
<i>Is</i>	<i>vomitar</i>	<i>m.mod.</i>

“Eu estou quase vomitando” (C. Rodrigues 1995; 54)

A maioria dos verbos na língua Juruna, porém, não são originalmente duplicados, mas apenas sofrem duplicação em alguns contextos para denotar pluralidade de eventos. Vejamos os verbos que não são originalmente duplicados e que duplicam em contextos específicos:

(96)

Verbo em Português	Verbo em Juruna	Duplicação
1. Banhar	(e)taeta	Eta- <b>eta</b> -eta
2. Dormir	I'u	I'a- <b>I'a</b>
3. Torrar	U' i / hunu	Huna- <b>huna</b>
4. Cortar	Akiri (kiri)	Kiri- <b>kiri</b> / akiri- <b>kiri</b>
5. Assoprar	Asu	Asu- <b>su</b>
6. Ficar com febre	Akuhu	a-ku- <b>ku</b> -hu
7. Espirrar	Axiagi	Axi- <b>axi</b> -axi
8. Fumar/ beber	(A)wi	Wi- <b>wi</b> (awi-wi)
9. Bater	djidaku	Dji- <b>dai</b> -da-ku
10. Comer	ixu	ixi- <b>ixi</b>

11. Rir	lakariku	La-kari- <b>ari</b> -ku
12. Descer/ sentar	abiku	Abika- <b>abika</b>
13. Estourar	Ludjaku, udjaku	Ludja- <b>udja</b> -ku
14. sangrar	Apetu	Apeta- <b>peta</b>
15. Fritar	lūsīrīrī	lūsīrī- <b>sīrī</b> -rī
16. Pilar	Padaku	Pada- <b>da</b> -ku
17. Incomodar	Abahu	Abaha- <b>baha</b>
18. ter preguiça	Ipadjihu	Pa- <b>djiha</b> -djiha
19. ter saudade	Elu	Ela-' <b>ela</b>
20. Partir	pabiku	Pabi- <b>pabi</b> -ku
21. Pintar	u@ka ka	ūka- <b>ūka</b> Ka- <b>ka</b>
22. mexer	Iukukutu	Iuku- <b>kuta</b> -kuta
23. Pular	pīriku	Pīrī- <b>rī</b> -ku
24. acabar	Masehu	Maseasehu
25. perder	Imahua lahua	Ima- <b>hua</b> -hua La- <b>hua</b> -hua
26. Ver	Izaku	izaka- <b>zaka</b>
27. Alisar	arīru	Rīra- <b>rīra</b>
28. Tossir	ese'ese	ese- <b>ese</b> -ese
29. cozinhar	wīnhū	Wīyā- <b>wīyā</b>
30. Molhar	'uru; i/uru	i-' <b>u</b> -'uru
31. Morder	atxu	A- <b>txu</b> -txu/ a- <b>txutxu</b> -txu
32. Assustar	Yadītu	Ya- <b>dīa</b> -dītu Ia- <b>dīta</b> -dīta
33. Cavar	Upī	U- <b>pī</b> -pī
34. Trabalhar	kuperi	Ku- <b>peri</b> -peri
35. pescar	Pīdīku	Pi- <b>dī</b> -dīku
36. pescar	Kīhu	Kī- <b>hu</b> -hu
37. Brigar	lakariku	La- <b>kari</b> -kari
38. pescar	Pīrīku	Pīrī- <b>rī</b> -ku
39. cegar	seãũ	seãũ- <b>seãũ</b>
40. emagrecer	epī	epī- <b>epī</b>
41. emagrecer	Bikaru	Bi- <b>karu</b> -karu

42. emagrecer	ũlāmi	ũ- <b>lī</b> -lāmi
43. arranhar	Latxatxaku	Latxatxa- <b>katxa</b> -ku/ latxa- <b>txaka</b> -txaka
44. mergulhar	Laurutu	Lauru- <b>uru</b> -tu
45. abraçar	Abii	a- <b>bīi</b> -bīi
46. limpar	diāidjiku	Diāidji- <b>dī</b> -ku
47. varrer	Pitxiku	Pitxi- <b>txi</b> -ku
48. beliscar	ixāmi	i- <b>xi</b> -xāmi
49. escorregar	Pixaku	Pi- <b>xaka</b> -xaka
50. doer	Iwadī	I- <b>wadī</b> -wadī
51. curar	ikū	ikū- <b>ikū</b>
52. curar (melhorar)	pīnā	pīna- <b>pīna</b>
53. arder	Adi	Adia- <b>adīa</b>
54. curar	Ibitxudu	Ibi- <b>txu</b> -itxudu
55. tremer	Ari'ari	Ari'- <b>ari</b> 'ari
56. fechar	Ekupenu/ ikupenu	Ekupenu- <b>pena</b> -pena
57. afundar	Lamumi	La-um-amumi
58. parir	Matiā	Mati- <b>mati</b> -a
59. torcer	Ihuzi	Ihu- <b>hu</b> -zi
60. abandonar	Iuwa	Wi- <b>wi</b> -uwā
61. adoçar	Imaetxaku	Imae- <b>txa</b> -txaku
62. machucar	Duku	Du- <b>du</b> -ku
63. atirar	Apī	A- <b>pī</b> -pī
64. Cair	Bidītu	Bi- <b>dīdī</b> -dīta Bi- <b>dī</b> -dītu
65. Cair	Etu	E- <b>tu</b> -tu
66. Descascar	asaku	A- <b>sa</b> -saku A- <b>saka</b> -saka
67. partir/rachar	pabīku	Pabi- <b>pabī</b> -ku
68. lavar	idaku	Ida- <b>ida</b> -ku
69. levantar	Misu	Mi- <b>sa</b> -sa
70. Puxar	Dedu idea	De- <b>du</b> -du
71. enfeitar	unka	Unka- <b>unka</b>
72. fazer	wanu	Wa- <b>wa</b> -nu

73. pular	Piriku	Piri- <b>piri</b> -ku
74. amarrar	apãnhu	apã- <b>pã</b> -nhu pãnha- <b>pãnha</b>
75. sonhar	e'elu	E'- <b>ela</b> '-ela
76. remar	uruku	Uru- <b>ru</b> -ku/ u- <b>ruka</b> -ruka
77. Rachar	Lapidu; apidu	Lapi- <b>api</b> -du Api- <b>api</b> -du
78. Desabrochar	Itanhu	Itanha- <b>tanha</b>
79. Nascer	Sã	Sã- <b>sã</b>
80. Falar/ Reunir-se/ conversar	Kamenu	Ka- <b>mena</b> -mena
81. Boiar	Unta	Unta- <b>unta</b>
82. Casar	Iwai	Iwa- <b>iwa</b> -i
83. casar	Apĩa	Apĩa- <b>pĩa</b> -ku
84. casar	imenũ	Ime- <b>ime</b> -nũ
85. Encontrar	Du	Du- <b>du</b>
86. Flechar	Pi	Pi- <b>pi</b>
87. Responder	Awa	Awa-( <b>a</b> )wa
88. Dar	Kua/ Upiku	Upi- <b>pi</b> -ku
89. Chover	Amana ala	Amana ala' <b>ala</b>
90. Fazer (beiju)	Ipuku	Pu-pu-kuk/ Upa- <b>puka</b> -puka
91. rasgar	(l)ũsi	(l)ũ- <b>si</b> -si
92. perseguir/ seguir	Uatxuku	Ua- <b>txuka</b> -txuka
93. Levantar	Inãũ ilãũ	I- <b>nãũ</b> -nãũ i- <b>li</b> -lãũ
94. Fazer	Kariku	Ka- <b>rika</b> -rika
95. Contar	abĩ	A- <b>bĩ</b> -bĩ
96. Encher	Itĩ'ĩ	Itĩ'- <b>ĩĩ</b> '-ĩ
97. Emudecer	iwãũ	Iwa- <b>iwãũ</b> -ũ
98. cheirar	I'a	I'- <b>i</b> '-a
99. Apagar	Amihu	Ami- <b>mi</b> -hu
100. Passar	Kara	Kara- <b>kara</b>
101. Pegar	pidiku	Pidi- <b>dĩ</b> -ku

102.	Lembrar	yaekua	Yae- <b>kua</b> -kua
103.	Sentar	Txuka	Txu- <b>txutxu</b> -ka
104.	Costurar	Iparaku	Ipara- <b>ra</b> -ku
105.	Fazer	inhũ	Inha- <b>inha</b>
106.	Assar	Ka'ẽ	Ka'ẽ- <b>ka'ẽ</b>
107.	Engravidar	Imambïu Lapïku	I- <b>mambï</b> -mambïu La- <b>pïa</b> -pïku
108.	Plantar	Katu	Kataka
109.	Quebrar	Apidu	Apia- <b>pi</b> -du
110.	ver	zaku	Zaka- <b>zaka</b>
111.	Dançar	karia	Ka- <b>ria</b> -ria
112.	Deitar	Maku	Ma- <b>ka</b> -ka
113.	ir	Txa	Txa- <b>txa</b>
114.	Cantar	Abïa	Abïa- <b>abïa</b>

Como vemos, os verbos duplicam tanto no modo *realis* (*{-u}*) como no *irrealis* (*{-a}*)<sup>68</sup>, tal como é verificável a partir do verbo “assustar”: Ya-**dïa**-dïtu/ Ya-**dïta**-dïta. É possível, portanto, que existam interpretações semânticas diferentes para cada tipo de duplicação (como vimos na parte I/descrição uma hipótese possível é a existência de dois tipos de verbos duplicados (no modo *realis* ou no modo *irrealis*) para distinguir contextos em que um único sujeitos realizou múltiplos eventos em oposição a contextos em que múltiplos sujeitos realizaram múltiplos eventos.

Para explicitarmos com maior precisão a pluralidade de eventos em Juruna, tomemos o paradigma do verbo *apï* (“atirar”). Um primeiro fato essencial sobre a semântica dos verbos da língua Juruna é que, assim como os nomes, os verbos também são neutros para número. Isto significa dizer que os verbos, quando não estão duplicados ou delimitados por algum quantificador, podem ter a interpretação de que foi realizado um único evento ou muitos eventos.

Línguas como Juruna possuem duas características relacionadas à quantificação que mostram o paralelismo entre os domínios nominal e verbal.

Primeiro, em Juruna tanto verbos como nomes podem (mas não necessariamente são) ser marcados por plural. Os nomes, como veremos adiante, podem ser marcados por sufixos como *{-se}* e *{-i}* ou ainda estarem associados a morfemas

<sup>68</sup> A proposta de que Juruna apresenta distinção *realis/ irrealis* é originalmente proposta por Fargetti (2001). Nós corroboramos esta análise.

como {da} - que não é um afixo, mas um morfema livre que indica coletividade. Os verbos podem ser marcados para número via duplicação verbal.

Segundo, ambos os domínios não mostram evidência alguma para a postulação do [singular] como *default*, algo que também Kratzer (2005) mostra para outras línguas do mundo, no plano nominal. Ou seja, os nomes não são originalmente singulares, mas isso pode ser erroneamente inferido devido à ausência da marca de plural. Em Juruna, como vimos, a ausência de duplicação verbal, por exemplo, não acarreta que apenas um evento foi realizado, mas que o verbo continua cumulativo, isto é, neutro, sem especificação de número e tipo de evento. O mesmo vale para os nomes: a ausência de morfologia de plural não acarreta que apenas um único indivíduo execute/sofra a ação, mas que o nome continua cumulativo.

Dizer que os verbos são neutros, ou não especificados para número, exige a discussão de uma outra propriedade associada a esta característica: a cumulatividade. Partimos da hipótese de Kratzer (2001, 2005), segundo a qual a cumulatividade é uma propriedade universal que também se aplica aos verbos. Desta perspectiva, os verbos são cumulativos e podem ser pluralizados através de operações semânticas (através do operador \*, por exemplo, descrito por Landman *apud* Kratzer (2005; 10)). Dizer que um verbo é cumulativo significa, portanto, dizer que os verbos são neutros em relação ao singular e ao plural de eventos, uma vez que um verbo, quando não duplicado, pode expressar as duas leituras. Portanto, em Juruna, a ausência de duplicação ou supleção verbal não acarreta que o evento é singular, mas, antes disso, que a ausência de morfologia de plural preserva a cumulatividade do verbo, uma vez que não especifica nem o tipo nem o número de eventos realizados por um dado verbo. Vale ainda aqui explicitar outros dois conceitos associados a esta questão que serão utilizados ao longo deste trabalho, quais sejam, singular e plural, a partir de Link (1983):

**Singular:** são entidades atômicas e não possuem partes próprias

**Plural:** são somas mereológicas que possuem partes próprias

Voltando a análise dos fatos, no caso de (97), portanto, a sentença pode denotar tanto que João atirou naquela paca uma vez (um evento), ou que João atirou naquela paca muitas vezes (múltiplos eventos) – algo que não é muito diferente do português,

que também apresenta verbos cumulativos em relação ao número de eventos denotados (Marcelo Ferreira, comunicação pessoal):

(97)

<b>João</b>	<b>ani</b>	<b>ba'e</b>	<b>api</b>	<b>anu</b>
<i>João</i>	<i>aquela</i>	<i>paca</i>	<i>atirar</i>	<i>asp</i>

“João atirou naquela paca”(uma ou muitas vezes) (Lima IV)

Por outro lado, se queremos enfatizar que João atirou em uma determinada paca muitas vezes, o verbo aparece duplicado. Vale notar que se trata de uma única paca, pois o demonstrativo “ani” só é utilizado para a terceira pessoa do singular:

(98)

<b>João</b>	<b>ani</b>	<b>ba'e</b>	<b>apipi</b>	<b>anu</b>
<i>João</i>	<i>aquela</i>	<i>paca</i>	<i>atirar.dupl</i>	<i>asp</i>

“João atirou naquela paca”(muitas vezes) (Lima IV)

Da mesma forma, os exemplos (99) e (100) mostram um verbo duplicado para indicar que foram realizados múltiplos eventos de [atirar em paca] – em duas (99) ou muitas pacas (100):

(99)

<b>João</b>	<b>jawuada-ha</b>	<b>ba'e</b>	<b>apipi</b>
<i>João</i>	<i>dois-pred.</i>	<i>paca</i>	<i>atirar</i>

“João atirou duas vezes na(s) paca (s)” (Lima IV)

(100)

<b>João</b>	<b>itxibi</b>	<b>ba'e</b>	<b>apipi</b>
<i>João</i>	<i>todas</i>	<i>paca</i>	<i>atirar.dupl</i>

“João atirou em todas (as) pacas” (Lima IV)

Por um lado, um fato a ser ressaltado é que a pluralidade verbal expressa via duplicação não está associada à pluralidade de um dos argumentos da sentença. O que permite essa ambigüidade – ou seja, se é plural dos argumentos ou de eventos no tempo/

espaço – é o fato de os nomes em Juruna serem neutros entre uma leitura de singular e plural. Por essa razão, é compreensível que sentenças em que o verbo apareça duplicado, haja a ambigüidade entre pluralidade de eventos no tempo/espaço ou pluralidade de argumentos. Lasersohn (1995; 260) mostra um fato semelhante na língua Klamath (descrita por Barker 1963 *apud* Lasersohn), na qual os nomes também são neutros e esse tipo de ambigüidade ocorre quando os nomes não são quantificados ou restringidos de algum modo. Por outro lado, contextos em que os nomes são lexicalmente marcados por morfologia de número ou precedidos por algum tipo de quantificação mostram que a duplicação não está associada à concordância entre verbo e argumentos. Vejamos este fato no exemplo abaixo:

**(101)**

<b>meme</b>	<b>ba'e</b>	<b>Maria</b>	<b>i-aditadita</b>
<i>Um (num.)</i>	<i>paca</i>	<i>Maria</i>	<i>3-assustar.dupl</i>

“Uma paca assustou Maria várias vezes” (Lima IV)

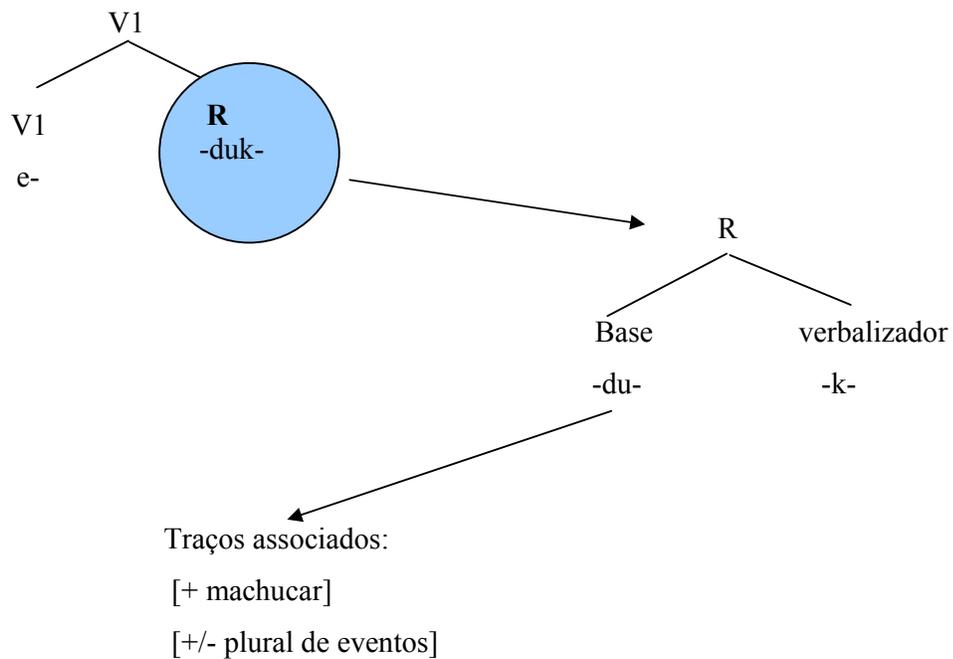
Na sentença acima, fica claro que o verbo está duplicado porque há multiplicidade de eventos e não porque a duplicação está associada à concordância entre verbo e argumentos, já que o argumento [*paca*] está delimitado pelo numeral *meme* (um) e o objeto é um nome próprio – Maria – que remete a uma única pessoa no mundo<sup>69</sup>, neste contexto.

Não apenas Juruna, mas outras línguas como Straits Salish mostram essa característica: o número do argumento ou do evento é indeterminado em contextos em que não há duplicação ou algum outro tipo de quantificação, como a adverbial. Quando a duplicação verbal ocorre, contudo, a pluralidade está presente (Jelinek 1995; 499). Ou seja, a quantificação-A (via duplicação) opera sobre o VP – que inclui objeto e verbo no caso dos transitivos e verbo somente no caso dos intransitivos - e é através desta operação semântica que promove modificações morfossintáticas nos sintagmas verbais que a cumulatividade lexical dos verbos – assim como ocorre com os nomes - dá lugar à especificação de número e tipo de evento ou pluralidade.

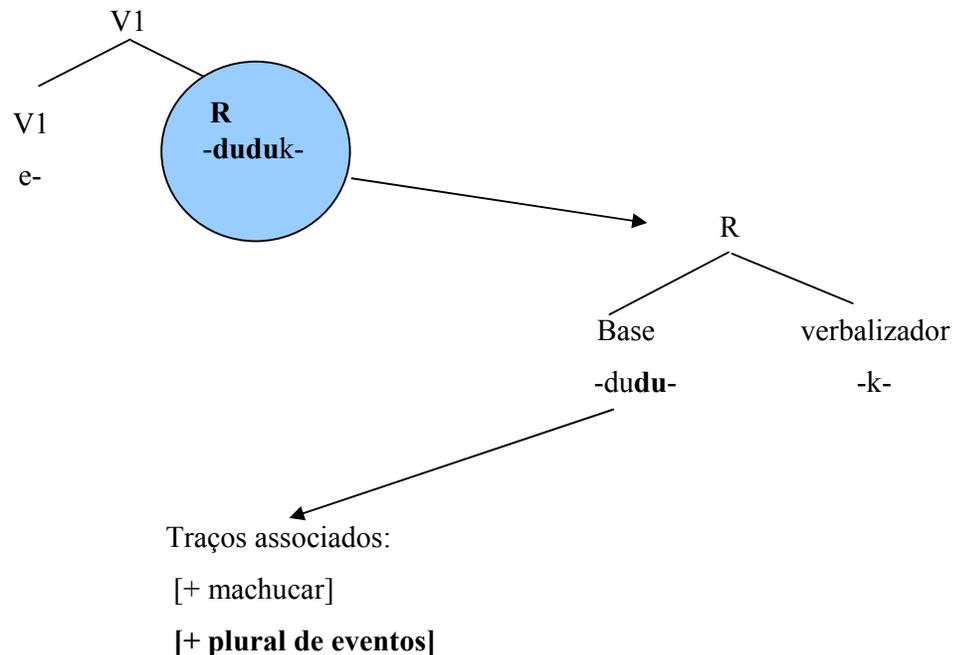
<sup>69</sup> Em línguas com numeral neutro como mostra Lasersohn (1995; 263) se um NP é singularizado (por um numeral como 1, por exemplo, como vimos em Juruna) ele só denotará e terá escopo sobre objetos individuais; NPs que são marcados para plural (através do morfema de plural {i-} ou via quantificação) terão denotação e quantificarão sobre um grupo de indivíduos e, finalmente, qualquer NP que não seja delimitado – para singular ou plural – denotará ou quantificará sobre indivíduos ou grupos de indivíduos indiscriminadamente.

Dizer que a quantificação opera sobre o VP é dizer que ela ocorre ainda na formação verbal, na formação da raiz (considerando que na projeção de VP ocorre a derivação dos verbos e projeção dos complementos diretos e indiretos). Na raiz, como vimos anteriormente, estão os traços semânticos e fonológicos de um verbo. Será a partir da manipulação destes traços que decorrerá a marcação de plural de eventos. Veremos este fato a partir do verbo *eduku/ eduduku* (“machucar-se”, sem e com duplicação respectivamente). Há duas possibilidades na língua: 1) se não há especificação de número de eventos e o verbo permanece cumulativo, tal como vemos em (102); 2) se há especificação de número de eventos, o traço [- plural de eventos] será eliminado e permanecerá o traço [+plural de eventos], o que acarretará duplicação verbal (103):

- Projeção do verbo *eduku* permanecendo cumulativo:  
(102)



- Projeção do verbo *eduku* com especificação de plural de eventos:  
(103)



Os exemplos acima reiteram uma outra característica importante da duplicação: o que duplica é só a base lexical da raiz. Isto significa que núcleos de caráter funcional, como o verbalizador e o núcleo verbal (V1), não. Todo o processo de duplicação verbal ocorre, portanto, no plano de formação verbal. Vale ainda ressaltar que a duplicação está associada ao evento denotado. Sendo assim, esse processo está modificando o que é chamado na semântica de “argumento evento”. Partimos aqui da proposta de Davidson (1967) segundo a qual os predicados das línguas naturais apresentam um argumento evento. Dessa perspectiva, um verbo como “rir”- em português - seria um predicado de dois argumentos: a pessoa (quem ri) e o evento (evento de rir).

Desta forma, nossa hipótese sustenta que a duplicação verbal está associada ao argumento evento e não ao número (singular/plural) dos outros argumentos das sentenças (sujeito e complemento). Desta perspectiva, tanto a duplicação como a supleção verbal são marcadores pluracionais (Lasersohn 1995; 241). Isto é, estes processos morfológicos não refletem a pluralidade dos argumentos do verbo, mas a pluralidade do verbo ele mesmo, ou seja, os múltiplos eventos aos quais o verbo está relacionado. Com isto queremos dizer que todos os verbos são passíveis de expressar pluralidade de eventos, mas que há restrições de como isto será marcado; alguns

verbos o fazem por duplicação (tal como os verbos da tabela [96]), alguns por supleção (vide *tahu/ wãñã*, “correr”) e há ainda os que fazem uso de auxiliar como “*txa*” ou “*kara*” como, por exemplo, o verbo *puduku* (“andar”). Sendo assim, é possível dizer que há traços nas raízes verbais que determinam se os verbos vão marcar pluracionalidade de eventos via duplicação verbal, via supleção ou via auxiliares, uma vez que estes processos não ocorrem simultaneamente.

Como afirma Williams [1976] (*apud* Lasersohn [1995; 239]) estes processos morfológicos invariavelmente mudam o tipo de ação que é predicada por uma dada raiz verbal. Contudo, essa mudança é delimitada pelas propriedades de cada raiz verbal. Dessa forma, a duplicação trará especificidades na forma como um evento foi performado de acordo com as propriedades de cada raiz verbal.

Desta perspectiva, a duplicação não deixa de ser um modificador do argumento evento – de número e tipo de evento realizado. O fato de a duplicação estar associada a especificidades semânticas do evento é verificável através das línguas, tal como afirma Lasersohn (1995), Cusic (1981; 74-75), e Stegnij (1997). É válido notar que a semântica dos marcadores pluracionais não é uniforme, mas varia de língua para língua e, muitas vezes, no interior de uma única língua, tal como veremos em Juruna. O que parece que vai limitar a interpretação da duplicação verbal será o próprio tipo de Aktionsart do verbo. Pensar que os marcadores pluracionais, tal como a duplicação, trariam consigo um vasto número de interpretações específicas seria pouco econômico. Ao invés disso, trabalhar com a idéia de que há marcadores pluracionais que se expressam de formas diferentes nas línguas, mas que têm efeitos variados de acordo com as propriedades dos verbos aos quais se adjugem é mais plausível e coerente com um modelo econômico de princípios e parâmetros.

As propriedades de Aktionsart dos verbos são amplamente discutidas na literatura. A literatura mostra (Arad (1996), Smith (1997), Tenny (1994), e Vendler (1967)) que há uma relação direta entre o tipo de aktionsart de cada verbo (atividade, estado, *accomplishment*, *achievement*<sup>70</sup>) e suas propriedades temporais. Tenny (1994) apresenta em seu trabalho algumas características dos tipos de verbos citados:

---

<sup>70</sup> Smith (1997) apresenta ainda os verbos semelfactivos, que não discutiremos neste momento.

**(104): Aspecto verbal (Tenny 1994)**

<b>Tipo de aspecto</b>	<b>Características</b>
Estativo	São desenvolvidos ao longo do tempo
Atividade	São desenvolvidos ao longo do tempo
<i>Accomplishment</i>	Tem um término determinado e duração
<i>Achievement</i>	Tem um término determinado e acontece instantaneamente (evento de duração curta ou sem duração).

Uma primeira característica importante que diferencia os verbos é sua delimitação temporal. Como vemos, verbos de *accomplishment* e *achievement* são delimitados em oposição a estativos e atividades, que não são delimitados. Nesta perspectiva, falar em eventos que são ou não delimitados esbarra na distinção télico/atélico.

Smith (1997) apresenta dois subgrupos de tipos de aspecto: os aspectos do tipo ponto de vista (*viewpoint*)<sup>71</sup> e os aspectos de situação (*situation*). Estes últimos equivalem ao que a literatura chama de Aktionsart. Os aspectos de ponto de vista estão relacionados a propriedades temporais do evento em oposição aos de situação, que estão relacionados às categorias de estado ou evento denotado pelo verbo. O aspecto de situação do verbo é definido de acordo com a relação dele com outros argumentos, enquanto que o aspecto de ponto de vista deriva de um morfema gramatical, por exemplo, as flexões verbais. Smith divide os aspectos de situação em 5 grupos, a saber:

**(105): aspectos de situação (Smith [1997])**

<b>Tipo</b>	<b>Traços</b>			<b>Exemplo</b>
Estativo	estático	durativo <sup>72</sup>	-----	Saber a resposta; amar a Maria.
Atividade	dinâmico	durativo	atélico	rir
<i>Accomplishment</i>	dinâmico	durativo	télico	Construir a casa; aprender Grego.
Semelfactivo	dinâmico	instantâneo	atélico	Bater na porta.

<sup>71</sup> Os aspectos de “ponto de vista” são 3, a saber (Smith 1997): perfectivo (foca uma situação em sua totalidade, incluindo ponto inicial e ponto final), imperfectivo (foca uma parte da situação, não inclui nem o ponto inicial nem o ponto final) e o neutro (Flexível; inclui ponto final e ao menos um ponto intermediário).

<sup>72</sup> Vale ressaltar que nem todos os traços são relevantes para definir os aspectos apresentados. No caso do estativo, é irrelevante o traço [+/- télico]. Ou em outras palavras, o traço [ +/- télico] é irrelevante para situações com a propriedade [+estático] (Smith 1996; 20).

<i>Achievement</i>	dinâmico	instantâneo	télico	Ganhar a corrida, vencer a prova.
--------------------	----------	-------------	--------	-----------------------------------

**(106): aspectos de situação e seus traços**

<i>Tipo</i>	<i>Traços</i>	<i>Evento</i>
Estativo	Estático, durativo	-----
Atividade	Dinâmico, durativo, atélico	Eventos cumulativos
<i>Accomplishment</i>	Dinâmico, durativo, télico	Resulta novo estado, são finitos.
Semelfactivo	Dinâmico, atélico, instantâneo	Evento único, sem resultado.
<i>Achievement</i>	Dinâmico, télico, instantâneo	Evento único, rápido.

Um ponto pacífico entre Tenny (1994) e Smith (1997) é o fato de que o aspecto de um verbo pode variar. Contudo, através da proposta de Smith (1997) podemos compreender que o aspecto que varia é o de ponto de vista e não o de situação/aktionsart uma vez que este parece ser restrito na estrutura argumental dos verbos a partir de traços como a telicidade, por exemplo.

Vimos anteriormente que o comportamento dos verbos da língua Juruna depende diretamente das propriedades da raiz, composta por uma base semântico-fonológica e um verbalizador. Os traços que formam uma raiz verbal determinarão as configurações sintáticas e morfológicas possíveis de um verbo. Por exemplo, as propriedades da raiz do verbo “morrer”, por exemplo, impedem que ele seja um verbo causativizado. O mesmo ocorre com a expressão da pluracionalidade de eventos. Vimos que há três processos morfológicos associados à pluracionalidade (supleção, duplicação e verbos auxiliares). Vimos ainda que estes marcadores pluracionais alterarão o modo como o evento foi performado. É possível hipotetizar que são estes traços, associados ao tipo de evento, que vão determinar: 1) qual tipo de operação morfológica ocorrerá para indicar pluralidade; e 2) o tipo de leitura associada ao fenômeno em cada verbo (distributividade, habitualidade, etc). Reiteremos alguns fatos da língua Juruna, a fim de exemplificar este fato:

(107.a)

**Wĩ'ubia** **etu**

*Ovo de tracajá cair*

Ovos caíram (Literalmente: os ovos caíram todos juntos, em um único ou vários eventos) (Lima II)

(107.b.)

**Wĩ'ubia** **etutu**

*Ovo de tracajá Cair-duplicado*

“Ovos caíram um de cada vez” (Lima II)

Como vemos, em Juruna, a duplicação está relacionada à distributividade<sup>73</sup>. A distributividade, como ressaltava Cusic (1981; 102) pode estar associada à distribuição do evento em tempo, espaço ou entre um agente e outro do evento, entre uma ação e outra do evento e assim sucessivamente. Em (107.a) temos um evento coletivo que corresponde a um único evento em contraposição a (107.b), no qual a duplicação do verbo mostra a distributividade do evento. Da mesma forma, verbos que realizam supleção terão a leitura distributiva associada apenas à forma verbal que tem características de plural, a ver:

(108.a.)      **Una**            **iidja be**            **aparu**            **kua**  
*Una*            *mulher dat*            *beiju*            *dar (forma supletiva neutra)*  
“Eu dei um beiju para mulher” (Lima V)

(108.b.)      **Una**            **iidja be**            **aparu**            **upiku**  
*Una*            *mulher dat*            *beiju*            *dar (forma supletiva plural)*  
“Eu dei beiju para cada mulher” (Lima V)

A duplicação pode estar associada a outras especificidades semânticas, tal como habitualidade, sem que o evento deixe de ser distributivo no tempo ou no espaço, tal como vemos em (109):

---

<sup>73</sup> A distributividade é um dos quatro parâmetros propostos por Cusic (1981) para discutir a função e a semântica do evento. Os demais são: 1) parâmetro da fase/evento/ocasião; 2) parâmetro da medição relativa; 3) parâmetro *connectedness*; 4) parâmetro de distributividade.

**(109)**            **João ka'a be            txatxaduha upiide hidji            kuhuhu**  
*João mato dat            ir.dupl            mais comparativo            pescar.dupl*  
 “João caça mais do que pesca” (Lima V)

É interessante notar que a associação de plural verbal com habitualidade é observada através das línguas. Holmberg (2005) mostra que em Espanhol, por exemplo, os predicados também apresentam esta propriedade de poderem denotar pluralidade de eventos. Um exemplo disto é “Las chicas están cansadas” (Holmberg 2005; 537<sup>74</sup>). Segundo Holmberg (2005) este predicado pode denotar pluralidade de ocorrências distintas de [estar cansada]. Desta forma, em um dos contextos possíveis, haveria um momento único de cansaço coletivo das garotas. O que fica implícito na fala do autor, portanto, é que o verbo tem esta propriedade cumulativa que observamos anteriormente, qual seja, que um verbo pode ter em sua denotação leituras singulares e plurais. Um fato interessante salientado por Holmberg é que as formas verbais podem denotar não apenas plural de eventos, mas igualmente plural de estados, como em “La chica se cansaba todos os dias” (A menina se cansava todos os dias). Essa leitura de habitualidade também foi observada em Juruna, como apresentamos em (109). A definição que o autor retoma (a partir de Schmidt, Odden and Holmberg 2002) a respeito das formas verbais associadas ao plural, adiciona informações à definição de Lasersohn apresentada acima: “*the verb form (a forma verbal plural) is used primarily to indicate plural action, either on the part of several agents... or applied to several objects on one or several occasions, or an event that is taking place of several occasions*”.

Finalmente, há ainda os casos de verbos que não ocorrem duplicados ou apresentam formas supletivas. Neste caso, a pluralidade do evento será denotada por um verbo auxiliar, tal como vemos em (110.b.):

**(110.a.)**            **Iidja            ãĩĩami**  
*Mulher            emagrecer*  
 “Mulher emagreceu” (Lima V)

**(110.b.)**            **Iidja            ãĩĩami            kara**

---

<sup>74</sup> Agradeço a Jairo Nunes (comunicação pessoal) por esta sugestão de leitura.

*Mulher emagrecer auxiliar*

“A mulher emagreceu várias vezes” (Literalmente: a mulher ficou emagrecendo) (Lima V)

Tendo em vista a discussão sobre traços verbais, é relevante salientar o fato que as propriedades de um verbo podem ser alteradas através de recursos lingüísticos. A quantificação do sintagma verbal, por exemplo, invariavelmente converte um predicado atélico em télico. Sobre isto, Krifka (1998; 207) salienta:

*“(...) the crucial property that distinguishes telic from atelic actions or verbs is that the former require some time till they are completed. They have to reach a “set terminal point” (...) For example, one and the same event of running can be described by running (i.e., atelic predicate), or by running a mile (i.e., a telic, or delimited, predicate). Hence the distinction between telicity and atelicity should not be one in nature of the object described, but the description applied to the object (...) It is obvious that quantized predicates are telic (run a mile) (...) but not every telic predicate is quantized (...) cumulative predicates, on the other hand, are typically atelic (run, running)”*

Dessa perspectiva, assim como acontece com nomes massivos, que exigem classificadores ou sintagmas de medida (por exemplo, \*’J’ai acheté or’ [Eu comprei ouro] em oposição a ‘J’ai acheté deux barres d’or’ [Eu comprei duas barras de ouro] (Müller & Oliveira 2004; 6-7) também os verbos atélicos, que denotam atividade, principalmente, e são originalmente não-delimitados, podem, através de certos recursos, ser delimitados. Em português, por exemplo, o verbo originalmente atélico “rir”, como em “Maria ri” pode ser delimitado com a inserção de um objeto cognato - “Maria riu uma risada alegre” (Gomes 2006). O mesmo pode ser visto na língua Juruna, tal como vemos a seguir:

**(111. a)**

**Uruku**

**na**

*remar*

*Is*

“Eu remei” (Lima IV)

**(111.b.)**

**Uruku**

*remar*

“Nós remamos” (Lima IV)

**udi**

*1pl*

Remar – delimitado (duplicado)

**(112. a.)**

**Ali**

*criança*

**wariu**

*muito*

**ururuku**

*remar.dupl*

“(A) criança remou muito” (Lima IV)

Porém, há verbos que não podem ser delimitados por não denotarem eventos, mas estados (Arad 1996). Coincidentemente, os verbos que não podem ser delimitados tendem a não denotar plural de eventos – por conseguinte, não realizam duplicação verbal, por exemplo (113.b/ 114.b.):

**(113.a.)**

**João**

*João*

**du-ai**

*3poss-esposa*

**a**

*amar*

“João ama sua esposa” (Lima IV)

**(113.b.)**

**\* João**

*Joao*

**du-ai**

*3poss-esposa*

**aa**

*amar.dupl*

“João ama sua esposa” (Lima IV)

**(114.a.)**

**João**

*João*

**kuha**

*muito tempo*

**du-ai**

*3poss-esposa*

**a**

*amar*

**anu**

*asp*

“Joao ama sua esposa há muito tempo” (Lima IV)

**(114.b.)**

<b>* João</b>	<b>kuha</b>	<b>du-ai</b>	<b>aa</b>	<b>anu</b>
<i>João</i>	<i> muito tempo</i>	<i>3poss-esposa</i>	<i>amar.dupl</i>	<i>asp</i>

“João ama sua esposa há muito tempo” (Lima IV)

Os fatos acima mostram que, enquanto há eventos que são passíveis de serem contabilizados, há outros que não são passíveis de decomposição em subeventos e que são, aparentemente, sempre cumulativos, tal como é o caso do verbo *a* (“amar”).

Retomando especificamente a questão da duplicação, um outro ponto importante que está relacionado a este processo é a ambigüidade implícita em sentenças como (115):

(115) John and Harry went to Cleveland

Há duas possibilidades de paráfrases para que a sentença acima (115), as quais mostram a leitura coletiva ou distributiva a que ela pode estar relacionada (McCawley 1968; *apud* Lasersohn 1995; 186):

(116) John and Harry went to Cleveland together (coletiva)

(117) John and Harry each went to Cleveland (distributiva)

Em Juruna, da mesma forma, para além da leitura entre um único ou vários eventos, há ainda a ambigüidade em relação a eventos coletivos ou distributivos quando o sujeito é plural. Uma sentença como (118) é ambígua entre uma leitura coletiva ou distributiva:

(118)

<b>João</b>	<b>Pedro</b>	<b>djuda</b>	<b>pīza</b>	<b>inãũ</b>
<i>João</i>	<i>Pedro</i>	<i>e</i>	<i>canoa</i>	<i>levantar</i>

“João e Pedro levantaram a canoa” (uma ou muitas vezes, juntos ou separados) (Lima IV)

Na sentença (118) há duas ambigüidades: 1) a primeira diz respeito ao número de eventos, já que na língua Juruna, como foi observado anteriormente, a não duplicação do verbo deixa a sentença neutra entre uma leitura em que ocorre um único evento ou múltiplos eventos<sup>75</sup>; 2) a segunda decorre do fato que (118) pode expressar tanto “João e Pedro levantaram canoa juntos” ({João, Pedro} – em um ou muitos episódios) ou “João levantou a canoa e Pedro levantou a canoa” ({João, Pedro, {João, Pedro}} – em um único episódio ou muitos episódios).

No que compete à segunda ambigüidade, se o contexto pragmático desta sentença está associado a uma ação coletiva, o verbo não pode ser duplicado, tal como vemos em (119):

**(119)**

<b>* João</b>	<b>Pedro</b>	<b>djuda</b>	<b>pïza</b>	<b>inãũinãũ</b>
<i>João</i>	<i>Pedro</i>	<i>e</i>	<i>canoa</i>	<i>levantar.dupl</i>

“João e Pedro levantaram a canoa (juntos)” (Lima IV)

É possível hipotetizar que há uma relação entre a coletividade e a unicidade do evento. Em outras palavras, o fato de um evento ser coletivo implica que foram dois sujeitos ou mais executando uma ação, possivelmente episódica – muito embora exista a possibilidade de diversos eventos – habituais, por exemplo – serem realizados por um grupo, coletivamente.

Observando o paradigma de outro verbo, podemos reiterar a hipótese de que a duplicação verbal não pode estar associada a eventos coletivos, mas apenas a eventos distributivos com agentes distributivos. Considere a sentença:

**(120)**

<b>Suzi</b>	<b>Luciana</b>	<b>djuda</b>	<b>aparu</b>	<b>pïpïku</b>
<i>Suzi</i>	<i>Luciana</i>	<i>e</i>	<i>beiju</i>	<i>fazer</i>

“Suzi e Luciana fizeram beiju” (Lima IV)

---

<sup>75</sup> Fatos como este evidenciam o paralelismo entre a marcação de plural no plano nominal e verbal, já que também os nomes em Juruna ficam neutros quando não são quantificados ou marcados por morfema de plural.

Assim como vimos em (115) e (118), (120) também é uma sentença ambígua entre uma leitura coletiva ou distributiva. Contudo, se a intenção do falante é dizer “Suzi e Luciana fazem beiju separadamente”, teremos:

(120)

<b>Suzi</b>	<b>Luciana</b>	<b>djuda</b>	<b>aparu</b>	<b>pīpīkapīka</b>
<i>Suzi</i>	<i>Luciana</i>	<i>e</i>	<i>beiju</i>	<i>fazer.dupl</i>

“Suzi e Luciana fizeram beiju (separadamente)” (Lima IV)

A comparação entre eventos distributivos e coletivos nos mostra que um evento do tipo “Suzi e Luciana fizeram beiju distributivamente” deve ter partes menores do evento tais como “Suzi fez beiju” e “Luciana fez beiju”. Por outro lado, eventos em que Suzi e Luciana fizeram beiju coletivamente não terão esses subeventos. É fato que um evento coletivo pode ter subpartes, mas neste caso, as subpartes – cortar a mandioca, amassar a massa, etc – envolvem a ação conjunta de Suzi e Luciana (Lasersohn 1995; 190).

Concluindo, temos uma generalização que corrobora as discussões anteriores: as sentenças em que o sujeito é plural (sintagmas coordenados, como [Suzi e Luciana]) não duplicam caso a sentença denote uma ação coletiva porque ações coletivas têm caráter episódico, logo, não distributivo. Por outro lado, se a ação for distributiva (com ou sem evento coordenado) o verbo pode duplicar (mas não necessariamente duplicará devido ao seu caráter cumulativo) em Juruna.

Portanto, com os dados vistos até aqui, procuramos mostrar que nestas línguas os verbos são, como hipotetiza Kratzer (2005), cumulativos (e não singulares, uma vez que não há evidência para hipotetizar a existência do [singular]) e, ademais, que a duplicação, a supleção e os verbos auxiliares especificam como o evento foi realizado. Para além disso, o próprio fato de estender a discussão do traço [plural] para os verbos é uma forma de reafirmar um paralelismo entre a distinção contável/massivo dos nomes com a distinção delimitado (téllico)/ não-delimitado (atélico) dos eventos denotados pelos verbos, que já foi apontada por Tenny (1987; 87). Esse paralelismo já é discutido na literatura tanto na perspectiva da estrutura argumental dos verbos (Tenny 1987; 87) como em outras discussões de sintaxe, como na teoria de Caso de Bittner e Hale (1996; 4) na qual os autores estabelecem uma simetria entre CP e KP (Sintagma de Caso), sendo o primeiro a projeção máxima dos verbos e o segundo a projeção máxima dos

nomes; ao fazer isso, os autores tentam mostrar que há simetria entre o plano nominal e verbal, assim como os traços que estamos discutindo também mostram esse tipo de simetria.

### **1.ix Considerações finais da seção**

Neste capítulo percorremos as propriedades associadas à formação dos verbos e suas respectivas restrições sintáticas e morfológicas. Apresentamos as estruturas argumentais de formação dos verbos da língua Juruna a partir da inserção dos verbalizadores e também dos processos de atribuição e mudança de valência verbal.

Podemos aqui responder as perguntas propostas no início deste capítulo:

#### **1) Qual a natureza das raízes formadoras dos verbos?**

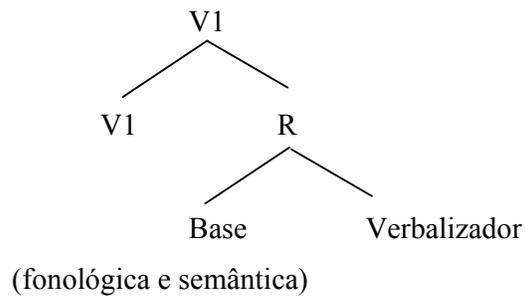
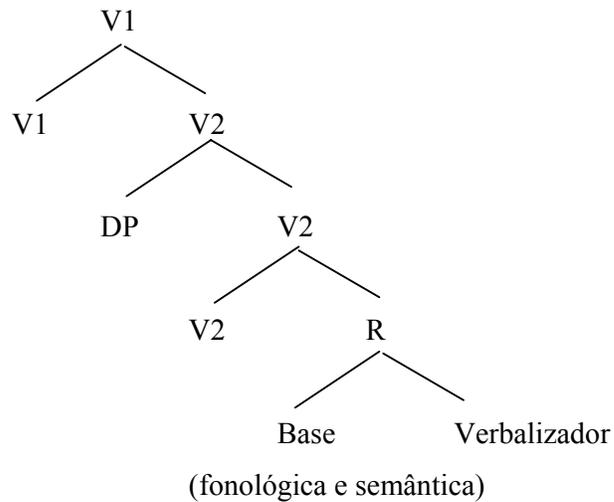
As raízes são compostas de duas partes: a parte lexical da raiz – que chamamos aqui de base semântica-fonológica - traz informações de caráter semântico (como tipo de evento denotado, por exemplo) e fonológicas do verbo; a outra parte da raiz - que chamamos aqui de verbalizador - atribui a categoria verbo à parte lexical da raiz e, por conseguinte, atribui a esta raiz propriedades sintáticas. É para o resultado da combinação destes duas partes que será, em um segundo momento, atribuída a valência dos verbos. A raiz, a partir de seus traços, restringirá os morfemas de valência associados a ela. Por exemplo, o morfema de transitividade simples é incompatível com verbos derivados de nomes.

#### **2) Qual a função dos verbalizadores que se unem à parte lexical das raízes?**

Os verbalizadores têm apenas caráter funcional. Possibilitam que a raiz possa atribuir Caso e, ademais, explicitam a divisão de classes verbais na língua.

#### **3) Como é o processo de formação estrutural dos verbos da língua Juruna?**

Como vimos, inicialmente há a formação da raiz verbal e, em um segundo momento, de acordo com as propriedades da base semântica-fonológica associada ao verbalizador, há a atribuição de valência dos verbos, com os núcleos V1 (para verbos transitivos e inergativos) e V2 (para verbos inacusativos). Em síntese, teríamos:



**4) Quais conseqüências a formação dos verbos acarretam para a sintaxe desta língua?**

As restrições das raízes verbais implicarão nas relações de alternância da língua, tanto em relação à transitividade como em relação à mudança de voz e aos processos de pluracionalidade de eventos. Conhecer a estrutura argumental dos verbos, portanto, permite o conhecimento das estruturas sintáticas da língua, como veremos adiante.

Os processos de formação dos verbos evidenciaram que os verbos não são componentes atômicos na sintaxe, mas que apresentam estrutura, assim como as sentenças e, por essa razão, os núcleos são complexos e são determinantes para a derivação das estruturas sintáticas.

Desta perspectiva, a formação dos verbos refletirá os fenômenos de alternância sintática simples (alternância transitiva-incoativa) e complexa (causativização), com inserção de morfemas no núcleo verbal.

A importante conclusão a que se pode chegar a partir deste capítulo, diz respeito ainda ao fato que as causativizações e as sentenças de alternância transitivo-incoativa têm a mesma estrutura. O que determinará a leitura associada a cada estrutura, contudo, será o morfema que ocupar V1 e V2, associado com as propriedades das raízes. As propriedades das raízes inibem, por exemplo, a ocorrência do morfema {ma-} em verbos inergativos. Contudo, a projeção dos argumentos da grade argumental de um verbo depende das exigências do conjunto R+V1/ R+V2 e não apenas da raiz ou de V1/ V2.

Como vimos, as propriedades das raízes delimitam as alternâncias de voz e outros processos associados aos verbos, como a duplicação e a supleção. Isto significa dizer que todos estes processos decorrem das propriedades das raízes dos verbos, que carregam os traços centrais que restringem as estruturas sintáticas de cada núcleo verbal.

Conhecendo o desenvolvimento da estrutura do VP na língua Juruna podemos, agora, propor as estruturas seguintes, quais sejam: adjunções (adverbiais), quantificação, concordância, inserção de sujeito (vP) e núcleos funcionais (T e C). Estas questões serão discutidas no segundo capítulo da parte II, a seguir.

## **Capítulo II: Da estrutura sintática das sentenças**

### **2.i. Introdução**

Para apresentarmos as características sintáticas das sentenças da língua Juruna é necessário apresentar algumas características da língua Juruna, para além da formação dos verbos e dos processos morfológicos associados a eles já anteriormente discutidos. Portanto, nesta seção discutiremos:

- 1) Inserção de sujeitos e suas características (pronomes, sintagmas nominais, demonstrativos);
- 2) Caso;
- 3) Concordância;
- 4) Inserção de advérbios e suas características;
- 5) Inserção de quantificadores, suas características e os paralelismos entre o plano nominal e verbal que iniciamos a discutir no capítulo anterior;

Ao longo do capítulo também discutiremos questões associadas à ordem e movimento, cruciais para a compreensão da estrutura da língua. O modelo teórico ao qual recorreremos para explicar a geração das sentenças é o programa minimalista. Visto isso, antes de adentrar nas questões específicas da língua, apresentaremos um breve resumo do modelo.

### **2.ii O programa minimalista: considerações teóricas iniciais**

A hipótese de Hale & Keyser (2002), formulada para dar conta da formação dos núcleos verbais, não pretende ser uma teoria sintática explicativa da formação das sentenças e operações diversas (concordância, inserção de sujeitos, adjunções, etc). Contudo, a proposta dos referidos autores é compatível com as propostas gerativistas sobre o componente sintático. Para a estruturação das sentenças Juruna partiremos, portanto, da proposta de Chomsky (1995), denominada Programa Minimalista (doravante PM), o qual parte de questões que podem ser depreendidas a partir do modelo de princípios e parâmetros (Chomsky 1995; 3).

No PM o sistema cognitivo interage com dois sistemas “externos”: articulatório-perceptual (doravante A-P) e conceitual-intencional (C-I) a partir de dois níveis de interface: forma fonética (doravante FF), na interface A-P e forma lógica (doravante FL), na interface C-I (Chomsky 1995; 2).

No capítulo anterior dissemos por diversas vezes que os verbos apresentam em suas bases (no processo de formação de raiz) traços que os constituem, nos quais incluímos traços semânticos e fonológicos e, quando associados a verbalizadores, traços formais. Para uma análise da língua a partir do PM, os traços destes itens lexicais serão essenciais. Os traços ditos fonológicos são, como apresentamos anteriormente, informações necessárias (tais como padrão tonal e silábico) para que este item seja interpretável no nível de FF. Os outros traços citados, por sua vez, são relevantes para o sistema CI. Em ambos os casos, os traços citados são ininteligíveis para os outros sistemas: desta forma, um traço semântico não será interpretado em FF e um traço fonológico não será interpretado em FL.

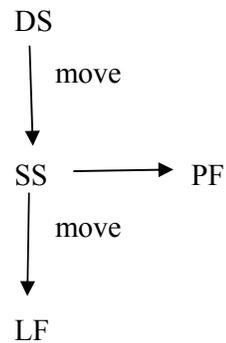
No modelo citado há duas classes de traços formais: os legíveis e os ilegíveis. Um traço legível é aquele que recebe interpretação em CI. Os traços- $\phi$  (pessoa, número e gênero) são exemplos canônicos de traços legíveis, assim como os traços semânticos dos itens lexicais. Um traço ilegível, por consequência, é aquele que não recebe interpretação em CI, como ocorre com Caso. Tanto os traços formais legíveis como os ilegíveis não recebem interpretação em FF.

As operações realizadas no sistema dependem do princípio de interpretação plena, para o qual apenas traços legíveis para os sistemas interpretativos serão relevantes para FF e FL. Será dita “convergente” toda derivação que satisfizer o princípio de interpretação plena. Para que haja a convergência da derivação, não podem haver traços formais e traços semânticos em FF e traços fonológicos em FL.

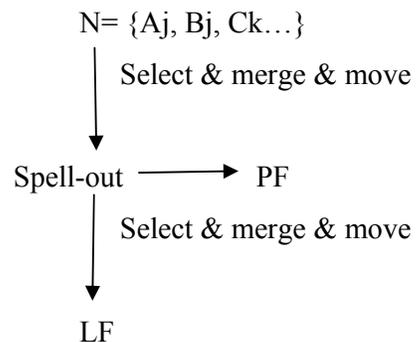
Na derivação, há o processo de Spell-Out no qual os traços fonológicos são enviados ao componente fonológico. Antes disso, contudo, para a proposta do programa minimalista, os itens lexicais são constituídos apenas de traços semânticos e formais.

Comparando a estruturação do modelo gerativista de regência e ligação (literalmente, *government and binding* (doravante GB)) e Minimalismo, temos:

- (1) O modelo do componente gramatical a partir da GB (Hornstein *et alli* (2005; 23):



- (2) (1) O modelo do componente gramatical a partir do PM (Hornstein *et alli* (2005; 73):



No PM, portanto, as computações partem de uma numeração que é composta de itens lexicais indexados a um número de ocorrência. A eliminação de DS em prol da numeração acarreta que a derivação das sentenças seja estrutural e hierarquizada – tal como procuramos fazer desde a derivação dos verbos – de forma que uma sentença é construída ao longo da derivação. Levando este conceito ao limite, também a formação dos verbos (no que compete à inserção de morfologia de valência e verbalizadores) decorre de um processo estrutural e hierárquico, como vimos em Hale & Keyser. Desta forma, salienta-se uma propriedade comum às duas propostas.

Em síntese, o modelo (2) mostra as operações necessárias para a derivação da sentença. Primeiramente há a operação *selecionar* (*select*) a partir da qual o sistema

computacional acessa os itens lexicais da numeração (e não a partir diretamente do léxico) e há a construção das estruturas sintáticas a partir das duas outras operações, quais sejam *conectar (merge)*<sup>76</sup> e *mover (move)*. Destas operações segue o Spell-out, responsável pelo processo de cisão da computação em duas partes: LF e FF, as quais operam a partir dos traços que discutimos anteriormente.

Uma outra operação fundamental para a compreensão do PM é *Concordar (Agree)*. A operação é baseada na eliminação dos traços formais ilegíveis (como Caso) a partir da checagem de traços formais; quando dois conjuntos de traços formais (sendo um deles o de um núcleo funcional que atua como uma sonda) são do mesmo tipo, eles são eliminados. Para que exista essa verificação de traços, é necessário c-comando e a condição de menor elo, segundo a qual a verificação de traços é de cima para baixo, até o momento do encontro do primeiro item que apresente traços compatíveis aos que estão sendo checados. No que compete ao processo de *mover*, é válido ressaltar que ele também é motivado a partir de checagem de traços. É importante dizer que para todos os processos de checagem de traço, uma vez checado o traço de um DP, por exemplo, este não pode se mover para outra posição-A (algo que também já era proibido por razões diferentes em GB e P&P – princípios e parâmetros).

Visto os fatos apresentados até aqui - o modelo de PM e algumas operações básicas do sistema - é necessário apresentar como se dá a estruturação das sentenças no modelo minimalista, tal como apresenta Hornstein *et alli* (2005; 173):

(3) [CP Spec C [TP Spec T [vP SU [v' v [VP V OB]]]]]]

Como vemos em (3) após a formação dos verbos (de forma estrutural e hierárquica como já mostramos), há a inserção de vP, o qual, tal como observaremos mais adiante, é responsável pela projeção de sujeitos e pelo processo de concordância de objeto a partir da projeção de múltiplos Specs (Chomsky 1995; 355).

Para além da projeção de vP, há o núcleo de Tempo (T) que seleciona vP como complemento. É para Spec, TP que os sujeitos são movidos. Enquanto v apresenta traços associados ao Caso acusativo e concordância de objeto, é em T que há os traços

---

<sup>76</sup> Parto aqui da tradução dos termos do PM apresentados no trabalho de Ferreira (2000).

de caso nominativo<sup>77</sup>. Finalmente, há a categoria funcional CP cujo núcleo (C<sub>0</sub>) pode ser preenchido por verbos ou auxiliares movidos (V2), e cujo especificador pode ser preenchido por sintagmas focalizados, ou topicalizados.

Dada uma apresentação inicial do modelo (que será retomado a partir dos fenômenos que serão discutidos), iniciamos a discussão sobre as formas pronominais, que são essenciais para a compreensão do comportamento dos argumentos (sujeito e objeto) e concordância na língua.

## 2.ii. Das formas pronominais: revisão da literatura

### *Fargetti (2001) e as formas pronominais*

Antes de iniciarmos as discussões referentes aos processos sintáticos e semânticos da língua Juruna, é importante apresentar algumas características gerais da língua descritas por Fargetti (2001), acerca do uso das formas pronominais livres e presas. Iniciemos apresentando a tabela com essas morfemas:

**Tabela (4)**

Pessoas	JURUNA			
	Forma livre	Forma presa <sup>78</sup>		
		Radical consoante	iniciado por	Radical vogal
1ª pessoa do singular.	una/ na	u-		ø/ u-
2ª pessoa do singular.	ena	e-		l-
3ª pessoa do singular.	Amĩ / anĩ/ ø	i-/ ø		ø/ i-
3ª pessoa reflexiva	_____	du-		du -

<sup>77</sup> Sobre *v* e *T* apresentarem associação com Caso, é importante dizer que em Chomsky (1995) estes núcleos tinham traços de Caso, enquanto que em Chomsky (1998), estes núcleos não tem traços de Caso, mas traços-φ que são verificados com os traços do DP que elimina o traço de Caso do DP.

<sup>78</sup> As formas presas derivadas dos pronomes livres também são utilizadas em construções de posse, por exemplo: *l-eduka* significa “seu vestido”.

1ª pessoa do plural (inclusiva).	ulu'udi udi	ulu-	ul-
1ª pessoa do plural (exclusiva).	si	se-	s-
2ª pessoa do plural.	esi	ese-	es -
3ª pessoa do plural.	anĩdai abidai	ise- i se-	se- i se- <sup>79</sup>

(Fargetti 2001; 143/ 146)

Fargetti (2001) argumenta que as formas livres dos pronomes são usadas na posição de sujeito. As presas (chamadas pela autora de clíticos) ocorrem “*com verbos transitivos e posposições, codificando o objeto, e com nomes, marcando a pessoa do possuidor*”. Para mostrar estas três características, seguem os exemplos da autora:

**(5) Ulu'udi ese=depu**

*1p (ex) 2p empurrar*

“Nós empurramos vocês” (Fargetti 2001; 147)

**(6) E=piza**

*2s canoa*

“Sua canoa” (Fargetti 2001; 146)

**(7) Una I=a e=be alu**

*1s 2s gostar 2s dat asp*

“Eu gosto de você” (Lima I)

Da perspectiva da autora, portanto, no caso do exemplo (5) e do exemplo (7) o objeto é o que está prefixado ao verbo ({ese-} e {I-}, respectivamente) e o sujeito aparece na forma de pronome livre (*ulu'udi* e *una*, observando os exemplos (5) e (7), respectivamente). Além disso, o objeto pode aparecer com uma posposição (*e=be*, exemplo (7)) e quando as formas presas ocorrem com nomes, elas indicam posse (vide

<sup>79</sup> Não incluímos na parte “formas presas” abidai uma vez que esta forma só ocorre como forma livre, tanto nos dados de Fargetti como nos nossos.

(6). Resumida aqui a proposta de Fargetti (2001), podemos apresentar outras propostas de análise dos morfemas de pessoa a partir de questões que os dados levantam.

*Outras propostas de análise dos prefixos de pessoa na língua Juruna*

Inicialmente, no que compete aos pronomes livres, nossos dados corroboram em parte a hipótese de Fargetti (2001), qual seja, a de que estas formas podem ser usadas tanto para os sujeitos intransitivos (8.a.) como para os sujeitos transitivos (8.b.):

**(8.a.)**

<b>Una</b>	<b>tahu</b>
<i>1s</i>	<i>correr</i>

“Eu corri” (Lima II)

**(8.b.)**

<b>Una</b>	<b>abĩa</b>	<b>ẽdu</b>
<i>1s</i>	<i>Música</i>	<i>ouvir</i>

“Eu ouvi música” (Lima I)

No que compete à presença dos pronomes livres em posição de objeto, há algumas considerações a serem feitas. Embora, em sentenças transitivas não seja produtiva (e, por vezes, seja agramatical) a utilização de pronomes livres na posição de objeto, há as sentenças inacusativas que mostram uma propriedade diferente, tal como vemos nos dados a seguir:

**(8.c.) Ena e-kũãũ**

*2s 2s-desmaiar*  
“Você desmaiou” (Lima IV)

**(8.d.) E-dĩtaditaũ una**

*Refl-assustar-neg. 1s*  
“Nunca me assustaram” (Lima V)

Em (8.c.) e (8.d.) temos formas pronominais livres na posição de objeto. No primeiro caso temos um verbo inacusativo – que é causativizado pelo morfema {-ma} – cujo sujeito superficial foi gerado na posição de objeto. Em (8.d.), temos um outro exemplo para reflexão: trata-se de um verbo transitivo cujo sujeito é nulo (fato que discutiremos posteriormente) e cujo objeto é derivado de uma forma pronominal livre. Vistos os fatos acima, que serão retomados posteriormente ao longo desta seção, fica a questão de que estas formas pronominais livres podem ser utilizadas em posição de objeto. Resta saber em quais contextos e porque elas são menos freqüentes. Uma hipótese que será trabalhada é o princípio *avoid pronoun* (Chomsky 1981). Antes disso, porém, façamos outras considerações descritivas dos fatos.

Na análise de Fargetti (2001) os objetos, quando pronominais – o que ocorre em todas as sentenças cujo objeto não é terceira pessoa -, estão cliticizados ao verbo (Fargetti 2001). As formas que aparecem presas não são os pronomes livres, mas formas derivadas deles (por exemplo {u-} ao invés de *una*, para a primeira pessoa do singular). Esta análise dos objetos como as formas presas aos verbos seria compatível com a estrutura sintática da língua, a qual é SOV, uma vez que, quando o objeto é um sintagma nominal, ele ocorre antes do verbo, como vemos abaixo:

(9) **Una ba’i ixu**  
*Is paca comer*  
 “Eu comi paca” (Lima IV)

Se seguíssemos os passos de Fargetti (2001), a qual propõe que as formas presas ao verbo são o objeto da sentença assim como os sintagmas nominais que precedem o verbo (vide 8.b e 9) teríamos o seguinte quadro resumitivo:

Tabela (10): um resumo do que seria o objeto em Fargetti (2001)

Pessoa do discurso	Objeto pronominal	Objeto SN
Primeira (singular)	u-	Zero
Segunda (singular)	e-/ l-	Zero
Terceira (singular)	i-	SN
Primeira (plural)	Ulu-/ s-	Zero
Segunda (plural)	Es-	Zero

Terceira (plural)	i-	SN
-------------------	----	----

A partir da proposta de Fargetti (2001) pressupõe-se que a co-ocorrência das formas presas pronominais com os sintagmas nominais são necessariamente incompatíveis, uma vez que eles podem desempenhar a mesma função na língua, qual seja, ocupar a posição de complemento. Contudo, esse tipo de estrutura que esperaríamos ser agramatical não o é, apesar de pouco produtiva, tal como vemos nos dados abaixo testados por nós e um apresentado por Fargetti (2001). Vejamos:

(11) Una **u-tabá** i-txiaku  
*1s 1s.poss.-cabelo 3s-pentear*  
 “Eu penteei o meu cabelo” (Lima I)

(12) Esi du **apĩ** i=zaka-zaka  
*2p sempre onça 3s=ver*  
 “Vocês sempre vêem onça”  
 (Fargetti 2001; 162) (2001; 180)

(13) Ali ukahaũ **made** i-kasaku  
 Criança sempre lua 3s-ver  
 “Criança sempre vê a lua” (Lima IV)

O que o objeto de terceira pessoa da língua revela sobre o Juruna é a possibilidade de co-ocorrência entre um SN e uma forma pronominal presa. Ainda para reiterar este fato, podemos ver os casos de causativização na língua, analisados no primeiro capítulo da parte II deste trabalho. Como vimos e reiteraremos, as formas pronominais presas podem ocorrer nesta construção sempre associadas ao objeto da causativa – seja quando o objeto é de terceira pessoa (14), seja quando o objeto é de primeira (15) ou segunda pessoa (16):

(14) Una **apĩ** i=ũ-tahu anu<sup>80</sup>

<sup>80</sup> É válido dizer que a co-ocorrência destes morfemas que analisamos como concordância e os argumentos SN é considerada por alguns falantes mais velhos da língua como uma inovação, principalmente quando ocorre em sentenças causativas.

*1s cachorro 3s=caus.-correr asp*

“Eu fiz o cachorro correr”

(Fargetti 2001; 186 – modificamos o dado; y por i)

**(15) U=ma-elu ena u=be**

*1s=caus.-saudade 2s 1s=dat.*

“Você me fez ficar com saudade (você me “ensaudosou”)

(Fargetti 2001; 190)

**(16) Awĩ I=ũ-enaena e=be anu**

*Quati 2s=cau.-vomitar 2s=dat asp.*

“O quati fez você vomitar”

(Fargetti 2001; 188)

Estes fatos levantam algumas questões sobre o status dessas formas pronominais que nos levam a propor a seguinte generalização (a ser refinada em seguida) visando uma análise unificada das formas presas nos verbos:

- Todos os morfemas prefixados aos verbos são morfemas de concordância, e não argumentos.

Consideremos, portanto, que as formas pronominais presas na língua Juruna não estão codificando o objeto, mas sim que estão realizando concordância acusativa. Como vimos explicitamente nos casos de terceira pessoa, há a co-ocorrência do morfema {i-} e do sintagma nominal, de forma que apenas um deles é o objeto - no caso, o sintagma nominal. Em um primeiro momento, esta co-ocorrência entre sintagma nominal e morfema de pessoa não parece ser explícita no caso de primeira e segunda pessoas, uma vez que não há sintagmas nominais que expressem a primeira ou a segunda pessoa em sentenças transitivas. Contudo, como sabemos e já adiantamos em (8.c.) e (8.d.), as sentenças inacusativas têm seus sujeitos gerados na posição de objeto o que permite alternâncias do tipo “o dia clareou”/ “o sol clareou o dia”. É a partir destes casos que vemos claramente o uso de formas presas como concordância na língua Juruna. Vejamos o verbo “desmaiar”:

(17) **Iidja**            **i-kũãũ**  
*Mulher*            *3s-desmaiar*  
“A mulher desmaiou” (Lima IV)

(18) **Ena**    **e-kũãũ**  
*2s*    *2s-desmaiar*  
“Você desmaiou” (Lima IV)

(19) **Kuadi iidja**            **i-ma-kudãũ**  
*Sol*    *mulher*            *3s-caus.-desmaiar*  
“Sol fez mulher desmaiar” (Lima IV)

No exemplo (18) vemos a co-ocorrência do morfema {e-}, de segunda pessoa, e a forma pronominal {ena}. Sabemos que {ena} foi gerado na posição de objeto do verbo *kudãũ* (“desmaiar”) uma vez que: 1) como sabemos, verbos inacusativos são causativizados por {ma-}; 2) verbos inergativos (como *tahu*, “correr”, por exemplo) não apresentam a co-ocorrência de formas presas com o sujeito superficial, uma vez que ele não foi gerado na posição de objeto e, como já dissemos, em Juruna os morfemas de concordância só remetem ao objeto da sentença, nunca ao sujeito, razão pela qual há agramaticalidade em (21), tal como vemos:

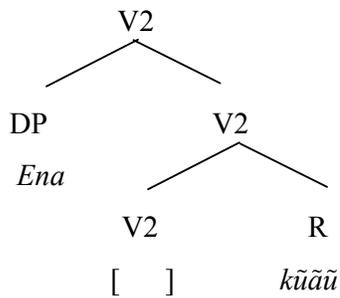
(20) **Ena tahu**  
*2s*    *correr*  
“Você correu” (Lima II)

(21) \* **Ena e-tahu** (Lima II)

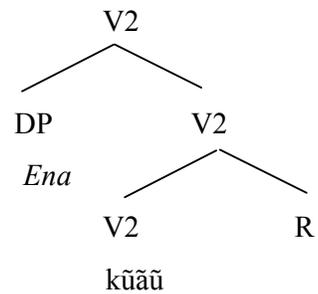
Por outro lado, os verbos inacusativos, como dizíamos, requerem concordância de objeto, uma vez que o argumento que está na posição de sujeito foi gerado na posição de objeto, em uma estrutura diádica como vimos no capítulo anterior - diferentemente dos verbos inergativos cujo sujeito é gerado apenas na sintaxe, como veremos adiante. Estes verbos, diferentes daqueles, tem estrutura monádica. Retomemos pois estas estruturas a partir dos exemplos dados:

(22) Estrutura diádica (inacusativa)

(22.a) pré-conflation

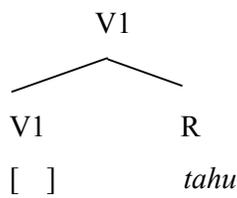


(22.b.) pós-conflation

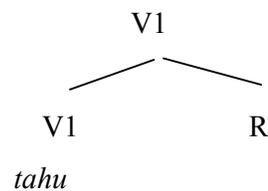


(23) Estrutura monádica (inergativa)

(23.a) pré-conflation



(23.b.) pós-conflation



Apesar de ser possível o uso de formas pronominais livres na posição de objeto, este fato é pouquíssimo produtivo, até mesmo raro. Considerando esse fato e adicionando a possibilidade de os morfemas prefixados ao verbo não serem argumentos, mas concordância, o que temos é um objeto pronominal nulo, fonologicamente não realizado, na maioria dos casos. Expliquemos a partir de um dado este objeto pronominal hipotetizado por nós:

(24)

**Ena** **Ulu-djidaku**

2s *1pl-bater*

“Você bateu em nós” (Lima I)

No dado acima {ulu-} mostra que há na sentença um objeto de primeira pessoa plural. Contudo, esta informação não é depreendida de um objeto em si, mas dos traços de concordância com este objeto. Este fenômeno não é, contudo, raro. Se pensarmos no

próprio português brasileiro falado, muitas vezes depreendemos o sujeito, por exemplo, dos traços de concordância, sem que ele seja fonologicamente expresso. A saber:

(25) Foram para a praia (Foram: “eles”)

(26) Vamos dançar hoje (Vamos: “nós”)

(27) Falei a verdade (Falei: “eu”)

A diferença é que, em português brasileiro, a concordância é com o sujeito das sentenças, enquanto que em Juruna é com o objeto. Ambas, contudo, são casos de línguas nominativo-acusativas. O que os fatos de Juruna e português mostram é que no lugar do argumento fonologicamente nulo, há um *pro* que indica que esta posição precisa ser preenchida. Vale apresentar resumidamente o que é *pro*:

*pro* (leia-se prozinho): pertencente a classe das categorias vazias; *pro* é a versão sem matriz fonética de um pronome e apresenta propriedades de distribuição muito semelhantes aos pronomes. Os traços associados a *pro* que o distingue de outras categorias vazias são: [-anfórico,+ pronominal]

É crucial ter em mente que a realização de um objeto como *pro* decorre do fato de que os traços de concordância explicitam os traços do argumento objeto na sentença. Desta perspectiva, como salienta Ferreira (2000; 28) ao recuperar um argumento recorrente sobre argumentos nulos na teoria gerativista “(...) *a idéia mais amplamente difundida foi a de que pro precisa ser legitimado e que esta legitimação só é possível em línguas que possuem morfologia verbal rica capaz de recuperar os traços formais do referente do pronome nulo*” (grifos nossos). Desconsiderando a questão de morfologia rica ou pobre, que é questionável (como também discute Ferreira 2000), o fundamental é dizer que este tipo de alternância pronome nulo/ lexical parece ser possível se há na sentença morfemas que permitam recuperar os traços do argumento nulo. Em Juruna, os morfemas que recuperam estes traços são, justamente, os morfemas de concordância.

Quando apresentamos os dados sobre objetos pronominais e a posição do objeto, questionamos o porquê dessas formas ocorrerem tão raramente na posição de objeto, ou ainda, não ocorrerem. Ao invés de dizermos que as formas pronominais livres não podem ocorrer na posição de objeto em Juruna, é possível hipotetizar que, em contextos pronominais, o sistema derivacional privilegia um pronome fonologicamente não

realizado, tal como propõe Chomsky (1981), a partir do princípio denominado *Avoid pronoun* (evite o pronome), segundo o qual:

(28) Evite pronome

Sempre que a alternância pronome nulo/ pronome lexical for possível, deve-se utilizar o pronome nulo.

Um dos fatos que este princípio acarreta é que o pronome pode ser utilizado (como vimos em 8.a. e 8.b.), contudo, apenas em contextos de ênfase e contraste (como discute Ferreira 2000; 31). Retomemos o dado em (8) para compreender este princípio:

**(8.a.)** *Ena e-kũũũ*

*2s 2s-desmaiar*

“Você desmaiou” (Lima IV)

Dois fatores desta sentença nos levam a crer que há ênfase na sentença (8.a.): 1) o primeiro deles é o fato que, como veremos na seção sobre ordem, quando um sujeito é pronominal a ordem básica em Juruna é VS e não SV, de forma que o sujeito ocupa a primeira posição quando há foco do sujeito. Deste modo, o sujeito pronominal *Ena* está focalizado; 2) para além disso, partindo do princípio em (28), a simples presença de *ena*, fonologicamente realizado nos leva a dizer que há ênfase do sujeito uma vez que ele foi gerado na posição de objeto por ser inacusativo<sup>81</sup>.

Desta perspectiva, quando não há um pronome explícito, a concordância presente no verbo traz as informações associadas à pessoa do objeto. Outra possibilidade para a marcação dos traços do objeto na sentença é a ocorrência das formas pronominais presas seguidas por Caso dativo (*be*), o que pode ser um artifício da língua em contextos em que o objeto é *pro* (Luciana Storto, comunicação pessoal).

Além das sentenças transitivas e inacusativas (em que a concordância é possível, mas pouco produtiva em sentenças com sintagmas nominais) e causativas (em que a prefixação da morfologia de concordância é muito produtiva) os morfemas pronominais presos também ocorrem em perguntas {qu-}, tal como vemos abaixo:

---

<sup>81</sup> Não entraremos na questão da distinção entre pronomes fracos e fortes; contudo, esta é uma questão que será aprofundada no prosseguimento da pesquisa.



**(32.a.)**

**Una**

*Is*

“Eu bati em você” (Lima I)

**e-djidaku**

*2s- bater.*

**(32.b.)**

**Una**

*Is*

“Eu bati em você” (Lima I)

**e-djidaku**

*2s-bater*

**e-be.**

*2s-dat.*

As duas sentenças acima significam “Eu bati em você”. A diferença, porém, é que a sentença (32.a.) não apresenta a forma pronominal seguida de dativo, enquanto que (32.b) apresenta. É interessante dizer que estas formas seguidas de dativo salientam uma cisão de pessoa no paradigma, tal como vemos a partir da tabela a seguir onde só a terceira pessoa não autoriza a construção forma presa + *be*:

Tabela (33): as formas presas seguidas de dativo<sup>84</sup>

Pessoa do discurso	Concordância	
Primeira (singular)	u-be	
Segunda (singular)	e-be/	*l-be
Terceira (singular)	Te/ he/	*i-be
Primeira (plural)	Ulu-be/se-be	
Segunda (plural)	Ese-be	
Terceira (plural)	Te se/	*i-be

Da tabela acima, vemos que todas as pessoas permitem a forma presa seguida por Caso dativo, exceção feita à segunda pessoa reflexiva (por razões fonológicas: duas consoantes {l-} e {b-}) e a terceira pessoa que não apenas não tolera a forma “i-be” (vide 34) como tem formas próprias para estes contextos, quais sejam: *te*, *he* e *tese* (todas as três anteriormente descritas por Fargetti 2001; 143):

<sup>84</sup> A forma como as formas presas pronominais seguidas de dativo são inseridas nas estruturas sintáticas é apresentada na seção “Advérbios” (130a/ 130b). Contudo, para chegarmos a essa discussão são necessários outros elementos, razão pela qual estas estruturas não são discutidas aqui.

**(34)**

<b>* Ulu’udi</b>	<b>i-djidaidaku</b>	<b>i-be</b>
<i>1pl</i>	<i>3-bater.dupl</i>	<i>3-dat</i>

“Nós batemos nele” (Lima II)

**(35.a.)**

<b>Esi</b>	<b>i-djidaidaku</b>	<b>te</b>
<i>2pl</i>	<i>3-bater.dupl</i>	<i>3s</i>

“Vocês bateram nele” (Lima I)

**(35.b.)**

<b>Esi</b>	<b>i-djidaidaku</b>	<b>he</b>
<i>2pl</i>	<i>3-bater.dupl</i>	<i>3s</i>

“Vocês bateram nele” (Lima I)

**(36)**

<b>Una</b>	<b>i-djidaku</b>	<b>tese.</b>
<i>1s</i>	<i>3-bater</i>	<i>3pl.</i>

“Eu bati neles” (Lima I)

Vale ressaltar que o exemplo (35.a./ 35.b.) apresenta um objeto de terceira pessoa do singular enquanto que (36) se refere à terceira pessoa do plural. O que nos permite desambiguar as sentenças – uma vez que o prefixo para terceira pessoa do singular e do plural é {i-} – é a morfologia de reiteração que ocorre logo após o verbo: *te* e *he* estão associados à terceira pessoa do singular, enquanto que *tese* está associado à terceira pessoa do plural. Sabemos disso devido à presença do morfema {-se}, que só ocorre nas formas pronominais plurais, tal como vemos através da segmentação dos pronomes:

(37)

<b>Pessoa</b>	<b>Forma em Juruna</b>	<b>Segmentação morfológica</b>	
Primeira pessoa do plural inclusivo	se	zero + se	Morfema de plural (se)
Segunda pessoa do plural	ese	e + se	segunda pessoa do singular (e) + morfema de plural (se)
Terceira pessoa do plural	ise	i + se	Terceira pessoa do singular + morfema de plural (se).

Este fato mostra que temos uma cisão de pessoa na língua Juruna. Esta cisão entre a terceira pessoa em oposição às outras pessoas do discurso é reforçada ainda pelo fato que a terceira pessoa é a única que permite a omissão do sujeito:

(38)

**u-djidaku**

*Is-bater*

“(Ele) bateu em mim” (Lima II)

**u-be.**

*Is-dat*

Ainda no que compete a elisão de sujeitos, vemos que verbos que denotam eventos naturais (“chover”, “amanhecer”, “entardecer”), como era de se esperar, são inseridos em sentenças que não projetam sujeito:

(39) **Amana ala**

“Choveu” (Lima IV)

(40) **Kahu**

“O dia amanheceu” (Lima III)

(41) **Kaitxa hae**

“Entardeceu” (Lima III)

Retomando a questão das formas presas seguidas de dativo, é necessário discutir seu status na língua. Já dissemos anteriormente que as formas presas poderiam ser

analisadas como morfemas de concordância. Sendo morfemas de concordância, estas formas não poderiam receber Caso, uma vez que só DPs recebem Caso e estes morfemas seriam núcleos funcionais. Contudo, as formas pronominais presas exercem funções diversas na língua, o que nos permite dizer que quando elas estão associadas ao morfema de dativo elas não são concordância, mas apenas feixe de traços relacionados às pessoas. Sendo assim, estas formas presas podem: 1) codificar posse, quando prefixadas a nomes (Fargetti 2001); 2) marcar concordância de objeto, quando prefixadas a verbos; 3) quando associadas a dativo, reiteram os traços de objeto de uma sentença em que o objeto é *pro*. Considerando apenas o item (3), podemos reavaliar a tabela (33) da seguinte forma:

Tabela (42): as formas presas seguidas de dativo

Pessoa do discurso	Concordância	Formas pronominais de objeto em contexto de objeto <i>pro</i>	
Primeira (singular)	u-	u-be	
Segunda (singular)	e-	e-be/	*l-be
Terceira (singular)	i-	Te/ he/	*i-be
Primeira (plural)	Ul-/se-	Ulu-be/se-be	
Segunda (plural)	Ese-	Ese-be	
Terceira (plural)	i-	Te se/	*i-be

A única pessoa do discurso que diferencia a forma de concordância da forma pronominal de objeto em contexto de *pro* é a terceira pessoa: como apontamos anteriormente, a forma de concordância é {i-} e a forma de objeto é *te*, *tese* e *he*. É interessante ressaltar que a existência de um núcleo marcado com Caso dativo decorre do fato que os outros dois outros casos disponíveis já foram atribuídos: nominativo (para o sujeito da sentença) e acusativo, para o objeto (*pro*) restando a forma que ocorre após o verbo o Caso dativo (*be*).

Até aqui levantamos alguns fatos da língua Juruna que nos levaram a argumentar contra a análise de Fargetti (2001), segundo a qual estes morfemas seriam o objeto da sentença. A favor de nossa proposta temos dois fatos: 1) a co-ocorrência dos sintagmas nominais e dos morfemas de pessoa, o que permite a interpretação de que um deles não é o argumento (complemento) da sentença, pois a estrutura dos verbos exige apenas um

objeto direto (isso no gerativismo e em todas as outras teorias correntes); 2) há casos, ainda que raros e pouco produtivos, de formas pronominais livres na posição de objeto e co-ocorrendo com os morfemas presos de pessoa no verbo. Nestes casos, propusemos que a restrição decorre do princípio *evite pronome*.

Vistos os fatos, é questionável dizer que estas formas prefixadas aos verbos são objetos. Desta forma, mudar a perspectiva de análise acarreta em uma questão crucial para a língua: as formas presas de objeto não são itens lexicais, uma vez que não ocupam a posição argumental de Complemento (como fica evidente no caso das causativas e sentenças transitivas com objetos SN), muito menos de Especificador. Por essa mesma razão, não poderíamos dizer que as formas presas acrescidas de dativo são o argumento do verbo – para além do fato que essas formas podem ser suprimidas da sentença, devido ao Caso dativo. Independentemente da análise adotada (se estes morfemas são argumentos ou concordância), são essas formas presas que refletem o sistema de Caso da língua, como veremos a seguir.

A compreensão dos sistemas de Caso estrutural (abstrato) das línguas parte da relação entre os componentes básicos da sentença, em outras palavras, da relação entre o núcleo e seus argumentos. Através da observação de diferentes línguas, sabemos que a análise do sistema de Caso pode partir de:

- Marcas morfológicas que indicam qual é o Caso associado aos argumentos, como acontece em latim (Díxon 1994; 9):

(43.a.)

<b>Domin-us</b>	<b>serv-um</b>	<b>audi-t</b>
<i>Mestre-nom</i>	<i>escravo-acc</i>	<i>Ouvir-3s</i>

“O mestre ouviu o escravo”

(43.b.)

<b>Serv-us</b>	<b>domin-um</b>	<b>audi-t</b>
<i>Escravo-nom</i>	<i>mestre-acc</i>	<i>ouvir-3s</i>

“O escravo ouviu o mestre”.

- Por características sintáticas, como regras de subordinação, cordenação ou ainda por ordem de constituintes (Díxon 1994; 10):

(44.a.)

“O mestre<sub>nom</sub>                      ouviu                      o escravo<sub>acs</sub>”

(44.b.)

“O escravo<sub>nom</sub>                      ouviu                      o mestre<sub>acs</sub>”

- Ou ainda por concordância ou cliticização de pronomes, tal como observaremos com as línguas do tronco Tupi.

Alguns autores (Storto 1999, Galucio 2001, Gabas Jr. 1999, por exemplo) partem da observação do processo concordância ou da cliticização de pronomes para hipotetizar sobre o sistema de Caso da língua. Em um primeiro momento, poderíamos partir da distinção de dois grandes grupos de sistema de Caso: nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo (Dixon [1994; 9]). Desta perspectiva, em línguas com sistema de Caso nominativo-acusativo, os sujeitos das sentenças transitivas e intransitivas (nominativo) se comportam de forma diferenciada do objeto das sentenças transitivas (acusativo). Nas línguas ergativo-absolutivas, por outro lado, o sujeito da sentença intransitiva e o objeto da sentença transitiva (absolutivo) se comportam de forma diferenciada do sujeito da sentença transitiva (ergativo), tal como vemos com a distribuição dos pronomes na língua Karitiana (Storto 2005). Nesta língua, há concordância do verbo com o objeto (através de prefixo de pessoa no verbo como vemos em 45.a e 45.b) e há concordância entre o sujeito e o verbo em sentenças intransitivas (vide 45.c. e 45.d.) (dados de Storto 2005; grifos nossos):

(45.a.)

**Yn**                                      **a-ta-oky-j**                                      **an**  
*1s*    *2s-decl-matar/machucar-fut*    *2s*  
“Eu vou te machucar”

(45.b.)

**An**                                      **y-ta-oky-j**                                      **yn**  
*2s*    *1s-decl-matar-machucar-fut*    *2s*  
“Você vai me machucar”

(45.c.)

<b>y-ta-opiso-t</b>	<b><u>yn</u></b>
<i>1s-decl-escutar-nfut</i>	<i>1s</i>

“Eu escutei”

(45.d.)

<b>a-ta- opiso-t</b>	<b><u>an</u></b>
<i>2s-decl-escutar-nfut</i>	<i>2s</i>

“Você escutou”

No caso da língua Juruna e seu sistema de Caso, Fargetti (2001) deixa implícito que a língua é acusativa ao apresentar a seção chamada “acusativo/ dativo”, na qual a autora diz que o objeto direito não recebe marca de Caso. A autora cita outros morfemas de Caso presentes na língua (dativo, ablativo, por exemplo), mas não chega a discutir o sistema de Caso.

Podemos dizer que, diferentemente da maioria das línguas Tupi (como Karitiana, Mekéns, Karo, por exemplo), a língua Juruna não apresenta sistema de Caso ergativo-absolutivo. Em Juruna, corroborando a análise anterior (Fargetti 2001), o sistema de Caso é nominativo-acusativo, uma vez que os morfemas de pessoa prefixados ao verbo estão sempre relacionados ao objeto da sentença (vide 46.a./46.b.) e nunca ao sujeito (46.c. em oposição a 46.d.) (Fargetti 2001). Vejamos:

(46.a.)

<b>Una</b>	<b>e=djidaku</b>	<b>e=be</b>
<i>1s</i>	<i>2s=bater</i>	<i>2s=dat</i>

“Eu bati em você” (Fargetti 2001; 212)

(46.b.)

<b>Ena</b>	<b>u=djidaku</b>	<b>u=be</b>
<i>2s</i>	<i>1s=bater</i>	<i>1s=dat</i>

“Eu bati em você” (Fargetti 2001; 212)

(46.c.)

**Una**

*Is*

““Eu caí” (Fargetti 2001; 176)

**bīdītu**

*cair*

**(46.d.)**

\* **u-bīdītu**

*Is-cair*

“Eu caí” (Lima II)

A partir dos dados de outras línguas do mundo, é possível refinar os grupos de sistemas de Caso. Bittner e Hale (1996) propõem, a partir do estudo comparativo entre línguas indo e não indo-européias, 5 sistemas de Caso possíveis<sup>85</sup>:

**Tabela (47)**

<b>Sistemas de Caso</b>	<b>Sujeito transitivo-objeto-V</b>	<b>Sujeito intransitivo ativo-V</b>	<b>Sujeito estativo-V</b>	<b>Exemplos de línguas</b>
Acusativo	NOM-ACC	NOM	NOM	Inglês, Japonês.
Acusativo ativo	NOM-ACC	NOM	ACS	Acehnese, Eastern Pomo
Ergativo	ERG-NOM	NOM	NOM	Dyribal, Samoa, Walpiri.
Ergativo ativo	ERG-NOM	ERG	NOM	Basco, Georgiano.
‘Tripartido’ (three-way)	ERG-ACC	NOM	NOM	Nez Perce, Pitta Pitta.

Se partirmos da tipologia de Bittner e Hale (1996) os quais prevêm os cinco tipos de sistemas de Caso apresentados acima, a língua Juruna seria acusativa uma vez

<sup>85</sup> Vale notar que Bittner e Hale utilizam o termo “nominativo” tanto para se referir ao ‘nominativo’ como para se referir ao ‘absolutivo’. Isso porque a observação através das línguas mostra que geralmente os sistemas marcam morfologicamente os argumentos ergativos e os acusativos. Os absolutivos e os nominativos tendem a ser menos marcados. Visto essa propriedade em comum entre eles, ou autores adotam “nominativo” para ambos (nominativo e absolutivo).

que o sujeito transitivo, o sujeito intransitivo ativo e o estativo são nominativos em contraposição ao objeto que é acusativo, tal como ocorre em português, inglês e japonês. É importante ressaltar que também a ordem é vital para identificar as relações gramaticais do verbo com seus argumentos, e para a atribuição de Caso. Isso porque não existe morfema que indique qual é o argumento nominativo e qual é o acusativo em Juruna. Ou seja, considerando uma sentença transitiva básica – SOV – em que os argumentos sejam nominais (não pronominais), a simples mudança de ordem dos argumentos alterará também a relação do núcleo com seus argumentos:

**(48.a.)**

<b>Apĩ</b>	<b>perumã</b>	<b>atxu</b>
<i>Cachorro</i>	<i>macaco</i>	<i>morder</i>

“(O) cachorro mordeu (o) macaco” (Fargetti 2001; 219)

**(48b.)**

<b>perumã</b>	<b>apĩ</b>	<b>atxu</b>
<i>macaco</i>	<i>cachorro</i>	<i>morder</i>

“(O) macaco mordeu (o) cachorro” (Fargetti 2001; 219)

Uma questão que as formas pronominais levantam é a inserção de sujeitos na língua Juruna. Antes, contudo, de iniciarmos a discussão sobre esse assunto, é necessário apresentar as outras formas da língua que podem servir como argumento (tanto sujeito como objeto), que são os nomes e os demonstrativos.

Os sintagmas nominais, como veremos, podem aparecer, mas não necessariamente aparecem nus, diferente da língua Karitiana, na qual os sintagmas nominais aparecem sempre nus como argumentos (Müller, Storto & Coutinho-Silva 2006). Isso porque, apesar da língua Juruna não apresentar artigos (definidos e indefinidos) nem classificadores (49), ela pode apresentar demonstrativos antecedendo o nome e marcação morfológica para número e quantificadores, como veremos adiante:

**(49)**

<b>Senahĩ</b>	<b>kota</b>	<b>ixu</b>
<i>Homem</i>	<i>cobra</i>	<i>comer</i>

- “(O) homem comeu (a) cobra”  
 “(O) homem comeu (as) cobras”  
 “(O) homem comeu (uma) cobra”  
 “(Os) homens comeram cobra” (Lima IV)

Como discutimos anteriormente em relação aos verbos, o fato dos nomes em Juruna poderem ter, mas não necessariamente terem especificação para número, faz com que seja possível associar a eles uma denotação cumulativa. A noção de cumulativo, vale reiterar, é pautada pelo fato de que nomes e verbos podem denotar leituras singulares e plurais quando não são delimitados por processos de singularização ou pluralização (Kratzer 2005).

No que compete aos demonstrativos, por sua vez, a língua Juruna apresenta quatro formas singulares e duas formas plurais, a saber:

(50): demonstrativos

<b>Demonstrativo</b>	<b>Função</b>	<b>Contexto de ocorrência (Lima V)</b>
Yaki	(este; visível; perto de quem fala)	Yakī ali kãibi lakarikada <i>Dem. Criança ontem rir</i> “Esta criança riu ontem (em um único evento ou vários eventos)”
Amĩ	(este(a); visível))	Amĩ ali kãibi lakarikada <i>Dem. criança ontem rir</i> “Esta criança riu ontem (em um único evento ou vários eventos)” Senahĩ amĩ kota ixu homem dem. cobra comer “Os homens comeram aquela cobra (em um único evento ou vários eventos)”
Anĩ	(aquele/aquela/aquilo, para indivíduos visíveis)	anĩ e-djidaku e-be <i>aquele 2s-bater 2s-dat</i> “Aquele bateu em você”

		João anī ba'e apī anu <i>João aquela paca atirar asp</i> “João atirou naquela paca”
Akī	(aquele(a); não visível; vista no passado)	Akī ali kāibi lakarikada <i>Dem. Criança ontem rir</i> “Ontem aquela criança riu (em um único evento ou vários eventos)”
Pīihā	(aquela; visível)	Pīihā ali kāibi lakarikada <i>dem. criança ontem rir</i> “Ontem aquela criança riu (em um único evento ou vários eventos)”
Abī/ Abīdai	(esses/ bem próximo; visível)	Abī ali kāibi da lakarikada <i>Dem. criança ontem pl rir</i> “Essas crianças riram ontem (em um único evento ou vários eventos)” Abīdai ali kāibi da lakarikada <i>Dem. Criança ontem pl rir</i> “Essas crianças riram ontem (em um único evento ou vários eventos)”
Akīdai	(aqueles que eu vi no passado; só para pessoa)	Akīdai ali kāibi lakarikada <i>Dem. criança ontem rir</i> “Aqueles crianças riram ontem (em um único evento ou vários eventos)” * Akīdai ba'ī tahu <i>dem. paca correr</i>

Os demonstrativos podem aparecer em posição argumental e podem quantificar o número de entidades envolvidas em um dado evento via singularização (com os demonstrativos singulares) ou pluralização (com os demonstrativos plurais). É interessante notar que os demonstrativos dependem de critérios evidenciais. Dessa forma, se o falante narra algo visível, há um demonstrativo diferente do que se o falante narra algo fora de seu campo de visão. Ademais, os demonstrativos salientam a restrição relacionada ao traço [+humano], uma vez que há demonstrativos relacionados apenas a

pessoas. Também podemos notar pelos exemplos acima que a ordem entre nome e demonstrativo é variável (Demonstrativo Nome ou Nome Demonstrativo). Vale notar, ainda, que a formação dos demonstrativos enfatiza uma característica da língua Juruna que é a composicionalidade. Já vimos essa propriedade na formação dos verbos e ela reaparece no caso dos demonstrativos plurais<sup>86</sup>, vejamos:

**(51)**

Demonstrativo singular	Demonstrativo plural	Demonstrativo plural segmentado		
Akī	Akīdai	Akī	da	i
		Demonstrativo	Coletivo	Morfema de plural para {+humano}
Abī	Abīdai	Abī	da	i
		Demonstrativo	Coletivo	Morfema de plural para {+humano}

Conhecidas as três classes de palavras que podem ocupar a posição de sujeito da sentença, a seguir apresentaremos uma revisão teórica seguida de uma proposta para a inserção de sujeitos em Juruna.

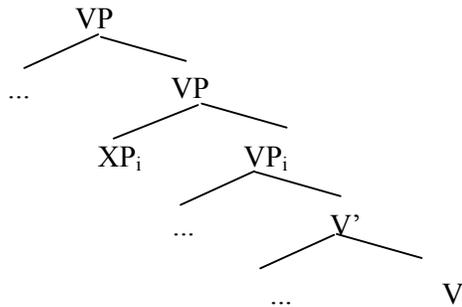
**2.iii. Inserção de sujeitos**

Para discutirmos a inserção de sujeitos é necessário partir do pressuposto de que eles são inseridos por motivação externa. Partiremos da revisão teórica de alguns autores, tais como Larson (1988; 384), Kayne (1994; 27) e Bittner & Hale (1996; 9) – baseados em Koopman & Sportiche (1985), Sportiche (1988) e Chomsky (1995).

<sup>86</sup> Vale notar que Fargetti (2001; 142) fala sobre o morfema {-i} como marca de plural que é utilizada na formação da terceira pessoa do plural pronominal (*abīdai*) e como marca de plural para nomes “humano”. Ainda observando “*abīdai*” também podemos ressaltar a presença de {da} o qual a autora traduz como “pessoal, grupo”.

Bittner & Hale (1996; 9) advogam que o sujeito é um ‘adjunto distinto’ ao predicado gerado em DS. Isto é, o sujeito é um adjunto diferente dos outros por ser coindexado com o predicado e por ser requerido pela teoria da predicação:

(52)



A estrutura de Bittner & Hale (52) ressalta que o sujeito é o argumento externo do verbo e que ele tem uma relação diferente com o núcleo em comparação com os outros argumentos que são internos, tal como ressalta Larson (1988) e Kayne (1994; 27), ao mostrarem que os especificadores são instâncias de adjunção pelo próprio fato de que a relação entre estes argumentos e o predicado é assimétrica.

Larson (1988; 384), que também discute a inserção dos sujeitos, ao apresentar as estruturas de sentenças com objetos duplos no interior do VP, parte de dois princípios, a saber (Larson 1988; 382 – tradução nossa):

*P1*

*Se  $\alpha$  é um predicado e  $\beta$  é um argumento de  $\alpha$ , então  $\beta$  deve ser realizado no interior da projeção nucleada por  $\alpha$*

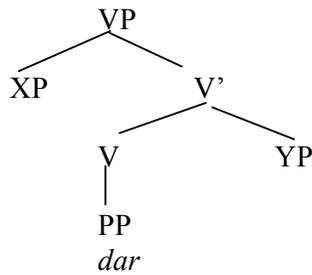
*P2*

*Se um verbo  $\alpha$  determina papéis- $\theta$   $\theta_1, \theta_2, \dots, \theta_n$ , então o papel temático mais baixo na hierarquia temática<sup>87</sup> é atribuído ao argumento mais baixo da estrutura, o próximo papel mais baixo é atribuído ao respectivo argumento mais baixo e assim por diante*

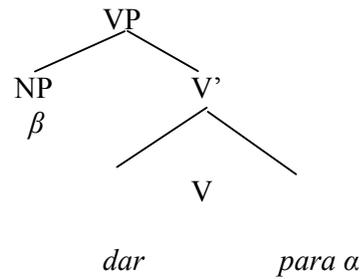
Visto isso, teríamos as estruturas que seguem, sendo (52.a) o que é previsto por X-barra e (52.b) uma aplicação da estrutura já tendo por base P2, segundo o qual  $\alpha$  está relacionado ao beneficiário e  $\beta$  ao tema:

<sup>87</sup> Hierarquia temática: AGENTE> TEMA> BENEFICIÁRIO> OBLÍQUOS (modo, local, tempo...) (Carrier-Duncan 1985 *apud* Larson 1988; 382).

(53.a)

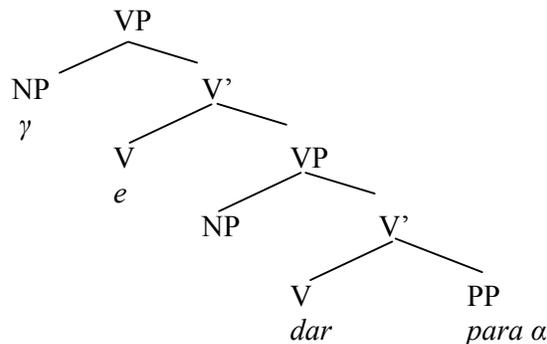


(53.b)



Estas estruturas, contudo, não contemplam a inserção do agente. A ausência desse argumento projetado gera conflitos, tal como argumenta Larson (1988; 383) com a teoria temática, com a teoria X-barra e com a realização do princípio 1 (P1) apresentado por ele. A teoria temática demanda que o papel de agente seja expresso; a teoria x-barra exclui a expressão deste argumento dentro da projeção de V em (124.b) e, finalmente, P1 demanda que o argumento agente seja realizado no interior da projeção nucleada por V. Dados os fatos, Larson (1988; 384) sugere a seguinte estrutura para a inserção do sujeito:

(54c.)



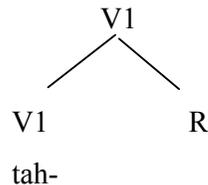
A estrutura (52.c.) mostra o VP como o complemento de uma X-barra ‘shell’, na qual o núcleo é vazio, sem requerimento temático e cujo especificador é  $\gamma$ . Esta estrutura permite que o agente tenha uma posição-A (satisfazendo as exigências temáticas) assim como satisfaz o princípio P1. A diferença entre a proposta de Bittner & Hale (1996) e Larson (1988) é o fato que nesta o sujeito é inserido por uma “shell” enquanto que naquela o sujeito é inserido por adjunção. Em ambas, contudo, a relação do sujeito com os outros argumentos é assimétrica – e é justamente esta assimetria que queremos ressaltar.

Há, finalmente, a proposta de Chomsky (1995) que não projeta os sujeitos como adjuntos de VP. O fato do sujeito não ser inserido como um segundo VP é interessante inclusive porque há outros adjuntos na sentença que serão projetados dessa forma. Considerando que o sujeito, apesar de ser exigido pelos verbos, possui uma relação diferenciada com o verbo – assimétrica - em comparação com os outros argumentos (objeto direto e objeto indireto), reforça seu caráter de ser um adjunto distinto como é pontuado por Bittner & Hale (1996). Contudo, se ele é distinto dos outros adjuntos, talvez seja mais interessante de fato projetá-lo de modo distinto. É visto isso que a proposta de Chomsky (1995) se torna interessante. Chomsky propõe a projeção de vP e afirma que (1995; 315-316 – tradução nossa): “a configuração v-VP pode ser usada para expressar o papel causativo ou agentivo do argumento externo (...) o papel externo é uma propriedade da configuração v-VP, e o especificador que assume este papel é, por conseguinte, uma parte necessária da configuração (...)”. É a projeção de vP que insere os sujeitos dos verbos inergativos e transitivos e é a posição para a qual os objetos dos verbos inacusativos se movem para se tornarem o sujeito superficial das estruturas.

Apesar da inserção de sujeitos manter um padrão, faremos um exemplo com cada um dos tipos de verbos apresentados no capítulo I. Vale ressaltar que essa é a primeira operação sintática que ocorre no verbo após a formação do VP:

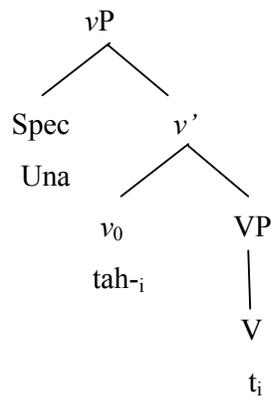
(55)

(55.a.): **Verbo inergativo (pré-inserção do sujeito)**



Una tahu
1s correr
“Eu corri” (Lima II)

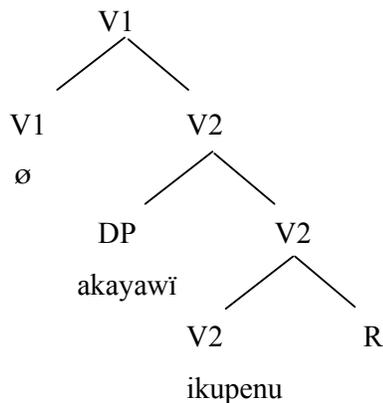
(55.b.): Verbo inergativo (pós-inserção do sujeito)



É importante explicarmos um dos passos dessa derivação. Como vemos, na sintaxe, as operações realizadas para a formação do verbo não são explícitas, pois não são processos fonologicamente realizados. Dessa forma, o processo de derivação de V1 e V2 é o processo de constituição de VP. Por essa razão, nos processos que seguiremos rotularemos os verbos gerados em V1 e V2 de V<sub>0</sub> (no caso dos inacusativos que já são formados com seu objeto, V2 equivalerá a V'). Desta perspectiva, no VP estão os dois argumentos internos (objeto direto e objeto indireto, quando é o caso), que são projetados no léxico. Por outro lado o sujeito é inserido via vP em sentenças inergativas e transitivas, cujo sujeito é agente. Em caso de sentenças inacusativas, o sujeito é checado em TP, na parte intransitiva do verbo. Se ele é usado em sua contraparte transitiva, então o sujeito será gerado em vP, como ocorre com outros verbos transitivos. Vejamos a seguir um exemplo de verbo inacusativo e a inserção do sujeito neste processo:

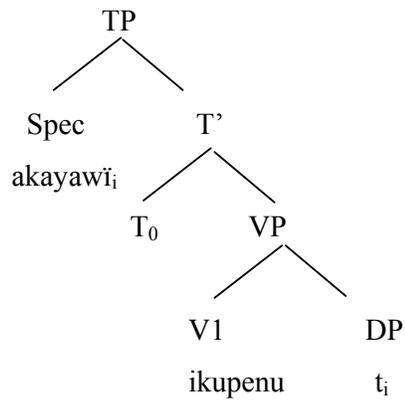
(56)

(56.a.): Verbo inacusativo (pré-inserção do sujeito na parte intransitiva)

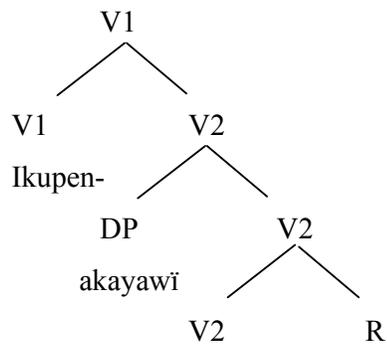


Ikupenu akayawī
Fechar porta
“A porta fechou” (Lima II)
Una akayawī ikupenu
Is porta fechar
“Eu fechei porta” (Lima II)

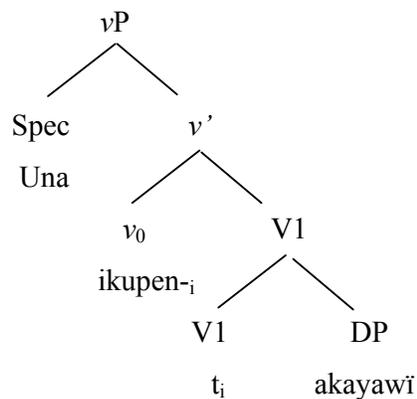
(56.b.): Verbo inacusativo (pós-inserção do sujeito na parte intransitiva)



(56.c.): Verbo inacusativo (pré-inserção do sujeito na parte transitiva)



(56.d.): Verbo inacusativo (pós-inserção do sujeito na parte transitiva)



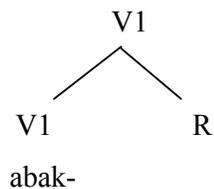
Como sabemos, os verbos inacusativos podem ter uma parte intransitiva e uma parte transitiva. Na parte intransitiva, o argumento gerado internamente como objeto se move para Spec de TP e assume a posição de sujeito (56.b.). Por outro lado, a parte

transitiva de um verbo inacusativo tem o argumento interno *in situ* (56.d.) e sujeito gerado em *vP*, como nas demais sentenças transitivas.

Tirando os verbos inacusativos que podem apresentar variação no processo de preenchimento da posição de sujeito (seja por inserção de um argumento que seja externo à estrutura argumental do verbo, seja por movimento do argumento interno), todas as outras sentenças da língua apresentam um sujeito necessariamente gerado por motivações externas, apesar de previsto na estrutura argumental. Desta forma, o comportamento das sentenças transitivas (57) e causativas – incluindo as causativas a partir de verbos inergativos - (58 e 59) é idêntico. Este fato corrobora a hipótese inicial de Hale & Keyser, retomada por Chomsky (1995; 315-316) para mostrar a compatibilidade entre a proposta daqueles com o programa minimalista, qual seja que “*verbos intransitivos (inergativos) são transitivos escondidos*”, uma vez que ambos têm estrutura monádica. Vejamos, a seguir, a inserção de sujeito em sentenças transitivas (57) e causativas a partir de um verbo inergativo (59):

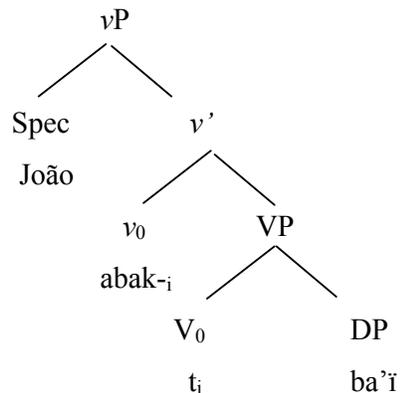
(57)

(57.a): Verbo transitivo (pré-inserção do sujeito)

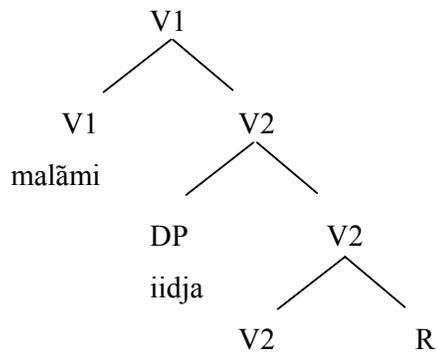


João ba'i abaku  
*João paca matar*  
 “João matou paca” (Lima IV)

(57.b): Verbo transitivo (pós-inserção do sujeito)

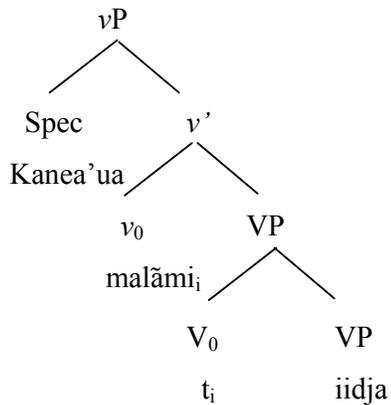


(58.a.): verbo causativo (pré-inserção do sujeito)

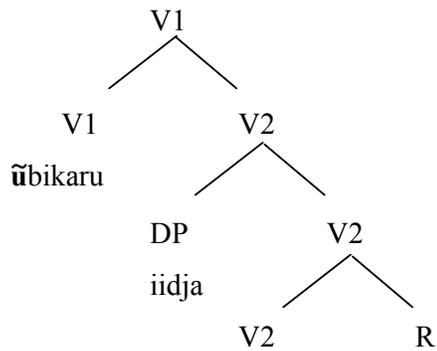


Iidja	ũlãmi
Mulher	emagrecer
“Mulher emagreceu” (Lima V)	
Kanea’ua iidja	i- <b>ma</b> -lãmi
Doença	mulher 3s-caus.-emagrecer
“A doença fez a mulher emagrecer” (Lima V)	

(58.b.): verbo causativo (pós-inserção do sujeito)

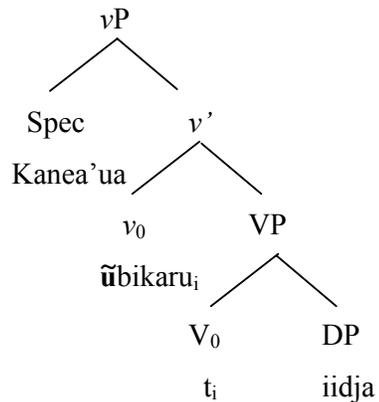


(59.a.): verbo causativo (pré-inserção do sujeito)



Iidja	bikaru
Mulher	emagrecer
“Mulher emagreceu” (Lima V)	
Kanea’ua iidja	i- <b>ũ</b> -bikaru
Doença	mulher 3s-caus.-emagrecer
“Doença fez mulher emagrecer” (Lima V)	

(59.b.) : verbo causativo (pós-inserção do sujeito)



### *Considerações finais da seção*

Nesta seção revisamos a literatura a despeito das formas pronominais em Juruna e mostramos que as formas pronominais presas são, na verdade, concordância quando afixadas aos verbos. Desta perspectiva, o objeto pronominal em Juruna tende a ser um *pro* devido ao princípio *avoid pronoun* (Chomsky 1981). Neste caso, os traços do objeto da sentença são explicitados por concordância e pela presença das formas presas seguidas de dativo, algo que só ocorre quando o objeto é *pro*. Também mostramos que é o processo de distribuição dos morfemas de pessoa que permite dizer que Juruna é uma língua acusativa, uma vez que a concordância em Juruna é sempre realizada com o objeto. Finalmente, apresentamos o processo de inserção de sujeitos – que podem ser demonstrativos, nomes e pronomes na língua – o qual sempre será pelo processo de projeção de vP, a qual é imediatamente superior a VP em sentenças inergativas e transitivas e, no caso de inacusativas, o objeto move para a posição de Especificador de TP, onde é checado Caso.

## 2.iv. Concordância

No que compete à concordância, vimos que a língua apresenta morfologia de concordância de objeto em sentenças inacusativas, transitivas e causativas. Para reiterar este fato, retomamos os dados abaixo:

- Concordância em sentenças inacusativas (com o objeto movido para Spec TP)

(60) **Ena e-kũãũ**

*2s 2s-desmaiar*

“Você desmaiou” (Lima IV)

- Concordância em sentenças causativas

(61) **Kuadi iidja i-ma-kudãũ**

*Sol mulher 3s-caus.-desmaiar*

“Sol fez mulher desmaiar” (Lima IV)

(62) **Kanea’ua iidja i-ũ-bikaru**

*Doença mulher 3s-caus.-emagrecer*

“Doença fez mulher emagrecer” (Lima V)

- Concordância em sentenças transitivas

(63) **Una u-taba i-txiaku**

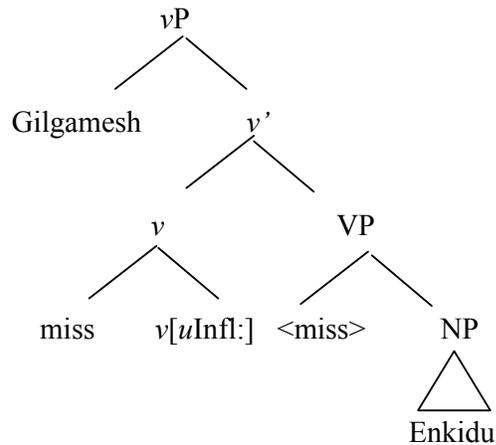
*1s 1s.poss.-cabelo 3s-pentear*

“Eu penteei o meu cabelo” (Lima I)

Para explicar a derivação do morfema de concordância, apresentaremos o processo em inglês como exemplo, fazendo uso dos pressupostos teóricos minimalistas. Em inglês, a concordância (que é realizada entre sujeito e verbo) é dependente do tempo do verbo. Desta forma, uma sentença no presente como “Enkidu misses Gilgamesh” (Adger 2002; 137) apresenta concordância, mas uma sentença no passado “Enkidu

missed Gilgamesh”, não. Para explicar o processo de concordância a partir de fatos como estes, Adger (2002; 136) diz que: “*vezinho (v) contém um traço não interpretável de flexão [uInfl:]*”, a ver:

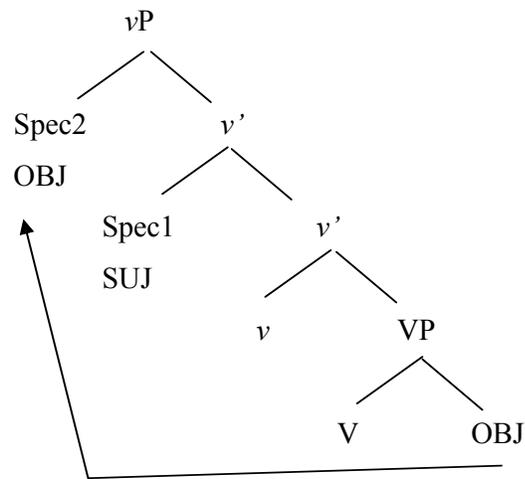
(64)



(Adger 2002; 136)

Desta perspectiva, haveria em *v* a restrição necessária para a ocorrência da concordância em inglês ao invés de núcleos AgrO ou AgrS. A eliminação dos núcleos de Agr (O e S) se deve ao fato que este núcleo funcional é o único dentre os outros (como T (tense), C (complementizer), D(determinant)) que não tem traços interpretáveis. Em outras palavras Chomsky (1995; 349) procura mostrar que Agr foi hipotetizado apenas por razões internas à teoria ou, como argumentam Hornstein *et alli* (2005; 163), Agr é um núcleo semanticamente inativo e não visível para LF, o que faz dele um núcleo sem motivação para ser projetado. Diferentemente, *v* é um núcleo transitivizador, claramente ativo semanticamente e visível para LF. Por consequência, os traços que seriam checados em AgrO na língua Juruna podem ser checados em *v*. Desta perspectiva, a checagem de Caso e concordância ocorrem a partir da proposta de múltiplos Specs (Chomsky 1995; 355) segundo a qual há movimento do objeto para Spec de vP, tal como vemos em (65):

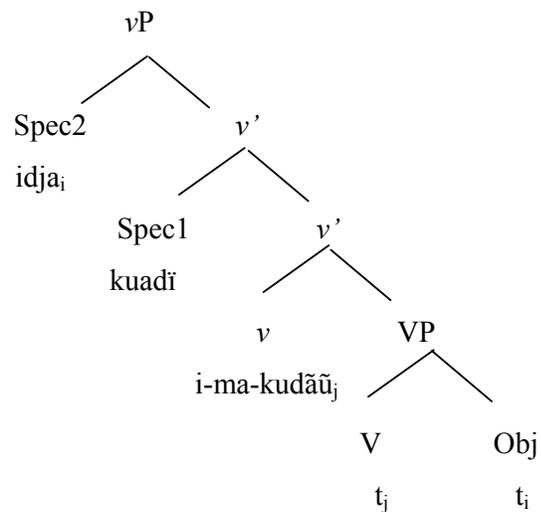
(65)



(Chomsky 1995; 356)

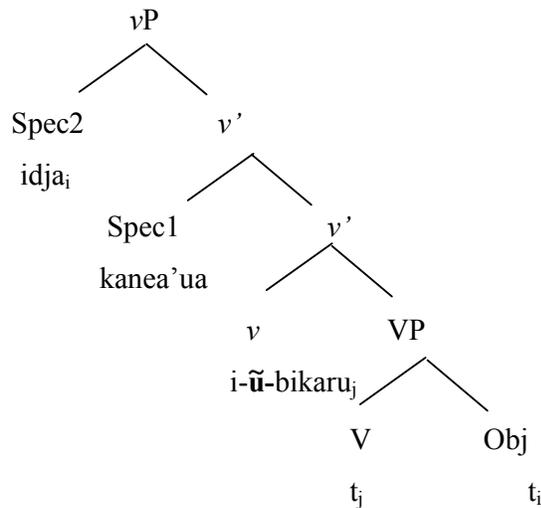
Visto isso, propomos que Juruna também realiza a checagem de traços de concordância através do processo do movimento do verbo para  $v_0$  e do objeto para Spec2:

(66): concordância em verbos causativos: {ma}



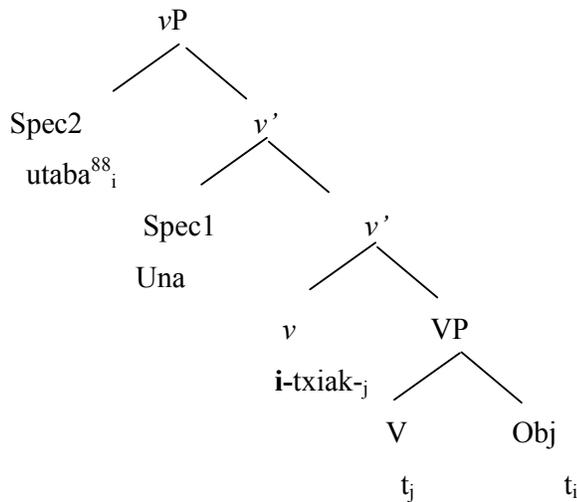
Kuadĩ	idja	i-ma-kudãũ
Sol	mulher	3s-caus.-desmaiar
“Sol fez mulher desmaiar”		
(Lima IV)		

(67): concordância em verbos causativos: {ũ}



Kanea'ua iidja i-ũ-bikaru  
 Doença mulher 3s-caus.-emagrecer  
 “Doença fez mulher emagrecer”  
 (Lima V)

(68) Concordância em sentenças transitivas



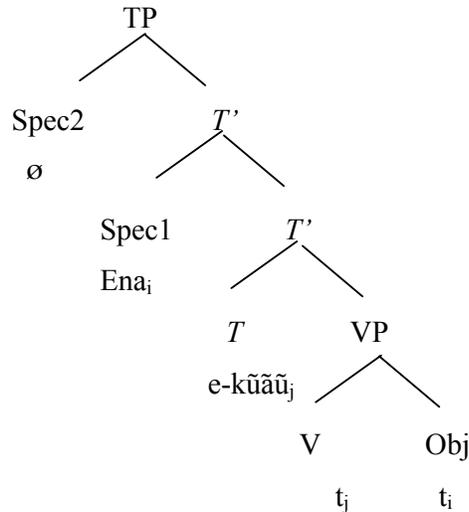
Una **u-taba** i-txiaku  
*1s 1s.poss.-cabelo 3s-pentear*  
 “Eu penteei o meu cabelo”  
 (Lima I)

No que compete aos inacusativos, como vimos, eles não projetam vP (apenas na parte transitivo de sua alternância como em “o sol “desmaiou” você” em oposição à sua contraparte inacusativa “você desmaiou”, que é possível em Juruna). Na parte intransitiva destes verbos é projetado TP para que haja movimento do argumento gerado na posição de Complemento para posição de Especificador de TP. Visto isso, o processo de concordância deste tipo de verbo não pode ser realizado a partir de múltiplos Specs

<sup>88</sup> Não discutiremos aqui a inserção dos prefixos de posse nos nomes.

de vP; ao invés disso, poderíamos hipotetizar que em TP, nessas circunstâncias, seria possível projetar múltiplos Specs:

(69): concordância em verbos inacusativos



Ena	e-kũãũ
2s	2s-desmaiar
“Você desmaiou” (Lima IV)	

*Considerações finais da seção*

Nesta seção apresentamos como se dá a inserção dos morfemas de concordância na derivação. Vimos que o processo decorre da projeção de múltiplos Specs em vP, proposta por Chomsky ao eliminar a projeção de Agr no programa minimalista.

Visto isso, até o presente ponto apresentamos o processo de inserção de sujeitos e o processo de concordância na língua Juruna. Veremos a seguir o processo de inserção do modo dos verbos, que também trazem informações sobre tempo.

**2.v. TP**

Tendo em vista que já compreendemos o processo de inserção de sujeitos e concordância, podemos apresentar o processo de inserção do morfema de modo *realis* e *irrealis*, os quais carregam em Juruna também informações sobre tempo<sup>89</sup>.

A descrição deste processo foi realizada por Fargetti (2001). A autora (2001; 159) procura argumentar que não há marcação de tempo (passado/ presente) em Juruna. Ao invés disso, a língua apresenta a distinção futuro vs. não-futuro. A autora propõe esta análise baseada nos fatos a seguir:

<sup>89</sup> Em certa medida existiria em Juruna, portanto, uma interrelação entre tempo e modo como ocorre em Português. Agradeço comunicação pessoal com Júlio Barbosa para o desenvolvimento deste argumento.

(70) Baruzi wī  
Baruzi chegar  
Baruzi chegou (Fargetti 2001; 217)  
Baruzi chega (Fargetti 2001; 159)

(71) Baruzi kãibi wī  
Baruzi ontem chegar  
Baruzi chegou ontem  
(Fargetti 2001; 159)

(72) Kahukade wī-a  
Amanhã chegar-irr.  
Chegará amanhã  
(Fargetti 2001; 159)

Fatos como (70) mostram que sentenças no modo *realis* podem indicar presente e passado, sendo desambiguadas quando há a ocorrência de algum advérbio (tal como em (71), sentença na qual a leitura de presente é excluída). Sentenças marcadas pelo morfema de modo *irrealis*, por outro lado, tendem a não apresentar ambigüidade temporal e estão associadas a um tempo futuro (vide 72). Como vimos, há um morfema de *irrealis* ({-a}) assim como há um morfema de *realis* ({-u}), que ocorre na maior parte dos verbos.

De modo geral, considerando que verbos e nomes são marcados por uma gama de traços, é a inserção de núcleos funcionais que excluem leituras possíveis da denotação deles. Isso não ocorre apenas no processo de quantificação de nome e verbo, mas igualmente em outras circunstâncias na língua: verbos marcados por morfema *realis* (que remete a passado e presente) podem ter uma dessas leituras excluídas de acordo com a inserção de advérbios (71 e 72 acima).

Fargetti (2001; 162) mostra que seria inadequada a relação destes morfemas com passado e presente somente. Para explicar este fato, Fargetti (2001) retoma os casos de duplicação nos quais o verbo pode ser marcado pelo morfema {-a} sem que isto acarrete

leitura de futuro. Ao invés disso, nestes casos, o modo *irrealis* está associado à descrição de hábitos gerais (Fargetti 2001; 162) e não há outro morfema que indique tempo na sentença que não seja o advérbio, no caso de (74):

(73) Anĩ hi apĩ i=zaku  
 3s. rep. cachorro 3s=ver  
 onça

“Ele viu a onça” (“Diz que ele viu a onça”)  
 (Fargetti 2001; 180)

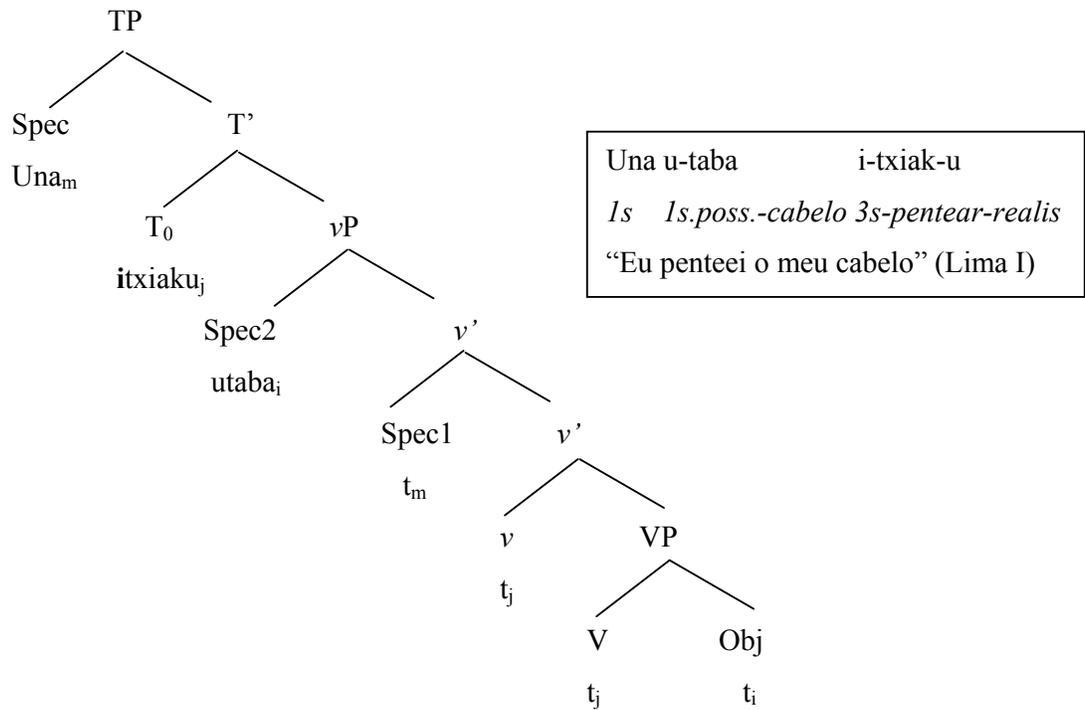
(74) Esi du apĩ i=zaka-zaka  
 2p sempre onça 3s=ver  
 cachorro

“Vocês sempre vêem onça” (ou “Vocês vêem a onça mais de uma vez”)  
 (Fargetti 2001; 180)

Da mesma forma, Fargetti (2001; 162) mostra que, em Juruna, o imperativo ocorre no *realis*, com o morfema {-u}. A autora argumenta que se esperaria que o imperativo estivesse associado ao futuro e, portanto, em certa medida, ao modo *irrealis*. Contudo, não é o que ocorre; Fargetti associa isso ao fato de em Juruna o imperativo ser mais forte, coercivo. Como vemos, portanto, a questão do tempo na língua não parece estar associada à tríade presente-passado-futuro, mas antes à distinção entre *irrealis* (que tende estar associado a futuro) e *realis* (que abrange presente e passado).

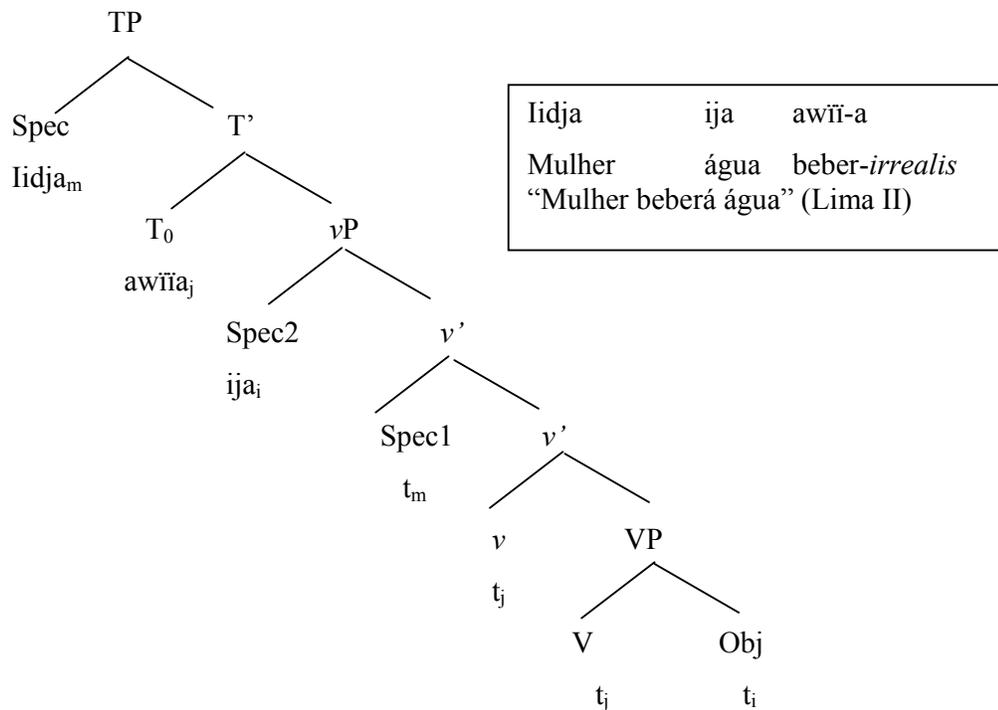
Visto isso, podemos apresentar uma proposta para a projeção destes morfemas na língua Juruna. É fato que a projeção do morfema de *realis* ou *irrealis* ocorre de modo idêntico em todos os tipos de verbo vistos até aqui: inacusativos, inergativos, transitivos simples e complexos. A proposta é que este morfema é um núcleo funcional inserido na sentença em TP (*tense phrase*), tal como veremos a seguir, devido a relação que parece existir entre tempo e modo nesta língua. Sendo assim, apresentaremos apenas duas estruturas: uma exemplificando a inserção de *realis* e outra a inserção de *irrealis* a partir de um verbo transitivo (mas, reiteramos, poderia ser qualquer outro verbo; o processo seria análogo):

Exemplo (75): inserção do morfema *realis*



O mesmo processo vale para a inserção do morfema *irrealis*:

Exemplo (76): inserção do morfema *irrealis*



### *Considerações finais da seção*

Inicialmente retomamos o que a literatura diz sobre os modos *realis* e *irrealis* em Juruna, os quais são mais adequados para explicar as relações temporais das sentenças em contraposição a assumir a tríade presente-passado-futuro. Propusemos que a inserção destes morfemas em Juruna ocorrem em TP, ou seja, a projeção imediatamente superior a vP.

Com isto, vimos que a estrutura básica das sentenças Juruna para os fatos apresentados até agora é a que segue, também apresentada por Hornstein *et alli* (2005; 173), isto é:

(77) [TP Spec T[<sub>vP</sub> SU [<sub>v'</sub> v [VP V OB]]]]

Em contextos de foco e perguntas qu- será adicionada a esta estrutura a projeção CP, que resultaria:

(78) [CP Spec C [TP Spec T[<sub>vP</sub> SU [<sub>v'</sub> v [VP V OB]]]]]

Será a estrutura (78), portanto, utilizada como base para todas as estruturas que seguirem. Partindo da compreensão das classes que ocupam a posição de sujeito e objeto (SNs, demonstrativos e pronomes) e da formação completa do verbo (que inclui a inserção do morfema de modo e concordância), podemos avançar para a questão de ordem e, em um segundo momento, das adjunções de advérbios e, finalmente, abordar a questão da quantificação.

### **2.vi. Ordem**

Como mencionamos anteriormente, a língua Juruna é uma língua descrita com ordem básica SOV (Fargetti 2001; 219). A mudança de ordem dos argumentos da sentença alterará também a relação dos argumentos na sentença. O objeto é o argumento que imediatamente precede o verbo independentemente do fato de ele ser nominal ou pronominal (sendo, no segundo caso, uma categoria vazia (*pro*)). É importante salientar outras características da língua Juruna, as quais são propriedades correntes em outras línguas SOV. A saber:

- Apresenta posposições ao invés de preposições (Fargetti 2001; 134):

(79)

<b>Tarinu</b>	<b>duwai</b>	<b>dju</b>	<b>txa</b>	<b>kua</b>	<b>be</b>
<i>Tarinu</i>	<i>3s=esposa</i>	<i>com</i>	<i>ir</i>	<i>Roça</i>	<i>dat</i>

“Tarinu foi à roça com (a) mulher dele” (Fargetti 2001; 135 – grifos nossos)

(80)

<b>Ali</b>	<b>pina</b>	<b>da</b>	<b>kihu</b>
<i>menino</i>	<i>anzol</i>	<i>instrumental</i>	<i>pescar</i>

“(O) menino pesca com (o) anzol” (Fargetti 2001; 136 – grifos nossos)

- Posiciona os verbos auxiliares após o verbo principal:

(81)

<b>itxibi</b>	<b>senahi-i</b>	<b>kahu</b>	<b>txa</b>
<i>muito</i>	<i>homem-pl</i>	<i>pescar</i>	<i>ir</i>

“Muitos homens vão pescar” (Lima IV)

- Posiciona os núcleos funcionais (subordinador, relativizador, negação) no fim da sentença (como forma livre – no caso do subordinador (82) - e forma sufixal ao verbo - no caso do relativizador e negação (83.a./ 83.b.)):

(82)

<b>[Maria</b>	<b>pitxa</b>	<b>ixu</b>	<b>tade]</b>	<b>iidja</b>	<b>lakariariku</b>
<i>[Maria</i>	<i>peixe</i>	<i>comer</i>	<i>enquanto]</i>	<i>mulher</i>	<i>rir</i>

“Maria comeu o peixe enquanto a mulher riu” (Lima III)

(83.a.)

<b>Iidja</b>	<b>[pitxa</b>	<b>ixiixiyã]</b>	<b>karia</b>
<i>mulher</i>	<i>peixe</i>	<i>comer-rel.</i>	<i>dançar</i>

“A mulher [que comeu o peixe] dançou” (Lima III)

(83.b.)

<b>kãibi</b>	<b>ali</b>	<b>apĩ</b>	<b>abakaũ</b>
			<b>abaku-aũ</b>
<i>ontem</i>	<i>menino</i>	<i>onça</i>	<i>matar-neg</i>

“Ontem o menino não matou a onça” (Lima II)

No caso das sentenças transitivas, apesar de a língua ser SOV, ela pode aceitar outras ordens. Nos casos em que o objeto está posposto ao verbo, ele será marcado com Caso dativo (*be*) (Fargetti 2001):

(84)

	<b>Ordens</b>	<b>Sentença</b>
(a)	SOV	<b>Idja mayaka iyũbĩ</b> <i>Mulher mandioca ralar</i> (Fargetti 2001;132)
(b)	VSO	<b>iyũbĩ idja mayaka be</b> <i>ralar mulher mandioca dat</i> (Fargetti 2001;132)
(c)	SVO	<b>idja iyũbĩ mayaka be</b> <i>mulher ralar mandioca dat</i> (Fargetti 2001;132)
(d)	VOS	<b>iyũbĩ mayaka be idja</b> <i>ralar mandioca dat mulher</i> (Fargetti 2001;132)
<b>Tradução:</b>		“(A) mulher ralou mandioca”

Por outro lado, se o objeto move e não recebe marcação de Caso dativo, a sentença será agramatical (vide [b], [e] e [f] da tabela (42)), assim como será agramatical para uma das leituras possíveis (no caso abaixo, será impossível a leitura “Dina viu o tucano”) se o objeto for gerado fora da configuração OV (vide [c], tabela (85)).:

(85)

	<b>Ordens</b>	<b>Sentença</b>
(a)	SOV	<b>Dina iamdādāni zaku.</b> <i>Dina tucano ver</i>
(b)	SVO	* <b>Dina zaku imadādāni.</b> <i>Dina ver tucano.</i>
(c)	OSV	# <b>Iamdādāni Dina zaku.</b> <i>Tucano Dina ver</i> <sup>90</sup> .
(d)	OVS	<b>Iamdādāni zaku Dina.</b> <i>Tucano ver Dina.</i>
(e)	VSO	* <b>Zaku Dina iamdādāni.</b> <i>ver Dina tucano.</i>
(f)	VOS	* <b>Zaku iamdādāni Dina.</b> <i>ver tucano Dina.</i>
Tradução:		“(A) Dina viu (o) tucano” (Lima I)

Uma outra questão que concerne às discussões de ordem na língua Juruna diz respeito a sentenças como (85.d), nas quais o objeto está na primeira posição e possivelmente em posição de foco, como apontamos acima. Observando os dados da língua Juruna em um primeiro momento poderíamos resumir a ordenação sintática em Juruna da seguinte forma, tendo como ponto de partida os objetos da língua:

(86)

<b>ORDENS</b>	<b>Conclusão</b>
SOV	Ordem subjacente em Juruna, não marcada.
SVO, VSO e VOS	Ordem marcada. Nessa ordem, o objeto é marcado por Caso dativo ( <i>be</i> ).
OSV e OVS	Ordens com objeto movido para a primeira posição; uma vez que esta é uma posição associada a foco (assim como acontece em outras línguas Tupi como Karitiana, Karo e Mekéns, por exemplo [Gabas Jr. [1999], Galucio [2001a], [Storto2005]).

<sup>90</sup> Essa sentença só seria gramatical com a interpretação de “O tucano viu Dina” e não “Dina viu o tucano”. Pelos fatos observados até agora, contudo, é possível hipotetizar que casos de focalização do objeto (O tucano, Dina viu) também são possíveis com esta ordem.

Contudo, há propriedades que adicionam novas possibilidades no processo de ordem de constituintes em Juruna. Um primeiro fato é a distinção entre sujeitos pronominais e sujeitos SN. Por um lado, os sujeitos SN têm a propriedade de ocorrerem, de fato, no início da sentença, na ordem SOV. Por outro lado, Fargetti (2001; 141) mostra que quando os sujeitos são pronominais a ordem básica não marcada para foco é OVS<sup>91</sup>. Nesses casos, se o sujeito antecede o sintagma verbal, então a sentença tem foco no sujeito (87.b. em oposição à 87.a.):

**(87.a.)**

<b>Pitxa</b>	<b>ixu</b>	<b>na</b>
<i>peixe</i>	<i>comer</i>	<i>Is</i>

“Comi peixe”.

**(87.b.)**

<b><u>Una</u></b>	<b>pitxa</b>	<b>ixu</b>
<i>Is</i>	<i>peixe</i>	<i>comer</i>

“Eu comi peixe”.

(Fargetti 2001; 142 – grifos da autora)

Em trabalhos recentes, observamos que os sujeitos pronominais podem ser focalizados também com a presença do *anu* incidindo sobre o sujeito:

**(88)**

<b>Una</b>	<b>e-djudaku</b>	<b>e-be</b>	<b>anu</b>
<i>Is</i>	<i>2s-bater</i>	<i>2s-dat</i>	<i>asp</i>

“Fui eu que bati nele” (Lima II)

No que compete à focalização de objetos, o objeto deve aparecer na posição de foco – ou seja, na posição inicial da sentença – com a presença simultânea do núcleo funcional *anu* (Fargetti 2001; 114):

---

<sup>91</sup> No que compete aos sujeitos SN Fargetti (2001) não associa a questão de ordem a foco.

(89)

<b>Pitxa</b>	<b>ixu</b>	<b>ali</b>	<b>anu</b>
<i>Peixe</i>	<i>comer</i>	<i>menino</i>	<i>asp</i>

“Peixe, (o) menino está comendo”. (Fargetti 2001)

(90)

<b>Ka’aha</b>	<b>anu</b>	<b>i=batxiu<sup>92</sup></b>
<i>árvore</i>	<i>asp</i>	<i>3-florescer</i>

“A árvore floresceu” (Fargetti 2001; 121).

Há, porém, um contra-exemplo, elicitado por Fargetti (2001; 144) no qual o objeto está na posição de foco, mas sem *anu*:

(91)

<b>Pitxa</b>	<b>ixu</b>	<b>ena</b>
<i>Peixe</i>	<i>comer</i>	<i>2s</i>

“Peixe, você comeu”. (Fargetti, 2001).

Também é válido ressaltar os dados referentes à antipassivização, que vimos na seção anterior. Nesses processos, também há proeminência dos outros argumentos da sentença que não o demovido. Por conseguinte, há movimento, tal como vemos:

(92.a.)

<b>iidja</b>	<b>zaku</b>	<b>na</b>
<i>mulher</i>	<i>ver</i>	<i>1s</i>

“Eu vi (a) mulher” (Lima IV)

(92.b.)

<b>i-zaku</b>	<b>na</b>	<b>iidja-be</b>
<i>3-ver</i>	<i>1s</i>	<i>mulher-dat</i>

---

<sup>92</sup> O morfema aspectual “anu” não está na posição final da sentença devido o fato que a sentença é fruto de fala feminina (Fargetti 2001). Mulheres e homens Juruna falam de modo diferente, segundo Fargetti. Contudo, dados recentemente testados com informantes mulheres nos mostram que é possível que o *anu* esteja no fim da sentença em fala feminina.

“Eu vi (a) mulher” (VSO) (Lima IV)

É válido ressaltar que a ordem das sentenças antipassivas depende necessariamente do tipo de sujeito da sentença. Como vimos, a ordem básica para sujeitos SNs e sujeitos pronominais difere. Este fato não é incomum em línguas Tupi. A língua Kayabi (Tronco Tupi; família Tupi-Guarani) também apresenta ordens variadas de acordo com o tipo de sujeito ou objeto. Gomes (2003) mostra que em Kayabi quando o sujeito e o objeto são SNs, a ordem é SOV ou OSV. Por outro lado, quando o objeto é SN e o sujeito é um elemento pronominal, verificam-se as ordens OSV e VSO.

Vistos estes fatos, podemos reavaliar a tabela anterior e chegar a seguinte hipótese inicial a respeito das orações transitivas em Juruna:

(94)

<b>ORDENS</b>	<b>Sujeito</b>	<b>Informações sobre o objeto</b>
SOV	Ordem básica para sujeitos SN.	Não marcada.
OVS	Ordem básica para sujeitos pronominais.	Não marcada se o sujeito é pronominal; focalizada se o sujeito é SN (nestes casos é possível que haja focalização do VP inteiro, o que inclui o objeto e o verbo – e, por conseguinte, o evento que ele denota).
SVO	Ordem não marcada para o sujeito SN e foco para sujeito pronominal.	Ordem marcada. Nessa ordem, o objeto é marcado por Caso dativo ( <i>be</i> ).
VSO, VOS	Não marcada para sujeito SN e pronominal.	Ordem marcada. Nessa ordem, o objeto é marcado por Caso dativo ( <i>be</i> )
OSV, OVS	Não marcada para sujeito SN e pronominal.	Objeto movido para a primeira posição (foco).

No que compete às sentenças intransitivas, a ordem básica – como era esperado baseando nas transitivas - é SV (95.a/ 96.a), mas a ordem VS também é possível, principalmente no que concerne sujeitos pronominais (95.b./ 96.b.):

**(95): verbo intransitivo inergativo**

	<b>Ordens</b>	<b>Sentença</b>
<b>(a)</b>	<b>SV</b>	<b>Una 'e'a</b> <i>Is chorar</i> (Fargetti 2001; 140)
<b>(b)</b>	<b>VS</b>	<b>'e'a na<sup>93</sup></b> <i>chorar Is</i> (Fargetti 2001; 140)
<b>Tradução:</b>		“Eu chorei”

**(96): verbo intransitivo inacusativo**

	<b>Ordens</b>	<b>Sentença</b>
<b>(a)</b>	<b>SV</b>	<b>Puju uhu</b> <i>Feijão cozinhar</i>
<b>(b)</b>	<b>VS</b>	<b>Uhu puju</b> <i>Cozinhar feijão</i>
<b>Tradução:</b>		“Feijão cozinhou” (Lima V)

*Considerações finais desta seção*

Mostramos nesta seção que a língua Juruna é uma língua SOV. Em caso do objeto ocorrer pós-verbalmente ele será marcado por Caso dativo. Também será através de questões de ordem que será marcado foco na sentença. Há uma tendência para que os argumentos focalizados sejam movidos para a primeira posição da sentença (Spec,CP). Finalmente, vale ressaltar uma característica que não é apenas da língua Juruna, mas ocorre em outras línguas Tupi: em Juruna há, em sentenças intransitivas, variação de

---

<sup>93</sup> Formas pronominais livres pospostas aos verbos apresentam morfologia diferente das formas pronominais livres prepostas aos verbos (Fargetti 2001).

acordo com o tipo de sujeito. Sujeitos pronominais são pós-verbais (VS) e sujeitos SN são pré-verbais (SV). Veremos, na próxima seção, que esta questão afetará a inserção de advérbios na língua.

## 2.vii. Advérbios

Nesta seção discutiremos o status de alguns advérbios do Juruna para discutir a estrutura da língua. Apresentaremos a inserção de três advérbios (*ukahãũ* (sempre), *kabē* (nunca), *kāibi* (ontem)).

Segundo a teoria gerativista (Pollock 1989) a inserção de advérbios é um teste que nos permitem discutir movimento do verbo (Pollock [1989]; Figueiredo Silva [1996; 49]). Antes de apresentar os dados da língua Juruna, vale retomar os dados de inglês e francês em relação à distribuição de advérbios (Pollock 1989; 367):

### (97)

Inglês

* John kisses often Mary	* S V Adv O
John often kisses Mary	S Adv V O

### (98)

Francês

Jean embrasse souvent Marie	S V Adv O
* Jean souvent embrasse Marie	* S Adv V O

### (99)

Juruna<sup>94</sup>

a	<b>ukahãũ</b>	ali	made	i-kasaku	Adv S O V
b	ali	made	i-kasaku	<b>ukahãũ</b>	S O V Adv
c	ali	<b>ukahãũ</b>	made	i-kasaku	S Adv O V
d	* ali	made	<b>ukahãũ</b>	i-kasaku	* S O Adv V

“A criança sempre vê a lua” (Lima IV)

<sup>94</sup> *ukahãũ* (“sempre”), *ali* (“criança”), *made* (“lua”), *kasaku* (“ver”), *{i-}* (3p).

Os exemplos acima mostram que Juruna, assim como o inglês, não apresenta restrições para inserção de advérbio entre o sujeito e o verbo, mas o fará nos contextos de inserção de advérbio entre objeto e verbo (99.d.). Por essa razão, é compreensível que a distribuição do advérbio *ukahãũ* em sentenças intransitivas não apresente restrição já que, em Juruna, apenas a posição entre OV não aceita inserção adverbial:

(100)

<b>Ali</b>	<b>ukahãũ</b>	<b>lakariku</b>
<i>criança</i>	<i>sempre</i>	<i>rir</i>

“(A) criança sempre ri” (Lima IV)

(101)

<b>ukahãũ</b>	<b>ali</b>	<b>lakariku</b>
<i>sempre</i>	<i>criança</i>	<i>rir</i>

“Criança sempre ri” (Lima IV)

(102)

<b>ali</b>	<b>lakariku</b>	<b>ukahãũ</b>
<i>criança</i>	<i>rir</i>	<i>sempre</i>

“Criança sempre ri” (Lima IV)

Estes fatos mostram uma característica importante da língua Juruna que, pelo que vimos até o momento, é constante para os advérbios testados: há uma distribuição livre do advérbio nas sentenças, com exceção da posição entre O(bjeto) e V(erbo) (algo que também é observado no inglês, como dissemos anteriormente (Kim 2000)).

Em Juruna, veremos que o comportamento de diferentes advérbios é idêntico. No caso, nos referimos à distribuição e inserção dos advérbios *ukahãũ* (sempre) e *kāibi* (ontem). Sendo assim, *kāibi* pode ser inserido em qualquer posição da sentença (antes do sujeito, entre o sujeito e o objeto e após o verbo) em (105), mas não entre o objeto e o verbo, tal como vemos abaixo:

**(103): sujeito nominal**

<b>Maria</b>	<b>pitxa</b>	<b>ixu</b>
<i>Maria</i>	<i>peixe</i>	<i>comer</i>

“Maria comeu peixe” (Lima II)

**(104): sujeito pronominal**

<b>Una</b>	<b>pitxa</b>	<b>ixu</b>
<i>Is</i>	<i>peixe</i>	<i>comer</i>

“Eu comi peixe” (Lima II)

**(105)**

	<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>
<b>(i)</b>	(Adv SOV)	<b>kãibi Maria pitxa ixu</b> <i>Ontem Maria peixe comer</i>
		<b>kãibi una pitxa ixu</b> <i>Ontem Is peixe comer</i>
<b>(ii)</b>	(SAdv OV)	<b>Maria kãibi pitxa ixu</b> <i>Maria ontem peixe comer</i>
		<b>Una kãibi pitxa ixu</b> <i>Is ontem peixe comer</i>
<b>(iii)</b>	(SOV Adv)	<b>Maria pitxa ixu kãibi</b> <i>Maria peixe comer ontem</i>
		<b>Una pitxa ixu kãibi</b> <i>Is peixe comer ontem</i>
Tradução:		“Maria comeu o peixe ontem” (Lima II)

**(106)**

<b>Ordem</b>	<b>Sentenças</b>
* (SO Adv V)	* <b>Una pitxa kãibi ixu</b>

*Is peixe ontem comer*

\* **Maria pitxa kãibi ixu**

*Maria peixe ontem comer*

**Tradução:** “Maria comeu o peixe ontem” (Lima II)

Em sentenças intransitivas com ordem SV (vide 107 e 108, com sujeito nominal e pronominal, respectivamente), o advérbio pode ser inserido em qualquer posição (vide tabelas 109 e 110), tanto com sujeito pronominal quanto com sujeito SN:

**(107)**

**iidja**

**eəa**

*mulher*

*chorar*

“Mulher chorou” (Lima II)

**(108)**

**una**

**eəa**

*Is*

*chorar*

“Eu chorei” (Lima II)

**(109): sujeito SN (ordem SV)**

**Ordens**

**Sentenças**

Adv S V

**kãibi iidja e’a**

*Ontem mulher chorar*

S Adv V

**iidja kãibi e’a**

*mulher ontem chorar*

S V Adv

**iidja e’a kãibi**

*mulher chorar ontem*

**Tradução:**

“(A) mulher chorou ontem” (Lima II)

**(110): sujeito pronominal (ordem SV)**

**Ordens**

**Sentenças**

Adv S V

**kãibi una e’a**

*Ontem Is chorar*

S Adv V	<b>Una kãibi e'a</b> <i>Is ontem chorar</i>
S V Adv	<b>Una e'a kãibi</b> <i>Is chorar ontem</i>
<b>Tradução:</b>	“Eu chorei ontem” (Lima II)

Por outro lado, a inserção de advérbios em sentenças intransitivas VS não é livre. Quando o sujeito é um sintagma nominal (vide 111), o advérbio não aparece no início da sentença. Em contrapartida, nos casos de sujeito pronominal, o advérbio só pode ser inicial (vide 112):

**(111)**

<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>
* Adv V S	* <b>kãibi e'a iidja</b> <i>ontem chorar mulher</i>
V Adv S	<b>E'a kãibi iidja</b> <i>chorar ontem mulher</i>
VS Adv	<b>E'a iidja kãibi</b> <i>chorar mulher ontem</i>
<b>Tradução:</b>	“Ontem (a) mulher chorou” (Lima II)

**(112)**

<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>
Adv V S	<b>kãibi e'a na</b> <i>ontem chorar Is</i>
* V Adv S	* <b>e'a kãibi na</b> <i>chorar ontem Is</i>
* V S Adv	* <b>e'a na kãibi</b> <i>chorar Is ontem</i>
<b>Tradução:</b>	“Ontem eu chorei” (Lima II)

As motivações para explicar a diferença entre (111) e (112) podem ser decorrentes das diferenças entre sujeitos SNs e pronominais, que vimos na seção

anterior. As ordens VS estão associadas principalmente a sujeitos pronominais, tal como vemos na tabela a seguir<sup>95</sup>:

<b>Sentenças intransitivas</b>	<b>Total</b>	<b>Porcentagem</b>
Sentenças com sujeito explícito	145	59%
Sentenças sem sujeito explícito <sup>96</sup>	101	41%
<b>Ordens possíveis das sentenças com sujeito explícito</b>		
Sentenças SV (sujeito-verbo)	99	68%
Sentenças VS (verbo-sujeito)	46	46%
<b>SV</b>		
Sentenças SV com sujeito em forma de sintagma nominal livre	61	62%
Sentenças SV com forma pronominal	38	38%
<b>VS</b>		
Sentenças VS com sujeito em forma de sintagma nominal livre	9	20%
Sentenças VS com forma pronominal	37	80%
<b>Frequência dos tipos de sujeito</b>		
Sentenças intransitivas com sujeito em forma pronominal	75	52%
Sentenças intransitivas em forma de sintagma nominal livre	70	48%

Das 246 sentenças intransitivas observadas, comprovou-se que, entre aquelas em que o sujeito estava presente, a maioria - 99 ocorrências - estava na ordem SV. Das sentenças com ordem SV, observamos que grande parte apresenta o sujeito em formato de sintagma nominal (61 ocorrências) e a menor parte com o sujeito em forma pronominal (38 ocorrências). A disparidade entre os dois tipos de sujeito é mais gritante, porém, nas sentenças com ordem VS: apenas 9 das 46 ocorrências têm sujeitos em forma de sintagma nominal. Em outras palavras, vemos que a ordem VS é, de fato, uma ordem favorecida por sujeitos pronominais.

<sup>95</sup> A tabela partiu da observação dos sintagmas verbais de 58 verbos intransitivos que contabilizam conjuntamente 246 sentenças intransitivas do *corpus*.

<sup>96</sup> Em Juruna, é possível sentenças sem sujeito explícito. Esse tipo de comportamento é possível em sentenças com sujeito na terceira pessoa do singular, não apenas em Juruna, mas em outras línguas do tronco Tupi, tal como Mekéns (família Tupari), e Xipaya (família Juruna) (Rodrigues 1995).

De qualquer forma, vale notar que observando os fatos apresentados de sentenças transitivas e intransitivas vemos que, diferentemente de Karitiana (Storto 199; 148), Juruna não exige que o advérbio apareça pré-verbalmente em sentenças com verbo em posição inicial.

Em sentenças subordinadas (vide 113), podemos inserir um advérbio que esteja associado ou à parte subordinada da sentença (**Enquanto ontem Maria comeu o peixe**, a mulher riu) ou à sentença principal (**Ontem a mulher riu** enquanto a Maria comeu o peixe). No caso do advérbio incidir sobre a sentença principal, ele pode aparecer antes da sentença subordinada (114.a), após a sentença subordinada (114.b.), entre o sujeito e o verbo da sentença principal (114.c.) ou após o verbo da sentença principal (114.d.).

(62)

[**Maria pitxa ixu tade**] **iidja lakariariku**  
 [Maria peixe comer enquanto] mulher rir

“Maria comeu peixe enquanto mulher riu” (Lima II)

(114)

**Ordens**

**Sentenças**

- |     |                     |                                       |                                       |                    |                    |
|-----|---------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|--------------------|--------------------|
| (a) | Adv [SOV tade] S V  | <b>kãibi</b>                          | [ <b>Maria pitxa ixu tade</b> ]       | <b>iidja</b>       | <b>lakariariku</b> |
|     |                     | <i>ontem</i>                          | [ <i>Maria peixe comer enquanto</i> ] | <i>mulher</i>      | <i>rir</i>         |
| (b) | [S OV tade] Adv SV  | [ <b>Maria pitxa ixu tade</b> ]       | <b>kãibi</b>                          | <b>iidja</b>       | <b>lakariariku</b> |
|     |                     | [ <i>Maria peixe comer enquanto</i> ] | <i>ontem</i>                          | <i>mulher</i>      | <i>rir</i>         |
| (c) | [S OV tade] S Adv V | [ <b>Maria pitxa ixu tade</b> ]       | <b>iidja</b>                          | <b>kãibi</b>       | <b>lakariariku</b> |
|     |                     | [ <i>Maria peixe comer enquanto</i> ] | <i>mulher</i>                         | <i>ontem</i>       | <i>rir</i>         |
| (d) | [S OV tade] SV Adv  | [ <b>Maria pitxa ixu tade</b> ]       | <b>iidja</b>                          | <b>lakariariku</b> | <b>kãibi</b>       |
|     |                     | [ <i>Maria peixe comer enquanto</i> ] | <i>mulher</i>                         | <i>rir</i>         | <i>ontem</i>       |

**Tradução:**

“Ontem mulher riu enquanto Maria comeu peixe” (Lima II)

No que compete aos casos em que o advérbio incide sobre a sentença subordinada, ele pode estar entre o sujeito e o objeto da subordinada (115.a.) ou entre o verbo e o núcleo funcional subordinador *tade* (115.b). Por outro lado, ele não pode ser inserido entre o objeto e o verbo da subordinada (115.c.) assim como o advérbio não

pode estar no fim da subordinada, após o núcleo subordinador (115.d.), tal como vemos abaixo:

**(115)**

<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>
(a) [S Adv OV tade] SV	[ <b>Maria</b> <b>kāibi</b> <b>pitxa</b> <b>ixu</b> <b>tade</b> ] <b>iidja</b> <b>lakariariku</b> [ <i>Maria ontem peixe comer enquanto</i> ] <i>mulher rir</i>
(b) [S OV Adv tade] SV	[ <b>Maria</b> <b>pitxa</b> <b>ixu</b> <b>kāibi</b> <b>tade</b> ] <b>iidja</b> <b>lakariariku</b> [ <i>Maria peixe comer ontem enquanto</i> ] <i>mulher rir</i>
(c) * [S O Adv V tade]* SV	[ <b>Maria</b> <b>pitxa</b> <b>kāibi</b> <b>ixu</b> <b>tade</b> ] <b>iidja</b> <b>lakariariku</b> [ <i>Maria peixe ontem comer enquanto</i> ] <i>mulher rir</i>
(d) * [S OV tade Adv]* SV	[ <b>Maria</b> <b>pitxa</b> <b>ixu</b> <b>tade</b> <b>kāibi</b> ] <b>iidja</b> <b>lakariariku</b> [ <i>Maria peixe comer enquanto ontem</i> ] <i>mulher rir</i>

Tradução: “Ontem Maria comeu (o) peixe enquanto (a) mulher ria” (Lima II)

Em sentenças relativas (vide 116), assim como acontece com as subordinadas, no caso do advérbio incidir sobre a sentença principal (A mulher que comeu o peixe **dançou ontem**) ele poderá aparecer antes do sujeito (117.a), após o sujeito (117.b.) e depois do verbo da sentença principal (117.c.):

**(116)**

<b>Iidja</b>	<b>[pitxa</b>	<b>ixiixiyā]</b>	<b>karia</b>
<i>mulher</i>	<i>peixe</i>	<i>comer-rel.</i>	<i>dançar</i>

“A mulher [que comeu o peixe] dançou” (Lima II)

**(117)**

<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>
(a) Adv S [O V-rel] V	<b>kāibi</b> <b>iidja</b> [ <b>pitxa</b> <b>ixiixi-yā]</b> <b>karia</b> <i>ontem mulher [peixe comer.dupl-rel.] dançar</i>
(b) S Adv [O V-rel] V	<b>Iidja</b> <b>kāibi</b> [ <b>pitxa</b> <b>ixiixi-yā]</b> <b>karia</b> <i>mulher ontem [peixe comer.dupl-rel.] dançar</i>
(c) S [O V-rel] V Adv	<b>Iidja</b> [ <b>pitxa</b> <b>ixiixi-yā]</b> <b>karia</b> <b>kāibi</b> <i>mulher [peixe comer.dupl-rel.] dançar ontem</i>

**Tradução:** “Mulher que comeu peixe dançou ontem” (Lima II)

No caso do advérbio incidir na sentença relativa, ele só poderá aparecer à esquerda da projeção máxima (118.a.), mas não entre O e V (118.b.) ou após o relativizador {-yã} (118.c.), tal como vemos:

**(118.a.)**

<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>				
(a) S [Adv O V-rel.] V	<b>Iidja</b>	<b>[kãibi</b>	<b>pitxa</b>	<b>ixiixi-yã]</b>	<b>karia</b>
	<i>mulher</i>	<i>[ontem</i>	<i>peixe</i>	<i>comer.dupl-rel.]</i>	<i>dançar</i>
(b) * S [O Adv V-rel.] V	* <b>Iidja</b>	<b>[pitxa</b>	<b>kãibi</b>	<b>ixiixi-yã]</b>	<b>karia</b>
	<i>mulher</i>	<i>[peixe</i>	<i>ontem</i>	<i>comer.dupl-rel.]</i>	<i>dançar</i>
(c) * S [O V-rel. Adv] V	* <b>Iidja</b>	<b>[pitxa</b>	<b>ixiixi-yã</b>	<b>kãibi]</b>	<b>karia</b>
	<i>mulher</i>	<i>[peixe</i>	<i>comer.dupl-rel.</i>	<i>ontem]</i>	<i>dançar</i>

**Tradução:** “Mulher que comeu peixe ontem dançou” (Lima II)

Também é possível observar os casos em que a relativa é a parte intransitiva da sentença:

<b>iidja</b>	<b>[kariakaria-yã]</b>	<b>pitxa</b>	<b>ũkãẽ</b>
<i>mulher</i>	<i>Dançar-rel.</i>	<i>peixe</i>	<i>assar</i>

“A mulher [que dançou] assou o peixe” (Lima II)

<b>Ordens</b>	<b>Sentenças</b>			
(a) [S Adv V-rel.] OV	<b>Iidja</b>	<b>[kãibi</b>	<b>[kariakaria-yã]</b>	<b>pitxa ũkãẽ</b>
	<i>mulher</i>	<i>[ontem</i>	<i>Dançar-rel.</i>	<i>Peixe assar</i>
(b) [Adv S V-rel.] OV	<b>kãibi</b>	<b>Iidja</b>	<b>[kariakaria-yã]</b>	<b>pitxa ũkãẽ</b>
	<i>mulher</i>	<i>[peixe</i>	<i>Dançar-rel.</i>	<i>Peixe assar</i>
(c) * [S V-rel Adv] OV <sup>97</sup>	<b>Iidja</b>	<b>[kariakaria-yã</b>	<b>kãibi]</b>	<b>pitxa ũkãẽ</b>

<sup>97</sup> Essa sentença seria gramatical se o advérbio estivesse relacionado à *pitxa ũkã'ẽ*.

[peixe Dançar-rel. ontem Peixe assar  
 (d) \* [S V Adv -rel]. OV \***Idja** [**kariakaria- kãibi- nhã**] **pitxa ãkãẽ**

*mulher Dançar- ontem-rel. Peixe assar*

**Tradução:** “Mulher que comeu peixe ontem dançou” (Lima II)

Diferentemente de Karitiana (onde o núcleo da relativa pode ser interno, (Storto 1999)), em Juruna o núcleo das relativas é externo. Isso porque o núcleo pode aparecer após a relativa (como vemos abaixo com *tuwa* [anta], (119.a.)). Além disso, o advérbio pode ocorrer entre o núcleo e a relativa (tal como vimos em 117.b.):

**(119)**

(a) **[ena imazu- yãhã]** **tuwa u-atxu u-be**  
*[2s criar-rel.] anta 1s- morder 1s-dat*

(b) **tuwa [ena imazu-yãha] u-atxu u-be**  
*anta [2s criar-rel.] 1s-morder 1s-dat*

**Tradução:** “Anta [que você criou] me mordeu” (Lima II)

Vale ainda observar que os núcleos funcionais observados – relativizador e subordinador – ocorrem sempre à direita do verbo. Outro exemplo é a negação (120) (também à direita do verbo) que é um sufixo que também ocorre à direita no verbo:

**(120)**

**kãibi ali apĩ abakaũ**  
**abaku-aũ**  
*ontem menino onça matar-neg*

“Ontem menino não matou onça” (Fargetti 2001; 194)

Em síntese, a principal conclusão acerca da distribuição dos advérbios na língua é que ela é livre, de forma que as únicas posições em que há restrição para a inserção de advérbios é entre o objeto e o verbo ou após núcleos funcionais (relativizador e

subordinador), que estão à direita. Podemos apresentar um quadro resumitivo com as características observadas até o momento em comparação com a língua Karitiana (família Arikém, tronco Tupi):

**(121): Quadro comparativo Juruna e Karitiana**

	<b>Juruna</b>	<b>Karitiana (Storto 1999)</b>
Ordem mais comum na língua falada com verbo flexionado	SOV	SVO (também aceita as ordens VOS e VSO nas sentenças matriz e OSV e SOV em subordinadas)
Inserção de advérbios em sentenças transitivas	Adv SOV S Adv OV SOV Adv * SO Adv V  <b>Em suma:</b> a restrição é apenas em relação a inserção de advérbios entre O e V.	Adv SVO * S Adv VO SVO Adv SV Adv O  <b>Em suma:</b> a restrição é apenas em relação a inserção de advérbios entre S e V que estão em configuração <i>spec-head</i> .
Inserção de advérbios em sentenças intransitivas	Adv S V S Adv V S V Adv Sujeito SN * Adv V S V Adv S VS Adv Sujeito pronominal Adv V S * V Adv S * V S Adv  <b>Em suma:</b> não há restrição na ordem SV, seja com sujeito pronominal, seja	Adv VS VS Adv * S Adv V VS Adv (tópico) V Adv S (tópico)  <b>Em suma:</b> a restrição é apenas em relação a inserção de advérbios entre S e V que estão em configuração <i>spec-head</i> .

	sujeito SN. As restrições variam, contudo, de acordo com o tipo de sujeito – SN ou pronome – na ordem VS. Aparentemente, no caso de VS com sujeito pronominal, o advérbio é inserido em local fixo.	
Inserção de advérbios em sentenças subordinadas	<p>*[S OV tade Adv] SV</p> <p>*[S O Adv V tade] SV</p> <p>[S Adv OV tade] SV</p> <p>[S OV Adv tade] SV</p> <p><b>Em suma:</b> a língua não suporta adjunção no fim da subordinada, e tão pouco admite adjunção entre O e V, assim como ocorre nas sentenças matriz.</p>	<p>[Adv SOV]</p> <p>* [S Adv OV]</p> <p>* [SO Adv V]</p> <p>* [SOV Adv]</p> <p>* [S Adv V Asp]</p> <p>* [SV Adv Asp]</p> <p>* [SV Asp Adv]</p> <p><b>Em suma:</b> Advérbio aparece exclusivamente no início da sentença encaixada (à esquerda)</p>
Relativas	<p>Adv S [O V-rel] V</p> <p>S Adv [O V-rel] V</p> <p>S [O V-rel] V Adv</p> <p>S [Adv O V-rel.] V</p> <p>* S [O Adv V-rel.] V</p> <p>* S [O V-rel. Adv] V</p> <p>S Adv V-rel.] OV</p> <p>[Adv S V-rel.] OV</p> <p>* [S V-rel Adv] OV</p> <p>* [S V Adv -rel] OV</p> <p><b>Em suma:</b> a língua não suporta adjunção no fim da relativa tão pouco admite adjunção entre O e V, assim como ocorre nas sentenças matriz.</p>	<p>[O Adv SV]</p> <p>Adv [OSV]</p> <p>* [O S Adv V]</p> <p>* [O S V Adv]</p> <p><b>Em suma:</b> não pode haver adjunção entre S e V (assim como acontece nas sentenças matriz, devido à configuração <i>Spec-head</i>) assim como não pode haver adjunção no fim da sentença, à direita.</p>
Núcleo funcional	Núcleo funcional à direita do verbo	Núcleo funcional à direita do verbo

Há muitas teorias a respeito da localização dos advérbios nas estruturas. Elas podem ser sintetizadas em quatro vertentes:

- 1) Advérbios como núcleos (Travis 1984): proposta que considera que advérbios podem ser núcleos que permanecem como tal, sem a continuação da projeção (X', XP).
- 2) Advérbios como Specs (Laenzlinger (1993), Alexiadou (1997), Cinque (1999): proposta baseada no fato que os advérbios não são uma projeção estendida de V; uma evidência usada a favor desta linha de análise para se contrapor aos advérbios como adjuntos é que os advérbios não bloqueiam movimento de núcleo e, ainda, que eles podem ser submetidos aos processos de topicalização e foco.
- 3) Advérbios como adjuntos (Chomsky 1986; 1995; 1998; 1999; Sportiche 1988; 1994): proposta que considera que os advérbios não são selecionados lexicalmente;
- 4) Advérbios como complementos (Larson 1988; Stroik 1990): proposta baseada no fato que muito embora na maioria das vezes os advérbios tendem a não ser requeridos como argumentos, isto não é sempre verdadeiro:

Exemplos: Bill recited his lines poorly

\* Bill poorly recited his lines (Kim 2000; 26)

Destas análises possíveis, utilizaremos a terceira (advérbios como adjuntos) para dar conta dos fatos da língua Juruna, uma vez que estes itens podem ser omitidos e não são projetados lexicalmente pelos verbos assim como não são previstos em nenhuma estrutura argumental (diferente dos sujeitos que não são projetados lexicalmente, em VP, mas são previstos). As questões pertinentes que se seguem é: 1) onde estes adjuntos serão adjungidos; 2) se eles são adjungidos à esquerda ou à direita. A adjunção à esquerda, canônica, como veremos, esclarece a maior parte dos processos de adjunção na língua, com exceção das adjunções pós-verbais. No caso de adjunções pós-verbais – o que inclui não apenas a adjunção adverbial, mas a adjunção de locativos e objetos dativos – ela ocorrerá obrigatoriamente à direita da sentença (CP), processo comum a

outras línguas Tupi<sup>98</sup> (Storto 1999, Moore 1984). Em síntese, veremos o seguinte na língua Juruna:

(122)

	<b>Transitivas</b>	<b>Intransitivas</b>	<b>Subordinadas</b>	<b>Relativas</b>
Ordens que realizam adjunção à esquerda	Adv SOV S Adv OV	Adv S V S Adv V V Adv S Adv V S	[S Adv OV tade] SV [Adv S O V tade]	S Adv V-rel.] OV [Adv S V-rel.] OV
Ordens que realizam adjunção à direita	SOV Adv	S V Adv VS Adv VS Adv V Adv S	[S OV Adv tade] SV	<sup>99</sup>

É necessário discutir a quais projeções os advérbios são adjungidos. Em Juruna, os advérbios de sentenças transitivas (estando a sentença transitiva inserida em uma estrutura de sentença subordinada e/ou relativa ou não) não podem ser adjungidos nem à esquerda nem à direita de VP – tal como vemos nas estruturas (125.a) e (125.b.), agramaticais. Isto porque, no final da derivação, o advérbio estaria entre o objeto e verbo e esta é a principal restrição na distribuição de advérbios. Para exemplificar esta questão partiremos das sentenças em (123) que, simultaneamente, mostram a estrutura das sentenças subordinadas (que é idêntica às sentenças relativas) e a inserção de advérbios:

(123)

**Ordens**                      **Sentença.**

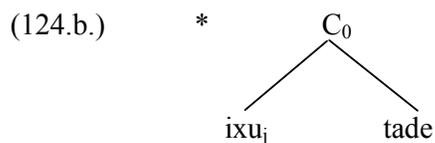
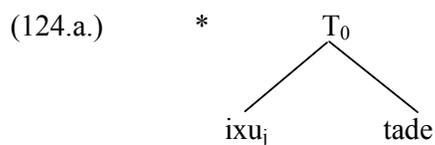
(a) [S Adv OV tade] SV [Maria    **kāibi**    **pitxa**    **ixu**            **tade]**    **iidja**    **lakariariku**

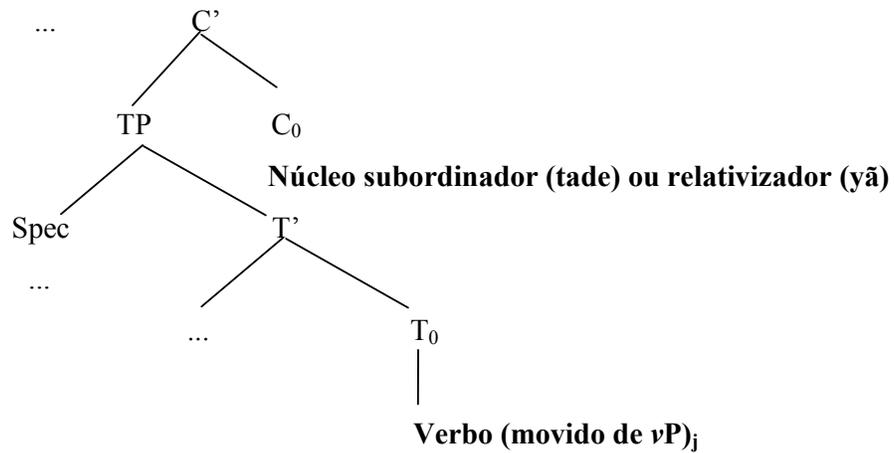
<sup>98</sup> Comunicação pessoal com Luciana Storto.

<sup>99</sup> Possivelmente as sentenças relativas também suportam a adjunção [S OV Adv] rel, assim como ocorre com as subordinadas ([S OV Adv tade]) já que o comportamento sintático das duas é idêntico em todas as outras características. Contudo, não testamos este dado.

- [*Maria ontem peixe comer enquanto*] *mulher rir*
- (b) [S OV Adv tade] SV [**Maria pitxa ixu kãibi tade**] **iidja lakariariku**  
 [*Maria peixe comer ontem enquanto*] *mulher rir*
- (c) \* [S O Adv V tade]\* [**Maria pitxa kãibi ixu tade**] **iidja lakariariku**  
 SV [*Maria peixe ontem comer enquanto*] *mulher rir*
- (d) \* [S OV tade Adv]\* [**Maria pitxa ixu tade kãibi**] **iidja lakariariku**  
 SV [*Maria peixe comer enquanto ontem*] *mulher rir*
- Tradução “Enquanto Maria comia peixe ontem, mulher riu” (Lima II)

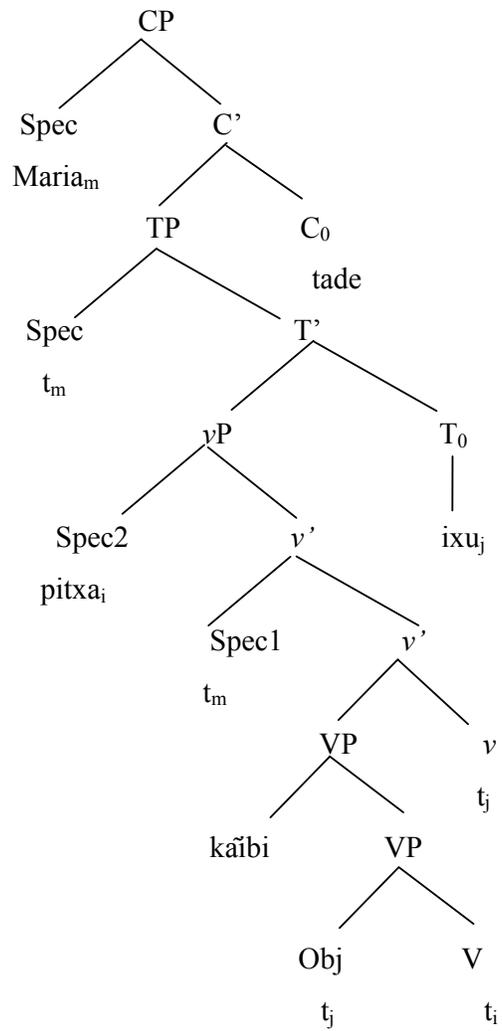
Vale fazer uma ressalva antes de apresentar as estruturas que proporemos para explicar a adjunção. Apesar dos núcleos subordinadores (*tade*) e relativizadores (*yã*) ocorrerem próximos aos verbos e remeterem a núcleos funcionais afixados aos verbos, isto não procede em Juruna porque há a possibilidade de haver adjunção entre o verbo e o núcleo subordinador e relativizador, como podemos ver em 123.b. de forma que eles não formam um núcleo complexo com o verbo (como ocorre em Karitiana; Storto 1999), como vemos em (124.a.) e (124.b.). Ao invés disso, o verbo move para T<sub>0</sub> e o núcleo subordinador ou relativizador é gerado em C<sub>0</sub>, tal como vemos em (124.c.):



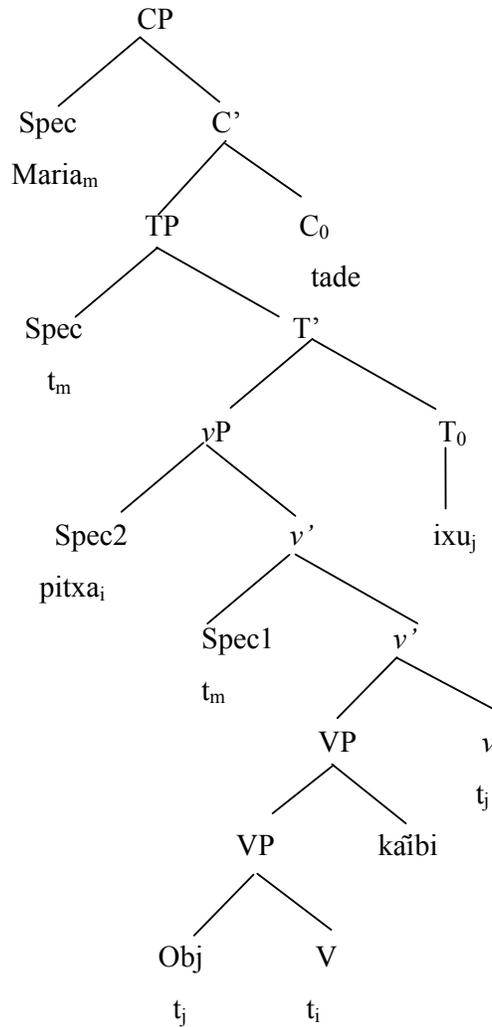


Visto isso, iniciemos as análises sobre a adjunção na língua a partir de sentenças subordinadas transitivas. Vale dizer que devido ao comportamento sintático idêntico das sentenças subordinadas e relativas, apresentaremos apenas estruturas associadas a sentenças subordinadas considerando que a adjunção em relativas será idêntica. A partir da adjunção das subordinadas transitivas também discutiremos a adjunção em sentenças transitivas fora de estruturas subordinadas (como *Maria pitxa ixu* – “Maria comeu peixe”). Vejamos:

(125.a.) Adjunção em VP à esquerda (\* S O Adv V subordinador)

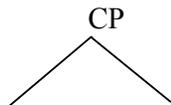


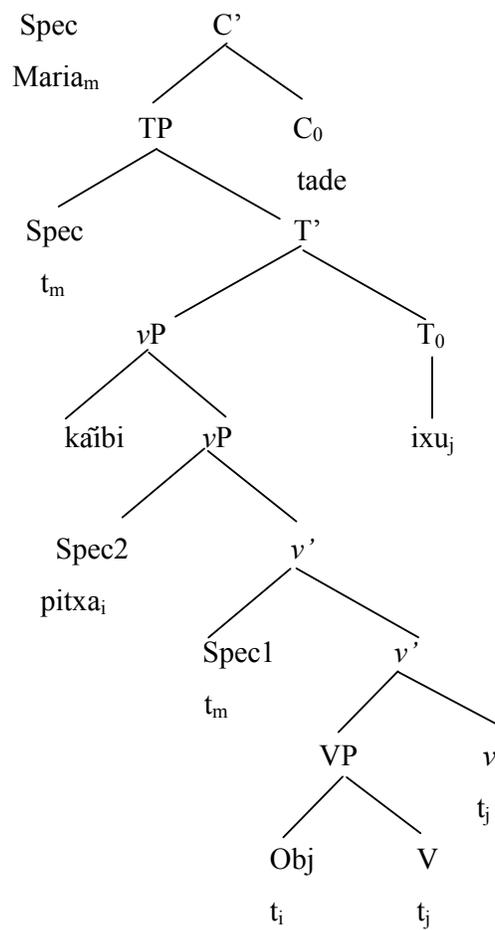
(125.b.) Adjunção em VP à direita (\* S O Adv V subordinador)



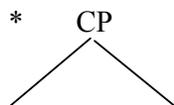
Como vimos acima, se as sentenças fossem linearizadas com a projeção de advérbio adjunto em VP, tanto à esquerda quanto à direita, o advérbio estaria entre o objeto e o verbo. A mesma questão vale para as sentenças com formas presas pronominais seguidas de dativo. Se elas fossem projetadas como adjunção à VP, a sentença seria agramatical, uma vez que não pode haver intervenção de nenhum item (lexical ou funcional) entre objeto e verbo na língua Juruna. Por essa razão, restam três possibilidades: adjunção à vP (126), adjunção à TP (127) e adjunção à CP (128) que veremos a seguir (a partir dos dados apresentados em 123):

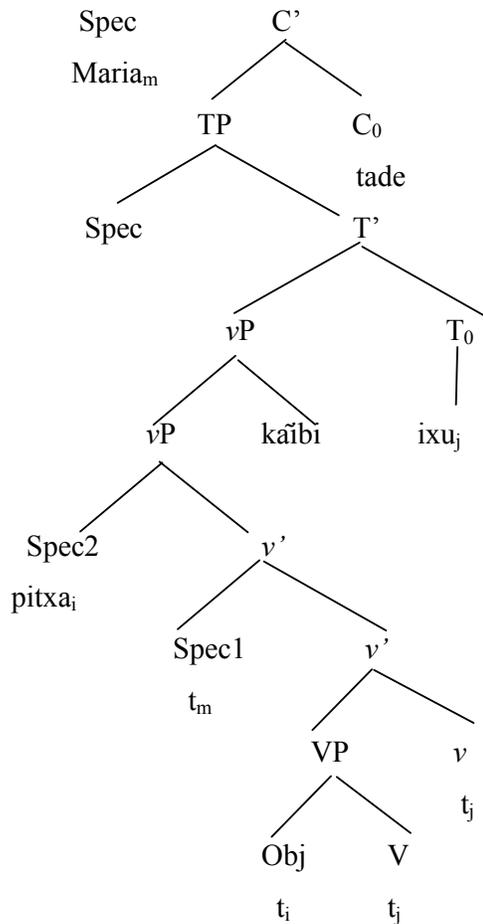
(126.a.) Adjunção em vP à esquerda ( S Adv O V subordinador)





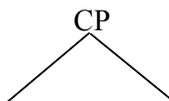
(126.b.) Adjunção em vP à direita (\* S O Adv V subordinador)

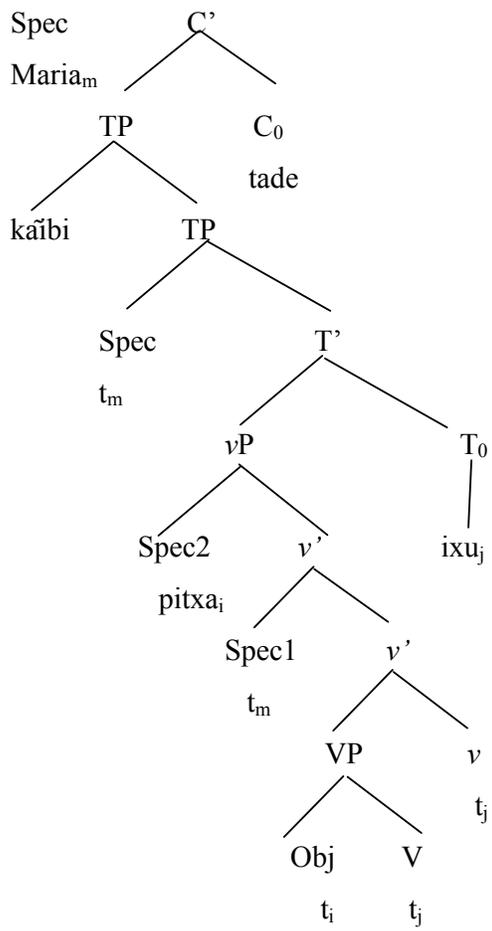




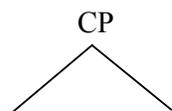
É interessante notar que a adjunção à  $vP$  só é possível à esquerda, o que resulta a ordem S Adv O V. Diferentemente, se adjungimos um advérbio à direita de  $vP$ , a sentença é agramatical, pois o advérbio permanece entre O e V. Em contrapartida, a projeção TP permite adjunção à esquerda e também à direita em Juruna, como vemos a seguir:

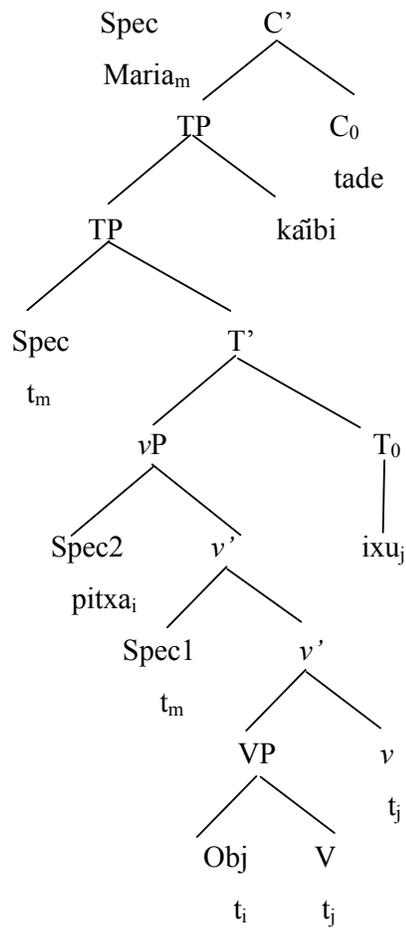
(127.a.): Adjunção em TP à esquerda (S Adv O V subordinador)





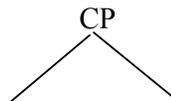
(127.b.): Adjunção em TP à direita (S O V Adv subordinador)

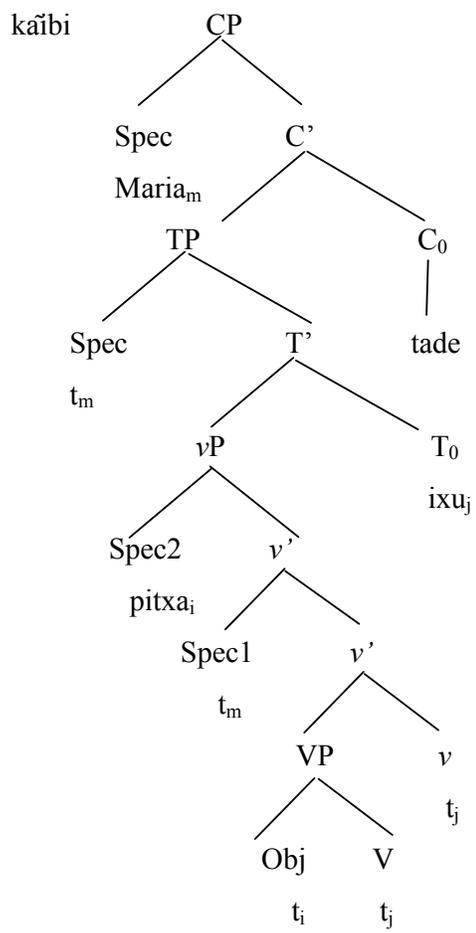




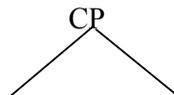
A adjunção à TP à esquerda gera uma adjunção semelhante à vP (no caso do sujeito estar em Spec CP), qual seja S Adv O V subordinador. Por outro lado, se a adjunção é à direita de TP, a estrutura resultante é S O V Adv subordinador, como vemos em (127.b.). **É esta estrutura que mostra que os o núcleo verbal e o subordinador não formam em Juruna um núcleo complexo.** Caso formassem, a inserção de adjunto entre verbo e subordinador seria agramatical. Resta-nos ainda abordar a adjunção a CP:

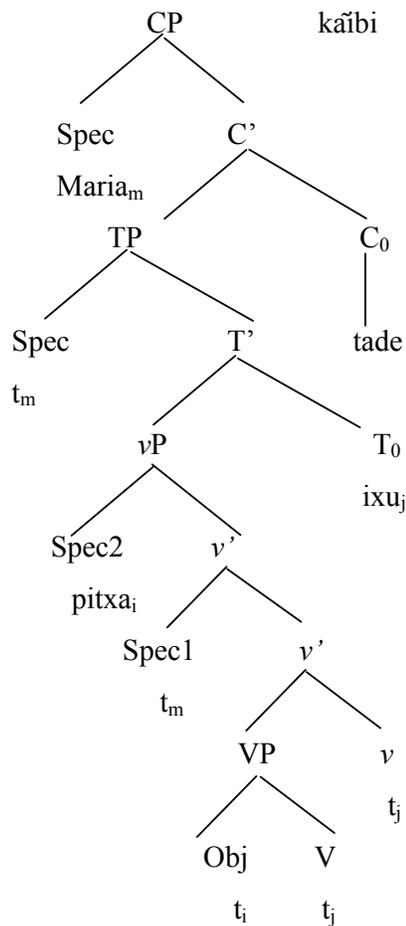
(128.a.): Adjunção em CP à esquerda (Adv S O V subordinador)





(128.b.): Adjunção em CP à direita (\* SOV subordinador Adv)





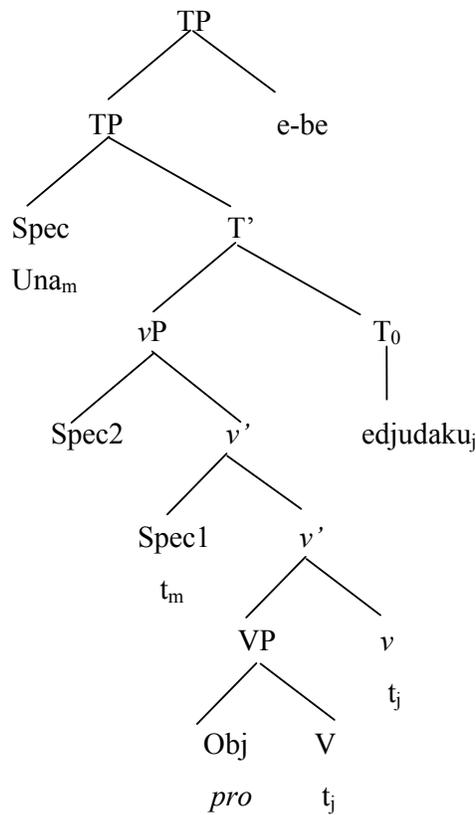
Como vemos, a adjunção a CP à esquerda gera a ordem de advérbio em posição inicial (Adv S O V subordinador). Em contrapartida, se a adjunção a CP for à direita, a sentença será agramatical em subordinadas e relativas, pois não há adjunção após os núcleos subordinadores e relativizadores devido ao fato que se isso ocorrer haverá ambigüidade entre uma leitura na qual o advérbio perentence à sentença principal ou à sentença subordinada. Por outro lado, este tipo de adjunção é estruturalmente possível em sentenças transitivas não subordinadas por não gerar este tipo de ambigüidade neste contexto.

Muito embora no caso das subordinações e relativizações a adjunção de CP à direita não seja possível por questões de ambigüidade, em sentenças transitivas com reiteração de objeto dativo, ela ocorre, uma vez que estes adjuntos ocorrem pós-verbalmente. Também, estes adjuntos são necessariamente projetados à direita na projeção máxima mais alta da sentença em que estão inseridos, o que pode ser TP (se

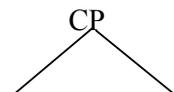
considerarmos que CP **pode não ser projetado** o que torna TP a projeção mais alta de uma sentença) ou CP, mas jamais *vP* ou *VP*. Como exemplo, partiremos da sentença (129) que servirá de base para as estruturas (130) e (131):

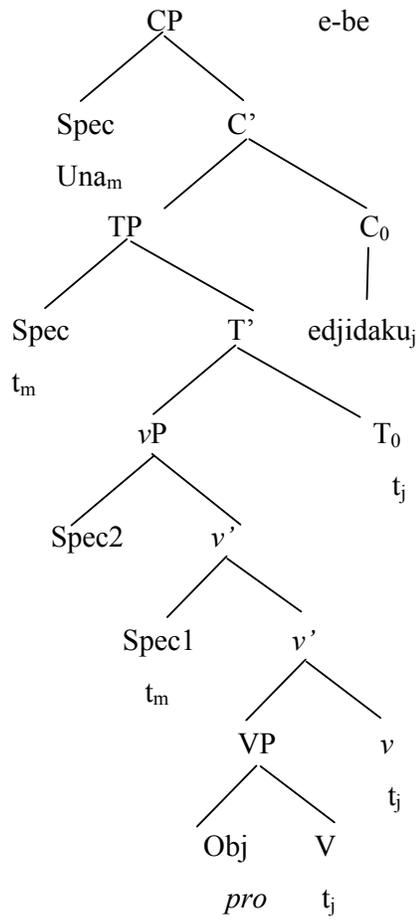
(129)        **Una    e-djudaku    e-be**  
               *1s     2s-bater     2s-dat*  
               “Eu bati em você” (Lima I)

(130.a.) Adjunção em TP de objetos marcados por dativo (*be*)



(130.b.) Adjunção em CP de objetos marcados por dativo (*be*)





Basicamente, portanto, no que compete à inserção de advérbios, a projeção destes adjuntos depende: 1) do local no qual ele foi adjungido; 2) se foi adjungido à direita ou à esquerda. Em síntese, observamos o seguinte:

(131)

<b>Núcleo</b>	<b>Direção da adjunção</b>	<b>Sentenças subordinadas/ relativas (subordinador e relativizador, abreviados na tabela como “N”, de núcleo funcional)</b>	<b>Sentenças transitivas</b>
VP	Esquerda	* S O Adv V N	* S O Adv V
VP	Direita	* S O Adv V N	* S O Adv V
vP	Esquerda	S Adv O V N	S Adv O V
vP	Direita	* S O Adv V N	* S O Adv V
TP	Esquerda	S Adv O V N	S Adv O V
TP	Direita	S O V Adv N	S O V Adv
CP	Esquerda	Adv S O V N	Adv S O V
CP	Direita	*S O V N Adv	S O V Adv

Das adjunções resumidas em (131), vemos que há três delas impossíveis em qualquer contexto: em VP (à direita e à esquerda) e em vP à direita. No que compete à adjunção à direita de CP, podemos reiterar o fato que esta é um adjunção possível estruturalmente (já que ela ocorre em sentenças transitivas), mas não ocorre em subordinadas, devido a agramaticalidade de SOV subordinador Adv. Uma razão possível para isso é que esse tipo de adjunção nas subordinadas cria uma ambigüidade no sentido que não fica claro se o advérbio pertence à sentença principal ou à subordinada (Luciana Storto, comunicação pessoal).

Tendo os fatos da tabela (131) em mente e considerando um sistema minimalista, o ideal é propor um número mínimo de núcleos associados a adjunções. Já vimos que a adjunção dos objetos dativos só é possível em TP e CP. Dessa forma, apesar de vP permitir adjunção de advérbios à esquerda, não a consideraremos como núcleo de adjunção em Juruna porque temos evidências de outras adjunções, como o objeto dativo, que só ocorrem em CP e TP. Dessa forma, restringimos os processos de adjunção a dois núcleos, tal como mostra a tabela a seguir:

(132)

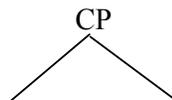
Núcleo	Direção da adjunção	Sentenças subordinadas/ relativas (subordinador e relativizador abreviados na tabela como “N”, de núcleo funcional)	Sentenças transitivas
TP	Esquerda	S Adv O V N	S Adv O V
TP	Direita	S O V Adv N	S O V Adv
CP	Esquerda	Adv S O V N	Adv S O V
CP	Direita	*S O V N Adv	S O V Adv

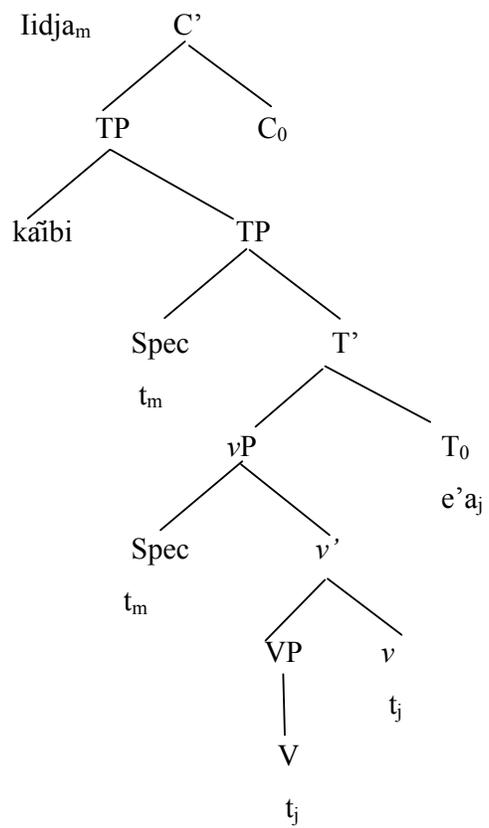
No que compete às sentenças intransitivas, a adjunção poderia, em potencial, ocorrer nos quatro níveis propostos: VP, vP, TP e CP. Contudo, é fato que as adjunções de sentenças transitivas e intransitivas devem ocorrer nos mesmos núcleos. Partindo dessa consideração e do fato que as sentenças transitivas e os adjuntos do tipo objeto dativo adjungem em TP e CP, analisaremos apenas estes dois núcleos a partir dos exemplos propostos em (133) na ordem SV:

(133)

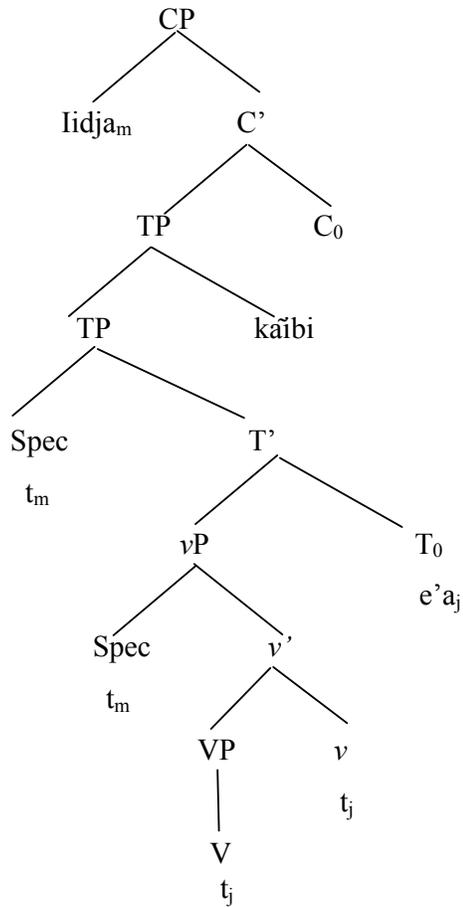
Ordens	Sentenças	
Adv S V	<b>kāibi iidja e’a</b> <i>Ontem mulher chorar</i>	<b>kāibi una e’a</b> <i>Ontem Is chorar</i>
S Adv V	<b>iidja kāibi e’a</b> <i>mulher ontem chorar</i>	<b>Una kāibi e’a</b> <i>Is ontem chorar</i>
<b>Tradução:</b>	“Mulher chorou ontem” (Lima II)	“Eu chorei ontem” (Lima II)

(134.a.): adjunção em TP à esquerda (S Adv V)



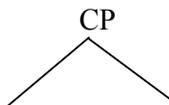


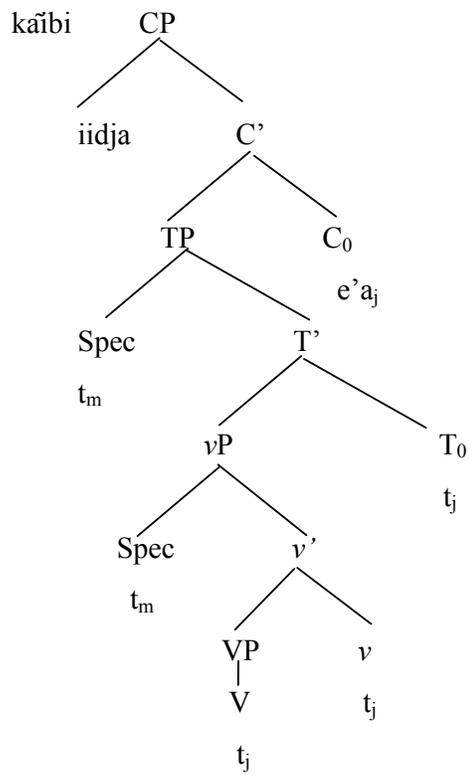
(134.b): adjunção em TP à direita (S V Adv)



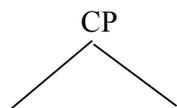
Como vemos, a adjunção à direita ou à esquerda em TP gera ordens diferentes: S Adv V e SV Adv. Em CP a adjunção à direita gera a ordem Adv SV (135.a.) e à esquerda gera a ordem SV Adv (135.b.), respectivamente:

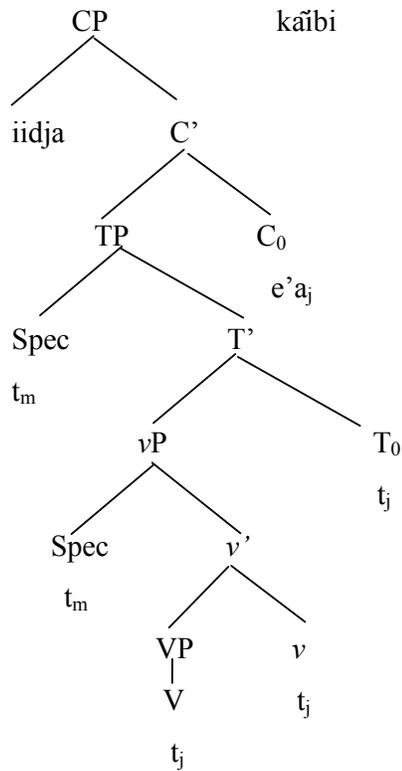
(135.a.): adjunção em CP à esquerda (Adv S V)





(135.b.): adjunção em CP à direita (S V Adv)





Vistos os fatos apresentados, temos as seguintes possibilidades de adjunção nas sentenças intransitivas:

(136)

Núcleo	Direção da adjunção	Sentenças transitivas
TP	Esquerda	S Adv V
TP	Direita	S V Adv
CP	Esquerda	Adv SV
CP	Direita	SV Adv

Portanto, como vemos, a inserção de advérbios em sentenças intransitivas SV pode ocorrer nos mesmos núcleos em que ocorre a adjunção das transitivas CP e TP.

Finalmente é necessário discutir a inserção de advérbios nas sentenças intransitivas com ordem VS. Inicialmente é necessário dizer que há uma “distribuição complementar” de advérbios nesta ordem, de acordo com o tipo do sujeito. Sentenças intransitivas com sujeito SN não aceitam advérbio em posição inicial (\*Adv SV)

enquanto que sentenças intransitivas com sujeito pronominal só aceitam advérbios nessa posição (Adv SV) sendo as outras possibilidades agramaticais (\* V Adv S/ \*VS Adv):

(137)

**Ordens**

\* Adv V S

V Adv S

VS Adv

**Tradução:**

**Sentenças**

\* **kāibi e'a iidja**

*ontem chorar mulher*

**E'a kāibi iidja**

*chorar ontem mulher*

**E'a iidja kāibi**

*chorar mulher ontem*

“Ontem mulher chorou” (Lima II)

(138)

**Ordens**

Adv V S

\* V Adv S

\* V S Adv

**Tradução:**

**Sentenças**

**kāibi e'a na**

*ontem chorar 1s*

\* **e'a kāibi na**

*chorar ontem 1s*

\* **e'a na kāibi**

*chorar 1s ontem*

“Ontem eu chorei” (Lima II)

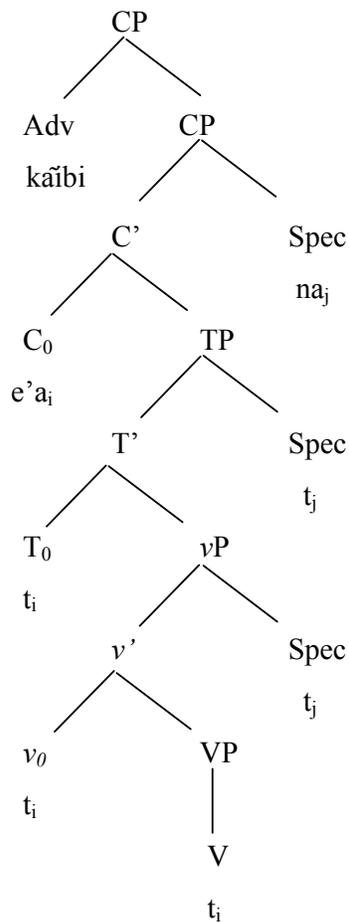
Quando essa ordem ocorre com sujeitos SN, provavelmente ela é derivada via movimento do verbo para a periferia esquerda da sentença<sup>100</sup> – possivelmente por razões de foco no verbo, tal como vimos que é possível nos processos de alternância de voz no caso de sentenças transitivas. De qualquer forma, há um núcleo funcional à esquerda e o advérbio não poderá adjungir-se à esquerda da projeção máxima deste núcleo (por alguma restrição que ainda não esclarecemos). Nas sentenças com pronomes com ordem VS (que, como vimos anteriormente, é a ordem mais comumente usada com a ocorrência de sujeitos pronominais), há uma cliticização dos pronomes à direita do

<sup>100</sup> Agradeço comunicação pessoal com Luciana Storto sobre a inserção de advérbios e principalmente no que compete ao desenvolvimento do argumento sobre a questão dos advérbios em sentenças com ordem VS.

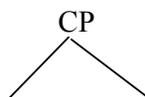
verbo intransitivo. Em outras palavras, os sujeitos pronominais de verbos intransitivos são enclíticos. A posição dos advérbios nestes casos talvez se explique como uma tendência da língua em não utilizar a ordem verbo inicial a não ser em contextos de operações específicas, como foco verbal.

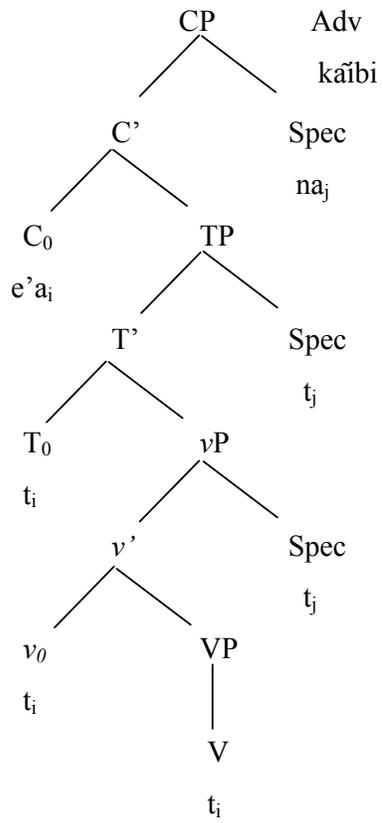
Tendo por base os exemplos (137/138), apresentaremos uma proposta sintática para a inserção de advérbios nesta ordem. Nas projeções a seguir, veremos que para que a ordem VS seja possível, é necessário que os especificadores estejam à direita e os núcleos à esquerda. Vejamos:

(139) Adjunção de advérbio à esquerda de CP (Adv VS – somente para sujeito pronominal)

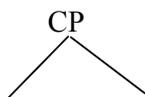


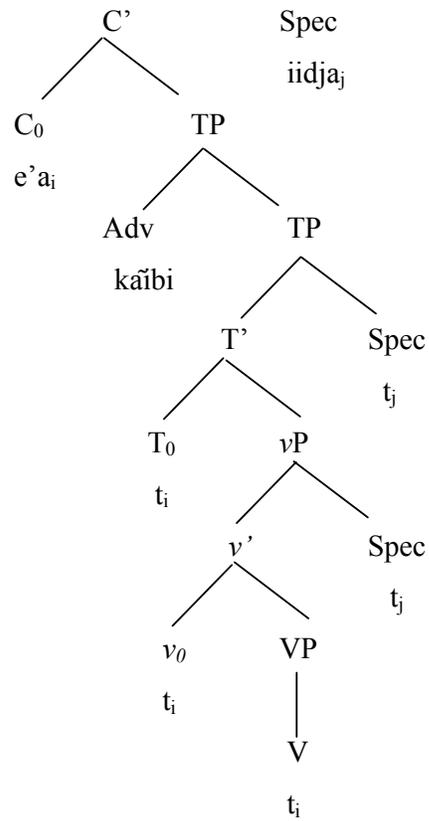
(140) Adjunção de advérbio à direita de CP (VS Adv – somente para sujeito SN)



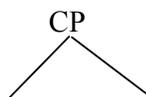


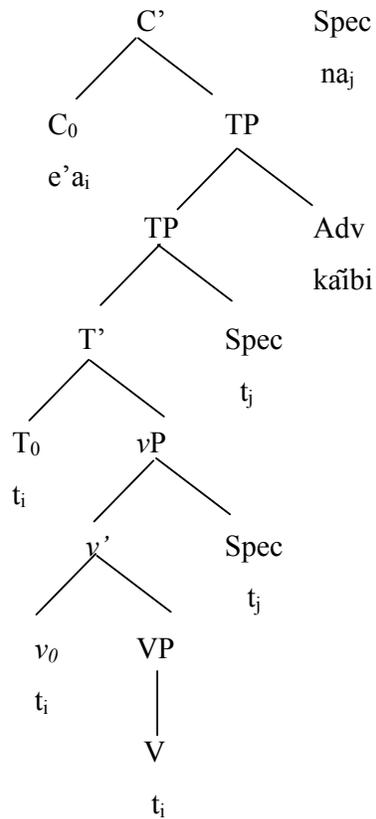
(141.a.) Adjunção de advérbio a TP à esquerda (V Adv S – somente para sujeito SN)





(141.b.) Adjunção de advérbio a TP à direita (V Adv S – somente para sujeito SN)





Dessa forma, assim como em sentenças transitivas e intransitivas SV, também as intransitivas VS tem adjunção em TP e em CP. Em síntese:

(142)

Núcleo	Direção da adjunção	Sentenças intransitivas	Tipo de sujeito
TP	Direita	V Adv S	SN
TP	Esquerda	V Adv S	SN
CP	Esquerda	Adv VS	Pronominal
CP	Direita	VS Adv	SN

### *Considerações finais da seção*

Nesta seção procuramos adicionar outras questões associadas à estrutura sentencial da língua Juruna tendo por base o teste de inserção de advérbios em sentenças

intransitivas, transitivas, relativas e subordinadas. Em síntese, a principal característica dos advérbios na língua Juruna é o fato de ela ser livre, de forma que a única posição em que há restrição para a inserção de advérbios é entre o objeto e o verbo ou após núcleos funcionais (relativizador e subordinador), uma vez que esta língua é uma língua de núcleo à direita. Mostramos que a inserção de advérbios em Juruna ocorre sempre nos núcleos TP ou CP, independentemente do tipo de estrutura (transitiva, intransitiva SV ou VS). Em síntese temos, portanto:

<b>Núcleo</b>	<b>Direção da adjunção</b>	<b>Sentenças subordinadas/ relativas (N de núcleo funcional (subordinador ou relativizador))</b>	<b>Sentenças intransitivas (VS)</b>	<b>Sentenças intransitivas (SV)</b>	<b>Sentenças transitivas</b>
TP	Direita	S O V Adv N	V Adv S (sujeito SN)	S V Adv	S O V Adv
TP	Esquerda	S Adv O V N	V Adv S (sujeito SN)	S Adv V	S Adv O V
CP	Direita	* S O V N Adv	VS Adv (sujeito SN)	S V Adv	S O V Adv
CP	Esquerda	Adv S O V N	Adv VS (sujeito pronominal)	Adv SV	Adv S O V

Como nos comprometemos inicialmente, apresentamos até aqui a derivação das estruturas Juruna considerando desde a formação dos VPs, os processos de inserção de sujeito (vP), de inserção de categorias funcionais (IP e CP), concordância e advérbios. Finalmente, adentraremos no último tópico que nos propomos a discutir neste trabalho que é o processo de quantificação associado e a relação deste processo com a estrutura da língua.

### **2.viii. Quantificação**

*Os morfemas {-i}, {se} e {da}*

Como dissemos anteriormente os sintagmas nominais em Juruna podem aparecer, mas não necessariamente aparecem nus, isto porque eles podem apresentar demonstrativos antecedendo o nome, marcação morfológica para número e quantificadores, tal como discutiremos nesta seção. O fato dos nomes em Juruna poderem ter, mas não necessariamente terem especificação para número, faz com que seja possível associar a eles uma denotação cumulativa<sup>101</sup>, assim como ocorre com os verbos salientando, portanto, o paralelismo entre estes dois domínios. Tanto no caso dos nomes como no caso dos verbos, o processo de singularização ou de pluralização<sup>102</sup> elimina da denotação do nome a denotação singular e a denotação plural de entidades, respectivamente e, no caso dos verbos, estes mesmos processos eliminam a denotação singular e a denotação de plural de eventos, respectivamente. Os processos de singularização podem ser associados aos numerais (143.a.) e aos demonstrativos (143.b.) no caso dos nomes e a numerais (144), apenas, no caso dos verbos, tal como vemos a seguir:

**(143.a.)**      **Meme hinaku**                      **maçã**                      **eparatxaratxade**  
*um (numeral)*                              *maçã*                      *madeira*  
 “Tem uma maçã na madeira” (Lima IV)  
 \* Tem maçãs na madeira

**(143.b.)**      **Yakī**              **ali**              **kāibi**              **lakarikada**  
*Dem.*              *criança*              *ontem rir*  
 “Esta criança riu ontem (em um único evento ou vários eventos)” (Lima V)  
 \* Crianças riram ontem (em um único ou vários eventos)

**(144)**      **Meme hinaku**                      **Maria**                      **tahu**  
*Um*    *Maria*                      *correr*  
 “Maria correu uma vez” (Lima V)  
 \* Maria correu muitas vezes.

<sup>101</sup> A noção de cumulativo a qual estamos nos remetendo é a mesma apresentada por Kratzer (2005), segundo a qual os nomes e verbos podem ser neutros, nesse sentido, podendo ser singulares ou plurais, quando não são delimitados.

<sup>102</sup> Por “singularização” estamos nos referindo ao processo segundo o qual quantificadores que tenham o traço [+ singular] quando associados a nomes ou verbos eliminam destes denotações plurais. Por “pluralização” estamos nos referindo ao processo segundo o qual quantificadores que tenham o traço [+ plural] quando associados a nomes ou verbos eliminam destes denotações singulares.

No que compete aos processos de pluralização dos nomes, a língua Juruna apresenta três morfemas associados ao conceito de plural, a saber {-i}, {da} e {-se}.

Primeiro, o morfema {-i}<sup>103</sup> só pode ser associado a nomes [+humano] tanto na posição de sujeito de verbo intransitivo (145.b.), na posição de sujeito transitivo (145.a) e na posição de objeto (145.c.) – neste contexto, a leitura singular é eliminada da denotação do nome:

- (145.a.)        **Senahĩ-i**                    **kota**                    **ixu**  
                     *Homem-pl*                    *cobra*                    *comer*  
                     “Homens comeram cobra/ cobras (em um único evento ou vários eventos)”  
 (Lima IV)  
                     \* “O homem comeu a cobra/ as cobras (em um único evento ou vários eventos)”

- (145.b.)        **Iidja-i**        **imambĩmambĩu**  
                     *Mulher-pl*        *engravidar.dupl.*  
                     “Mulheres engravidaram” (múltiplos eventos) (Lima II)  
                     \* Mulher engravidou (em um único ou vários eventos)

- (145.c.)        **João iidja-i**        **lapĩapĩku**  
                     *João*    *mulher-pl*        *engravidar*  
                     “João engravidou mulheres muitas vezes” (Lima II)  
                     \* “João engravidou uma única mulher”

Por outro lado, como dissemos, nomes [- humano] não são marcados para plural com o morfema {-i}:

- (146)            \*        **Senahĩ**                    **kota-i**                    **ixu**  
                     *Homem*                    *cobra-pl*                    *comer* (Lima IV)

<sup>103</sup> Vale notar que Fargetti (2001; 142) fala sobre o morfema {-i} como marca de plural que é utilizada na formação da terceira pessoa do plural pronominal (*abidai*). Ainda observando “*abidai*” também podemos ressaltar a presença de {da} o qual a autora traduz como “pessoal, grupo”. A autora também diz que o morfema {-i} ocorre como plural em nomes “humano”.





2) pode co-ocorrer em sentenças cujos argumentos nominais estão marcados por {-i} assim como pode ocorrer em um nome neutro;

(152.a.)      **wĩ**                      **da**                      **senahĩ**  
*chegar*                      *coletivo*                      *homem*  
 “Os homens chegaram (juntos)” (Lima II)

(152.b.)      **wĩ**                      **da**                      **senahĩ-i**  
*chegar*                      *coletivo*                      *homem-pl*  
 “Os homens chegaram (juntos)” (Lima II)

3) aparentemente, apenas é associado a argumentos na posição de sujeito;

4) possivelmente traz propriedades semânticas de indeterminação, pois na ausência do sujeito fonologicamente realizado, ela pode aparecer demarcando a existência dos traços de sujeito [+ humano], [+ coletivo] [+ indeterminado]:

(152.c.)  
**epia**                                      **upipi**                                      **da**  
*buraco*                                      *cavar.dupl*                                      *pl*  
 “(eles) cavaram o buraco” (Lima II)

5) pode co-ocorrer com verbos duplicados (152.c.) e não duplicados (152.d.):

(152.d.)  
**wĩ**                                      **da**                                      **senahĩ**  
*chegar*                                      *pl.*                                      *homem*  
 “Homens chegaram” (Lima II)

Não é apenas o morfema {se} que ocorre na formação de formas pronominais em Juruna. O morfema {da} também forma pronomes demonstrativos que só podem estar associados a nomes [+humano] a partir da interação com outro morfema de plural,

no caso, {-i} (também associado apenas a nomes [+humano]), tal como veremos a seguir, com a tabela (154) – apresentada anteriormente e retomada aqui:

(153)

Demonstrativo singular	Demonstrativo plural	Demonstrativo plural segmentado		
Akĩ	Akĩdai	Akĩ	da	i
		Demonstrativo	Coletivo	Morfema de plural para {+humano}
Abĩ	Abĩdai	Abĩ	da	i
		Demonstrativo	Coletivo	Morfema de plural para {+humano}

Um outro processo de pluralização em Juruna diz respeito à quantificação com numerais. Quando o argumento quantificado é uma entidade, ao número é acrescido a vogal {a}, se ele não termina em {a}. Por exemplo, o número três na língua é *txabiũ*. Quando ele é utilizado para quantificar entidades ele passa a ser *txabĩa*.

Vale dizer que é possível (mas não necessário) que o numeral interaja com outros marcadores de plural (como o morfema {-i}, por exemplo). A interação ou não com a morfologia de plural acarreta interpretações diferentes da sentença, a saber:

- Sentenças com quantificação numeral, com nome cumulativo:

(154.a.)      **Txabĩa      senahĩ      wanã**  
*Três            homem        correr.forma supletiva plural*  
 “Exatamente três homens correram (vários eventos)” (Lima V)  
 Literal: “Três homens correram”

- Sentenças com quantificação numeral, com nome plural:

**(154.b.)**      **Txabĩa**                      **senahĩ-i**              **wanã**  
*Quatro*                      *homem-pl*              *correr.forma supletiva plural*  
 “Três (ou quatro, ou cinco) homens correram (vários eventos)” (LimaV)  
 Literal: “Três homens correram”

Os exemplos acima mostram que quando há um numeral quantificando um nome cumulativo, a interpretação é que apenas aquele número de homens e exatamente aquele número de homens correram. Por outro lado, se o número quantifica um nome com morfologia de plural, a interpretação passa a ser que, a partir do número especificado, é possível que mais duas pessoas tenham executado a ação. Para tornar a questão clara: se o número é três e o nome é marcado com o plural (como em 154.b) a interpretação passa a ser “entre três a cinco homens correram” (isto é, o número três acrescido de mais duas pessoas).

Vistos os fatos acima, fica claro que os processos de pluralização apresentam restrição sintática (no caso de {-se}, que não quantifica sujeitos transitivos e {da} que só está associado a sujeitos) e semântica (o traço [-/+ humano] no caso de {-i} e {da}). No que compete ao traço [-/+ humano], este processo é comum em outras línguas Tupi, como vemos a seguir:

**(155)**

**Marcação de plural e coletivo nas línguas Tupi**

Línguas	Singular	Plural
Mekéns	zero	Galucio (2001; 29): /-iat/ (sem restrição de uso. Pode não ser marcado se há outras marcas de plural na sentença).
Karitiana	zero	Müller, Storto e Coutinho-Silva (2005): zero <sup>104</sup>
Munduruku	zero	A partir da observação dos exemplos de Angotti (1998) observamos que a língua parece não marcar número, assim como Karo e Karitiana.
Gavião	zero	Moore (1984): /éèy/ (só para nomes animados)

<sup>104</sup> Storto (comunicação pessoal) e outros autores (tal como Seki [2000]), hipotetizam a existência de um marcador morfológico para coletividade. No caso de Karitiana, há um sufixo /-ra/ em adjetivos com sentido de coletivo e/ou quantidade (não se trata de flexão de número).

Xipaya	zero	C. Rodrigues (1995; 10): /-i/ (só para sujeitos: animados e inanimados).
Kar	zero	(Gabas Jr. 1999; 41): zero
Juruna	zero	/-i/ : para sujeitos ou objetos {+ humano}. {da}: (só para sujeitos {+humanos}, {- determinados}).
Kamaiurá	zero	(Seki 2000; 59): Sufixos: {-met}/(-het)/{-wet}/{-n} (para nomes [+animados] em grande parte, [+humano]).

Aparentemente, não há relação entre quantificação dos nomes e a distinção contável- massivo. Em Juruna, nomes tradicionalmente considerados como contáveis e nomes tradicionalmente considerados massivos (como “água”) apresentam o mesmo comportamento sintático<sup>105</sup> e as mesmas restrições de quantificação, que foram as apresentadas anteriormente e que resumimos na tabela a seguir:

(156)

Morfema de plural	Onde ocorre	O que quantifica				Restrições semânticas
		S.I.	S.T.	O	V	
{-i}	Sufixado ao nome.	sim	sim	sim	não	[+humano]
{-se}	Sufixado ao verbo.	sim	não	Sim	Não	Nenhuma
{da}	Pós-verbalmente.	sim	sim	não	não	[+humano]

<sup>105</sup> A literatura a qual nos referimos é: Link (1983), para o qual nomes massivos são os que não apresentam partes mínimas, como “ouro”; Cherchia (1998) cuja proposta coloca os nomes massivos como um conjunto no qual há tanto indivíduos singulares como plurais, ou seja, são nomes neutros; Paraguassu (2005; 67) segundo a qual “a distinção entre nomes contáveis e massivos só é visível em contextos marcados para contabilidade”; Müller & Paraguassu (2006) e Paraguassu (2007).

Os nomes massivos, portanto, podem aparecer em contexto contável sem que a eles estejam associados um sintagma de medida ou um classificador (157.b) e terão as mesmas restrições que os outros nomes, de acordo com suas propriedades semânticas ([+/- humano]) e posição sintática (sujeito intransitivo, transitivo, ou objeto) – diferente do que acontece em Karitiana (Müller, Storto & Coutinho-Silva 2006) (158.b.):

**(157) Juruna**

**(157.a.)**

<b>iidja</b>	<b>yauda</b>	<b>xaa</b>	<b>he</b>	<b>i'a</b>	<b>dju</b>
<i>mulher</i>	<i>dois</i>	<i>cuia</i>	<i>locativo</i>	<i>água</i>	<i>trazer</i>

“(A) mulher trouxe 2 cuias de água” (Lima III)

**(157.b.)**

<b>iidja</b>	<b>yauda</b>	<b>i'a</b>	<b>dju</b>
<i>mulher</i>	<i>dois</i>	<i>água</i>	<i>trazer</i>

“(A) mulher trouxe 2 água” (Lima III)

**(158) Karitiana**

**(158.a.)**

<b>jonso</b>	<b>nakaot</b>	<b>sympomp</b>	<b>bytypip</b>	<b>ese</b>
jonso	naka-ot-ø	sympom-t	byt<y>-pip	ese
<i>mulher</i>	<i>decl-trazer-nfut</i>	<i>dois-obl</i>	<i>cuia-em</i>	<i>água</i>

“Mulher trouxe 2 cuias de água”

**(158.b.)**

<b>* jonso</b>	<b>nakaot</b>	<b>sympomp</b>	<b>ese</b>
jonso	naka-ot-ø	sympom-t	ese
<i>mulher</i>	<i>decl-trazer-nfut</i>	<i>dois-obl</i>	<i>água</i>

“Mulher trouxe 2 água”

Dados os fatos que vimos até agora, podemos dizer que os nomes podem ser interpretados como neutros em relação a número uma vez que o plural pode ser marcado

na língua, mas não necessariamente o é. Essa opcionalidade está associada ao fato que a denotação dos nomes engloba indivíduos singulares e plurais. Essa opcionalidade da morfologia de plural não é característica apenas do Juruna e de outras línguas do tronco Tupi, mas também de línguas como Húngaro e Turco (Rullmann 2003, *apud* Müller, Storto & Coutinho-Silva 2006) e de línguas indígenas da América do Norte (Mithun 2001).

A ausência de morfologia de plural não acarreta que estamos diante de um nome singular uma vez que os nomes são cumulativos e podem ser interpretados como singular ou plural. Desta forma, não se trata de uma língua em que o plural é marcado e que o singular é *default*, não marcado. Mas antes que não há morfologia para singular: só sabemos que se trata de um único indivíduo em Juruna de acordo com a presença de numerais (um) ou demonstrativos, como vimos em (143a/143b). Caso contrário, a leitura de singular não pode ser associada às sentenças. Ou seja, no caso em que os nomes não são marcados e permanecem nus, é possível dizer que eles são determinados pelo contexto. Isto não é algo que ocorre apenas com os nomes, mas com os verbos da língua, como vimos no capítulo anterior, na seção sobre duplicação verbal. Dados estes fatos, podemos discutir questões relacionadas às duas grandes classes de quantificadores através das línguas: quantificadores-A e quantificadores-D.

#### *Quantificação-A e quantificação-D*

A literatura descreve que a expressão morfológica de quantificação em línguas naturais pode ser dividida em dois grupos: quantificação-D (D de determinante) e quantificação-A (de aspectual, adverbial) (Partee, Bach & Kratzer 1987; Bach et al., (eds) 1995). Sintaticamente, quantificadores-D (como *every* e *most*, para o inglês) formam um constituinte com a categoria lexical N. Quantificadores-A, por sua vez, forma um constituinte com com alguma projeção de V e incluem em seu paradigma advérbios de quantificação (como *usually*, *always*, *in most of cases*), quantificadores flutuantes (*both*, *all*, *each*), auxiliares, afixos verbais e ajustadores de estrutura argumental (Partee 1995; 544). A literatura (Jelinek 1995) tem mostrado que enquanto todas as línguas têm quantificação-A, apenas algumas línguas têm quantificação-D. Feitas essas considerações, discutiremos nessa seção quais são as estratégias de quantificação da língua Juruna tendo em vista a divisão apresentada acima.

Inicialmente apresentaremos um quadro geral dos quantificadores da língua Juruna:

(159)

Quantificador em Juruna	Quantificador em português	Contexto de uso (Lima V)
Anasẽ (junto)	Todo	<b>Anasẽ senahĩ-i kĩhu ubahu</b> <i>Todo homem-pl pescar saber</i> “Todo homem sabe pescar”
Itxibĩ	Muito/ A maior parte	<b>Itxibĩ iidja-i wãñã</b> <i>Muito mulher-pl correr.forma supletiva pl.</i> “Muitas mulheres correram”
Ta’uhinaku	Pouco	<b>Ta’uhinaku iidja-i wãñã</b> <i>Pouco mulher-pl correr.forma supletiva pl.</i> “Poucas mulheres correram”
Itxibĩũ	Menor parte	<b>Itxibĩũ iidja-i wãñã</b> <i>Menor parte mulher-pl correr.forma supletiva pl.</i> “Menor parte das mulheres correram”
Bitehu	Todos	<b>Bitehu senahĩ kĩhu ubahu</b> <i>Todos homem pescar saber</i> “Todos homens sabem pescar”
Wãriũ	Muito/ duro	<b>Maria wãriũ kuperi</b> <i>Maria muito trabalhar</i> “Maria trabalha muito”

Aparentemente, alguns destes quantificadores estão estritamente relacionados a quantificação-D. Um exemplo destes é *itxibĩ*, que se é associado a quantificação de eventos gera uma sentença agramatical (160):

(160) \* **Itxibĩ iidja-i itxibĩ kuperi**  
*Muito mulher-pl muito trabalhar*

“Muitas mulheres trabalham muito” (Lima V)

Para estes casos, é utilizado o quantificador-A *wãriũ*:

- (161) **Itxĩbĩ iidja-i wãriũ kuperi**  
*Muito mulher-pl muito trabalhar*  
“Muitas mulheres trabalham muito” (Lima V)

Outros quantificadores que explicitam que Juruna apresenta distinção entre quantificação-D e quantificação-A são os numerais. Vimos anteriormente que numerais quantificam entidades se a eles são adicionados o sufixo {-a} ou se eles permanecem em sua forma original. Por outro lado, quando os numerais quantificam eventos, eles passam a ser sufixados com o morfema {-ha}, em um processo de adverbialização<sup>106</sup> do número que passa a poder operar sobre eventos, tal como vemos nos exemplos que seguem:

- (162) **João yauda-ha ba’i apĩ**  
*João dois-adverb. paca atirar*  
“João atirou na(s) paca(s) duas vezes” (Lima V)  
\* João atirou duas vezes na paca.

- (163) **Txabĩ-a-ha Pedro tahu**  
*Três-nom.-adverb. Pedro correr*  
“Pedro correu três vezes” (Lima V)  
\* Três Pedro(s) correram.

Os numerais adverbializados só quantificam eventos; de modo que o uso deles com nomes é agramatical:

---

<sup>106</sup> Agradecemos aqui a sugestão de Marcelo Ferreira (comunicação pessoal) para o processo de mudança dos numerais em quantificadores de eventos através do processo de adverbialização a partir do qual o numeral modificado por {-ha} passa a receber traços de advérbios e, por conseguinte, só quantifica eventos, não entidades.

(164) \*      **Senahĩ-i**                      **jawuadaha**  
                  *Homem-pl*                      *dois.nom*                      (Lima V)

(165) \*      **txabĩaaha**                      **senahĩ-i**  
                  *três-nom.*                      *homem-pl*                      (Lima V)

É relevante fazer uma ressalva importante sobre o processo de “adverbialização” do numeral: vemos que *txabiũ* (três), antes de ser adverbializado é nominalizado: *txabiũ* (número) > *txabia* (número para quantificação de entidades, somente) > *txabia-ha* (número para quantificação de eventos, somente).

Os numerais são relevantes ainda para a estruturação de sentenças existenciais, tal como vemos a seguir:

(166)

**Meme hinaku**                      **maçã**                      **eparatxaratxade**  
*um (numeral)*                      *maçã*                      *madeira*

“(Tem) uma maçã na madeira” (Lima IV)

(167)

**ijawuda**                      **maçã**                      **epatxarutxade**  
*duas*                      *maçã*                      *madeira*

“(Tem) duas maçãs na madeira” (Lima IV)

Uma outra questão que podemos retomar é a questão da genericidade. Jelinek (1995) baseada em dados de Strait Salish afirma que a genericidade é marcada através de nomes plurais ou massivos. Em Juruna, por outro lado, sentenças com interpretação de genericidade não são marcadas por plural; os nomes permanecem neutros nestes casos:

(168)

**iidja**                      **ali**                      **izakazaka**  
*mulher*                      *criança*                      *Cuidar.dupl*

“Mulher/mulheres sabe/sabem cuidar de criança direito” (Lima IV)

No que compete à ordem em sentenças em que o quantificador é um numeral, tanto o numeral que quantifica entidades quando o numeral adverbializado que quantifica eventos ocorre na mesma posição, anterior ao VP:

(169)

<b>João</b>	<b>yauda-ha</b>	<b>ba'e</b>	<b>apipi</b>
<i>João</i>	<i>dois (vezes)-nom.</i>	<i>paca</i>	<i>atirar.dupl</i>

“João atirou duas vezes em uma paca” (Lima V)

(170)

<b>una</b>	<b>yauda</b>	<b>ba'e</b>	<b>ixu</b>
<i>Is</i>	<i>dois</i>	<i>paca</i>	<i>comer</i>

“Eu comi duas pacas” (Lima V)

No caso de sentenças em que o numeral quantifica eventos, o verbo pode ser duplicado de forma que o numeral especifica quantas foram as ocorrências do evento “plural”, já que a duplicação não especifica detalhes (em relação a número de vezes) do evento plural, enquanto que o numeral adverbializado sim. Dessa forma, os quantificadores numerais, em contexto de verbo duplicado, são modificadores do argumento evento pluralizado por duplicação verbal. Este mesmo fato também é observável com os nomes da língua. Um nome quantificado por um numeral pode aparecer morfologicamente marcado por plural, o que mostra uma simetria no processo de pluralização nominal e verbal.

Enquanto em (169) é explícita a pluralidade de eventos, em (170), acima e (171), abaixo, a ausência da duplicação deixa a sentença neutra em relação ao número de eventos. Dessa forma, a sentença pode remeter a um único evento de [comer duas pacas]/[ver dois macacos], ou vários eventos temporalmente ou espacialmente diferentes de [comer duas pacas]/[ver dois macacos]:

(171)

<b>João</b>	<b>yauda</b>	<b>perumã</b>	<b>zaku</b>
<i>João</i>	<i>dois</i>	<i>macaco</i>	<i>ver</i>

“João viu dois macacos” (Lima V)

(172)

<b>João</b>	<b>yauda-ha</b>	<b>perumã</b>	<b>zaku</b>
<i>João</i>	<i>Dois-nom.</i>	<i>macaco</i>	<i>ver</i>

“João viu macaco duas vezes” (Lima V)

Em (171) e (172) – assim como em (169) e (170) - não há ambigüidade em relação ao fato do número estar quantificando somente [macaco] ou [ver macaco], uma vez que, quando os numerais incidem sobre todo o evento, eles são adverbializados (170 e 172) – *ijaudaha* -, enquanto que quando eles incidem sobre apenas o argumento interno do verbo, eles não são nominalizados ou permanecem com sua forma original (169 e 171) – *ijauda*, no caso das sentenças analisadas. Isso nos permite concluir que o número só incide sobre nomes, mas não sobre predicados. Desta forma, os numerais *per se* só têm escopo sobre argumentos (quantificação-D, portanto) e numerais adverbializados podem, então, ter escopo sobre predicados (quantificação-A) – de modo que a quantificação de entidades e de eventos co-ocorrem:

(174) Sewane	<b>senahĩ-i</b>	<b>yauda-ha</b>	<b>wãã</b>
<i>Dez</i>	<i>homem-pl</i>	<i>dois-adverb.</i>	<i>Correr (forma supletiva plural)</i>

“Dez homens correram duas vezes” (Lima V)

Wiltschko (2005), baseada em fatos lingüísticos da língua Halkomelem (falada no Canadá) mostra que a ausência de morfema de plural não acarreta que exista singular nessa língua. Juruna e Halkomelem, aparentemente, apresentam um mesmo comportamento em relação ao plural, o qual é opcional e não desencadeia concordância. Wiltschko (2005) advoga em favor de que o plural, por ser sintaticamente opcional, pode ter a função de um modificador<sup>107</sup>.

A justificativa da autora para dizer que o plural funciona como um modificador decorre do seu comportamento semelhante a outros modificadores. Por exemplo, os modificadores – que não são sintaticamente exigidos e são opcionais – quando ausentes nas sentenças não recebem uma interpretação (ou seja, o vazio de um modificador não gera interpretação). Isto é, a ausência de plural nas línguas citadas não gera a

---

<sup>107</sup> Wiltschko (2005) propõe que o plural funciona como um modificador ao invés de ser uma categoria gramatical. A autora procura, com esta discussão, debater a variação translingüística da marcação de plural avaliando as possibilidades de ele estar relacionado a um parâmetro sintático ou a um parâmetro semântico.

interpretação de singular (e, ademais, a ausência de plural não acarreta dizer que há um singular vazio).

Outra característica dos modificadores é que eles não exigem concordância. Em Juruna (assim como em Halkomelem, tal como discute Wiltschko [2005]) a concordância de número pode estar ausente enquanto que em línguas como inglês ela é obrigatória. Desta perspectiva, naquelas línguas, mas não nesta, o plural se configura como uma exigência semântica ou pragmática – o que não acarreta que estes traços não sejam sintaticamente verificados. Como um traço-phi, estes traços de número são checados em vP em Juruna.

Faz-se necessário apresentar algumas outras considerações sobre ordem e movimento de quantificadores nas sentenças Juruna. Basicamente, os quantificadores podem ser encontrados em duas configurações. A ordem canônica é o quantificador (D ou A) precedendo o nome ou o verbo que quantifica, respectivamente. Dessa forma:

- Co-ocorrência de quantificação numeral de entidade e evento (reiteração do exemplo em (174):

(174) **Sewane      senahĩ-i      yauda-ha      wãã**  
*Dez      homem-pl      dois-adverb.      Correr (forma supletiva plural)*  
“Dez homens correram duas vezes” (Lima V)

- Co-ocorrência de quantificação numeral de entidades (sujeito e objeto):

(175) **Yauda      ali      duadjuse      perumã      zaku**  
*Dois      criança      quatro      macaco      ver*  
“Duas crianças viram quatro macacos” (Lima V)

- Co-ocorrência de quantificação numeral de entidade e adverbial de evento:

(176) **Meme hinaku      iidja      ukãhãũ      kuperi**  
*Um (numeral)      mulher      sempre      trabalhar*  
“Uma mulher trabalha sempre” (Lima V)

- Co-ocorrência de quantificador, demonstrativo e nome:

**(177) Anasẽ            abĩ   iidja-i            wãñã**

*Todo (junto)    essa    mulher-pl    correr (forma supletiva plural)*

“Todas juntas essas mulheres correram”    (Lima V)

Contudo, os quantificadores podem ocorrer em outras posições, tal como vemos:

- Quantificador adverbial *ukahãũ*:

**(178) Iidja            ukahãũ            karia            (S Adv V)    (ordem básica)**

*Mulher            sempre            dançar*

**(179) Ukahãũ            iidja            karia            (Adv S V)**

*Sempre            mulher            dançar*

**(180) Iidja            karia            ukahãũ            (S V Adv)**

*Mulher            dançar            sempre*

“Mulher sempre dança”    (Lima V)

- Quantificador *itxibĩ*:

**(181) Itxibĩ            iidja            karia**

*Muito            mulher            dançar*

**(182) Iidja            itxibĩ            karia**

*Mulher            muito            dançar*

**(183) Iidja            karia            itxibĩ**

*Mulher            dançar            muito*

“Muitas mulheres dançam”

A razão para *ukahãũ* e *itxibĩ* poderem ocorrerem livremente na sentença decorre principalmente do fato de eles serem advérbios, e estarem associados exclusivamente a

quantificação de eventos e de entidades, respectivamente. Este fato reforça a hipótese que há, em Juruna, quantificadores D e quantificadores A.

Os fatos apresentados até aqui mostram ainda uma outra característica importante sobre os processos de quantificação em Juruna: o plural de entidades pode acarretar plural de eventos, tal como propõe Lasersohn (1995). Lasersohn (1995; 243) parte do fato que a pluralidade verbal (expressa em Juruna via duplicação<sup>108</sup> e supleção) pode estar associada em algumas línguas a outros fatos como perfectividade, causatividade ou pluralidade de argumentos (sujeito e objeto). O autor parte do fato que alguns eventos plurais acarretam necessariamente que mais de um objeto esteja envolvido. Desta perspectiva, se diferentes indivíduos independentemente performam uma dada ação, esta ação será normalmente performada em diferentes espaços e tempos, simplesmente porque os indivíduos não podem simplesmente ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo e, logo, haverá pluracionalidade de eventos (Lasersohn 1995; 250).

Para explicitar esta questão podemos apresentar um outro exemplo, no qual múltiplos eventos acarretam múltiplos objetos. Desta forma, o evento “o homem come cobra sempre” (184, a seguir) que é em Juruna um evento plural acarreta pluralidade de objetos envolvidos na ação, uma vez que um indivíduo não pode comer a mesma cobra sempre (pensando na cobra como algo finito e como objeto, não espécie):

**(184)**

<b>Senahĩ</b>	<b>kotá</b>	<b>ixixi</b>
<i>homem</i>	<i>cobra</i>	<i>comer.dupl</i>

“Homem come sempre cobra” (Lima IV)

Por outro lado, esta não é uma relação biunívoca. Há sentenças em que múltiplos eventos não implicam em múltiplos objetos, mas em uma série de eventos realizados por um mesmo indivíduo no mundo tal como vemos a seguir:

**(185)**

<b>João</b>	<b>Maria</b>	<b>yaekuakua</b>
<i>João</i>	<i>Maria</i>	<i>recordar-dupl.</i>

“João recorda de Maria (várias vezes; sempre)” (Lima III)

---

<sup>108</sup> . A duplicação, como já vimos anteriormente (seção “Duplicação verbal, capítulo I”), é um marcador pluracional responsável por marcar o plural de eventos na língua sendo, portanto, um quantificador-A.

Finalmente é necessário fazermos algumas considerações a despeito de expressões como “ninguém”, “nenhum” e “nunca”. Em Juruna, quando negamos o verbo<sup>109</sup> podemos tanto ter uma leitura episódica ou adverbial:

(186)

**Aimbata**

*rede*

**i’urãũ**

*Molhar-neg*

“Redes não molharam”/ “Redes não molham”/ “Redes nunca molham” (Lima IV)

Como vemos, há as duas leituras associadas ao modo *realis* (passado e presente) sendo que, destas, a leitura presente também pode estar associada a uma leitura adverbial (redes nunca molham). Apesar dessa possibilidade, a língua também apresenta um advérbio de negação *kabẽ* (nunca):

(187)

**I-saka**

*3s-ver*

**una**

*Is*

**made be**

*lua dat*

**kabẽ**

*nunca*

“Eu nunca vejo a lua” (Lima IV)

Contudo, como vimos anteriormente, apesar da existência de *kãbe* (“nunca”), é fato que os falantes parecem utilizar em variação livre a negação no verbo para expressar tanto a noção adverbial de “nunca” assim como a noção episódica de “não” (188):

(189)

**João**

*João*

**lakarika**

*briga*

**ã-ũ**

*gostar-neg.*

“João não gosta/ nunca gostou de briga” (Lima IV)

<sup>109</sup> Fargetti (2001) já havia descrito que a negação em Juruna ocorre com a inserção do morfema {ũ} sufixado à raiz verbal.

No que compete às leituras associadas à entidade - ninguém/ nenhum-, também é necessária a negação do verbo seguida de um demonstrativo:

<b>(190)</b>	<b>Saũ</b>	<b>anĩ</b>	<b>papera</b>	<b>aka</b>	<b>dibĩ</b>
	<i>Sair.neg</i>	<i>dem.</i>	<i>escola</i>		<i>da</i>
	“Ninguém saiu da escola”/ “Nenhum daquele saiu da escola” (Lima IV)				

Em sentenças estativas, a negação ocorre no adjetivo, tal como vemos em (191.b) em oposição a (191.a.):

<b>(191.a.)</b>				
<b>Bitehu</b>	<b>ka’a batxia</b>		<b>asõrĩ</b>	<b>txa</b>
<i>Todo</i>	<i>flor</i>		<i>vermelho</i>	<i>Auxiliar</i>
	“Todas as flores são vermelhas” (Lima IV)			

<b>(191.b.)</b>				
<b>Bitehu</b>	<b>ka’a batxia</b>		<b>asõrĩa-ũ</b>	<b>Txa</b>
<i>Todo</i>	<i>flor</i>		<i>vermelho-neg</i>	<i>Auxiliar</i>
	“Todas as flores não são vermelhas” (Lima IV)			

Exemplos como “Todas as flores não são vermelhas” são importantes para mostrar que o quantificador universal *bitehu* (“todo”) pode ter escopo sobre a negação. Tal como nos mostra (191.b.).

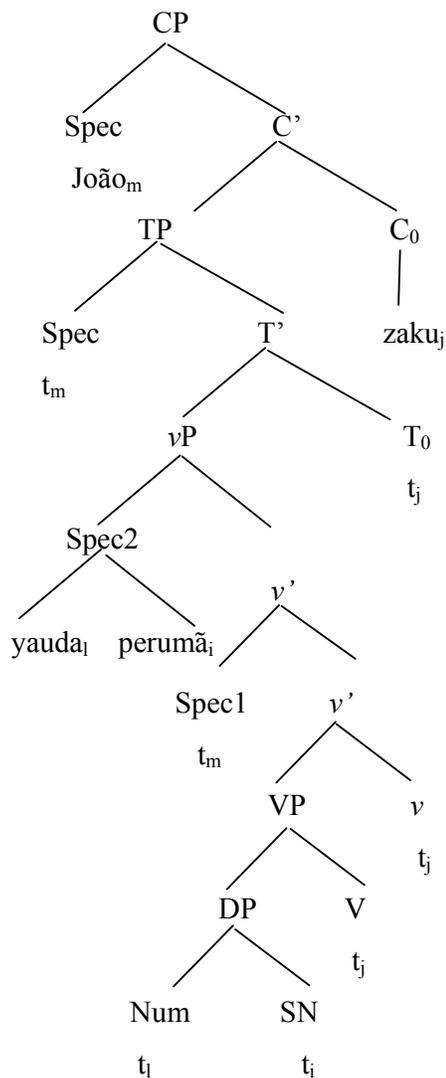
Visto os fatos apresentados, podemos apresentar algumas propostas para a estruturação da quantificação na língua Juruna. Vimos na seção anterior que os advérbios são inseridos por adjunção e que a ordem das sentenças depende do local onde o advérbio foi adjungido. Pretendemos mostrar que o mesmo ocorrerá com os quantificadores-A. Antes, porém, apresentaremos algumas considerações sobre a projeção dos quantificadores-D. Tomemos por base a sentença (192), retomada a seguir:

(192)

<b>João</b>	<b>yauda</b>	<b>perumã</b>	<b>zaku</b>
<i>João</i>	<i>dois</i>	<i>macaco</i>	<i>ver</i>

“João viu dois macacos” (Lima V)

(193) : Estrutura de projeção de quantificador-D (objeto)

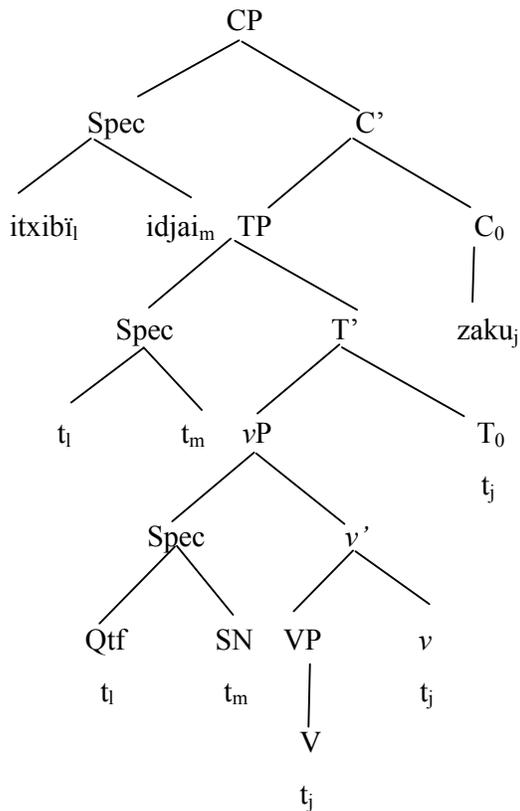


Propomos que no caso de quantificação-D, os quantificadores serão projetados no interior do DP do nome/pronome que eles quantificam (de forma que poderíamos hipotetizar que eles são determinantes). No exemplo acima, o quantificador incidia

sobre o objeto e, logo, foi gerado junto a ele, em VP. No que compete à quantificação do sujeito das sentenças (como vemos no exemplo (159) reiterado abaixo), o quantificador é gerado em *vP*, junto ao sujeito projetado em Spec de *vP*:

**(159) Itxibī iidja-i wãñã**  
*Muito mulher-pl correr forma supletiva plural*  
 “Muitas mulheres correram” (Lima V)

(194): Estrutura de projeção de quantificador-D (sujeito)



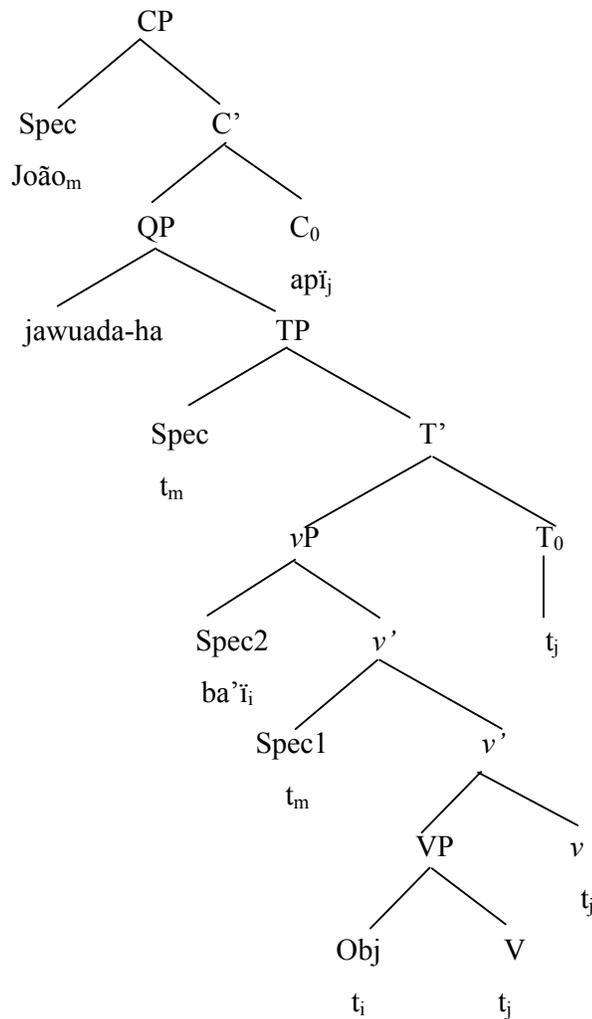
Portanto, para a quantificação-D o quantificador é sempre gerado junto ao nome que quantifica. No que compete à quantificação-A o processo é por projeção de QP (*quantifier phrase*). Apesar dos quantificadores-A estarem associados ao argumento evento e, logo, ao verbo da sentença, os quantificadores não ocorrem prepostos aos verbos, mas prepostos aos VPs – fato que só é perceptível em sentenças transitivas, já que as intransitivas são constituídas apenas de sujeito e verbo e por elas poderíamos hipotetizar que o quantificador-A é gerado da mesma forma que o quantificador-D. Retomemos um exemplo de quantificação-A:

(162) João            yauada-ha            ba’i            apĩ  
          João            dois-adverb.            paca            atirar

“João atirou na(s) paca(s) duas vezes” (Lima V)

Como vemos em (162), há uma quantificação do evento – e não há ambigüidade se é quantificação de evento ou entidade uma vez que os números “adverbializados” só quantificam evento -, contudo este quantificador ocorre preposto ao VP completo, não entre o objeto e o verbo. Aliás, como já vimos no capítulo sobre inserção de advérbios, não há adjunção entre objeto direto e verbo. Visto isso, o processo de inserção deste quantificador segue o mesmo princípio dos advérbios na língua. Também os quantificadores ocorrem preposto ao VP. Sendo assim, apesar de ser possível a adjunção de QP à esquerda de *vP*, temos que considerar que verbos inacusativos não apresentam essa projeção. Por conseguinte, a adjunção de quantificador ocorrerá à esquerda em TP, como vemos abaixo inicialmente considerando uma sentença transitiva:

(195): projeção de quantificador-A (verbos transitivos)

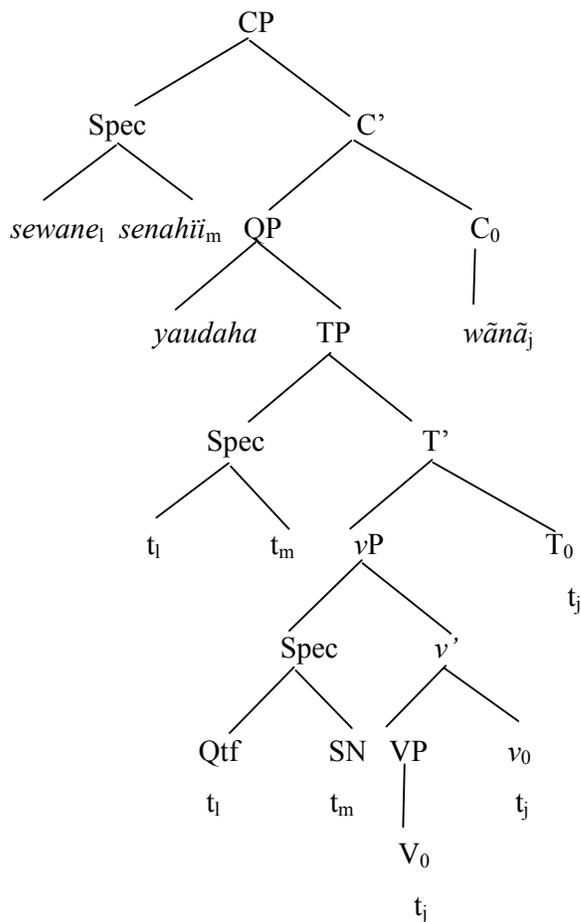


O que a estrutura acima ressalta é uma proximidade entre os processos de adjunção de advérbios e de quantificadores. Contudo, vale dizer que a tendência é a de quantificadores estarem mais próximos do VP do que os advérbios de forma que hipotetizamos que o advérbio estará acima de QP na estrutura. Vale fazer uma outra ressalva para a razão pela qual QP, apesar de quantificar o VP não ocorre imediatamente acima dessa projeção. A razão é que se adotássemos essa estrutura (QP imediatamente acima de VP) teríamos, após o movimento do verbo para Spec2 de vP, o quantificador-A entre o objeto e o verbo, algo que não ocorre em Juruna. No caso de quantificação de eventos em sentenças intransitivas, podemos manter a mesma estrutura

da vista para transitivas, tal como vemos a seguir a partir do exemplo (173), reiterado abaixo:

- (173) **Sewane      senahĩ-i      yauda-ha      wãñã**  
*Dez            homem-pl      dois-adverb.      Correr (forma supletiva plural)*  
 “Dez homens correram duas vezes” (Lima V)

(196): projeção de quantificador-A (sentenças intransitivas)



Vale reiterar que a duplicação e a supleção também operam como processos associados à quantificação-A. Contudo, elas ocorrem no interior do VP pois são processos que ocorrem no interior da raiz verbal, como discutimos anteriormente. O fundamental é mostrar, portanto, que Juruna apresenta quantificadores-A e -D que se distinguem a partir dos argumentos sobre os quais incidem e, por essa razão, apresentam propriedades sintáticas diferentes.

Outro fato essencial que começamos a discutir no capítulo sobre duplicação verbal e retomamos aqui é o paralelismo essencial entre o plano nominal e verbal. Em síntese:

<b>Nomes</b>	<b>Verbos</b>	<b>Conseqüência teórica</b>
Neutros/ cumulativos	Neutros/ cumulativos	Se os nomes são neutros, isto acarreta dizer que eles são cumulativos: isto é, que podem denotar eventos singulares e plurais fato que é universal (Kratzer 2001).
Podem ser pluralizados através de morfemas de plural ({-i}, {-se} e {da}), por demonstrativos plurais, por quantificadores-D (o que inclui os numerais).	Podem ser pluralizados através de duplicação verbal, supleção verbal e quantificadores-A (o que inclui os numerais adverbializados).	Quando os nomes e verbos são pluralizados, é excluída a denotação singular da denotação nominal e verbal.
Podem ser singularizados através de demonstrativos singulares e numerais.	Podem ser singularizados através de demonstrativos singulares e numeral.	Quando os nomes e verbos são singularizados, é excluída a denotação singular da denotação nominal e verbal.
O nome apresenta restrições a partir de seus traços para ser pluralizado.	O verbo apresenta restrições a partir de seus traços para ser pluralizado (por duplicação ou supleção).	Há traços nos nomes e nos verbos que os dividem em classes e restringem as operações associadas a eles.

Desta perspectiva, a língua Juruna corrobora hipóteses como as de Abney (1987), e Bittner & Hale (1996), segundo as quais há simetria entre os planos nominal e verbal não apenas no plano sintático, mas igualmente no plano semântico, como coloca Kratzer (2001), a partir dos processos de quantificação. A proposta de Abney (1987) estava baseada no fato que NPs continham projeções funcionais (como NumP, CIP, NumP) da mesma maneira que as sentenças apresentavam núcleos funcionais (CP, IP, TP, etc). Dessa forma, o autor mostrava a correspondência entre DP-NP e IP-VP. Enquanto a marcação de número em nomes é um fato bastante conhecido e estudado, a marcação de número em verbos e eventos, apesar de menos estudada, também é freqüente através das línguas. Contudo, os mecanismos utilizados são variados entre as línguas e no interior de uma única língua, como pudemos ver em Juruna e salientam, como dissemos, este paralelismo.

### 3. Conclusões gerais

Neste trabalho descrevemos e analisamos os verbos da língua Juruna objetivando apresentar as características e restrições das estruturas sintáticas da língua. Partimos do pressuposto que para a compreensão da sintaxe de uma língua é necessário compreender a estrutura argumental de seus verbos. Descrevemos 302 verbos e os dividimos em dezoito classes verbais, a partir de critérios morfológicos, sintáticos e semânticos. As classes verbais identificadas foram:

- cinco a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais ({-h-}, {-k-}, {-t-}, {-d-}, {-n-});
- duas a partir de bases semântico-fonológicas adjetivais (a partir do verbalizador *maku* e a partir de verbalizador fonologicamente nulo);
- quatro a partir de bases semântico-fonológicas nominais (1) a partir de fusão entre objeto e verbo; 2) a partir do verbalizador fonologicamente nulo; 3) a partir de mudança tonal; 4) a partir do sufixo {-u});
- cinco a partir de bases semântico-fonológicas acategorias (verbos terminados em a, i, ĩ, e, u);
- uma a partir de preposições
- e, finalmente, uma a partir de verbos que se formam com fusão com outra raiz verbal.

Para todas as classes acima, apresentamos as construções e operações morfológicas que cada verbo descrito realiza, tais como: alternâncias de valência (por afixação e via alternância *labile*), duplicação (com função de pluralidade de eventos) e supleção verbal (com função de mudança de valência em verbos inacusativos e pluralidade de eventos/argumentos em verbos transitivos e inergativos). Também mostramos que uma entrada verbal pode ter muitas formas em Juruna. Essa variação decorre de uma série de fatores, nos quais podemos incluir: 1) valência, 2) pluralidade de eventos, 3) especialização semântica (modo como o evento é performado) 4) polidez e 5) sexo do falante.

No que compete a análise teórica dos processos de formação dos verbos, procuramos mostrar que estes itens não são componentes atômicos na sintaxe, mas que apresentam estrutura, assim como as sentenças e, por essa razão, os núcleos são complexos e são determinantes para a derivação das estruturas sintáticas. Desta perspectiva, os fenômenos morfológicos, sintáticos e semânticos que ocorrem nos

verbos decorrem das propriedades das raízes, as quais carregam os traços centrais que restringem as estruturas sintáticas de cada núcleo verbal.

No que compete à sintaxe da língua, partimos da proposta do programa minimalista para a estruturação das sentenças. Procuramos mostrar que as formas pronominais presas em Juruna são concordância quando afixadas aos verbos. Desta perspectiva, o objeto pronominal em Juruna tende a ser um *pro* devido ao princípio *avoid pronoun* (Chomsky 1981). Neste caso, os traços do objeto da sentença são explicitados por concordância e pela presença das formas presas seguidas de dativo, algo que só ocorre quando o objeto é *pro*. Também discutimos que é o processo de distribuição dos morfemas de pessoa que permite dizer que Juruna é uma língua acusativa, uma vez que a concordância em Juruna é sempre realizada com o objeto.

Uma outra questão discutida foi o processo de inserção de sujeitos – que podem ser demonstrativos, nomes e pronomes na língua. A inserção de sujeitos é via projeção de *vP*, a qual é imediatamente superior a *VP* em sentenças inergativas e transitivas e, no caso de inacusativas, o objeto move para posição de Especificador de *Spec TP*. No que compete à questão da concordância, procuramos discutir que ela decorre da projeção de múltiplos *Specs* em *vP*. Em seguida, mostramos que os morfemas de modo *realis* e *irrealis* em Juruna podem ser projetados em *TP* se considerarmos a relação desta morfologia com a noção temporal de futuro vs. não futuro.

No processo de discussão das questões sintáticas Juruna também apresentamos algumas considerações acerca da questão da ordem de constituintes. Nesta língua, a ordem básica é SOV. Em caso do objeto ocorrer pós-verbalmente ele será marcado por Caso dativo. Também será através de questões de ordem que será marcado foco na sentença. Há uma tendência para que os argumentos focalizados sejam movidos para a primeira posição da sentença (*Spec,CP*). Outra característica importante da língua é a possibilidade de variação de ordem em sentenças intransitivas de acordo com o tipo de sujeito: sujeitos pronominais tendem a ser pós-verbais (VS) enquanto que sujeitos SN tendem a ser pré-verbais (SV).

Ainda para analisar a estrutura da língua discutimos os processos de inserção de advérbios em Juruna. Em síntese, a principal característica dos advérbios na língua é o fato da distribuição destes adjuntos ser livre, de forma que as únicas posições em que há restrição para a inserção de advérbios é entre o objeto e o verbo ou após núcleos funcionais (relativizador e subordinador). Mostramos que a inserção de advérbios em Juruna ocorre sempre nos núcleos *TP* ou *CP*, independentemente do tipo de estrutura

(transitiva, intransitiva SV ou VS). Finalmente, no capítulo de quantificação, mostramos que há, em Juruna, distinção entre quantificação-A e quantificação-D e que os processos de quantificação de nomes e verbos em Juruna salientam o paralelismo entre os planos nominal e verbal assim como salientam a cumulatividade, que é um universal para nomes e verbos.

Tendo os fatos apresentados em vista, como salientamos inicialmente, este trabalho procurou contemplar uma descrição dos verbos da língua Juruna a partir de critérios semânticos, sintáticos e morfológicos. A descrição exaustiva das propriedades dos verbos nos permitiu discutir questões sintáticas da língua, com o objetivo de avançar com o conhecimento da sintaxe da língua Juruna e, por conseguinte, contribuir com os estudos de universais sintáticos, semânticos e morfológicos. Dados os objetivos iniciais e os resultados obtidos, enfatizamos que para a compreensão da sintaxe de uma língua é necessário compreender a estrutura argumental de seus verbos.

***Índice remissivo por assunto***

<b>Tema</b>	<b>Páginas</b>
Adverbialização	271
Alternância labile	50
Alternância transitivo-incoativa/ alternância simples	51
Antipassiva	139; 140; 141
Argumento interno; especificador interno	100; 103
Base semântico-fonológica	08; 76
Causativização	51
<i>Conflation</i>	73
Cumulativo	141; 152; 195; 260; 285
Duplicação	08
Inacusativo	74
Inergativo	74
Intransitivização	50
Morfema de valência	09
Neutro	153
Núcleo verbal (V1, V2)	101
Núcleo funcional	08
Pluracional; marcadores pluracionais	157
Plural	153
Pluralização	260
Pro	183
Quantificação A	269
Quantificação D	269
Raiz	08
Singular	153
Singularização	260
Supleção	09
Transitivização	50
Transitivo	74
Verbalizador	08; 75

## Referências bibliográficas

- ABNEY, S. "Functional Elements and Licensing". Talk presented at GLOW, 1986.
- ADGER, D. *Core syntax: a minimalist approach*, 2002 (publicado em 2003 por Oxford: Oxford University Press).
- ALEXIADOU, A. *Adverb placement*. John benjamins publishing company, 1997.
- \_\_\_\_\_. ANAGNOSTOPOULOU, E. & SCHÄFER, F. "The properties of anticausatives crosslinguistically". In: M. Frascarelli (ed.). *Phases of interpretation*, Berlin: Mouton, 2005.
- ANGOTTI, Mary Lourdes de Oliveira. *A causativização em Munduruku: aspectos morfo-sintáticos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998 (dissertação de mestrado).
- ARAD, Maya. "A minimalist view of the syntax-lexical semantics interface". In: *UCL Working Papers in Linguistics* 8, 1996.
- BAKER, M. C. *Incorporation : a theory of grammatical function changing*. Chicago: The university of Chicago Press, 1988.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes/ Editora da Unicamp, 1995.
- BITTNER, M. "On the semantics of the Greenlandic antipassive and related constructions". In: *IJAL*, vol. 53, no. 2. Chicago: The university of Chicago Press 1987.
- \_\_\_\_\_. & HALE, K. "The structural determination of Case and agreement". In: *Linguistic Inquiry*, volume 27, número 1, 1996.
- BURZIO, L. "Intransitive verbs and auxiliaries". In: *Italian syntax*, Dordrecht: Reidel, 1986.
- CABRAL, A. S. A. C. "Natureza e direções das mudanças de alinhamento ocorridas no tronco Tupi". In: Francisco Queixalós. (Org.). *Ergatividade na Amazônia I*. Paris: CELIA (CNRS, IRD) e Brasília : LALI (UnB), 2002.
- CHERCHIA, G. "Plurality of mass nouns and the theory of semantic parameter". In: ROTHESTEIN, S (ed.). *Events and Grammar*. Kluwer Academic Publishers, 1998.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional heads*. Oxford university press, 1999.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

- \_\_\_\_\_. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. Minimalist inquiries: the framework. In: MIT occasional papers in linguistics, 15, 1998.
- \_\_\_\_\_. Derivation by phase. In: MIT occasional papers in linguistics, 15, 1999.
- 1999;
- COLLINS, I. Formulário dos vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas brasileiras, 1962.
- COUTINHO-SILVA, T.. *Singular vs. Plural em Karitiana* (relatório de iniciação científica), 2005.
- CUSIC, D. *Verbal plurality and aspect*. Tese de doutorado, Universidade de Stanford, 1981.
- DAVIDSON, D. “The logical form of actions sentences”. In: Nicholas Rescher (ed.), *The logical of Decision and Action*. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1967.
- DIXON, R.M.W. *Ergativity*. Cambridge University Press, 1994.
- FALLER, M. “The problem of Quechua - nka: distributivity vs. group forming”. In: Ji-yung Kim and Adam Werle (eds.) *Proceedings of SULA, The Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. Amherst: The Graduate Linguistics Students' Association The University of Massachusetts, 38-46, 2001.
- FARGETTI, C. M. *Análise fonológica da língua Juruna*. Campinas: UNICAMP, 1992 (dissertação de mestrado).
- \_\_\_\_\_. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Campinas: UNICAMP, 2001. (tese de doutorado).
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição Sujeito Em Português Brasileiro - Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- GABAS JR., Nilson. *A Grammar of Karo*. Santa Bárbara: University of California, 1999.
- \_\_\_\_\_. & Van den Auwera. “Ideophones in Karo”. In: ACHARD, M. KEMMER, S. (eds.) *Language, Culture and Mind*. CSLI Publications, 2004.
- GALUCIO, Ana Vilacy. *The morphosyntax of Mekéns (Tupi)*. Chicago: The university of Chicago, 2001a (tese de doutorado).
- \_\_\_\_\_. “O prefixo i- em Tupi: morfema antipassivo vs. marcador pronominal incorporado”. In: *Atas do I Encontro Internacional do grupo de trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL*. Belém : Editora Universitária EDUFPA, 2001b.

- GOMES, A. P. Q. “Medição de eventos”. Apresentação no Grupo de Semântica Formal da USP, 2006.
- GOMES, N. DOS S. “A Ordem Oracional em Kayabí”. In: . CiFEFiL. Almanaque CiFEFiL; Edição em cd-rom. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2003.
- GOMES, D. “Reduplicação verbal em Munduruku”. In: CABRAL, A. S. A. C & RODRIGUES, A. D. *Línguas e Culturas Tupi*. São Paulo: Curt Nimuendajú, 2007.
- HALE, K. & KEYSER, S. J. “On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations”. In: Hale, K., & Keyser, J. (orgs.) *The View From Building 20. Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: Mass: MIT Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. STORTO, L. R. “Agreement And Spurious Antipassives”. In: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 20, p. 61-89, 1997.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. In: Hale, Kenneth and Keyser, S.Jay (eds.). *The View from Building 20*, MIT Press, Cambridge, 111-176, 1993.
- HARLEY, H. "Sase bizarre: the Japanese causative and structural case," In P. Koskinen, (ed.) *Proceedings of the 1995 Canadian Linguistics Society meeting*, University of Toronto Working Papers in Linguistics, 1996.
- HOLMBERG, A. “Is there a little Pro? Evidence from Finish”. In: *Linguistic inquiry*, volume 36, number 4, 2005.
- JELINEK, A. “Quantification in Straits Salish”. In: BACH, E., JELINEK, A., KRATZER, A., e PARTEE (eds.). *Quantification in natural languages*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- KHRAKOVSKIJ, V. *Typology of iterative constructions*. München [i.e.] Unterschleissheim: Newcastle: LINCOM Europa, 1997.
- KRATZER, A. *The event and the semantic of verbs*. <http://semanticsarchive.net/Archive/GUINWM4Z/>, 2000.
- KRATZER, A. “Cumulativity as a possible universal”. In: *The event and the semantic of verbs*. <http://semanticsarchive.net/>, 2001.
- \_\_\_\_\_. “On the plurality of verbs”, <http://semanticsarchive.net>, 2005.
- KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

- KIM, R. "A minimalist account of the distribution of adverbs". In: *Studies in Generative Grammar*, vol. 10, 2000.
- KRIFKA, Manfred. "The origins of telicity". In: *Events and Grammar*. Kluwer Academic Publishers, 1998.
- LAENZLINGER, C. *Principles for a formal and computational account of adverbial syntax*, ms., Universite de Geneve, 1993.
- LARSON, R. "On double object construction". In: *Linguistic Inquiry*, volume 19, número 3, 1988.
- LASERSOHN, P. *Plurality, conjunction and events*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- LEVIN, B. *English verb class and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The university of Chicago Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. & RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Massachusetts: The MIT Press, 1995.
- LIMA, Suzi Oliveira de. "A sintaxe da Língua Juruna". In: *13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica*, 2005.
- \_\_\_\_\_. Plurality and distributivity in Juruna: some considerations about verbal cumulativity. In: *UMOP 35: Proceedings of the 4th Conference on the Semantics of Underrepresented Languages in the Americas*. Amherst : UMOP Publications, 2007.
- LIMA, T. S. *A vida social entre os Yudja: elementos de sua ética alimentar*. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ (dissertação de mestrado), 1986.
- \_\_\_\_\_. *A parte do cauim: etnografia Juruna*. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ (tese de doutorado), 1995.
- LINK, G. "The logical analysis of plurals and mass-terms: a lattice-theoretical approach". In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; STECHOW, A. Von (eds.). *Meaning, use and the interpretation of language*. Berlim, New York: de Gruyter, 1983.
- LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- LOURO, R. L. *Fonologia Juruna*. Departamento de Antropologia e Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.
- MARANTZ, A. "No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon". In: *Proceedings of the 21<sup>st</sup> Annual Penn Linguistics*

- Colloquium. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* 4.2, 201-225, 1997.
- MOORE, D. *Syntax of the language Gavião Indians of Rondônia, Brazil*. University of New York, 1984 (tese de doutorado).
- MITHUN, M. *The Languages of Native North America*. Cambridge University Press, 2001.
- MÜLLER, A. & OLIVEIRA, F. "Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese". In: *Journal of Portuguese Linguistics*, Portugal, v. 3, n. 1, p. 9-36, 2004.
- \_\_\_\_\_, STORTO, L. & COUTINHO-SILVA, T. "Número e a distinção contável-massivo em Karitiana". In: *Revista da ABRALIN*, 2006.
- \_\_\_\_\_. & PARAGUASSU. "The count-mass distinction in natural languages". In: VI workshop on formal linguistics. Florianópolis: UFSC, 2006.
- NIMUENDAJU, C. Zur Sprache der Sipaia Indianer. In: *Anthropos*, Band XVIII-XIX, pp. 836-857, 1923.
- OLIVEIRA, A.E. *os índios Juruna do alto Xingu*. São Paulo: USP/ MAE/ Dédaló, 1970.
- PARTEE, B., BACH, E., KRATZER, A. "*Quantification: A Cross-Linguistic Investigation*". NSF proposal, University of Massachusetts at Amherst, ms., 1987.
- \_\_\_\_\_. "Quantificational structures and compositionality". In BACH, E. et al. (eds). *Quantification in natural languages*. Dordrecht: Kluwer, 1995. p. 541-601.
- PARAGUASSU, N. *A distinção contável-massivo no sistema nominal*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- \_\_\_\_\_. "A distinção contável-massivo no sistema nominal do português brasileiro e na língua juruna". In: *V congresso internacional da Abralín*, 2007.
- PICANÇO, Gessiane Lobato. *Munduruku: phonetics, phonology, synchrony, diachrony*. The University of British Columbia, 2005 (tese de doutorado).
- PINÓN, C. "A finer look at the causative-inchoative alternation". In: *Proceedings of semantics and linguistics theory 11*, Rachel Hastings, Brendan Jackson, and Zsófia Zvolenszky (eds.), Ithaca, N.Y.: CLC Publications, 2001.
- POLLOCK, J-Y. "Verb movement, Universal Grammar, and the structure of IP". In: *Linguistic Inquiry* 20, 1989.
- RODRIGUES, A. D. "Classificação do Tronco Lingüístico Tupi". In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 12, 1964.

- \_\_\_\_\_. *Línguas Brasileiras – Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.
- \_\_\_\_\_. & CABRAL, A. S. A. C. “Sobre o desenvolvimento de padrões absolutivos em famílias orientais do tronco Tupí”. In: *Ergatividade na Amazônia II*. Paris: CELIA (CNRS, IRD) e Brasília : LALI (UnB), 2003.
- C. RODRIGUES, C. L. R. *Langue Xipaya – étude phonologique*. Paris: Université Paris VII, 1990. (dissertação de mestrado).
- \_\_\_\_\_. *Étude morphosyntaxique de la langue Xipaya*. Paris: Université Paris VII, 1995. (tese de doutorado)
- SANCHEZ-MENDES, Luciana. “Variação semântica: pluracionalidade e quantificação”. In: *13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica*, 2005.
- SÂNDALO, Filomena. “A violação da condição C em Kadiwéu”. In: *Revista D.E.L.T.A.*, 18:1, 2002 (25-66).
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá - Línguas Tupi-Guarani do alto do Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- SMITH, Carlota. 2 ed. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- SPORTICHE, D. “A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure”. *Linguistic inquiry* 19, 1988.
- \_\_\_\_\_. Adjuncts and adjunction. In: GLOW Newsletter 32, 1994.
- STEGNIJ, Viktor A. “Plurality of situations in Klamath”. In: *Typology of Iterative Constructions*. Lincom Europa, München, Newcastle, 1997.
- STORTO, L. *Aspects of Karitiana grammar*. Massachusetts Institute of Technology, 1999 (tese de doutorado).
- \_\_\_\_\_. “Causativização com o prefixo b<y>”. Manuscritos, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Caso e concordância nas línguas Tupi”. In: *Revista Estudos Lingüísticos XXXIV*, p. 59-72, 2005.
- STROIK, T. “Adverbs as V-sisters”. *Linguistic inquiry* 21, 1990.
- TENNY, C.. *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. Tese de doutorado, MIT, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Kluwer, Dordrecht, 1994
- \_\_\_\_\_ & PUSTEJOVSKY, J. “A history of events in linguistic theory”. In: *Events as a Grammatical Objects*, 2000
- TRAVIS, L. “The syntax of adverbs”. In: *Mc Gill Working papers in linguistics*, 1988.

VENDLER, Z. "Verbs and Times". In: *Linguistics in philosophy*, New York: Cornell University Press, 1967.

WILTSCHKO, M. "Many things are not [plural]", University British Columbia, 2005 (manuscrito).

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)